

Proc. nº 038150/92-98

# PADRÕES RÍTMICOS E MARCAÇÃO DE CASO EM MARUBO (PANO)

11172

por

RAQUEL GUIMARÃES ROMANKEVICIUS COSTA

Departamento de Lingüística e Filologia

Dissertação de Mestrado em Lingüística  
apresentada à Coordenação dos Programas  
de Pós-Graduação em Letras da  
Universidade Federal do Rio de Janeiro.  
Orientadora: Professora Doutora Marília  
Lopes da Costa Facó Soares

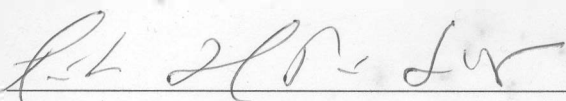
Rio de Janeiro, 2º semestre de 1992

## DEFESA DE DISSERTAÇÃO

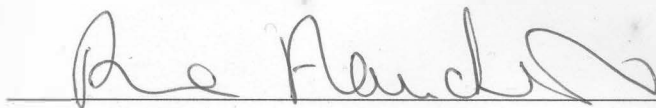
COSTA, Raquel Guimarães Romankevicius.

Padrões Rítmicos e Marcação de Caso em  
Marubo (Pano). Rio de Janeiro, UFRJ,  
Faculdade de Letras, 1992. 287 fl. mimeo.  
Dissertação de Mestrado em Linguística.

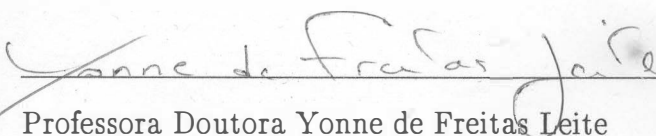
### BANCA EXAMINADORA



Professora Doutora Marília Lopes da Costa Facó Soares  
Orientadora



Professora Doutora Bruna Franchetto



Professora Doutora Yonne de Freitas Leite

Professor Doutor Sebastião Josué Votre  
suplente

Professora Doutora Charlotte Emmerich  
suplente

Defendida a Dissertação:

Conceito:

Em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/1992



## AGRADECIMENTOS

A pa'nẽ e pu'nẽpa.

E a todas as nações Marubo, com amizade.

Aos meus pais, Marieta e Durval.

E a minha família, Ramon e Ana Carolina,  
com afeto.

## AGRADECIMENTOS

À professora Marília Facó Soares, pelo incentivo e dedicação com que sempre conduziu sua orientação.

Aos professores Sebastião Josué Votre e Maria Ângela Botelho, pela assistência prestada durante o curso de Mestrado.

Ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) e à FAPERJ (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro), pelo apoio financeiro.

À FUNAI (Fundação Nacional do Índio), pela permissão concedida para as pesquisas de campo.

Aos índios Marubo, pelo seu interesse e por toda a atenção com que me cercaram durante a pesquisa na aldeia São Sebastião.

Ao meu marido, Ramon Romankevicius Costa, pela sua grande contribuição na edição deste texto, assim como na programação dos símbolos utilizados na transcrição fonética dos dados.

A toda a minha família, pela ajuda nos cuidados de minha filha Ana Carolina.

A todos os amigos que, de uma forma ou de outra, colaboraram para o desenvolvimento desta dissertação.

# INTRODUÇÃO

1.1 - Bóje e a poe do poyoma	17
1.2 - A poe do poyoma	21
1.3 - A poe do poyoma e a poe do poyoma	23
1.4 - A poe do poyoma e a poe do poyoma	24
1.5 - A poe do poyoma e a poe do poyoma	25
1.6 - A poe do poyoma e a poe do poyoma	26

## SINOPSE

Abordagem tipológico-funcional visando à conexão entre a fonologia e os demais níveis lingüísticos. Padrões rítmicos em nomes e verbos. Processos de formação de palavras. Sistema de marcação de caso. Fatores causadores de perturbações rítmicas.

# 2. O CASO

2.1 - O caso	37
2.2 - O caso	38
2.3 - O caso	39
2.4 - O caso	40
2.5 - O caso	41
2.6 - O caso	42
2.7 - O caso	43
2.8 - O caso	44
2.9 - O caso	45
2.10 - O caso	46
2.11 - O caso	47
2.12 - O caso	48
2.13 - O caso	49
2.14 - O caso	50
2.15 - O caso	51
2.16 - O caso	52
2.17 - O caso	53
2.18 - O caso	54
2.19 - O caso	55
2.20 - O caso	56
2.21 - O caso	57
2.22 - O caso	58
2.23 - O caso	59
2.24 - O caso	60
2.25 - O caso	61
2.26 - O caso	62
2.27 - O caso	63
2.28 - O caso	64
2.29 - O caso	65
2.30 - O caso	66
2.31 - O caso	67
2.32 - O caso	68
2.33 - O caso	69
2.34 - O caso	70
2.35 - O caso	71
2.36 - O caso	72
2.37 - O caso	73
2.38 - O caso	74
2.39 - O caso	75
2.40 - O caso	76
2.41 - O caso	77
2.42 - O caso	78
2.43 - O caso	79
2.44 - O caso	80
2.45 - O caso	81
2.46 - O caso	82
2.47 - O caso	83
2.48 - O caso	84
2.49 - O caso	85
2.50 - O caso	86
2.51 - O caso	87
2.52 - O caso	88
2.53 - O caso	89
2.54 - O caso	90
2.55 - O caso	91
2.56 - O caso	92
2.57 - O caso	93
2.58 - O caso	94
2.59 - O caso	95
2.60 - O caso	96
2.61 - O caso	97
2.62 - O caso	98
2.63 - O caso	99
2.64 - O caso	100
2.65 - O caso	101
2.66 - O caso	102
2.67 - O caso	103
2.68 - O caso	104
2.69 - O caso	105
2.70 - O caso	106
2.71 - O caso	107
2.72 - O caso	108
2.73 - O caso	109
2.74 - O caso	110
2.75 - O caso	111
2.76 - O caso	112
2.77 - O caso	113
2.78 - O caso	114
2.79 - O caso	115
2.80 - O caso	116
2.81 - O caso	117
2.82 - O caso	118
2.83 - O caso	119
2.84 - O caso	120
2.85 - O caso	121
2.86 - O caso	122
2.87 - O caso	123
2.88 - O caso	124
2.89 - O caso	125
2.90 - O caso	126
2.91 - O caso	127
2.92 - O caso	128
2.93 - O caso	129
2.94 - O caso	130
2.95 - O caso	131
2.96 - O caso	132
2.97 - O caso	133
2.98 - O caso	134
2.99 - O caso	135
2.100 - O caso	136

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
1.1 – Sobre o projeto de pesquisa	11
1.2 – A família lingüística Pano	12
1.3 – A língua Marubo e seus falantes	12
1.4 – Desenvolvimento da pesquisa	14
1.5 – Objetivos específicos	16
1.6 – Atitude adotada perante a pesquisa	17
1.7 – Abordagens teóricas e metodológicas	18
1.7.1 – Integração das abordagens tipológica e funcionalista à sintaxe	18
1.7.2 – A abordagem ao ritmo	22
<b>2 PADRÕES RÍTMICOS EM NOMES E VERBOS</b>	<b>26</b>
2.1 – Nomes	26
2.1.1 – Nomes morfologicamente simples	26
2.1.2 – Nomes morfologicamente complexos	29
2.1.2.1 – Formação base + formativo(s)	30
2.1.2.2 – Composição de bases	49
2.1.2.3 – Afixação a uma base composta	56
2.2 – Verbos	61
2.2.1 – Verbos morfologicamente simples	61
2.2.2 – Verbos morfologicamente complexos	68
2.2.2.1 – Formações compostas	68
2.2.2.2 – Formações derivadas	71
2.2.2.3 – Formas auxiliares – transitivização e intransitivização	74
2.2.2.4 – Movimento e direção	78
2.3 – A regulação rítmica em nomes e verbos	90
<b>3 SISTEMA DE MARCAÇÃO DE CASO</b>	<b>92</b>
3.1 – Caso ergativo e caso absolutivo	97
3.1.1 – Tipo (a): nasalização; alterações fonológicas	98
3.1.2 – Tipo (b): formativo; alterações fonológicas	102
3.1.3 – Padrões rítmicos em formas nominais no caso ergativo	105
3.1.4 – Caso ergativo em formas pronominais	108
3.1.4.1 – Sistema de pronomes pessoais	108
3.1.4.2 – 1 <sup>a</sup> . e 2 <sup>a</sup> . pessoas do singular e do plural	109
3.1.4.3 – 3 <sup>a</sup> . pessoa do singular e do plural	111

3.1.5 - Formas pronominais dependentes	115
3.1.6 - Padrões rítmicos em formas pronominais no caso ergativo	129
3.2 - Caso locativo	131
3.2.1 - Tipo (a): nasalização; alterações fonológicas	131
3.2.2 - Tipo (b): formativo; alterações fonológicas	140
3.2.3 - Caso locativo marcado por posposição	142
3.2.4 - Caso locativo e informações semânticas específicas	146
3.2.4.1 - Indicação de posição	146
3.2.4.2 - Indicação de proveniência	155
3.2.4.3 - Locativos dêíticos	162
3.3 - Caso instrumental	169
3.4 - Caso meio	174
3.5 - Caso associativo ou recíproco	177
3.5.1 - Formas pronominais associativas	186
3.6 - Caso dativo-benefactivo	189
3.6.1 - Caso dativo-benefactivo e formas pronominais	194
3.7 - Caso genitivo	197
3.7.1 - Caso genitivo-nominal	197
3.7.2 - Caso genitivo-possessivo	201
3.7.2.1 - Formas pronominais possessivas	208
3.8 - Padrões rítmicos e estratégias de marcação de caso	217
3.9 - A morfologia Marubo	220
<b>4 FATORES QUE INTERFEREM NOS PADRÕES RÍTMICOS GERAIS</b>	<b>221</b>
4.1 - Fatores morfo-sintáticos	221
4.1.1 - Demarcação de fronteira por oclusão glotal e laringalização	221
4.1.2 - Demarcação de fronteira por alongamento silábico	227
4.1.3 - Velocidade de fala	229
4.1.4 - Raízes monossilábicas - padrão rítmico raro	230
4.1.5 - Padrões silábicos	231
4.1.6 - Processos de formação de palavras	233
4.2 - Fatores semânticos	233
4.3 - Fatores discursivo-pragmáticos	237
4.3.1 - A sentença simples em Marubo	238
4.3.2 - Sentenças negativas	239
4.3.3 - Sentenças interrogativas	239
4.3.4 - Sentenças imperativas	241
4.3.5 - Sentenças causativas	242
4.3.6 - Genitivo-possessivo	243

4.3.7 - Foco	245
<b>5 CONCLUSÕES</b>	250
5.1 - Padrões rítmicos em nomes morfológicamente simples	250
5.2 - Padrões rítmicos em nomes morfológicamente complexos	251
5.3 - Padrões rítmicos em nomes com marcação de caso	252
5.4 - Padrões rítmicos em verbos morfológicamente simples	253
5.5 - Padrões rítmicos em verbos morfológicamente complexos	253
5.6 - Generalizações em termos de padrões rítmicos	254
5.7 - Considerações finais	256
<b>6 BIBLIOGRAFIA</b>	258
<b>7 FORMULÁRIOS UTILIZADOS</b>	261
<b>8 NOTAS</b>	262
<b>9 APÊNDICE : SEGMENTOS CONSONANTAIS E VOCÁLICOS</b>	274

## ABREVIATURAS UTILIZADAS

ABS	absolutivo
AFIRM	afirmação
ASP	aspecto
ASSOC	associativo
AUX	auxiliar
COMP	comparação
CON	conectivo
DAT-BEN	dativo-benefactivo
DEM	demonstrativo
DIM	diminutivo
DIR	direção
ENF	enfático
ERG	ergativo
EXORT	exortativo
FIN	finalidade
FUT	futuro
GEN	genitivo
HAB	habitual
IND	indefinido
IMPOS	impossibilidade
INSTR	instrumental
INT	interrogação
INTENS	intensificador
LOC	locativo
MOV	movimento
MOV ASC	movimento ascendente
MOV DESC	movimento descendente
NEG	negação
NOM	nominalizador
PAS	passado
PL	plural
POS	posição
POSP	posposição
POSS	possessivo
POSSIB	possibilidade
PRES	presente
PROV	proveniência

RECIP	reciprocal
REFL	reflexivo
S	singular
TOP	tópico
VOL/INT	volitivo/intencional
1/2/3S	1ª./2ª./3ª. pessoa do singular
1/2/3PL	1ª./2ª./3ª. pessoa do plural
?	formativo com função não identificada



# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 — Sobre o projeto de pesquisa

Esta dissertação é fruto de um projeto de pesquisa intitulado 'Análise, Descrição e Documentação da Língua Marubo' (CNPq, Processo 40.4256/87.2) iniciado em julho de 1988. Articula-se com o 'Programa de Pesquisa Científica em Línguas Indígenas Brasileiras', instituído pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, órgão financiador dos projetos que o integram. Tal programa tem por objetivo primordial 'assegurar a documentação científica e a análise das línguas indígenas no País'.

Escolheu-se como objeto de pesquisa a língua Marubo, pertencente à família lingüística Pano. A escolha se justifica por ser a família Pano considerada como família isolada no contexto das línguas indígenas brasileiras, isto é, sem comprovação científica de parentesco lingüístico, e porque sobre ela poucos estudos foram realizados.

O projeto de pesquisa é desenvolvido no Museu Nacional/UFRJ, tendo em vista a especialidade do Setor de Lingüística do Departamento de Antropologia no estudo de línguas indígenas brasileiras. Tem por objetivos gerais a análise e a descrição de aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos da língua Marubo, visando a uma compreensão integrada dos processos envolvidos na estruturação de cada nível lingüístico, bem como dos tipos de interação que certos níveis lingüísticos mantêm entre si.

Entretanto, esta dissertação visa, também, à documentação da língua Marubo. Para isso, lança-se mão de uma grande quantidade de dados, para exemplificar cada fato analisado, bem como para comprovar hipóteses levantadas, procurando-se não deixar dúvidas quanto à sua confiabilidade.

Como documento, pretende-se dar uma contribuição à comunidade indígena Marubo, no sentido de salvaguardar a língua do risco de se descaracterizar, ou mesmo se extinguir, dadas as constantes invasões que têm-se processado, ao longo dos anos, nas regiões habitadas por essa comunidade. Além disso, tal documento pode servir de base para futuras aplicações educacionais em prol da própria comunidade.

Quanto à comunidade científica, pretende-se facilitar futuras pesquisas na língua Marubo ou em línguas da família Pano, oferecendo um vasto material de consulta, a quem possa interessar.

## 1.2 — A família lingüística Pano

A família lingüística Pano é constituída por vinte e oito línguas, das quais algumas já extintas, cujos falantes habitam as regiões fronteiriças entre Brasil (doze línguas), Peru (quatorze línguas) e Bolívia (duas línguas).

No Brasil, falantes de línguas da família Pano se concentram nos estados do Amazonas, Acre e Rondônia. No Amazonas, quatro línguas Pano são faladas: Matís, Kulina do Rio Curuçá, Matsés (Mayoruna) e Marubo (v. mapa).

## 1.3 — A língua Marubo e seus falantes

Os falantes da língua Marubo ocupam as cabeceiras dos rios Ituí e Curuçá, localizados no Vale do Javari, região do Alto Solimões, no extremo Oeste do estado do Amazonas, próximo à fronteira do Brasil com o Peru. Ao redor dessa área as cidades brasileiras mais próximas são: Estirão do Equador, Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Eirunepé e Ipixuna (v. mapa).

Dos povos do vale do Javari, os Marubo são os que têm maior tempo de contato com a sociedade envolvente — cerca de um século.

Internamente, o povo Marubo se divide em várias nações relacionadas a grupos familiares. Entre elas citam-se<sup>1</sup>: 'iskonawa (nação do japó); ka'mẽnawa (nação da onça); 'tjẽnawawa (nação do chapim (ave)); fẽn'wẽnawa (nação da arara); 'ninawa (nação da mata); 'varinawa (nação do sol); 'fẽnunawa (nação azul); 'rẽnunawa (nação do enfeite/adorno) e 'kẽnawawa (?).

Como meio de subsistência os Marubo se dedicam à caça, à pesca e ao cultivo da macaxeira, da batata doce e da banana, que compõem sua alimentação diária, além de outros frutos regionais. Após o contato com os não-índios passaram a extrair seringa, como instrumento de comercialização. Em menor escala, trabalhavam também na extração da madeira, atividade proibida na área atualmente. Outra fonte de comercialização é o artesanato. Em viagens esporádicas às cidades mais próximas vendem também peixe salgado e carne de animais que caçam dias antes de partir. Com a alimentação bastante rica contraem, entretanto, com facilidade, através do contato com os não-índios, certas doenças como a tuberculose. Devido à precária assistência de saúde na região, os tratamentos são deficientes, o que torna a cura mais difícil.

Os Marubo estão distribuídos em quatro núcleos pelos cursos dos rios Ituí e

Curuçá, afluentes da margem direita do rio Javari, que faz fronteira entre Brasil e Peru: dois núcleos no Alto e Médio Ituí; e dois núcleos no Alto e Médio Curuçá.

Em levantamento etnográfico realizado em 1985, po Silvio Cavuscens e Lino João de O. Neves (OPAN/Prelazias do Alto Solimões e de Tefé), que serviu de base para o trabalho apresentado em ‘Povos Indigenas do Javari’ (1986), verificou-se que, naquela data, os índios Marubo somavam um total de 594 falantes. A distribuição desses falantes, porém, não era a mesma de um local para outro; no Alto rio Ituí atingiam um número de 289 indivíduos, ao passo que no Médio Ituí chegavam apenas a 65 falantes; no Alto Curuçá eles eram em número de 149, enquanto que no Médio Curuçá reduziam-se a 86 indivíduos. Os 05 indivíduos restantes se encontravam fora de suas aldeias.

Da mesma forma que a distribuição dos falantes não é a mesma de um local para outro, há uma desproporção populacional dentro de cada aldeia, atingindo falantes de faixa etária acima de 30 anos. Encontra-se nessa faixa cerca de 20% da população, um índice que pode ser considerado baixo, como se pode constatar no seguinte quadro (baseado no ‘Quadro populacional Marubo – 1985’, pg. 24):

Faixa Etária	Alto Ituí		Médio Ituí		Alto Curuçá		Médio Curuçá		Totais
	M	F	M	F	M	F	M	F	
0-09	64	59	16	13	30	27	17	11	237
10-19	34	35	04	08	18	20	10	15	144
20-29	14	21	05	07	12	09	10	05	83
subtotais	112	115	25	28	60	56	37	31	464
30-39	10	13	02	03	05	09	02	03	47
40-49	13	07	01	—	03	04	02	04	34
50-59	05	09	01	04	06	02	03	02	32
60- +	03	02	01	—	03	01	—	02	12
subtotais	31	31	05	07	17	16	07	11	125
subtotais	143	146	30	35	77	72	44	42	589

Se considerarmos o índice de crescimento entre os Marubo (baseado em dados populacionais registrados entre 1963 e 1985), de 30%, em média, a cada cinco anos, a população atual deve atingir cerca de 800 falantes. Em 1990 foram registrados, durante pesquisa de campo, 133 índios Marubo (72 homens e 61 mulheres) na aldeia do Médio Curuçá, 55% a mais que a população desse núcleo, em 1985. Considerando-se esse mesmo

índice para os quatro núcleos, a população Marubo atual estaria estimada em torno de 900 pessoas.

As relações entre os Marubo do Ituí e do Curuçá são cada vez menos freqüentes, reduzindo-se a contatos esporádicos, como poucos elementos do Ituí em visitas ou tratamentos com um dos pajés do Curuçá. Ainda, os contatos que ocorrem entre os dois núcleos do Curuçá não são tão freqüentes como aqueles que se dão entre os Marubo do Ituí.

Com relação à documentação da língua Marubo, sabe-se que não há nenhum estudo lingüístico recente a seu respeito. Há um formulário padrão datado de 1964, por Philip Ernest Boutle, membro do Summer Institute of Linguistics. Desse formulário constam apenas 163 itens. Há também uma lista de palavras sem autor e sem data conhecidos, arquivada no Setor de Lingüística do Departamento de Antropologia do Museu Nacional/UFRJ.

A relevância do estudo da língua Marubo se acentua, não só pela escassa documentação da mesma. O reduzido número de falantes a partir de uma determinada faixa etária (cerca de 80% têm menos de 30 anos) permite considerar como prioritária a pesquisa lingüística junto a esse grupo. Apesar de não se estar lidando com uma realidade em que se tenha, na totalidade do grupo indígena focalizado, um número de falantes fisicamente reduzido, estão criadas situações de uso lingüístico diferenciado, tendo por base uma distinção marcadamente geracional. Com o passar do tempo, essa distinção corre o risco de não mais poder ser capturada, devido ao número fisicamente reduzido de um relevante grupo de falantes e devido às pressões exercidas pela sociedade envolvente.

Além disso, a possibilidade aberta pelo estudo dessa língua, tendo em vista a maneira como ela é falada pelos mais velhos, em confronto com o falar dos mais novos, abrirá caminho para a posterior distinção entre mudanças lingüísticas que operam sobre um eixo temporal mais longo e outros tipos de mudança.

#### 1.4 — Desenvolvimento da pesquisa

A pesquisa da língua Marubo foi realizada com o núcleo Marubo da aldeia São Sebastião, localizada no Posto Velho (local do antigo Posto Indígena de Atração, instalado pela Fundação Nacional do Índio – FUNAI, na década de 70), no Médio Rio Curuçá.

O primeiro contato foi feito através de pesquisa de campo, com uma permanência em área de dois meses e meio (de setembro a novembro de 1988). Trabalhou-se, nessa época, apenas com o informante Darcy Duarte Comapa ([pa'nẽ]), filho de não-índio casado com índia Marubo, então com 22 anos, com excelente domínio do português.

A recolha de material se deu através de gravações em gravador UHER, com fita magnética scotch 213-D, 2400 pés, num total de nove horas de gravação. Foi feita também a transcrição fonética de cada item solicitado, após sua gravação. Cada item foi gravado três a quatro vezes, solicitando-se ao informante variações de velocidade de fala (normal, rápida, lenta, etc.).

O informante respondeu a dois formulários distintos. Um deles tratava de orações nominais, paradigmas verbais e 'palavras' isoladas. O outro apresentava estruturas mais complexas, enfatizando tópicos como: quantificação, relativização, transitividade e intransitividade, atribuição (GEN-N), circunstâncias, estados de tempo, negação, interrogação, coordenação/subordinação, intensificadores/quantificadores, dentre outros.

De volta do campo, procedeu-se a uma transcrição fonética minuciosa das gravações, tomando-se o cuidado em não descartar, imediatamente, certas informações fonéticas, aparentemente irrelevantes, uma vez que informações não-pertinentes ao sistema fonológico da língua poderiam vir a desempenhar um papel explicativo em outros níveis lingüísticos. Paralelamente, observou-se os processos de formação de palavras, assim como a estruturação sintática da língua em questão.

Com a primeira pesquisa, algumas hipóteses foram estabelecidas e muitas questões foram levantadas, em relação aos aspectos fonológicos, morfológicos e sintáticos observados. Procurou-se então, elucidar as questões e confirmar as hipóteses, através de uma segunda pesquisa de campo.

O segundo contato com os falantes da mesma aldeia foi feito em 1990, durante dois meses e meio – de abril a junho.

A recolha de material se deu através de gravações e transcrições fonéticas da fala de dois informantes Marubo. Darcy, que trabalhou também na primeira etapa, e César Miguel Dólis ([pw'nẽpa]), um novo informante. Filho de pai e mãe índios, este contava na época a idade de trinta e três anos.

As gravações foram feitas em gravador estereofônico AIWA modelo HS-J380, com fitas-cassete TDK A/60 e TDK SA 90, num total de vinte fitas. Foram gravadas, com o

informante pa'nẽ, seis fitas-cassete com noventa minutos de duração cada e duas com sessenta minutos, num total de onze horas de gravação. Com o informante pu'nẽpa foram gravadas seis fitas-cassete de sessenta minutos. Além disso, foram gravadas algumas conversas entre crianças e adultos, narrativas, histórias cantadas e o 'canto dos pajés' em seus rituais, em aproximadamente quatro horas de duração.

Trabalhou-se cerca de seis horas diárias com Darcy, dada a sua inteira disponibilidade. Com César só foi possível trabalhar por cerca de duas horas diárias, ao anoitecer, devido aos seus afazeres na aldeia.

O informante Darcy respondeu a quatro novos formulários elaborados a partir de dúvidas que surgiram da análise dos dados da primeira viagem, assim como novas questões não contidas nos primeiros formulários. César respondeu apenas aos dois primeiros formulários, que foram, entretanto, implementados, com o objetivo de cobrir determinadas lacunas. Os novos formulários continham questões mais complexas e abrangentes que os anteriores, abordando itens como: predicado nominal e verbal, transitividade, ergatividade, marcação de caso, topicalização, informação nova e informação velha, questões QU-, relativização, causatividade, co-referência, sistema de tempo-aspecto-modalidade, etc. Esses formulários foram preparados com cuidado e rigor, sendo que uma boa parte foi reelaborada no próprio campo, à medida em que iam surgindo dúvidas ou que apareciam novas questões, provenientes dos próprios dados coletados.

Finda essa etapa, novamente se fez a transcrição fonética das gravações, seguindo-se os mesmos critérios da primeira etapa.

Nesse ponto da pesquisa já se podia, então, conduzir a análise lingüística de forma mais específica.

### 1.5 — Objetivos específicos

Partindo de uma abordagem tipológico-funcional e tomando-se como domínio de inferência raízes e formativos, sentenças simples e sentenças complexas, esta dissertação tem como objetivos específicos:

- identificar os padrões rítmicos de formas nominais e verbais, simples e complexas, isoladas e em contexto, com especial atenção ao tratamento da altura, da duração e da intensidade, tendo em vista a proposta de relacionar a fonologia aos demais níveis lingüísticos;

- descrever os principais processos de formação de palavras, procurando estabelecer o grau de produtividade desses processos, assim como as possíveis alterações rítmicas deles decorrentes;
- descrever o sistema de marcação de caso, verificando os artifícios utilizados pela língua, como a ordem dos constituintes e a codificação morfológica, para diferenciar papéis semânticos e/ou pragmáticos; observar, também, as manifestações de ergatividade, através dessa marcação; verificar os tipos de alterações rítmicas decorrentes da marcação de caso;
- identificar o status categorial e funcional de determinadas ‘partículas’;
- detectar os fatores causadores de perturbações ou alterações dos padrões rítmicos gerais, verificando as relações entre os vários níveis lingüísticos.

## 1.6 — Atitude adotada perante a pesquisa

O trabalho iniciou-se com o intuito principal de documentar uma língua indígena de família isolada, apoiando-se sobretudo, na necessidade de desenvolvimento de estudos que até hoje, no Brasil, se revelam como pouco numerosos.

Em face de alternativas teóricas atualmente oferecidas pela lingüística<sup>2</sup>, propôs-se, ao realizar este trabalho, a dar um passo no sentido de ampliar a visão dos fatos de uma língua indígena – no caso, da língua Marubo. Esse passo foi dado, de um lado, com a tentativa de investigar a codificação de papéis semânticos como sistema de marcação de caso e, de outro lado, com a busca – *pari passu* – da relação entre tal codificação e a regulação rítmica que opera na língua. Sem fazer opção pela prática de uma lingüística formal, procurou-se realizar o trabalho de modo a deixar espaço suficiente para quem queira, valendo-se dos resultados, verificar, por exemplo, a possibilidade de conciliação, em Marubo, entre marcação de caso e atribuição de Caso<sup>3</sup> (um ponto importante na sintaxe gerativa). De modo idêntico, escolheu-se um caminho que deixa espaço para quem queira, no âmbito da investigação do ritmo, capturar formalmente a atribuição do acento (um ponto capital na fonologia métrica – ramo da fonologia gerativa).

Por fim, no caminho aberto, está presente a própria possibilidade de aprofundamento do estudo do ritmo na ótica aqui adotada – a ótica funcionalista<sup>4</sup>.



## 1.7 — Abordagens teóricas e metodológicas

### 1.7.1 — Integração das abordagens tipológica e funcionalista à sintaxe

Givón (1984) integra as abordagens tipológica e funcionalista ao estudo da sintaxe, buscando uma compreensão sistemática da relação entre estrutura e função. Segundo ele, através do estudo articulado da função e da tipologia das estruturas que a codificam é possível compreender como e por que estruturas particulares desempenham determinadas funções. Apresenta um esboço da sintaxe, abarcando os três domínios principais codificados pela linguagem humana: a semântica lexical, a semântica proposicional e o discurso pragmático.

Nas palavras de Givón, o domínio da semântica lexical compreende o conhecimento genérico, culturalmente compartilhado, amplamente incorporado ao léxico. Tal conhecimento se refere a fenômenos, conceitos ou pontos de referência relativamente estáveis, que constituem o mapa cognitivo dos fenômenos do universo. Esse domínio funcional é codificado fundamentalmente por sons em sequência linear. Embora não sendo o instrumento de codificação essencial da semântica lexical, a sintaxe se entrelaça com ela em vários pontos.

O domínio funcional da semântica proposicional compreende a informação específica contida nas proposições, que são codificadas sintaticamente como sentenças. Dois aspectos da proposição são envolvidos: sua caracterização como estado, evento ou ação (o que aconteceu); e a caracterização dos participantes (argumentos, papéis temáticos) na proposição, quanto aos seus papéis semânticos em relação ao predicado. Combinados, esses dois aspectos informam quem fez o que, a quem, quando, onde, porque, **quando**, etc., desde que a informação léxico-semântica também esteja disponível. A proposição é, dessa maneira, a unidade básica de informação da linguagem humana. A semântica proposicional é codificada juntamente com o discurso pragmático por via da sintaxe (estrutura sintática).

O domínio funcional do discurso pragmático envolve o seqüenciamento ou a colocação de proposições atômicas num contexto comunicativo mais amplo e complexo, isto é, no discurso. Grande parte do contexto comunicativo consiste no conhecimento genericamente compartilhado, codificado no léxico, carregado por todos os membros de uma comunidade lingüística ou de uma cultura. Por outro lado, o contexto específico pode ser dividido, em qualquer ponto do discurso, em três componentes principais: os objetivos do falante: os valores dos atos de fala (informação, pergunta, comando, etc.), assim como outros objetivos comunicativos e pragmáticos; a interação: a relação social



entre falante e ouvinte – o que devem um ao outro, o que sabem sobre o conhecimento, os objetivos e as predisposições de um e de outro; o contexto discursivo: que informação foi processada no discurso precedente, o que se tem como certo, o que pode ser desafiado, o que é informação importante e o que é informação auxiliar, o que é figura ou informação nova e o que é fundo.

Embora o discurso pragmático e a semântica proposicional sejam codificados conjuntamente por meio da sintaxe, é possível separar os aspectos da estrutura responsáveis por um ou outro domínio. Dessa maneira, ao se estudar a estrutura sintática das sentenças pode-se separar os aspectos responsáveis pela codificação da informação semântico-proposicional dos aspectos responsáveis pela codificação da função discursivo-pragmática.

Os três domínios funcionais são concêntricamente hierarquizados e podem também ser referidos como significado, informação e função, respectivamente. As palavras possuem significado mas não transmitem informação por si mesmas, a menos que estejam encaixadas em proposições. O significado das palavras pode ser caracterizado sem referência a proposições ou discursos específicos de que façam parte. Proposições transmitem informações, mas não veiculam nenhuma função discursiva específica, a menos **que** estejam encaixadas no discurso. E é possível caracterizar a informação transmitida por uma proposição sem referência ao contexto discursivo. Mas apenas dentro de um contexto discursivo específico as proposições podem ter função discursiva. Inversamente, é impossível caracterizar função discursiva sem referência à informação semântico-proposicional. E é impossível caracterizar a informação semântico-proposicional sem referência ao significado léxico-semântico (conforme Givón (1984: 30-32)).

Givón apresenta duas maneiras tradicionais de se descobrir e descrever os dois domínios funcionais codificados pela sintaxe: por meios estruturais, baseando-se nas similaridades estruturais ou sintáticas; ou através do discurso pragmático, baseando-se na função discursiva, isto é, através do estudo do discurso e do contexto discursivo em que as sentenças/proposições se enquadram (textos, conversações, interações comunicativas). Ambos os métodos apresentam problemas: a correlação entre estrutura e função na linguagem não é absoluta, o que pode levar a uma definição equivocada de um domínio funcional; os domínios funcionais estão frequentemente relacionados entre si, e num espaço contínuo e multi-dimensional, o que pode ocasionar uma visão obscura de funções.

A solução ideal seria o emprego de ambos os métodos, utilizando-se a eficiência e

neutralizando-se as deficiências que cada um deles apresenta. Em termos metodológicos, trata-se da combinação das abordagens funcionalista e tipológica à sintaxe, dado que a sintaxe deve ser vista como um compromisso comunicativo entre a necessidade de codificar a informação semântico-proposicional e a necessidade de codificar, simultaneamente e através da mesma estrutura, a função discursivo-pragmática (Givón (1984: 33-34)).

A divisão entre esses dois domínios funcionais está associada à divisão entre sentenças simples e sentenças complexas, destacando-se a cláusula do tipo: principal, declarativa, afirmativa, ativa como sendo a sentença 'básica', o 'ponto de referência' para a descrição gramatical de todos os outros tipos de sentenças. Na concepção de Givón, as sentenças simples, isto é, sentenças que presumivelmente veiculam apenas a informação semântico-proposicional, mas não uma função discursivo-pragmática, não ocorrem realmente no processo de comunicação e só podem ser isoladas artificialmente. Quando ocorrem no discurso real, elas também desempenham uma função discursiva. Entretanto, essa função está relacionada ao seu conteúdo semântico-proposicional: elas são o principal condutor da informação nova e principal do discurso. Todavia, pode-se definir a função discursiva das sentenças simples como o caso 'neutro'. Mas, a partir delas, pode-se detectar outras funções discursivas, e as estruturas sintáticas que as codificam, em termos da variação ou do distanciamento do caso neutro.

O fato de que todas as sentenças possuem dupla função (semântica e pragmática) implica sérias conseqüências para a sintaxe. Seu conteúdo proposicional pode permanecer fixo, mas sua função pragmática pode ser modificada. Isso está associado a mudanças radicais na estrutura sintática, em termos da ordem vocabular, da morfologia e da entonação. Com esses recursos pode-se obter, a partir de uma sentença neutra, uma sentença negativa ou interrogativa; uma sentença passiva; uma sentença enfática; todas com o mesmo conteúdo proposicional contido na sentença neutra, mas com variadas funções discursivo-pragmáticas. Assim, a variação da função discursiva implica um reajustamento da estrutura sintática.

Para codificar simultaneamente a informação semântico-proposicional e a função discursivo-pragmática, a sintaxe cria um elo funcional, por onde a execução de uma função interfere na execução da outra. A sintaxe de sentenças complexas se caracteriza, pois, por uma série de estratégias de recuperabilidade ou estratégias compensatórias, específicas para cada tipo de sentença, isto é, para codificar cada tipo de função. Tais estratégias são indicadores estruturais — na ordem vocabular, na morfologia ou na entonação — que compensam a ruptura no conjunto original de indicadores que codificam a informação semântico-proposicional no padrão 'neutro' ou 'simples'. Assim, na

sintaxe de sentenças complexas, pode-se *distinguir* entre indicadores estruturais que pertencem especificamente à codificação da *informação* semântico-proposicional, indicadores estruturais que codificam especificamente a função discursivo-pragmática e indicadores estruturais que são compensatórios, isto é, que recodificam a *informação* semântico-proposicional seguindo a ruptura causada pela necessidade de codificar também a função discursivo-pragmática. No estudo da tipologia sintática, todos esses três tipos de codificação constituem os principais parâmetros pelos quais a tipologia, principalmente das sentenças complexas é construída. Vem daí o compromisso comunicativo da sintaxe (Givón (1984: 41-44)).

Levando-se em conta esse compromisso comunicativo, optou-se pela abordagem tipológico-funcional como meio eficaz para a descrição de aspectos responsáveis pela codificação do domínio funcional da semântica proposicional, tomando-se a proposição como a unidade básica de *informação* da linguagem humana. Busca-se, assim, essa descrição através da combinação de dois métodos: por meios estruturais, tendo-se por base similaridades estruturais ou sintáticas; por meios funcionais, considerando-se a função discursiva.

No que diz respeito à função discursiva, pretende-se detectar mudanças específicas associadas a reajustamentos na estrutura sintática com relação a sentenças simples e sentenças complexas, em termos das variações de funções discursivas ou do distanciamento do caso 'neutro' (sentença declarativa, afirmativa, ativa).

Não se pretende, pois, detectar estratégias para codificar funções discursivas específicas em contextos comunicativos mais amplos, onde se enquadram sentenças/proposições. O presente trabalho não tem como enfoque central o domínio funcional do discurso pragmático.

Entretanto, há que se considerar que sentenças que supostamente veiculam apenas a *informação* semântico-proposicional, mas não uma função discursivo-pragmática só podem ser isoladas artificialmente. No corpus reunido muitas sentenças foram realizadas pelos informantes Marubo tendo em mente o discurso real e/ou um contexto específico. De tal forma, codificam simultaneamente a *informação* semântico-proposicional e a função discursivo-pragmática, podendo acarretar reajustamentos estruturais. Em consequência disso, fica implícita a necessidade de distinguir entre indicadores estruturais referentes à codificação semântico proposicional, indicadores estruturais que codificam a função discursivo pragmática e indicadores estruturais compensatórios.

### 1.7.2 — A abordagem ao ritmo

Para o estudo do ritmo, levou-se em consideração algumas colocações feitas em Soares, Costa e Carvalho (1991), as quais foram conjugadas a alguns pontos encontrados em Soares (1991). Essas colocações, bem como os pontos a elas associados, são reproduzidas a seguir.

Em Soares, Costa e Carvalho (1991) as colocações feitas dizem respeito basicamente à dicotomia ritmo acentual/silábico e à possibilidade de superação dos problemas trazidos por essa dicotomia. Afirma-se aí que a conhecida distinção entre línguas de ritmo acentual e línguas de ritmo silábico se viu afetada por críticas derivadas de estudos nos quais o ato de medir sílabas e pés em certas línguas não levou à conclusão de que, nessas línguas, existe uma seqüência isócrona de eventos similares. Em outros termos, para certas línguas, o ato de medir pés<sup>5</sup> não levou à conclusão de que o acento é produzido a espaços regulares de tempo (ritmo acentual), nem o ato de medir sílabas levou à conclusão de que, nessas línguas, as sílabas são sucessivamente produzidas com igual duração (ritmo silábico). Paralelamente à formulação de críticas, alguns lingüistas empreenderam esforços analíticos que, de algum modo, levaram ao surgimento de um novo conjunto de afirmações sobre o ritmo da fala. Além disso, como o ritmo da fala é diretamente manifestado no fluxo da fala, afirmações sobre esse último também puderam integrar e ampliar o conjunto de afirmações sobre o primeiro. Algumas das afirmações sobre o ritmo da fala e o fluxo da fala foram consideradas como básicas em Soares, Costa e Carvalho (1991). Tais afirmações provêm de Lehiste (1977), Allen (1975) e Ladefoged (1984).

Lehiste (1977) demonstra que a isocronia no inglês falado (o protótipo da língua de ritmo acentual) é primariamente um fenômeno perceptual, visto que os ouvintes tendem a impor uma estrutura rítmica a seqüências sonoras e a desconsiderar diferenças duracionais acima do limite de percepção.

Allen (1975) mostra que o ritmo lingüístico é uma consequência quer de universais de desempenho, quer de regras específicas de cada língua. Allen aparentemente aceita que ritmos lingüísticos pareçam ser ou simples alternâncias ou simples sucessões. No entanto, ele propôs que, do ponto de vista perceptual, a sílaba acentuada conduz o grupo no qual ela ocorre, sempre que o acento está associado à altura mais alta e a maior volume (loudness). Por outro lado, uma seqüência de sílabas em um grupo é percebida como possuindo um acento terminal, sempre que elas são muito similares em termos de duração, altura e volume, com excessão da última sílaba muito mais longa em duração e com ligeiro decréscimo no volume.

Ladefoged (1984), ao operar a separação entre fonética e fonologia, sugere um modo diferente pelo qual o fluxo da fala pode ser analisado. De acordo com ele, o fluxo da fala não é segmentável em unidades do tamanho do fonema. Ao contrário, o fluxo da fala é onda de energia continuamente produzida que necessita ser considerada em todos os seus detalhes.

De acordo com Soares, Costa e Carvalho, o que torna básicas as informações encontradas nesses três autores é o fato de que elas dão novas oportunidades à análise no campo do ritmo. Em primeiro lugar, os fatos de percepção sobrepujam o ato de medir pés e sílabas. Em segundo lugar, a distinção que Allen faz entre acento que conduz grupo e acento terminal motiva a seguinte hipótese, que também é de Allen: há uma tendência universal à alternância acentual. Um acento deve alternar com um não-acento para ser percebido. E, a partir do ponto de vista de que o fluxo da fala é energia continuamente produzida, é possível analisar o ritmo da fala como resultado de uma alternância contínua entre níveis mínimos e máximos de energia. Desse modo, o acento não deverá ser visto como uma energia extra aplicada para reforçar certas sílabas<sup>6</sup>. Ao contrário, ele é melhor visto como uma energia total dentro de um domínio próprio.

Na esteira das oportunidades abertas ao estudo do ritmo, Soares (1991) adota na prática algumas das colocações mencionadas acima. Em Soares (1991) não se aceita, por exemplo, que haja uma restrição fisiológica que circunscreva previamente o domínio no qual um nível máximo e um nível mínimo de energia possam alternar, mas mantém-se a idéia de domínio como o espaço básico onde o acento possa se manifestar. No mesmo texto, segue-se com a idéia de que o acento não deve ser visto como uma energia extra aplicada com o fim de reforçar determinadas sílabas e, por isso, não se opera a segmentação de um enunciado com base no acento de intensidade percebido pelo pesquisador. Ao contrário, a partir de um domínio – que é tido como um dado lingüístico primário – busca-se extrair e estudar características fonéticas que, relacionadas entre si, podem configurar a manifestação do acento e/ou da alternância acentual.

Em consonância com o que acima foi exposto, busca-se, para a análise do ritmo na língua Marubo, extrair e relacionar determinadas características fonéticas, tomando por base um determinado domínio de inferência – domínio esse validado pela própria configuração da regularidade acentual por ele revelada. É essa regularidade que estará sob observação ao se examinar a constituição de formas da língua Marubo e o seu sistema de marcação de caso.

Esse exame é feito com base em dados fonéticos, as características fonéticas extraídas e relacionadas com vistas à regularidade acentual são a altura, a duração e a

intensidade, e o domínio básico de inferência é a palavra. Na análise dos padrões rítmicos, dispensa-se atenção especial a essas características, componentes essenciais na determinação do acento fonológico em Marubo. Entretanto, a desvinculação entre estes três componentes, em determinados contextos, só pode ser percebida através de uma descrição fonética apurada. Por esse e por outros fatos, a exata relação entre a fonologia e os demais níveis linguísticos só pode ser **depreendida** ao serem considerados todos os detalhes da transcrição. Dessa maneira, torna-se dispensável para a análise aqui proposta ter como ponto de partida a descrição do sistema fonológico **propriamente** dito. Podem, porém, ser encontradas no Apêndice informações quanto à **fonologia** que prescindem ou não incorporam conclusões que, alcançadas neste trabalho, são relativas à regularidade acentual que opera na língua.





## 2 PADRÕES RÍTMICOS EM NOMES E VERBOS

A análise dos padrões rítmicos da língua Marubo será feita tomando-se raízes e formativos como domínio de inferência. Será baseada em palavras simples e complexas; isoladas e em contexto.

### 2.1 — Nomes

#### 2.1.1 — Nomes morfologicamente simples

A grande maioria dos nomes simples em Marubo é dissilábica. Segue-se aos dissílabos uma pequena quantidade de trissílabos. Monossílabos são raros. Isolados, os nomes simples podem iniciar-se ou finalizar-se com oclusão glotal, acompanhada ou não por laringalização. Esta geralmente ocorre em sílabas finais não proeminentes (v. 4.1.1).

#### Monossílabos

Os monossílabos apresentam sempre altura, duração e tonicidade máximas, com o esquema rítmico ' - :

(1)	'tĩ̃	‘fogo’	'nĩ̃	‘mato’
	'rã	‘remédio’	'võ?	‘nome próprio, cabelo’

#### Dissílabos

Os dissílabos apresentam altura, duração e tonicidade máximas na primeira sílaba; a segunda é baixa, breve e átona. Como a maioria dos nomes simples e a maioria das raízes em Marubo possui essas características, estabelece-se aqui um padrão rítmico básico, a partir do qual outros padrões se formarão. É o padrão ' - √ :

(2)	'wākă	‘rio’	'māpǎ	‘cabeça’
-----	-------	-------	-------	----------



'īwĩ?	'árvore, pau'	'iã	'piolho'
'vũĩ	'homem'	'āṣṣă	'macaxeira'
'mūvĩ	'mão'	'kāmă	'nome próprio'
'rũnǎ?	'cobra'	'ṭṣēnǎ	'nome próprio'
'pānĩ	'rede'	'ākǎ	'nome próprio'
'ũpǎ	'roupa'	'ḟōvǎ	'aldeia, maloca, casa'
'vākũ?	'criança, menino, filho'		

Alguns dissílabos têm esse padrão invertido: ' - , apresentando, então, altura, duração e tonicidade máximas na última sílaba e mínimas na primeira:

(3) kǎ'pū	'jacaré'	yǎ'mū	'noite'
kǎ'mē	'onça'	yũ'ā	'panela'
kě'kǎ?	'abacaxi'	ĩ'ē	'lago'
kũ'kĩ	'cesta'	ǎ'ĩ	'esposa'
ḟě'wē	'arara'	pǎ'nē	'nome próprio, açaí'

## Trissílabos

Há uma pequena quantidade de trissílabos simples em Marubo. Como a maioria dos dissílabos, também se caracterizam pela altura, duração e tonicidade máximas na primeira sílaba; ou na **segunda**, com **menor** frequência. Têm-se, assim, os padrões

ternários: ' - ∨ ∨ e ∨ ' - ∨ ∨ :

(4) 'tākǎrũ 'galinha'

(5) mũ'ʔisi 'unha'

'tīwũǎ 'colar'

yǎ'wīfĩ? 'tatu'

'kũʔǎǎ? 'cunhado'

'vũmǎnũ? 'rosto, testa'

'vũrõnũ 'moço'

'rāvũfũ 'joelho'

'yũĩnĩ? 'bicho, animal'

'fĩnõfkõ 'aranha'

Há, porém, dúvidas quanto à constituição morfológica dos trissílabos. Embora não haja possibilidade de segmentação aparente, os trissílabos possuem contornos semelhantes aos de nomes complexos (raiz + raiz ou raiz + formativo). Exemplos em que a segmentação é possível serão vistos em 2.1.2.1 (25) e (26) e 2.1.2.2 (33).

Na língua Marubo é possível encontrar, então, cinco padrões rítmicos no nível da realização fonética:

(6) raízes monossilábicas:

1. 

raízes dissilábicas:

2. 

3. 

raízes trissilábicas:

4. 

5. 

A sílaba proeminente de cada padrão se caracteriza por altura, duração e tonicidade máximas, sendo a altura a característica mais importante (a duração e a tonicidade são previsíveis a partir da altura). As sílabas não proeminentes são baixas, breves e átonas. A partir dos cinco padrões acima podem ser estabelecidos dois padrões básicos, dos quais se derivam os demais: um binário e um ternário. Os padrões mais gerais, isto é, os que se realizam com maior frequência, são:



(7) binário



ternário



### 2.1.2 — Nomes morfologicamente complexos

Os nomes morfologicamente complexos apresentam três ou mais sílabas; a grande maioria é trissilábica. As duas primeiras sílabas constituem a raiz, que pode apresentar o padrão  ou o padrão , conforme os padrões básicos dos nomes simples. Essa raiz constitui a base, à direita da qual serão afixados um ou mais formativos<sup>7</sup>, resultando em nomes complexos com padrões rítmicos derivados. Há ainda nomes compostos por duas raízes e nomes compostos por duas raízes e um formativo. O significado do nome complexo ~~resultante~~ será uma combinação entre o significado da(s) base(s) e o significado do(s) formativo(s) a ela(s) afixado(s).

Isolados, os nomes complexos também podem ser acompanhados por oclusão glotal, com ou sem laringalização (v. 4.1.1). No corpus reunido, muitas raízes não ocorrem isoladas; somente com o acréscimo de formativos é que constituem palavras.

Nos processos de formação de palavras há formativos sem autonomia rítmica; por exemplo, formativos que exprimem aspecto, negação, diminuição, comparação, modo (v. Quadros 2.1 e 2.2). Alguns formativos, por outro lado, apresentam certa autonomia rítmica; por exemplo: formativos que exprimem causatividade e movimento e direção (v. 2.2.2.2 e 2.2.2.4).

Os principais tipos de formação de palavras da língua são:

- (a) raiz + formativo(s) = adjetivo
- (b) raiz + formativo = nome
- (c) raiz + raiz = nome
- (d) genitivo possessivo: raiz + raiz = nome
- (e) raiz + auxiliar + formativo = nome
- (f) raiz/nome + raiz/verbo + formativo = nome

#### 2.1.2.1 — Formação base + formativo(s)

Tipo (a): raiz + formativo(s) = adjetivo

Esse tipo de formação é o mais comum e produtivo. A raiz não se altera em termos de altura, duração e tonicidade. O formativo é, geralmente, neutro em termos dessas características e pode incluir uma marca aspectual – estado permanente ou qualidade inerente (-ka); estado transitório ou mudança de estado (-ya)<sup>8</sup>. Outros formativos denotam negação/oposição (-ma); diminuição (-fta); comparação (-pa); modo (-si), etc.

À raiz podem-se afixar um ou mais formativos, caso em que o nome complexo será polissilábico, podendo, então, sofrer alterações rítmicas ou melódicas (v. exemplos (19) e (21)). Os quadros abaixo fornecem um panorama das possíveis combinações entre base/raiz e formativo(s) e os padrões rítmicos resultantes.

(8) padrão básico ' - ~ + formativo(s) ~ (~)(~)

padrões resultantes: ' - ~ ~ ; ' - ~ ~ ~ ; ' - ~ ' - ~ ; ' - ~ ~ ' - ~

(Ver Quadro 2.1.)

(9) padrão básico  $\swarrow' -$  + formativo(s)  $\sim(\sim)(\sim)$

padrões resultantes:  $\swarrow' - \sim$  ;  $\swarrow' - \sim \sim$  ;  $\swarrow' - \sim \sim \sim$

(Ver Quadro 2.2.)

raiz + formativos = adjetivo					
raiz	estado permanente/ mudança de estado -ka / -ya	negação -ma	diminuição -fta	comparação -pa	modo -si
'rũã	'rũākā ASP 'bom, bonito'	'rũāmā NEG 'ruim'	'rũākāftā ASP DIM 'bonitinho'	'rũāpāftā COMP DIM 'mais bonito que, melhor que'	'rũāsī MOD 'bem'
'ēṭā	'ēṭākā? ASP 'muito'	'ēṭāmā NEG 'pouco'	'ēṭāmāftā NEG DIM 'pouco/pouquinho'		'ēṭāmāftāsī NEG DIM MOD 'pouco/pouquinho'
'ēṇī	'ēṇīkā ASP 'grande, grosso, espesso, largo'	'ēṇīmā NEG 'pequeno, fino, estreito'	'ēṇīmāftā? NEG DIM 'estreito/ estreitinho'	'ēṇipā COMP 'maior que'	
'ṭūftā	'ṭūftākā ASP 'sujo'	'ṭūftāmā NEG 'limpo'			

Quadro 2.1 (Continua).

raiz + formativos = adjetivo					
raiz	estado permanente/ mudança de estado -ka / -ya	negação -ma	diminuição -ſta	comparação -pa	modo -sɿ
$\begin{array}{c} \diagup \\ \text{' ūrǎ} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagup \\ \text{' ūrǎkǎ} \\ \text{ASP} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagup \\ \text{' ūrǎmǎ} \\ \text{NEG} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagup \\ \text{' ūrǎmǎſtǎ} \\ \text{NEG DIM} \end{array}$		
	‘longe, caro’	‘perto, barato’	‘perto, pertinho’		
$\begin{array}{c} \diagup \\ \text{' vŭpǐ} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagup \\ \text{' vŭpǐyǎ} \\ \text{ASP} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagup \\ \text{' vŭpǐmǎ} \\ \text{NEG} \end{array}$			
	‘morto’	‘vivo’			
$\begin{array}{c} \diagup \\ \text{' ſŭnǐ} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagup \\ \text{' ſŭnǐyǎ} \\ \text{ASP} \end{array}$				
	‘velho, envelhecido’				
$\begin{array}{c} \diagup \\ \text{' mǎtǐ} \end{array}$	$\begin{array}{c} \diagup \\ \text{' mǎtǐkǎ} \\ \text{ASP} \end{array}$				
	‘frio’				

Quadro 2.1 (Continua).

raiz + formativos = adjetivo					
raiz	estado permanente/ mudança de estado -ka / -ya	negação -ma	diminuição -ſta	comparação -pa	modo -si
'tōkǔ		'tōkǔſtǎ? DIM 'baixo'			
'jǎi		'jǎiſtǎ? DIM 'fino'			
'ſātǎǎ		'ſātǎǎſtǎ? DIM 'leve'			
'ſěnǎ	'ſěnǎkǎ ASP 'quente'				

Quadro 2.1.





raiz + formativos = adjetivo				
raiz	estado permanente/mudança de estado -ka / -ya	negação -ma	diminuição -fta	comparação -pa
ĩf' nā	<div> <div>ĩf' nākă<sub>?</sub> ASP</div> <div>ĩf' nāyă<sub>?</sub> ASP</div> </div> <div> <div>‘feio, ruim, não presta’</div> <div>‘estragado’</div> </div>			<div> <div>ĩf' nā' pā'ftă<sub>?</sub> COMP DIM</div> <div>‘mais feio que, pior que’</div> </div>
ũ' fĩ	<div> <div>ũ' fĩkă<sub>?</sub> ASP</div> <div>ũ' fĩyă<sub>?</sub> ASP</div> </div> <div> <div>‘vermelho’</div> <div>‘maduro’</div> </div>	<div> <div>ũ' fĩmă<sub>?</sub> NEG</div> <div>‘verde, não maduro’</div> </div>		
mũ' tã	<div> <div>mũ' tākă<sub>?</sub> ASP</div> <div>‘molhada’</div> </div>	<div> <div>mũ' tāmă<sub>?</sub> NEG</div> <div>‘seca’</div> </div>		
ĩf' tũ			<div> <div>ĩf' tũftă<sub>?</sub> DIM</div> <div>‘pequeno, estreito fino, apertado’</div> </div>	

Quadro 2.2 (Continua).


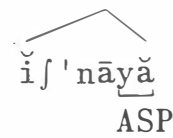





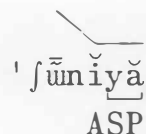
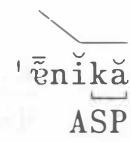
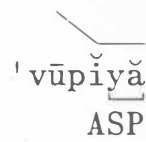
Das combinações entre raízes e formativos vistas nos quadros acima vale notar que, além da possibilidade de se acrescentar à raiz um ou mais formativos, há a possibilidade da alternância entre formativos do mesmo tipo. É o caso, por exemplo, da alternância entre os formativos -ka e -ya, da qual resultam alterações de significado conforme seja um ou outro:

- (10)
- |  |   |
|--|---|
|  <p style="margin-left: 40px;">'vermelho'</p> |  <p style="margin-left: 40px;">'maduro'</p> |
|--|---|

Observe-se que tais alterações são também de ordem aspectual, visto que -ka denota estado permanente ou qualidade inerente, ao passo que -ya denota estado transitório ou mudança de estado, conforme:

- (11)
- |   |   |
|---|---|
|  <p style="margin-left: 40px;">'feio, ruim,<br/>não presta'</p> |  <p style="margin-left: 40px;">'estragado'</p> |
|---|---|

Note-se por outro lado que, com certas raízes, apenas um dos dois formativos é "selecionado" em detrimento do outro, dada a incompatibilidade entre a noção aspectual transmitida pelo formativo e o significado transmitido pela raiz:

- (12)
- |  |  |
|--|--|
|  <p style="margin-left: 40px;">'bom'</p>                                |  <p style="margin-left: 40px;">'velho, envelhecido'</p> |
|  <p style="margin-left: 40px;">'grande, largo,<br/>espesso, grosso'</p> |  <p style="margin-left: 40px;">'morto'</p>              |

Note-se, ainda, que vocábulos que transmitem idéias opostas a partir de uma única raiz, são formados pela alternância entre -ka ou -ya com -ma, que indica negação ou oposição. Além disso, sinônimos ou antônimos podem ser formados a partir de outras raízes, certamente com certas nuances de significação. Tem-se assim:

(13) raiz+formativo antônimo sinônimo/antônimo

ũ'fĩyă  
ASP

‘maduro’

ũ'fĩmă  
NEG

‘verde, não maduro’

'rũăkă  
ASP

‘bonito, bom’

'rũămă  
NEG

‘ruim’

ĩf'nākă  
ASP

‘feio, ruim,  
não presta’

'ēnikă  
ASP

‘grande’

'ēnimăftă?  
NEG DIM

‘pequeno,  
estreito’

ĩf'tūftă  
DIM

‘pequeno, fino,  
estreito,  
apertado’

'ēṭăkă  
ASP

‘muito’

'ēṭămă  
NEG

‘pouco’

ră'nōmăkă  
NEG ASP

‘muito’

'vūpiyă  
ASP

‘morto’

'vūpimă  
NEG

‘vivo’

'ūrākǎ  
ASP

'longe'

'ūrāmǎ  
NEG

'perto'

Cabe acrescentar que através desse processo pode-se ~~expressar~~ também a noção de grau. São exemplos dessa possibilidade:

(14) 'rūākǎftǎ  
ASP DIM

'bonitinho'

'ūrāmǎftǎ  
NEG DIM

'perto, pertinho'

'ēnīpǎ  
COMP

'maior que'

'rūā'pǎftǎ?  
COMP DIM

'mais bonito que,  
melhor que'

A grande produtividade do processo do tipo (a) possibilita ainda a formação de advérbios através do acréscimo do formativo - *si*. O formativo - *si* pode acrescentar-se diretamente à base ou após o acréscimo de outros formativos como os de negação e diminuição. Assim, para especificar a ação, estado ou fenômeno expresso pelo verbo, acrescenta-se à base o formativo - *si*, o que permite a identificação de mais um conjunto de formas. Por ser também de natureza nominal o conjunto dos advérbios foi considerado como uma subclasse dos nomes, em oposição aos verbos.

São exemplos de advérbios:

(15) 'nūnōsǐ  
MODO

'aqui'

'rūāsǐ  
MODO

'bem'

'ētsāmǎftǎsǐ  
NEG DIM MODO

'pouco, pouquinho'

Com relação aos esquemas rítmicos apresentados por nomes complexos do tipo (a), tem-se que, com o acréscimo de um formativo, a raiz não se altera e a forma resultante

se conformará com os padrões rítmicos ternários gerais, ' \_ ~ ~ e ~ ' \_ ~ :

- (16)  $\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{'ētsākā} \\ \text{ASP} \end{array}$        $\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{'ētsāmā} \\ \text{NEG} \end{array}$        $\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{ĩf'nākā} \\ \text{ASP} \end{array}$        $\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{ĩf'nāyā} \\ \text{ASP} \end{array}$
- ‘muito’      ‘pouco’      ‘feio, ruim’      ‘estragado’
- 
- $\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{'ēnikā} \\ \text{ASP} \end{array}$        $\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{'ēnimā} \\ \text{NEG} \end{array}$        $\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{ũ'fĩkā} \\ \text{ASP} \end{array}$        $\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{ũ'fĩyā} \\ \text{ASP} \end{array}$
- ‘grande’      ‘pequeno, fino, estreito’      ‘vermelho’      ‘maduro’

Nos nomes complexos a cuja raiz se acrescenta mais de um formativo ocorrem oscilações de altura, duração e tonicidade entre os formativos; a raiz permanece estável ou inalterada, isto é, com altura, duração e tonicidade máximas na primeira sílaba (casos mais frequentes) ou na segunda sílaba.

Se dois ou mais formativos forem afixados à raiz pode ocorrer:

- subordinação das sílabas dos formativos à sílaba proeminente da raiz, originando os

padrões rítmicos derivados: ' \_ ~ ~ ~ e ~ ' \_ ~ ~ :

- (17)  $\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{'ētsāmāftā} \\ \text{NEG DIM} \end{array}$        $\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{rā'nōmākā} \\ \text{NEG ASP} \end{array}$
- ‘pouquinho’      ‘muito’
- 
- $\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{'rūākāftā} \\ \text{ASP DIM} \end{array}$
- ‘bonitinho’

- desvinculação entre altura, duração e tonicidade. A última sílaba pode ser realizada como átona ou tônica, como breve ou longa<sup>9</sup>. Entretanto, a altura é sempre baixa (v. 4.1). Os exemplos abaixo mostram essa desvinculação:

(18)  'rũăǎǎftă?  
ASP DIM  
'bonitinho'

 'rũăǎǎǎftă?  
ASP DIM  
'bonitinho'


 'ẽtsăǎǎftă  
NEG DIM  
'pouco,  
pouquinho'


 'ẽtsăǎǎǎftă  
NEG DIM  
'pouco,  
pouquinho'


 'ẽñimăǎftă  
ASP DIM  
'estreito,  
estreitinho'

 'ẽñimăǎǎftă  
ASP DIM  
'estreito,  
estreitinho'


- proeminência, não apenas na raiz, mas também na penúltima sílaba do nome derivado, com o restabelecimento dos padrões gerais binário e ternário: ' \_ \_ ,

 ' \_ e ' \_ \_ \_ :


(19) a.  'rũă'păǎftă  
COMP DIM  
'mais bonito que,  
melhor que'

c.  'ẽtsăǎǎǎftă'tăsi  
NEG DIM MOD  
'pouco,  
pouquinho'




b.   
 'ĩf'nā'pāftă  
 COMP DIM

‘mais feio que,  
 pior que’


d.   
 'āskă'tāsĩ  
 assim ? MODO

‘sempre’

Observe-se que o mesmo formativo pode receber maior ou menor altura, duração e tonicidade. É o caso do formativo -ftă que exprime o grau diminutivo (não proeminente em (19)a e b; proeminente em (19)c.) Outro exemplo dessa variação pode ser visto em (19)e e f, no que diz respeito ao formativo -pa que exprime comparação:

(19) e.   
 'ēnĩpă  
 COMP

‘maior que’

f.   
 'rũă'pāftă  
 COMP DIM

‘mais bonito que,  
 melhor que’

Tais oscilações indicam que os formativos são neutros em termos dessas características, de modo que os esquemas rítmicos dos nomes podem variar. Somente a raiz apresenta estabilidade rítmica. Tais fatos podem ser utilizados como um importante critério na identificação de palavras da língua.

As oscilações rítmicas podem ser melhor compreendidas quando se observa o comportamento de raízes e formativos em contexto, isto é, o comportamento de palavras mais complexas, sintagmas e sentenças.


Os dados até aqui expostos levam às seguintes generalizações em termos de padrões rítmicos:

- os padrões rítmicos gerais de nomes simples são realizações dos padrões básicos binário e ternário:

padrões binários:  


padrões ternários:  

- padrões derivados surgem com a formação de nomes complexos:

padrões derivados: 

- o limite de sílabas iniciais não proeminentes é de apenas uma;
- o limite de sílabas finais não proeminentes é de três;

A partir dessas generalizações se estabelece a seguinte regra de padrão rítmico:

- (20) "O limite de sílabas iniciais não proeminentes em um nome é de apenas uma. O limite máximo de sílabas finais não proeminentes em um nome é de três, com o aparecimento de um padrão derivado . A última sílaba não proeminente tornar-se-á proeminente se um ou mais formativos forem acrescentados. Então os padrões rítmicos binário e ternário se restabelecerão".

Tais afirmações podem ser demonstradas em:

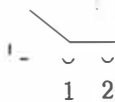
- (21) a. padrões rítmicos

binário



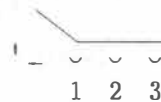
'ētsã  
raiz

ternário



'ētsãmã  
raiz NEG

derivado



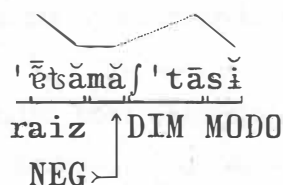
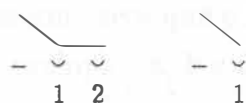
'ētsãmãftã  
raiz NEG DIM

'pouco'

'pouco,  
pouquinho'

## b. restabelecimento de padrões rítmicos

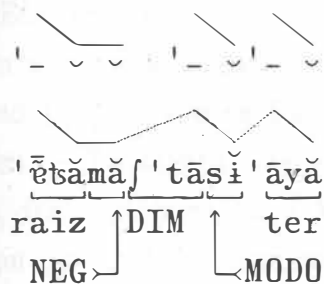
ternário binário



'pouco, pouquinho'

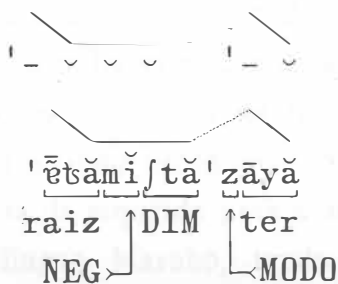
Observe-se que o último acento (altura alta, acompanhada por maior duração e tonicidade) **vai-se** deslocando para a direita à medida que aumenta o número de sílabas do vocábulo, ou do grupo de força, conforme a velocidade de fala:

(22) velocidade normal



'tem pouco/pouquinho'

velocidade rápida



'tem pouco/pouquinho'

Note-se, também, que para formar o sintagma em (22), realizado sem interrupção, em velocidade rápida, ocorre queda da vogal não proeminente do formativo indicador de modo ([ i ]); a consoante restante do formativo ([ s ]) é sonorizada e torna-se parte da próxima sílaba proeminente, isto é, a sílaba proeminente da raiz verbal<sup>10</sup>. Assim, surge novamente o padrão derivado no sintagma.

Dessa maneira, pode-se classificar o acento nos formativos, quando houver, como resultando de uma regulação acentual que opera sobre as formas da língua. O acento que é resultado dessa regulação não deve ser confundido com o acento que cada raiz porta no léxico e que confere às raízes tendência à estabilidade rítmica. É justamente devido à

essa tendência à estabilidade que podem ser identificadas todas as palavras de uma sentença.

No tipo de formação de palavras abordado, a aquisição de proeminência pode ocorrer mesmo sem que o limite de três sílabas finais não proeminentes seja atingido. É o caso dos exemplos a, b e d vistos em (19), em que se restabelecem padrões binários. Com esse processo, vale ainda observar que a última sílaba do vocábulo derivado é sempre não proeminente, conformando-se assim, com os padrões rítmicos gerais.

Outro bom exemplo de restabelecimento dos padrões binário e ternário pode ser visto no sintagma posposicional:

(23)

$$\begin{array}{c}
 \text{'tābǎ'ʧīgǎnǎmẽ} + \int \omega \\
 \text{Tabatinga LOC PROV} \\
 \text{'em Tabatinga'}
 \end{array}
 =
 \begin{array}{c}
 \text{'tābǎ'ʧīgǎnǎ'mẽ}\int \omega \\
 \text{Tabatinga LOC PROV} \\
 \text{'de Tabatinga'}
 \end{array}$$

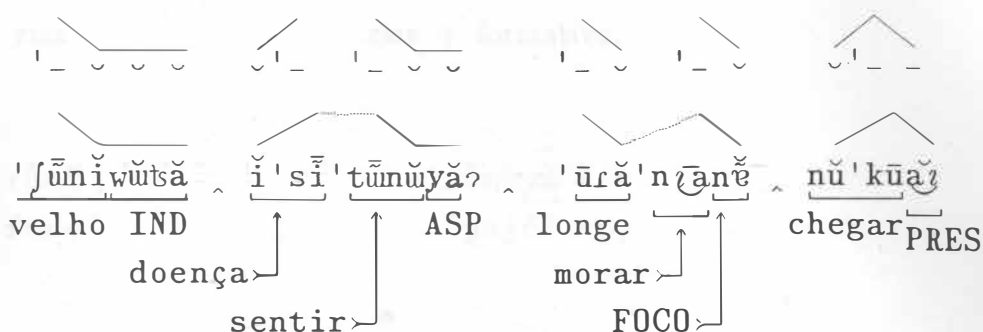
Esse exemplo também comprova que o limite de sílabas iniciais não proeminentes em um nome é de apenas uma, após a qual deve haver uma sílaba proeminente. Isso se deve ao fato de que os formativos são afixados à direita da raiz. O nome da cidade brasileira – Tabatinga – tem apenas a terceira sílaba proeminente em Português, se essa sílaba, dentro de uma ótica Marubo, for vista da esquerda para a direita. Entretanto, se sujeitou ao padrão rítmico binário da língua Marubo, tendo então duas sílabas proeminentes, a primeira e a terceira.

Finalmente, os mesmos padrões rítmicos até agora definidos para os nomes podem ser encontrados em todos os tipos de palavras e sintagmas, dentro de uma sentença:

(24)

$$\begin{array}{c}
 \text{'yūrǎ} \quad \text{'ēṭǎmĩ} \int \text{'tāsĩ} \quad \text{'āyǎ} \quad \text{'rēmǎ} \quad \int \text{'vũ} \\
 \text{gente} \quad \text{muito} \quad \text{DIM MODO} \quad \text{ter} \quad \text{agora} \quad \text{aldeia-LOC} \\
 \text{NEG} \uparrow
 \end{array}$$

‘Tem pouca gente na aldeia agora.’





‘O homem velho doente que mora longe chegou.’

Dessa maneira, combinações de padrões rítmicos são esperadas aqui. Outras combinações serão expostas nos tópicos seguintes, onde se tem a descrição de outros tipos de formações, derivadas ou compostas. Será demonstrado que as alterações rítmicas observadas nessas formações se devem, entre outros fatores, à preservação dos padrões rítmicos. Assim, os exemplos que se seguem serão usados para comprovar a hipótese levantada em (20).

Vale notar, ainda, que há outros fatores que interferem no ritmo da língua Marubo. Oscilações rítmicas, quando ocorrem em raízes nominais se devem a fatores discursivo – pragmáticos, de que decorre a marcação de casos (v. 3). Entretanto, essas alterações são de tal maneira sistemáticas que a mesma estabilidade nas características melódicas e duracionais pode ser depreendida nos casos específicos.

**Tipo (b): raiz + formativo = nome**

Nesse tipo de formação pode-se combinar a uma raiz apenas um formativo. O nome resultante apresentará, então, os padrões rítmicos ternários  ou , sem nenhuma alteração de ordem rítmica:

raiz + -ya = nome

Uma raiz, encontrada em nomes ou verbos, combinada com o formativo -ya, que também é formador de adjetivos, resulta em um nome animado, agentivo ou designativo de um determinado indivíduo:

(25) raiz raiz + formativo

└─  
'rũmũ  
'fumo'

└─  
'rũmũyã  
'pajé'

└─  
'wūtãã  
'pescar'

└─  
'wūtãyã  
'pescador'

└─  
kã'kã  
?

└─  
kã'kãyã  
'chefe'

raiz + -ti = nome

Já o formativo -ti, em combinação com uma raiz encontrada em verbos, resulta em um nome denotando instrumento ou objeto (inanimado), através do qual se realiza a ação/noção expressa pelo verbo ao qual se encontra associado<sup>11</sup>:

(26) raiz raiz + formativo

└─  
'wūtãã  
'pescar'

└─  
'wūtãtĩ  
'anzol'

└─  
'kūpõã  
'abrir'

└─  
'kūpõtĩ  
'porta'

└─  
'rĩfkiã  
'cortar'

└─  
'rĩfkitĩ  
'terçado'

└─  
'sũnũã  
'cortar'

└─  
'sũnõtĩ  
'faca'

└─  
tã'ũã  
'sentar'

└─  
tã'ūtĩ  
'banco'

'piã  
'comer'

'pĩtĩ  
'comida'

'mũĩkĩ  
'trabalhar'

'mũĩtĩ  
'trabalho'

kũ'kãĩkĩ  
'cantar'



kũ'kātĩ  
'rádio, gravador'

### 2.1.2.2 — Composição de bases

**Tipo (c):** raiz + raiz = nome

A língua Marubo apresenta também formações compostas por duas raízes, em que altura, duração e tonicidade das sílabas da segunda raiz se subordinam à sílaba proeminente, qualquer que seja, da primeira raiz.

A sílaba proeminente da segunda raiz perde sua força, se igualando à sílaba não proeminente; a sílaba proeminente da primeira raiz torna-se a sílaba proeminente do novo vocábulo composto aglutinado. Ocorre, então, a subordinação de duas formas a um único acento primário. Em algumas realizações, há uma tendência a intensificar e alongar a última sílaba da segunda raiz. Daí se ter o mesmo tipo de desvinculação entre altura,

duração e tonicidade visto em (18). Tem-se, então, os padrões derivados  e .

(18) raiz + raiz = nome

'ātã + 'wākã = 'ātãwākã ou 'ātãwã, kã  
'macaxeira' + 'rio' = 'caçuma'  
(bebida)

kũ'yā + 'rẽtjã = kũ'yārẽtjã ou kũ'yārẽ, tã?  
'comprido' + 'barco' = 'avião'

$\begin{array}{c} \diagup \\ 'm\ddot{e}n\ddot{i} \\ ? \end{array}$  +  $\begin{array}{c} \diagup \\ y\ddot{u}'\ddot{a} \\ \text{'panela'} =  $\begin{array}{c} \diagup \\ 'm\ddot{e}n\ddot{i}y\ddot{u}\ddot{a} \\ \text{'panela de} \\ \text{alumínio'} ou  $\begin{array}{c} \diagup \\ 'm\ddot{e}n\ddot{i},y\ddot{u}\ddot{a} \end{array}$$$

$\begin{array}{c} \diagup \\ 'm\ddot{e}n\ddot{i} \\ \text{'banana'} +  $\begin{array}{c} \diagup \\ 'p\ddot{u}\ddot{i} \\ \text{'pena,} \\ \text{pluma, asa'} =  $\begin{array}{c} \diagup \\ 'm\ddot{e}n\ddot{i}p\ddot{u}\ddot{i} \\ \text{'folha'} ou  $\begin{array}{c} \diagup \\ 'm\ddot{e}n\ddot{i},p\ddot{u}\ddot{i} \end{array}$$$$

$\begin{array}{c} \diagup \\ 'v\ddot{u}\ddot{n}\ddot{a} \\ \text{'abelha que} \\ \text{produz mel'} +  $\begin{array}{c} \diagup \\ 'v\ddot{a}\ddot{t}\ddot{a} \\ \text{'doce'} =  $\begin{array}{c} \diagup \\ 'v\ddot{u}\ddot{n}\ddot{a}v\ddot{a}\ddot{t}\ddot{a} \\ \text{'mel'} ou  $\begin{array}{c} \diagup \\ 'v\ddot{u}\ddot{n}\ddot{a}v\ddot{a},t\ddot{a} \end{array}$$$$

$\begin{array}{c} \diagup \\ 'w\ddot{a}k\ddot{a} \\ \text{'rio'} +  $\begin{array}{c} \diagup \\ 'p\ddot{a}f\ddot{a} \\ ? \end{array}$  =  $\begin{array}{c} \diagup \\ 'w\ddot{a}k\ddot{a}p\ddot{a}f\ddot{a} \\ \text{'água'} ou  $\begin{array}{c} \diagup \\ 'w\ddot{a}k\ddot{a}p\ddot{a},f\ddot{a} \end{array}$$$






ou  $\begin{array}{c} \diagup \\ 'w\ddot{a}k\ddot{a}p\ddot{f}\ddot{a} \end{array}$

Pode ocorrer também, conforme se vê no item referente a 'água', redução silábica por queda de vogal, restabelecendo-se, dessa maneira, um padrão rítmico ternário:











A subordinação das duas formas a um único acento primário confirma a hipótese de que cada palavra tem apenas uma sílaba proeminente<sup>12</sup>. A vinculação entre altura, duração e tonicidade máximas se constitui, assim, em um forte elemento para a demarcação de palavras na língua.

Às vezes, entretanto, esses compostos são realizados de tal forma que cada raiz se mantém inalterada, cada qual com sua sílaba originalmente proeminente. Isto ocorre tanto em realizações isoladas, como em contexto, em velocidade de fala lenta, em que o informante, geralmente, segmenta raízes e formativos:



- (28)
- |   |            |                      |
|---|------------|----------------------|
|  | 'vũnǎ'vātǎ | 'mel'                |
|  | 'ātsǎ'wākǎ | 'caçuma'             |
|  | 'wākǎ'pāfǎ | 'água'               |
|  | 'mēñiyũ'ā? | 'panela de alumínio' |
|  | 'mēñĩ'pũĩ  | 'folha'              |

Da mesma forma, o mesmo pode ocorrer em exemplos como:


- (29)
- |   |         |   |   |       |   |  |              |
|---|---------|---|---|-------|---|--|--------------|
|  | 'tākǎrũ | + |  | 'vākũ | = |  | 'tākǎrũ'vākũ |
| 'galinha'   |         |   | 'criança,<br>filho,<br>menino'  |       |   | 'pinto'  |              |
- 
- |   |       |   |   |       |   |  |            |
|---|-------|---|---|-------|---|--|------------|
|  | 'vũñĩ | + |  | 'vākũ | = |  | 'vũñĩ'vākũ |
| 'homem'   |       |   |   |       |   | 'menino'   |            |
- 
- |   |     |    |   |       |   |   |       |   |   |          |
|---|-----|----|---|-------|---|---|-------|---|---|----------|
|  | ǎ'ĩ | ou |  | ǎ'ĩvǎ | + |  | 'vākũ | = |  | ǎ'ĩ'vākũ |
| 'mulher'  |     |    |   |       |   |   |       |   | 'menina'  |          |

Segundo a hipótese acima, tem-se em (28) ou duas palavras, ou uma composição por justaposição (processo em que cada forma se conserva como um vocábulo fonético

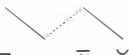
distinto).

Recorrendo-se a critérios sintáticos, tem-se que genitivos-nominais são formados da mesma maneira que em (28) – sem alterações morfológicas e na mesma ordem, isto é, determinante + determinado (v. 3.7.1), como em:


(30)

  
'ātsǎ' 'vūrǎ'  
macaxeira olho


‘olho de macaxeira’

  
'ūnǎ' 'īmǐ'  
porco sangue


‘sangue de porco’

  
'nōvǎ' 'tūwǎ'  
aroá colar

‘colar de aroá’

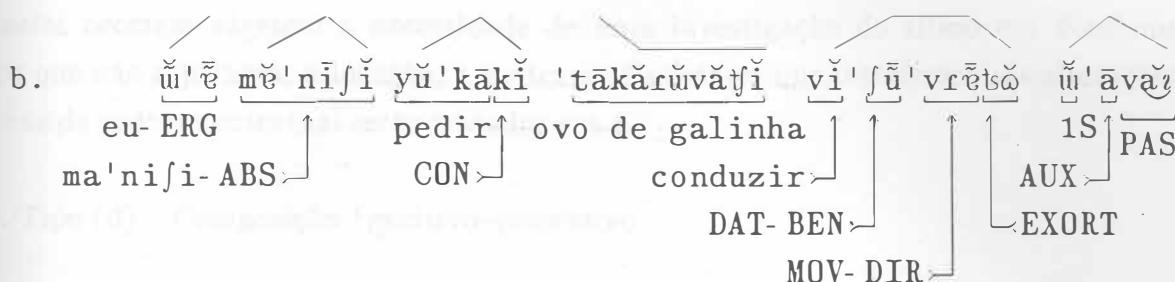
  
'tākǎrǔ' 'vāŋǐ'  
galinha ovo

‘ovo de galinhá’

  
'fūnǐ' 'rātǎ'  
óleo lata  
(empréstimo)

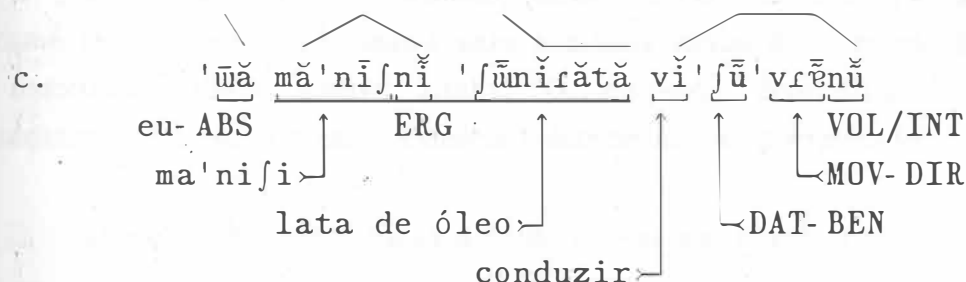
‘lata de óleo’





(‘Eu pedi pra ma'ni-fi - ‘traz ovo de galinha!’ - eu pedi.’)

‘Eu pedi pra ma'ni-fi trazer ovo de galinha.’



‘Eu quero que ma'ni-fi traga uma lata de óleo para mim.’

Os compostos vistos em (27) se comportam como formas cristalizadas, originadas em sua maioria de genitivos-nominais, que assim se apresentam, tanto em realizações isoladas, como em contexto. As variações vistas em (28) ocorrem com menor frequência.


Os exemplos em (30) são genitivos-nominais, ou seja, são duas palavras em locução, mantendo, pois, as respectivas sílabas proeminentes. Em contexto, porém, podem sofrer as mesmas alterações dos compostos, com a subordinação da sílaba proeminente do elemento determinado à sílaba proeminente do elemento determinante. Tais semelhanças de comportamento indicam que deve-se levar em conta a regulação rítmica que ultrapassa o âmbito da palavra e que, ao mesmo tempo, a afeta. Há pois, em Marubo, dois tipos de acento: o acento lexical e o acento decorrente da regulação rítmica. Isso significa que devem ser considerados os padrões rítmicos em compostos, em sintagmas e em sentenças. Assim, pode acontecer que, dentro de uma sentença, uma palavra tenha mais de uma sílaba proeminente, ou duas palavras se subordinem a uma única sílaba proeminente. Da mesma forma, para que os padrões rítmicos sejam preservados, a estabilidade das raízes também pode sofrer perturbações de ordem rítmica. Em (32)b, a construção genitiva referente a ‘ovo de galinha’ exibe um esquema rítmico em que o limite de três sílabas finais não proeminentes é ultrapassado, ou seja, a regra 2(20) não opera nesse caso. Embora casos como esse sejam marginais, as alterações

que neles ocorrem sugerem a necessidade de uma investigação do ritmo em domínios outros que não a palavra, a locução, a sentença. Os fatores que interferem nas alterações rítmicas de ordem contextual serão tratados em 4.

#### Tipo (d) – Composição ‘genitivo–possessivo’

Outro tipo de composição são os nomes próprios formados a partir do caso genitivo–possessivo, em que o elemento determinado é o item lexical ‘pai’ ou ‘mãe’ e o determinante um nome próprio.

O genitivo–possessivo é formado, entre outras maneiras (v. 3.7.2), com o deslocamento de acento da primeira para a última sílaba do elemento determinante e pela nasalização desta mesma sílaba. O elemento determinado conserva suas características rítmicas originais. A ordem é determinante–determinado.

O composto, aglutinado, passa a constituir-se um nome próprio derivado, com o padrão ternário geral .

(33)	nome próprio	pai/mãe	genitivo– possessivo	nome próprio derivado
	 'mũmă	 'ũwă	 mũ'mẽ'ũwă	 mũ'mẽwă ou mũ'măwă
	'nome de mulher'	'mãe'	'mãe de 'muma'	'nome de mulher'
	 'βũtă	 'ũwă	 βũ'tẽ'ũwă	 βũ'tẽwă
	'nome de mulher'	'mãe'	'mãe de 'βuta'	'nome de mulher'
	 'mũmă	 'păpă	 mũ'mẽ'păpă	 mũ'mẽpă
	'nome de mulher'	'pai'	'pai de 'muma'	'nome de homem'
	 'kũnă	 'păpă	 kũ'nẽ'păpă	 kũ'nẽpă
	'nome de mulher'	'pai'	'pai de 'kuma'	'nome de homem'

 'pūnă 'nome de mulher'	 'pāpă 'pai'	 pū'nē'pāpă 'pai de 'pūna'	 pū'nēpă 'nome de homem'
-------------------------------	--------------------	----------------------------------	--------------------------------

 'ākă 'nome de homem'	 'pāpă 'pai'	 ă'kū'pāpă 'pai de 'akă'	 ă'kūpă 'nome de homem'
-----------------------------	--------------------	--------------------------------	-------------------------------

 'tāmă 'nome de homem'	 'pāpă 'pai'	 tă'mē'pāpă 'pai de 'tama'	 tă'mēpă 'nome de homem'
------------------------------	--------------------	----------------------------------	--------------------------------

De difícil segmentação é o nome, semelhante aos vistos em (33), que parece ser também derivado do genitivo-possessivo, visto que o significado da raiz sugere parentesco com o significado do nome derivado, além da inversão do acento e da nasalização que ocorrem no determinante.

(34)	 'fāwũ 'jaboti'	 fě'wũwě 'tartaruga'
------	-----------------------	----------------------------

Por ser o único dado disponível desse tipo poder-se-ia classificá-lo também como um trissílabo simples (v. 2.1.1 (5)).

### 2.1.2.3. — Afixação a uma base composta

Tipo (e): raiz + auxiliar + formativo = nome

Possíveis nomes complexos desse tipo compreenderiam uma raiz nominal ou verbal e o transitivizador **aka** ou o intransitivizador **iki** (v. 2.2.2.3). Às duas raízes se acrescenta o formativo **-ya**, daí resultando um nome agentivo, como as formações do tipo (b) e as do tipo (f).

No possível tipo de formação em questão, ter-se-ia, então, o acréscimo do formativo **-ya** a uma estrutura sintática transitiva OV, com **aka** substituindo o verbo principal:

(35)	raiz	+	auxiliar	+	- ya	=	nome
	'yāpā 'peixe'	+	'ākā 'pegar'	+	- ya	=	'yāpā'ākāyā 'pescador'
	'pītī 'comida'	+	'ākā 'fazer'	+	- ya	=	'pītī'ākāyā? 'cozinheira'
	'yūīnī 'bicho'	+	'ākā 'pegar, matar'	+	- ya	=	'yūīnī'ākāyā? 'caçador'
	kū'kī 'cesta'	+	'ākā 'fazer'	+	- ya	=	kū'kī'ākāyā 'cesteira'
	kū'jē 'madeira'	+	'ākā 'pegar'	+	- ya	=	kū'jē'ākāyā? 'madeireiro'
	ī'rīkā 'seringa' (empréstimo)	+	'ākā 'pegar'	+	- ya	=	'ī'rīkā'ākāyā 'seringueiro'

Ou a uma estrutura sintática intransitiva VV, com *iki* funcionando como auxiliar:

(36)	raiz	+	auxiliar	+	- ya	=	nome
a.	'mū 'trabalhar'	+	iki AUX	+	- ya	=	'mūīkiyā 'trabalhador'

b.  $\text{'nōfũ}$  +  $\text{iki}$  +  $\text{-ya}$  =  $\text{nō'fũikiyã}$   
 'costurar' AUX 'costureira'

c.  $\text{'wūtã}$  +  $\text{iki}$  +  $\text{-ya}$  =  $\text{wũ'tãikiyã}$   
 'pescar' AUX 'pescador'

Nesse suposto tipo de composição, a forma resultante está ligada ao significado de seus componentes, não havendo, portanto, um distanciamento entre o significado global do item lexical resultante e a função do significado de seus componentes – um distanciamento quase padronizado nos casos de composição (conf. Basílio (1987: 30)). Esse fato milita contra uma análise como nome complexo da estrutura sintática OV acrescida do formativo  $\text{-ya}$  e na qual  $\text{aka}$  substitui o verbo principal. Com menor integração das formas que a constituem e mesmo maior produtividade do item que funciona como objeto, a construção em questão pode ser vista como formada de mais de uma palavra, sendo o formativo  $\text{-ya}$  considerado como um sufixo caracterizador de toda a construção<sup>13</sup>. A favor dessa visão estão os próprios padrões rítmicos que caracterizam a construção.

No que diz respeito aos padrões rítmicos, tem-se que em (35) as raízes não sofrem nenhuma alteração, tanto em realizações isoladas como em contexto. Cada uma delas mantém sua sílaba proeminente. O formativo  $\text{-ya}$  é baixo, breve e átono (neutro). Os padrões rítmicos binário,  $\text{' - } \sim$  ou  $\sim \text{' -}$ , e ternário,  $\text{' - } \sim \sim$ , são preservados.

Em (36) a questão de se ter uma ou mais palavras não se coloca: os dados apontam para a existência de uma única palavra complexa. Como em (36)  $\text{iki}$  funciona como auxiliar, sendo, portanto, neutro em termos de altura, duração e tonicidade, e com o acréscimo do formativo  $\text{-ya}$ , também neutro, surgem padrões rítmicos derivados nesse tipo de formação:  $\text{' - } \sim \sim \sim$  e  $\sim \text{' - } \sim \sim$ . Observe-se que nos exemplos em (36) as raízes dissilábicas sofrem alterações em termos de proeminência; ocorre um deslocamento de proeminência para a direita da raiz principal:

$\text{'nōfũ}$  →  $\text{nō'fũ}$



A inversão de proeminência é um recurso utilizado pela língua para alterar o conteúdo semântico de uma raiz verbal. Nesses dois casos o processo envolve a intransitivização das raízes, através do auxiliar *iki*. Essa estratégia é mais uma restrição à estabilidade de raízes verbais e será tratada em 4.2.

**Tipo (f): raiz/nome + raiz/verbo + formativo = nome**

O tipo (f) seria similar ao tipo (e). Em vez dos auxiliares *aka* e *iki* tem-se agora raízes que já funcionam como transitivas propriamente ditas. Assim, a uma estrutura sintática OV acrescentar-se-ia o formativo *-ya*. O nome resultante também seria um agentivo, com significado global ligado à função do significado de seus componentes. Repetindo a situação encontrada em (e), as raízes componentes preservam suas características rítmicas originais. O formativo *-ya* continua neutro. Preservam-se os padrões binário e ternário:

(37) raiz/nome + raiz/verbo + formativo = nome

a. 
  
 'roupa' + 'costurar' + -ya = 'costureira'

b. 
  
 'peixe' + 'pescar' + -ya = 'pescador'

A preservação das características rítmicas originais das raízes se constitui em um argumento que pode ser utilizado contra a considerá-las como integrando uma única palavra. Esse argumento, idêntico ao que foi utilizado em (e) e que também envolve a estrutura sintática OV, está de acordo com a estabilidade rítmica observada entre as raízes e a construção resultante. Se esse argumento não for utilizado, ter-se-ia que admitir um processo de composição por justaposição. Admitido, esse mesmo processo pode incluir outros formativos, como por exemplo o que denota causatividade, na formação do que seriam derivados mais complexos<sup>14</sup>:

$$(38) \text{ a. } \begin{array}{c} \diagup \\ \text{pă'kũ} \\ \text{'cair,} \\ \text{nascer'} \end{array} + \begin{array}{c} \text{'-mā} \\ \text{CAUS} \end{array} = \begin{array}{c} \diagup \\ \text{pă'kũ'mā} \\ \text{'fazer parto'} \end{array}$$

$$\text{b. } \begin{array}{c} \diagup \\ \text{'vākũ} \\ \text{'criança,} \\ \text{filho,} \\ \text{menino'} \end{array} + \begin{array}{c} \diagup \\ \text{pă'kũ'mā} \\ \text{'fazer parto'} \end{array} + \text{-ya} = \begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{'vākũpă'kũmăyă} \\ \text{'parteira'} \end{array}$$

Novamente, tem-se em (38)b a mesma estabilidade rítmica entre as bases e o suposto nome resultante. Como nesse processo há dois formativos envolvidos, surge o padrão rítmico derivado  $\diagup \text{'-} \diagdown \diagdown$  além do padrão binário geral  $\diagup \text{'-}$ .

Por outro lado, o formativo -ti, que forma nomes denotando instrumento, pode entrar em distribuição complementar com -ya, neste mesmo processo. O resultado, nesse caso, seria um nome instrumento; as raízes se mantêm estáveis.

$$(39) \begin{array}{c} \diagdown \\ \text{'vārĩ} \\ \text{'sol, hora,} \\ \text{ano, tempo'} \end{array} + \begin{array}{c} \diagdown \\ \text{'wĩě} \\ \text{'ver'} \end{array} + \text{-ti} = \begin{array}{c} \diagdown \quad \diagup \\ \text{'vārĩ'wĩtĩ} \\ \text{'relógio ou instrumento} \\ \text{para ver hora, visor} \\ \text{de hora'} \end{array}$$

Concluindo, de um modo geral, nos casos de afixação ao que poderia ser uma base composta, os padrões rítmicos são mantidos. Padrões derivados surgem devido ao maior número de sílabas neutras (auxiliar e formativo (s)), mas o limite máximo de três é respeitado. Pode ocorrer inversão de proeminência na primeira raiz, mas esse tipo de perturbação se deve a fatores semânticos.

Quanto à regra de padrão rítmico estabelecida em (20), tem-se a concluir que ela opera da esquerda para a direita e que seu alcance atinge a palavra e o sintagma.

## 2.2 — Verbos

### 2.2.1 — Verbos morfologicamente simples

A maioria das raízes verbais é dissilábica. Há algumas raízes monossilábicas. Não há raízes trissilábicas. Isolados, os verbos podem ou não ser acompanhados por oclusão glotal e/ou laringalização (v. 4.4.1).

Todos os verbos, quando realizados fora de contexto, terminam em -a:

- (40)
- |        |            |
|--------|------------|
| 'ūǎ    | 'vir'      |
| 'vīǎ   | 'conduzir' |
| 'pīǎ   | 'comer'    |
| 'fātīǎ | 'torar'    |
| 'kūwūǎ | 'esticar'  |
| rǎ'kūǎ | 'temer'    |
| nū'kūǎ | 'chegar'   |

Algumas raízes já contêm uma vogal idêntica a - a<sup>15</sup>:

- (41)
- |      |                         |
|------|-------------------------|
| 'kāʔ | 'ir, sair'              |
| 'āyǎ | 'possuir, ter, existir' |

'nīsă 'ralar'

ũ'sē 'rir'

A algumas raízes terminadas em **a** pode-se acrescentar o formativo - **a**:

(42) 'kūăă 'queimar'

'vănăă 'plantar'

yũ'kăă 'pedir'

sĩ'năă 'zangar'

Se a raiz terminar em vogal com nasalidade, - **a** também se nasaliza:

(43) 'wĩě 'ver'

ĩ'něě 'pensar'

pũ'kĩă 'cavar'

ĩ'tũě 'empurrar'

Levando-se em conta as realizações isoladas, poder-se-ia considerar - **a** como índice temático, caracterizando dessa maneira, a classe dos verbos.

Ao se examinar os verbos em contexto, verifica-se que o mesmo formativo **-a**, em variação com **-aɜ** é parte do sistema de tempo e aspecto em Marubo. Esse sistema, que tem como referência o momento presente, é constituído pelas seguintes formas e possíveis interpretações:

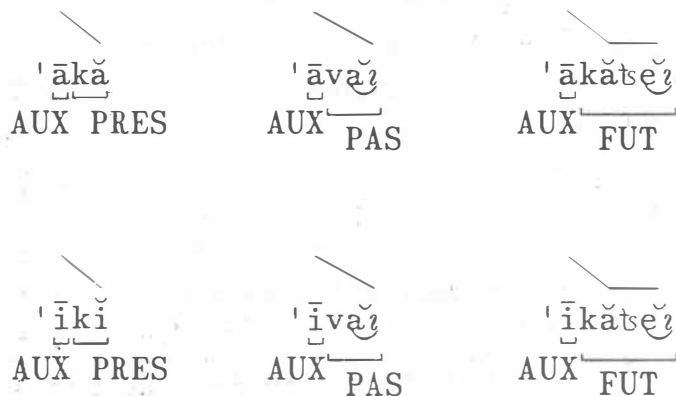
- a            – forma de citação
- tempo neutro
  
- aɜ, -a    – presente momentâneo – hoje, agora
- presente progressivo – agora
- passado imediato – hoje, agora
  
- miska    – presente durativo – estados ou processos que se mantêm no momento presente, mas que se iniciaram antes do momento presente e podem continuar além do momento presente; situações que se mantêm em todos os tempos.
- presente habitual – situações características de um período de tempo estendido e que podem ser indefinidamente prolongadas; situações que ocorrem habitualmente mas que, na realidade, não se mantêm no momento presente; situações costumeiramente recorrentes.
  
- vaɜ        – passado recente – ontem, há alguns dias
  
- fiĩ        – há dias, há meses (até seis meses aproximadamente)
  
- fna        – há meses, há anos (até dez anos aproximadamente)
  
- mta        – há anos (há mais de dez anos)
  
- ti         – há séculos (segundo testemunho do informante)
  
- kata      – futuro – hoje e depois de hoje
  
- katiki    – ‘querer’; futuro iminente (‘estar para’, ‘estar querendo’)

Com relação às construções nominais, viu-se que os formativos nominalizadores **-ka** e **-ɜ** também veiculam noções aspectuais. Esse último formativo também

acompanha verbos, participando do sistema de tempo-aspecto. Pode-se resumir abaixo as possíveis interpretações para esses dois formativos:

- ka      – formativo nominalizador (adjetivo)
- aspecto imperfectivo – estado permanente, continuativo
- ya      – formativo nominalizador (adjetivo; nome)
- aspecto perfectivo – mudança de estado; resultado de um processo; estado presente resultante de uma situação anterior/passada.
- presente durativo (verbos) – situações que se mantêm em todos os tempos; verdades gerais que não se restringem temporariamente.

Há ainda a possibilidade de que a segunda sílaba que constitui o auxiliar transitivizador **aka** (v. 2.2.2.3) seja o mesmo formativo **-ka** acompanhando uma raiz monossilábica transitivizadora **a**, em contraste com uma raiz monossilábica transitivizadora **i** (nesse caso, **-ka** passaria a **-ki**, por harmonização com **i**). Esse formativo marcaria o tempo presente em oposição a outros marcadores temporais, conforme:



No presente trabalho, entretanto, optou-se por interpretar **-ka** e **-ki** como integrantes das respectivas raízes, partindo-se do princípio de que o tempo presente é um tempo neutro em Marubo. E de que os auxiliares **aka** e **iki** sofrem redução silábica quando a eles se afixa um marcador temporal.

Como se vê, é difícil precisar as fronteiras entre raízes e formativos. É difícil precisar também os limites da variação em graus de distância envolvendo os formativos que marcam o tempo passado. Além disso, deve-se considerar a possibilidade de que o uso de um ou outro formativo possa envolver distinções aspectuais ou modais. O sistema

de tempo, aspecto e modalidade merece, pois, uma análise mais elaborada em estudos futuros.

Para o presente estudo interessa mostrar que a mesma vogal que acompanha raízes verbais nas formas de citação aparecem em contexto como marca de tempo presente momentâneo – passado imediato.

Considerando-se o presente como um tempo neutro, isto é, o tempo referente ao centro temporal dêitico (momento presente), o formativo -a poderia ser analisado como um formativo com dupla função: a de caracterizar uma classe como índice temático; e a de codificar um tempo neutro. Em outras palavras, -a poderia ser identificado tanto como índice temático quanto como um marcador de tempo.

Uma análise alternativa seria a de que o formativo -a marcaria a forma infinitiva, associada em contexto a um valor temporal neutro.

Em hipótese final, poder-se-ia considerar a existência de formativos homônimos, o que não parece ser o caso.

Somente considerando-se o formativo -a é que se tem verbos trissilábicos em Marubo. Quanto às raízes, no entanto, elas podem possuir apenas uma ou duas sílabas, não havendo em Marubo verbos com raízes trissilábicas.

### Raízes Monossilábicas

Apresentam sempre altura, duração e tonicidade máximas, com o padrão rítmico

- (44)
- |               |           |
|---------------|-----------|
| ' <u>kā</u>   | ·ir, sair |
| /             |           |
| ' <u>ūă</u>   | ·vir'     |
| /             |           |
| ' <u>pīă?</u> | ·comer'   |
| /             |           |
| ' <u>vīă?</u> | ·conduzir |

'nĩă 'viver, morar, estar (em pé),  
ficar, andar'

'wĩě 'ver'

### Raízes dissilábicas

Como no caso dos nomes, a maioria apresenta altura, duração e tonicidade máximas na primeira sílaba, com o padrão geral ' - ˘ . Raízes com esse padrão ocorrem com maior frequência na língua:

(45) ' āyă 'possuir, ter, existir'

' nĩsă 'ralar'

' mūră 'catar, procurar'

' nūyă 'voar'


' tōvă 'tirar'

' kūwĩă 'esticar'


' ſātĩă 'torar'

' kūăă 'queimar'





 'vănăă


'falar, plantar'


 'nănăă

'nadar'


 'tūfăă

'quebrar'

Há, entretanto, uma razoável quantidade de raízes verbais dissilábicas em que altura, duração e tonicidade máximas se manifestam na segunda sílaba, nesse caso com o padrão  :

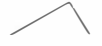
(46)


 ră'kūă


'zangar'


 nũ'kūă


'chegar'


 pă'kūă


'cair'


 mă'nūă


'dançar'


 fĩ'nẽă


'pensar'


 fũ'tũă

'empurrar'


 pũ'kĩă

'cavar'


 sĩ'ăă

'zangar'

yũ'kāã?

'pedir'

Dos exemplos acima, tem-se que os padrões rítmicos ' - , ' - √ e √ ' - , observados nos nomes, se repetem nas raízes verbais; somente considerando-se o formativo - a, obtêm-se padrões ternários ( ' - √ √ e √ ' - √ ), visto que tal formativo é neutro.

### 2.2.2 — Verbos morfologicamente complexos

As formas verbais morfologicamente complexas apresentam as mais variadas configurações rítmicas. Combinam-se raízes e formativos, surgindo daí formações compostas ou derivadas. Dessas combinações resultam padrões rítmicos binários, ternários ou derivados. Conforme a complexidade do verbo, podem ocorrer também combinações de padrões, ou reajustamentos a padrões rítmicos mais gerais. Em ~~realizações~~ ~~derivadas~~, essas formas podem também ser acompanhadas por oclusão glotal e/ou laringalização (v. 4.1.1).

Raízes verbais são menos estáveis do que raízes nominais. Podem perder proeminência silábica ou sofrer inversão de proeminência. Alterações desse tipo se devem à preservação de padrões rítmicos gerais ou a fatores semânticos (v. 4.2).

À direita de raízes verbais acrescentam-se formativos das mais variadas categorias, muitos dos quais não foram tratados no presente trabalho. Entre eles estão: um complexo sistema de tempo, aspecto e modalidade; o marcador de caso dativo-benefactivo (v. 3.6); indicadores de movimento e direção (v. 2.2.2.4); formativos que indicam negação (v. 2.2.2.2 e 4.3.2), interrogação (v. 4.3.3) e comando (v. 4.3.4); volição/intenção; causatividade (v. 2.2.2.2 e 4.3.5); conexão, etc. Da complexidade que envolve o sintagma verbal, surgem diversos tipos de alterações rítmicas, cuja análise só pode ser depreendida ao se examinar o comportamento de raízes e formativos em contexto.

#### 2.2.2.1 — Formações compostas

Alguns verbos são compostos por duas raízes:

$$\begin{array}{ccccc}
 (47) & \text{'kā} & + & \text{'kā} & = & \text{'nī'kā} \\
 & \text{'caçar'} & & \text{'ir, sair'} & & \text{'caçar/ir caçar'}
 \end{array}$$

$$(48) \quad \begin{array}{c} \text{'kā} \\ \text{'ir, sair'} \end{array} + \begin{array}{c} \text{'kā} \\ \text{'ir, sair'} \end{array} = \begin{array}{c} \text{'kā'kāă} \\ \text{'andar, caminhar'} \end{array}$$

$$(49) \quad \begin{array}{c} \text{ĩ'nē} \\ \text{'pensar'} \end{array} + \begin{array}{c} \text{'viă} \\ \text{'conduzir'} \end{array} = \begin{array}{c} \text{ĩ'nēvi'ă} \\ \text{'respirar'} \end{array}$$

Ao contrário do que acontece com os nomes, de um modo geral, tanto a primeira como a segunda raiz pode preservar sua proeminência original, perder a proeminência ou sofrer inversão de proeminência.

Realizados isoladamente, (47) e (48) preservam sua proeminência original. Sendo duas raízes monossilábicas, geram um padrão rítmico atípico ' - ' - . Esse padrão, entretanto, se recompõe, em contexto, aos padrões binários ' - ~ ou ~ ' - :

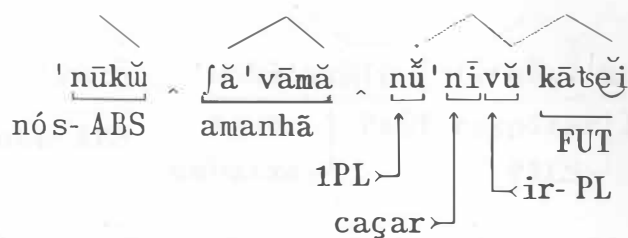
$$(50) \text{ a. } \begin{array}{c} \text{mă'yēpă} \\ \text{ma'yēpa- ABS} \end{array} \quad \begin{array}{c} \text{mũ'māwăni} \\ \text{mu'mawa} \\ \text{ASSOC} \end{array} \quad \begin{array}{c} \text{'nī:kă} \\ \text{caçar} \end{array} \quad \begin{array}{c} \text{PRES} \\ \text{ir-S} \end{array}$$

'ma'yēpa foi caçar com mu'mawa.'

$$(50) \text{ b. } \begin{array}{c} \text{mī} \\ \text{2S} \end{array} \quad \begin{array}{c} \text{'nīkăma:nũ} \\ \text{caçar} \\ \text{ir-S} \\ \text{CON- quando} \end{array} \quad \begin{array}{c} \text{ũmī'vũkă'nũ} \\ \text{1S} \\ \text{VOL/INT} \\ \text{ir-S} \\ \text{2S ASSOC} \end{array}$$

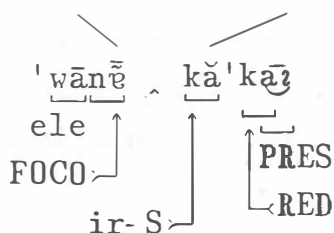
'Quando você for caçar eu vou junto.'

c.



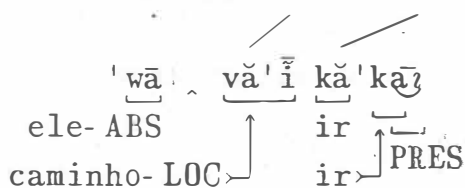
'Nós vamos caçar amanhã.'

d.



'Ele está andando.'

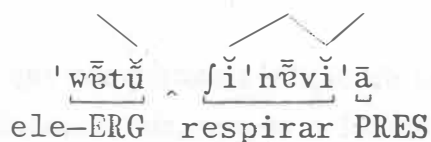
e.



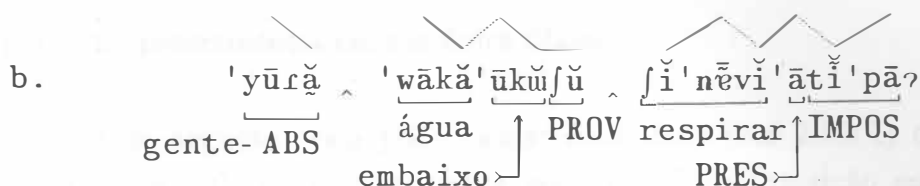
'Ele está andando no caminho.'

Em realização isolada, ocorre inversão de proeminência na segunda raiz do exemplo (49). A proeminência, nesse caso, recai sobre o formativo -a. O resultado são dois padrões binários idênticos:  $\sim \text{' } \sim \text{'}$ . Em contexto, essa uniformização de padrão rítmico se mantém:

(51) a.

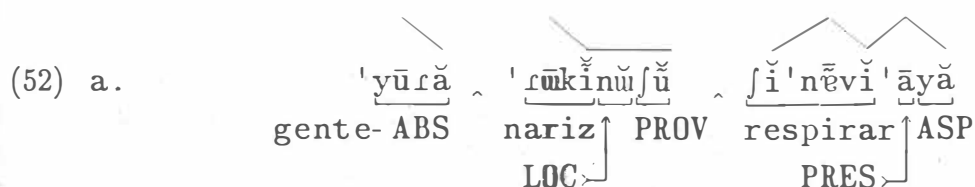


'Ele está respirando.'

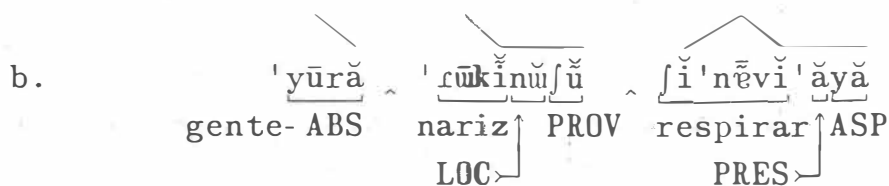


‘Gente não pode respirar embaixo d’água.’

Esse esquema, entretanto, pode se alternar com um padrão derivado, onde o formativo - a perde autonomia, submetendo-se o segundo elemento à sílaba proeminente do primeiro. Tal oscilação decorre de outro fator – a velocidade da fala. Comparem-se os exemplos em (52) abaixo, onde a foi realizado em velocidade normal e b em velocidade rápida:



‘Gente respira pelo nariz.’



‘Gente respira pelo nariz.’

## 2.2.2.2 — Formações derivadas

Há formas verbais que compõem a adição de um formativo à raiz. Dentre os formativos que se combinam à raiz, tem-se o formativo de negação e o formativo causativo.

### Negação e causatividade

O formativo - ma marca negação, caso em que é neutro, sem autonomia rítmica. Outra forma - ma marca causatividade; nesse caso, possui certa autonomia rítmica,

apresentando, portanto, proeminência em sua única sílaba.

Como marcador de negação, **-ma** pode formar antônimos (ver 2.1.2.1) e marcar sentenças negativas (v. 4.3.3), assim como pode marcar negação/oposição em verbos como:

$$\begin{array}{rcl}
 (53) & \begin{array}{c} \diagup \\ 'āyǎ \\ \text{'ter, possuir,} \\ \text{existir'} \end{array} & + \begin{array}{c} \diagup \\ -wě \\ \text{AFIRM} \end{array} = \begin{array}{c} \diagup \\ 'yēwě \\ \text{'ter, possuir,} \\ \text{existir'} \end{array} \\
 & & + \begin{array}{c} \diagup \\ -ma \\ \text{NEG} \end{array} = \begin{array}{c} \diagup \\ 'yēmǎ \\ \text{'não ter, não possuir,} \\ \text{não existir'} \end{array}
 \end{array}$$

Esses derivados mostram a supremacia do padrão binário sobre o padrão ternário, pois a vogal proeminente da raiz se perde com o acréscimo do formativo, e o padrão ternário dá lugar ao padrão binário em:

$$\begin{array}{rcl}
 (54) & \begin{array}{c} \diagup \\ 'āyǎ \end{array} + \begin{array}{c} \diagup \\ -wě \end{array} = \begin{array}{c} \diagup \\ 'āyǎwě \end{array} \rightarrow \begin{array}{c} \diagup \\ 'yēwě \end{array} \\
 & \begin{array}{c} \diagup \\ 'āyǎ \end{array} + \begin{array}{c} \diagup \\ -mǎ \end{array} = \begin{array}{c} \diagup \\ 'āyǎmǎ \end{array} \rightarrow \begin{array}{c} \diagup \\ 'yēmǎ \end{array}
 \end{array}$$

onde um processo no nível segmental (queda de vogal) teve a sua existência determinada pela necessidade de manutenção do padrão binário. A perda da vogal proeminente na margem esquerda do item lexical faz com que a proeminência se desloque para a próxima sílaba à direita. Tal fato é revelador da constituição dos padrões rítmicos em Marubo, os quais têm o seu núcleo acentual situado à esquerda.

Com o acréscimo do formativo **-ma**, 'causativo', tem-se:

$$\begin{array}{rcl}
 (55) & \begin{array}{c} \diagup \\ 'yēmǎ \\ \text{'não ter, não} \\ \text{possuir, não existir'} \end{array} & + \begin{array}{c} \diagup \\ -mā \\ \text{CAUS} \end{array} = \begin{array}{c} \diagup \\ 'yēmǎ'mā? \\ \text{'matar (causar a} \\ \text{não existência)'} \end{array}
 \end{array}$$

(55) é uma realização isolada do verbo matar. Em contexto, entretanto, pode-se perceber a incorporação do formativo causativo à raiz. Assim, o padrão geral ternário se restabelece, como mostra a sentença em (56):

- (56)
- |                            |                            |                               |
|----------------------------|----------------------------|-------------------------------|
| $\swarrow$<br><u>ʧě'nũ</u> | $\swarrow$<br><u>kă'pũ</u> | $\swarrow$<br><u>'yēmămăž</u> |
| ʧěno- ERG                  | ↑                          | $\swarrow$<br>matar PRES      |
| jacaré- ABS                |                            |                               |

‘ʧěno matou o jacaré.’

De acordo com a regra 2(20), com o acréscimo do formativo de negação, para marcar uma sentença negativa, o formativo causativo recupera a proeminência silábica, surgindo daí uma combinação de padrões binários:

- (57)
- |                           |                           |                                 |
|---------------------------|---------------------------|---------------------------------|
| $\swarrow$<br><u>wētũ</u> | $\swarrow$<br><u>'fāĩ</u> | $\swarrow$<br><u>'yēmă'māmă</u> |
| ele- ERG                  | ↑                         | matar NEG                       |
|                           | ↓                         |                                 |
|                           | passarinho- ABS           |                                 |

‘Ele não matou o passarinho.’

Outro exemplo de combinação do causativo -ma a uma raiz verbal é a realização isolada abaixo:

- (58)
- |                             |   |                          |   |                               |
|-----------------------------|---|--------------------------|---|-------------------------------|
| $\swarrow$<br><u>pă'kũă</u> | + | $\swarrow$<br><u>-mă</u> | = | $\swarrow$<br><u>pă'kũ'mă</u> |
| cair                        |   | CAUS                     |   | ‘fazer cair, derrubar’        |

A proeminência do formativo se mantém em contexto, conforme<sup>16</sup>.

- (59)
- |                              |                                     |
|------------------------------|-------------------------------------|
| $\swarrow$<br><u>mă'nĩfĩ</u> | $\swarrow$<br><u>ʧě'nũpă'kũ'mă?</u> |
| ma'nĩfĩ- ABS                 | ʧěno ERG ↑<br>cair CAUS             |

‘ʧěno fez ma'nĩfĩ cair.’

Com relação à raiz, é importante observar que a inversão de proeminência é um recurso da língua, utilizado também para denotar alteração de significado ou mudança de diátese verbal (v. 4.2). Comparem-se os exemplos abaixo:

- (60) a.   
cuia-ABS      cair PRES      'cair'
- ‘A cuia caiu.’
- b.   
tjẽno-ERG      cuia-ABS      'pākũãž' PRES      'pākũãž'  
                                 derrubar      'derrubar'
- ‘tjẽno derrubou a cuia.’

Dessa forma, a instabilidade rítmica das raízes verbais se deve também a fatores semânticos.

### 2.2.2.3 — Formas auxiliares – transitivização e intransitivização

Uma raiz verbal pode ser transitivizada ou intransitivizada conforme se combine com os auxiliares **aka** e **iki**:

(61) Verbos transitivos

Verbos intransitivos

tũ'rũfǎ'kā

‘coçar,  
raspar’

tũ'rũfĩ'kĩ

‘coçar,  
raspar’

tũ'rāfǎ'kā

‘rasgar’

tũ'rāfĩ'kĩ

‘rasgar’













tĩākǎ

‘puxar’



tĩĩkĩ

‘doer,  
latejar’



	'rūăăkā?	'gostar'		'mūiki	'trabalhar'
	ũ'fīākă	'pintar de vermelho'		ũ'sēi'kī	'rir'
	vũ'fūă'kā?	'soprar'		'wāi?i'kī	'chorar'
	'fūă'kā	'esfregar'		kū'kāi'kī	'cantar'
	'tūă?ă'kā	'lavar'		'ēnăni'kī?	'vomitar'
				rě'ti?i'kī?	'ajoelhar'
				'vāŧini'kī?	'brigar'

Em realização isolada, o auxiliar pode apresentar proeminência na sua segunda sílaba; para esse fato não se tem explicação. Esta talvez possa ser encontrada no nível discursivo. Em contexto, entretanto, o auxiliar é sempre neutro, isto é, suas duas sílabas são baixas, breves e átonas. A raiz principal preserva suas características originais em qualquer situação.

- (62)  'wētũ'vākũtă' rūfăkă?       'wā tă' rūfiki  
 ele-ERG      coçar AUX      ele-ABS      coçar AUX  
 criança-ABS

'Ele coça a criança.'

'Ele coça.'

- (63) 'wētũǎ' pēñitũ' rāfǎkǎ?      'pēñitũ' rāfiki  
 ele-ERG 3S rasgar AUX rede-ABS rasgar AUX  
 3S rasgar rede-ABS

'Ele rasgou a rede.'

'A rede rasgou.'

A segunda sílaba do auxiliar pode adquirir proeminência, em contexto, se mais um formativo for acrescentado:

- (64) a. 'pēñi? tũ' rāfi 'kĩmǎ?  
 rede-ABS rasgar NEG AUX  
 rasgar NEG

'A rede não rasgou.'

- b. mĩ' wǎ? i' kĩ' rā  
 2S AUX INT  
 chorar

'Você está chorando?'

Em (64)b, a última sílaba também é proeminente por se tratar do formativo marcador de interrogação que possui certa autonomia rítmica (v. 4.3.3).

*aka* e *iki* podem também substituir o verbo da oração principal em sentenças complexas sobretudo quando envolvem subordinação; nesse caso, adquirem proeminência em sua segunda sílaba, apresentando, pois, o padrão rítmico binário ~' -:

- (65) a. 'tāsīpā 'wāpā 'yēmā 'mānē ~ 'āskātā ʔā 'kī ěā 'kā  
 Darcy                      matar                      de propósito                      AUX(=matar)  
 ERG                      FOCO                      3S
- cachorro- ABS

(‘Darcy matou o cachorro; de propósito ele fez/matou.’) ou  
 ‘Darcy matou o cachorro de propósito.’

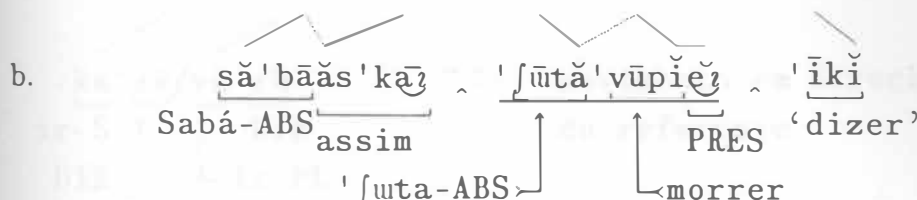
- b. 'wā ~ 'vūpīkṭī 'kīnē ~ ěpā 'kūk ě 'tūfō ~ ěi 'kī  
 ele- ABS                      morrer FUT                      FOCO                      cair MOV                      CON                      3S                      3S                      AUX(=morrer)

(‘Ele está morrendo; porque ele caiu, ele está morrendo.’) ou  
 ‘Ele está morrendo porque caiu.’

Os auxiliares podem, por outro lado, funcionar como verbo principal. Como verbo principal, **aka** pode denotar vários significados como: ‘fazer’, ‘pegar’, ‘matar’, ‘beber’. **iki** pode significar ‘dizer’ ou ‘acontecer’. Vê-se, então, que **aka** – como é transitivo, exprime **ação**; **iki** – como é intransitivo, exprime **evento**. Com função de verbo principal esses auxiliares recebem proeminência na primeira sílaba. Dessa forma, inverte-se o padrão binário, que passa a ' – √. São exemplos dos auxiliares como verbos principais:

- (66) a. 'kēmānū ~ 'wākāpāfā ~ 'ākā  
 onça ERG                      água- ABS                      ‘beber’

‘A onça está bebendo água.’



(‘Sabá disse assim: ‘fũta morreu.’) ou  
‘Sabá disse que ‘fũta morreu.’

Como observação final, acrescenta-se que as formas **aka** e **iki** foram classificadas como auxiliares pelos seguintes fatos:

I) São raízes que carregam as mesmas marcas de tempo-aspecto que acompanham raízes verbais; na condição de auxiliares carregam essas marcas, que não se fazem presentes no verbo principal.

II) Podem substituir o verbo principal.

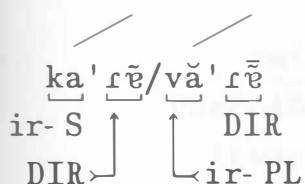
III) Podem funcionar como verbo principal.

#### 2.2.2.4 — Movimento e direção

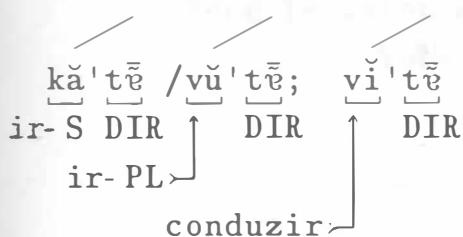
Além das formações compostas e derivadas, existem formações em que formativos que indicam movimento e direção se combinam com verbos de movimento, completando ou alterando a noção expressa pela raiz. Por exemplo, a raiz de ‘conduzir’ pode significar ‘levar’ ou ‘trazer’, dependendo do formativo com o qual se combine.

Dos formativos que acompanham verbos há o par **ĩ'nā** e **ĩ'pā**, que indicam movimento ascendente e movimento descendente, respectivamente. Esses dissílabos apresentam sempre proeminência na segunda sílaba.

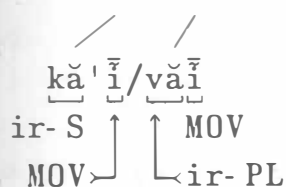
Há ainda formativos para indicar movimento em direção à posição do referente e movimento em direção oposta à posição do referente. E há formativos para indicar apenas movimento, sem considerar a direção. Geralmente se combinam com o verbo ‘ir, sair’ (**ka** (singular) e **va/vu** (plural)) e ao verbo ‘conduzir’ (**vi**). Dessa combinação surgem dissílabos com a segunda sílaba proeminente e nasalizada (característica do caso locativo (v. 3.2)). São eles:



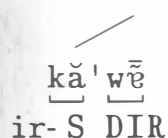
movimento em direção à posição do referente



movimento em direção oposta à posição do referente



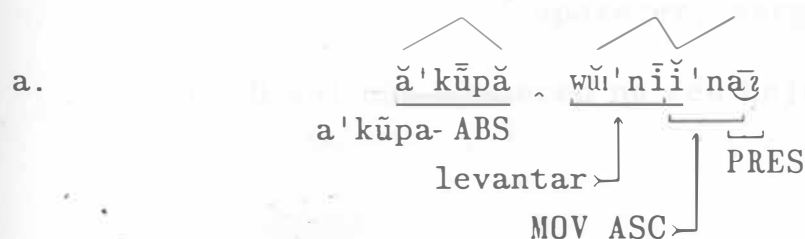
movimento



movimento

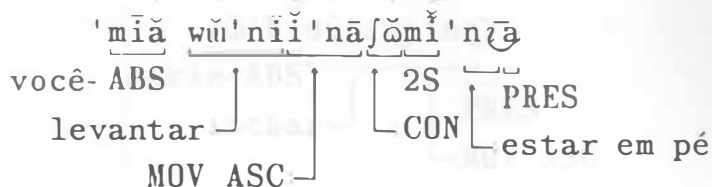
Seguem abaixo exemplos desses formativos e das variações rítmicas que podem sofrer. Note-se que, à direita desses formativos, podem-se acrescentar também outros formativos (marcadores de tempo, aspecto e modalidade, de negação, volição e conexão).

(67) ĩ'nā - movimento ascendente



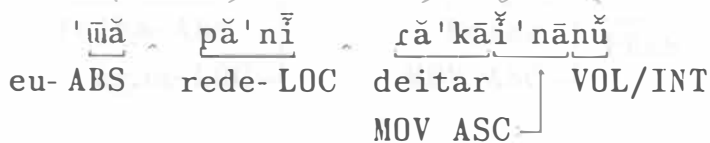
'a'kũpa levantou.'

b.



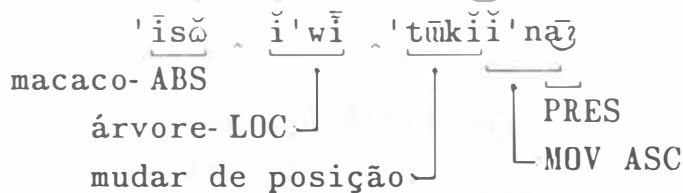
(‘Você levantou e está/ficou em pé.’) ou  
 ‘Você está em pé.’

c.



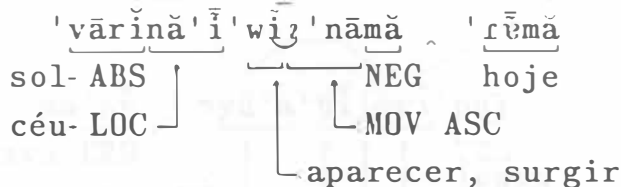
‘Eu vou deitar na rede.’

d.



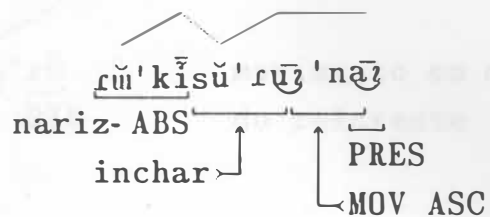
‘O macaco subiu na árvore’

e.



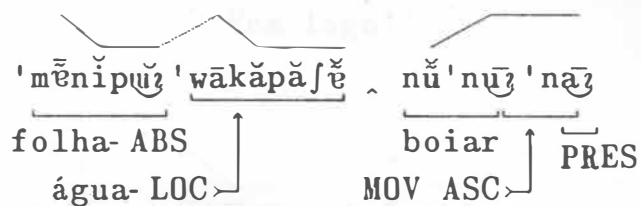
‘O sol não apareceu no céu hoje.’

f.



‘O nariz está inchado.’

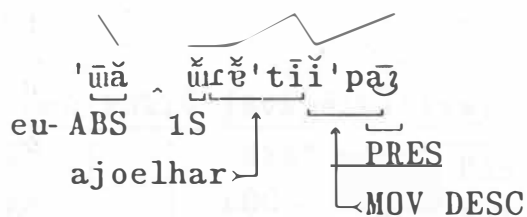
g.



‘A folha está boiando na água.’

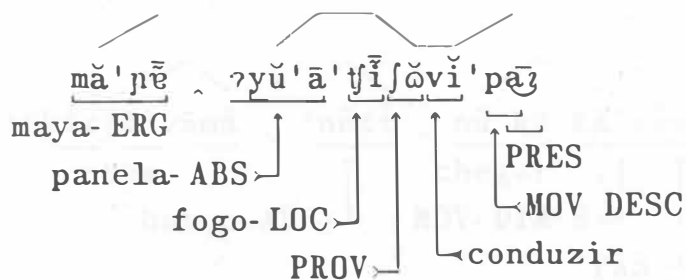
(68) i'pā movimento descendente

a.



‘Eu ajoelhei.’

b.



‘maya tirou a panela do fogo.’

- (69)  $\frac{\text{kă' rē}}{\text{ir-S DIR}} / \frac{\text{vā' rē}}{\text{ir-PL DIR}}$  movimento em direção à posição do referente

- a.  $\frac{\text{ră' yā'}}{\text{logo}} \frac{\text{kă' rē}}{\text{ir/MOV- DIR- S}}$

‘Vem logo!’

- b.  $\frac{\text{'wā}}{\text{ele- ABS}} \frac{\text{'ŷīkūsū}}{\text{fogo}} \frac{\text{'ŷūmākă' rē}}{\text{PRES MOV- DIR- S}}$   
 perto  
 aproximar-se

‘Ele está chegando perto do fogo.’

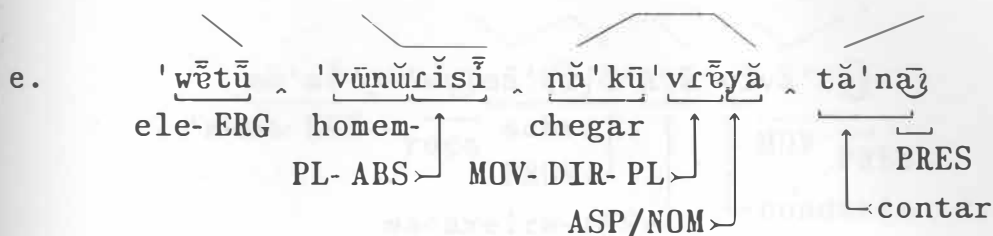
- c.  $\frac{\text{ūnū' kūrē}}{\text{1S chegar MOV- DIR- S}} \frac{\text{'āvāpā' ūi' īvā}}{\text{dia LOC PAS AUX}}$   
 chover

‘No dia em que cheguei estava chovendo.’

- d.  $\frac{\text{ŷ' ē}}{\text{eu- ERG}} \frac{\text{'ūkīr fā' vāmā}}{\text{ontem barco- ABS}} \frac{\text{'nūti}}{\text{chegar MOV- DIR- S}} \frac{\text{nū' kū kă' rēvāyā}}{\text{PAS ASP/NOM}} \frac{\text{ŷ' wīē}}{\text{1S ver PRES}}$

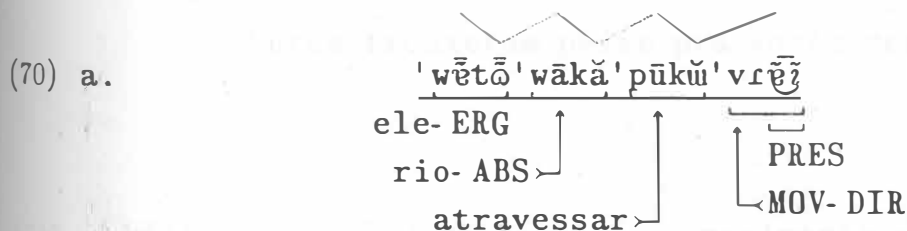
‘Eu vi o barco que chegou ontem.’



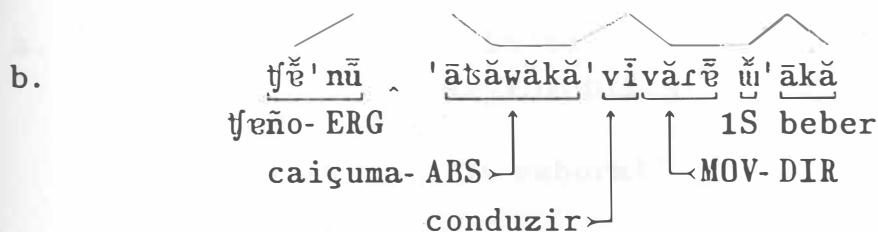


‘Ele contou os homens que chegaram.’

Além da distinção entre singular e plural que pode ser observada em (69)d e e, respectivamente, há também a distinção entre transitividade e intransitividade, com relação ao uso das raízes **ka** e **va**. **ka** é usada em orações intransitivas ao passo que **va** se emprega em orações transitivas. Comparem-se as orações intransitivas em (69) com as orações transitivas em (70):



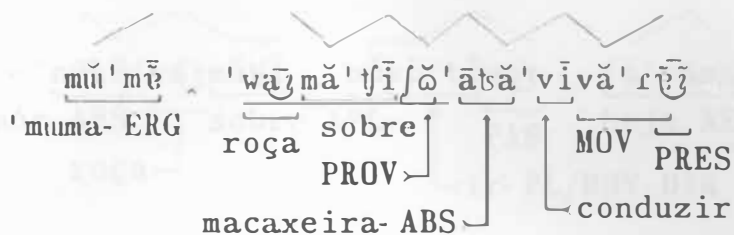
‘Ele atravessou o rio de lá prá cá!’



(‘ʔẽno trouxe caçuma. Eu bebi.’) ou

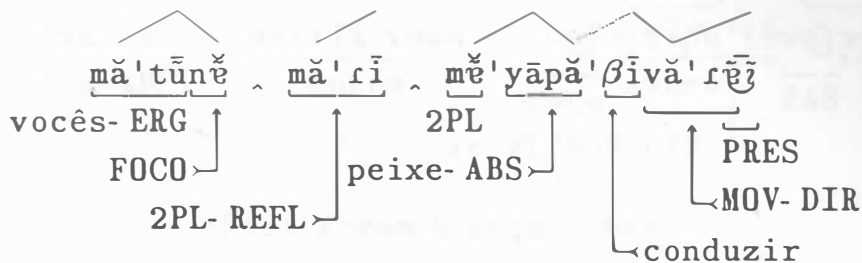
‘Eu bebi a caçuma que ʔẽno trouxe.’

c.



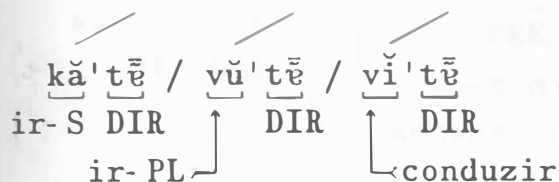
'muma trouxe macaxeira da roça.'

d.



'Vocês trouxeram peixe pra vocês mesmos?'

(71)



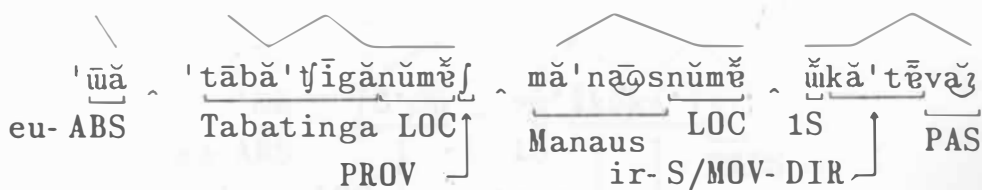
movimento em direção oposta  
à posição do referente

a.

kă'tẽ  
ir/MOV- DIR- S

'Vá embora!'

b.



'Eu fui de Tabatinga até Manaus.'

- c. 'nūkũ' wā̃mā̃tjĩ ~ nũvũ'tēvā̃ ~ ʃā'vāmā  
 nós- ABS sobre 1PL PAS hoje NEG  
 roça ir- PL/MOV- DIR

‘Nós fomos na roça ontem.’

- d. 'wā̃rĩsĩ ~ 'ūkĩrʃā'vāmā ~ 'wā̃mā̃tjĩβũ'tēvā̃vũ  
 eles- ABS ontem roça sobre PAS PL  
 ir- PL/MOV- DIR

‘Eles foram à roça ontem.’

- f. wũ'tēwě̃ʔ 'vākũ'yũñā̃ ~ wā'kě̃ʔ ~ 'wākā̃pʃāvi'tēĩñě  
 wũ'tēwā- ERG rio- LOC água- ABS CON- FIN  
 3P POSS mandar conduzir DIR  
 PRES  
 mandar  
 menina, filha- ABS

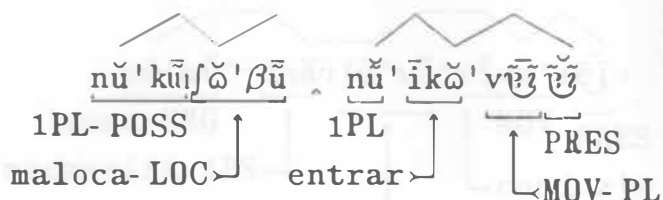
‘wũ'tēwa mandou a filha buscar água no rio.’

- (72) kā'ĩ/vā'ĩ movimento  
 ir- S MOV  
 MOV ir- PL

- a. 'uā ~ ʃā'βũ ~ ʔũ'ĩkōkă'ĩĩ̃  
 eu- ABS maloca- LOC 1S entrar MOV- S  
 PRES

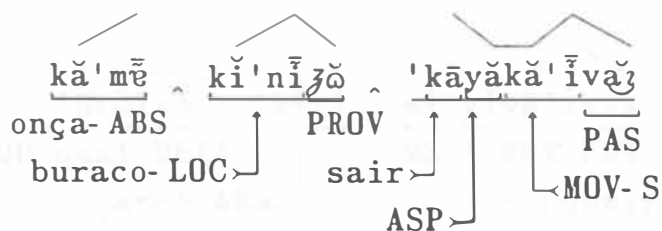
‘Eu estou entrando na maloca.’

b.



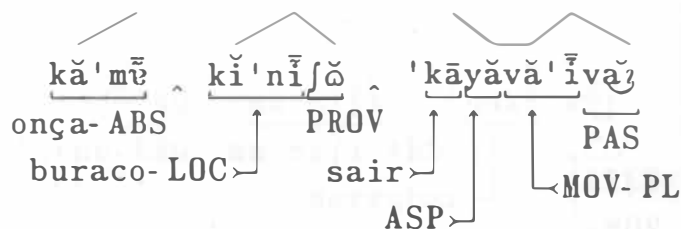
‘Nós estamos entrando na nossa maloca.’

C.



‘A onça saiu do buraco.’

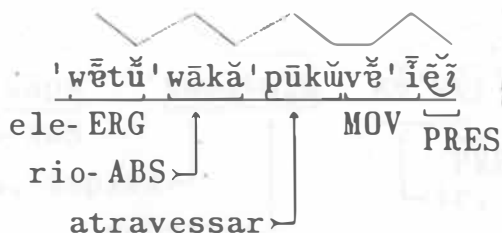
e.



‘As onças saíram do buraco.’

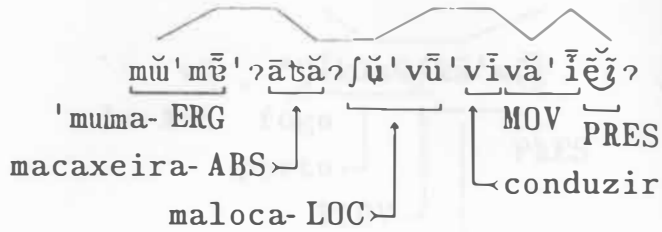
A distinção singular-plural pode ser observada nas sentenças em (72) e a distinção transitividade-intransitividade pode ser detectada comparando-se as orações intransitivas em (72) com as orações transitivas em (73):

(73) a.



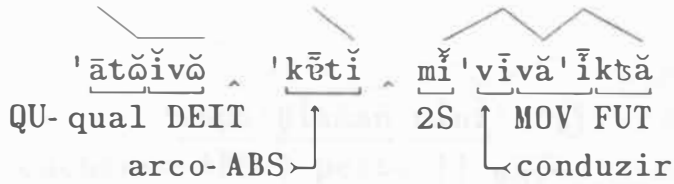
‘Ele atravessou o rio daqui pra lá.’

b.



‘muma levou macaxeira para maloca.’

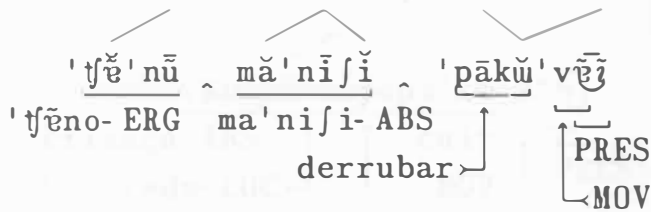
c.



(‘Qual arco você vai levar?’) ou

‘Com qual arco você vai caçar?’

d.



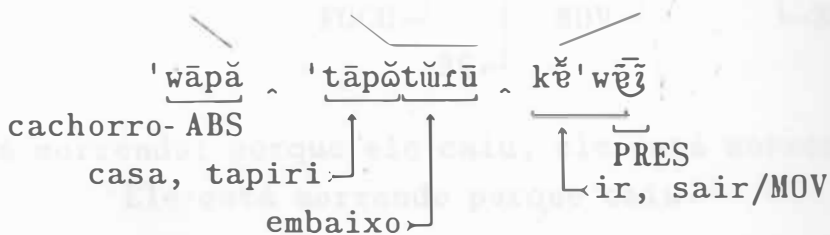
‘tjẽno derrubou ma'nifi.’

(74)

kă'wẽ  
ir- S MOV

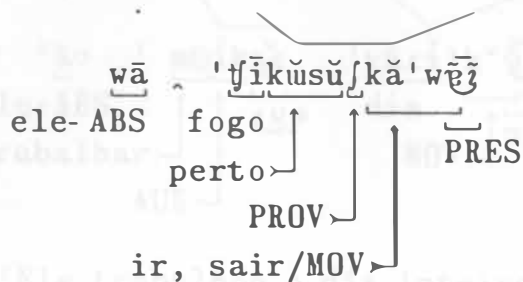
movimento

a.



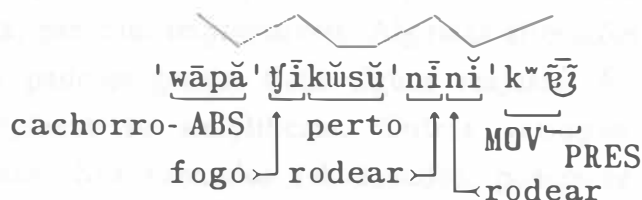
‘O cachorro passou por baixo da casa.’

b.



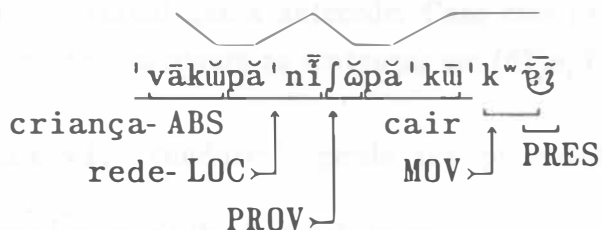
‘Ele está saindo de perto do fogo.’

c.



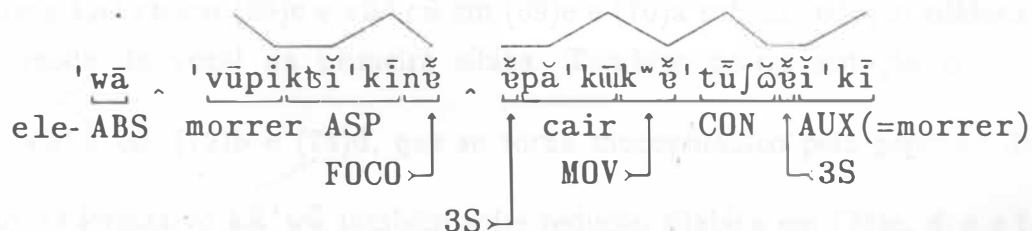
‘O cachorro está dando volta na fogueira.’

d.

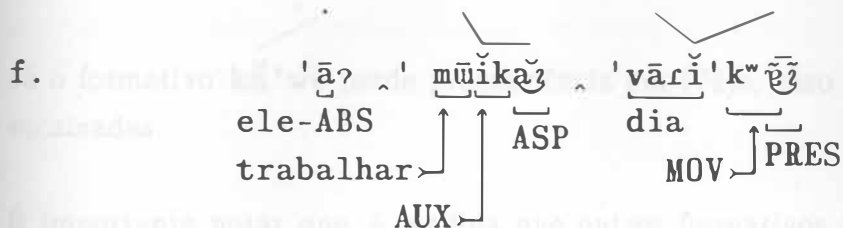


‘A criança caiu da rede.’

e.



(‘Ele está morrendo; porque ele caiu, ele está morrendo.’) ou  
‘Ele está morrendo porque caiu.’



‘Ele trabalhou o dia inteiro.’

Dessas combinações resultam padrões atípicos ou mesmo conformações rítmicas que, à primeira vista, parecem imprevisíveis. Algumas alterações ocorrem em função do restabelecimento de padrões gerais. Com alguns reajustes fonológicos, configurações rítmicas mais complexas se simplificam. Outras variações decorrem de fatores discursivo-pragmáticos. Nos exemplos relacionados, podem-se observar as seguintes variações:

- pode ocorrer ditongação entre a vogal da primeira sílaba do formativo *ĩ'nā* e a vogal contígua da raiz verbal que a antecede. Com esse processo surgem padrões rítmicos atípicos conforme mostram as sentenças em (67)e, f e g.
- a raiz monossilábica *vi*, ‘conduzir’, perde sua proeminência e se integra ao formativo *ĩ'pā*, conforme (68)b. A vogal da raiz se funde com a vogal inicial do formativo. Recompõe-se, dessa maneira, o padrão binário *ĩ'...*
- os formativos *kã'rẽ* em (69)c e *vã'rẽ* em (69)e e (70)a sofrem redução silábica, devido à queda da vogal da primeira sílaba. Também ocorre redução com o formativo *vã'ĩ* em (72)b e (73)d, que se torna monossilábico pelo processo de ditongação. O formativo *kã'wẽ* também sofre redução silábica em (74)c, d, e e f, quando a consoante oclusiva velar se labializa, em contato com /w/, após a queda da vogal baixa com a qual constitui sílaba. Com estas reduções, os padrões rítmicos se simplificam. Mas permanecem atípicos em alguns casos.
- os formativos *kã'rẽ* e *vã'rẽ* perdem proeminência silábica em (69)c e (70)b, respectivamente. Nesse caso a variação ocorre por um fator discursivo-pragmático. Trata-se, em ambos os casos, de orações independentes, mas relacionadas entre si.

Já o formativo **kǎ'wě** perde proeminência em (74)e, caso em que se tem orações encaixadas.

É importante notar que, à medida que outros formativos vão-se acrescentando à direita do verbo, padrões rítmicos gerais ou combinações de padrões gerais vão-se restabelecendo.

### 2.3 — A regulação rítmica em nomes e verbos

Já foi observado, na análise dos nomes morfologicamente simples e complexos, que os mesmos padrões rítmicos binários, ternários e derivados se repetem e se combinam em todos os tipos de palavras e sintagmas dentro de uma sentença (cf. 2.1.2.1(24)). Observou-se, também, que alterações rítmicas em raízes e formativos se devem à preservação dos padrões rítmicos, respeitando-se as condições impostas pela regra de padrão rítmico estabelecida em 2.1.2.1(20).

A análise dos verbos morfologicamente simples e complexos revelou a repetição dos mesmos padrões binários, ternários e derivados, assim como a combinação entre esses padrões em estruturas mais complexas. Detectou-se nessa análise uma série de alterações rítmicas. A inversão de proeminência em certas raízes, devida a fatores semânticos, se conforma com os padrões gerais. A submissão de uma raiz à outra, em formações compostas, tem como resultado padrões derivados ou a uniformização de padrões rítmicos. Padrões atípicos, em formações derivadas, tendem a se recompor em contexto, com o aparecimento de padrões derivados ou combinações de padrões rítmicos. Outros processos, como a redução silábica ou a perda de proeminência em raízes monossilábicas, decorrem justamente da necessidade de preservar ou simplificar os padrões rítmicos. Tem-se a concluir que tais alterações, são em sua maioria, resultado da obediência à regra 2(20), cujo alcance atinge também o sintagma verbal.

Por outro lado, observou-se, também, o aparecimento de padrões rítmicos atípicos e comportamentos rítmicos imprevisíveis em sintagmas verbais. Isso se deve ao fato de que as raízes verbais podem-se acrescentar e se alternar formativos de diversas categorias, desempenhando funções variadas. Devido a toda essa complexidade, somente uma análise conjunta de todos esses aspectos poderá dar conta das alterações rítmicas aparentemente imprevisíveis, em relação ao comportamento geral de raízes e formativos que constituem o sintagma verbal.

Assim, apesar da necessidade de preservar os padrões rítmicos gerais, surge a suspeita de que certos fatores possam interferir no ritmo da língua Marubo. Entre eles



estariam: fatores morfo-sintáticos, fatores semânticos e fatores discursivo-pragmáticos. A possibilidade de interferências decorrentes desses fatores será verificada no capítulo 4.

### 3 SISTEMA DE MARCAÇÃO DE CASO

Este capítulo tem por objetivo uma descrição tipológico-funcional do sistema de marcação de casos da língua Marubo, seja do ponto de vista semântico-proposicional, seja do ponto de vista discursivo-pragmático, tendo em vista a reciprocidade entre a codificação dos pápeis semânticos e a codificação dos pápeis pragmáticos 'sujeito' e 'objeto', e a conseqüente necessidade que as línguas têm de codificar conjunta e simultaneamente os pápeis semânticos e pragmáticos dos participantes nominais nas orações.

O sistema de marcação de casos consiste na codificação dos vários tipos de participantes/argumentos em estados, eventos e ações.

Os dados utilizados compreendem sentenças isoladas, simples e complexas. Tomou-se como base de análise as sentenças simples, visto que, em termos funcionais, elas são responsáveis pela transmissão da informação nova e principal no discurso: a informação sobre a natureza do estado/evento ou sobre os tipos de argumentos/participantes. Tem-se, em outras palavras, como base de análise, a unidade básica da informação: a proposição.

Cabem aqui algumas considerações a respeito dos dois aspectos que envolvem a proposição: sua caracterização como estado, evento ou ação (predicado) e a caracterização dos participantes quanto aos seus papéis temáticos em relação ao predicado. Estados são condições que não envolvem mudança ao longo do tempo; o estado pode ser **temporário** ou **permanente**, dependendo da sua posição relativa na escala da estabilidade temporal. Eventos são **mudanças** através do tempo – de um estado inicial a um estado final, se o evento é **limitado**; ou mudanças no processo de ocorrência, se o evento não é construído como limitado. Estados e eventos são definidos em termos de subseções do universo que se referem a indivíduos/argumentos/participantes envolvidos na proposição/cláusula, como sujeitos, objetos ou com outros papéis. Esses participantes podem ser descritos em termos do tipo de envolvimento que apresentam em relação ao estado ou evento. Assim, o paciente pode **exibir** um estado ou **sofrer** uma mudança de estado; o **agente** pode ser o **responsável** pelo início de uma mudança; o **dativo** pode ser um participante passivo, mas consciente da mudança ou do estado. Outros participantes podem ser a localização inicial ou final, em relação à qual ocorre uma mudança de localização (caso locativo). E assim por diante com os outros casos (associativo, dativo-benefactivo, meio, etc.).

Ações são eventos pelos quais um agente responsável é identificado. Muitos verbos

codificam tipos de eventos para os quais a indicação de tal responsabilidade é obrigatória ou automática, como parte do significado verbal. O agente é sempre um participante consciente em um evento, desde que seja o iniciador volicional da mudança – que é então referida como ação. Além de ser consciente, o agente é também o iniciador responsável do evento. A responsabilidade pelo início de ações também implica em possuir controle e estar sujeito a culpa (Givón(1984: 87–89)).

A utilização de sentenças complexas como fonte auxiliar para análise dos sistemas de marcação de casos se deve a fatores já mencionados, e que convém aqui repetir:

- a semântica proposicional e o discurso pragmático são codificados da mesma maneira: por meio da sintaxe;
- a codificação da informação semântico-proposicional e a codificação da função discursivo-pragmática são feitas simultaneamente e através da mesma estrutura, o que implica sérias conseqüências para a sintaxe: um mesmo conteúdo proposicional pode estar associado a diferentes funções pragmáticas. E a codificação destas diferentes funções se associa a mudanças estruturais, isto é, a reajustamentos da estrutura sintática em relação à sentença simples ou neutra.

Devido a essa codificação simultânea, a sintaxe cria um elo funcional, ou indicadores estruturais, através dos quais a execução de uma função interfere na execução da outra.

Em conseqüência, ocorre que a codificação dos papéis semânticos dos participantes de uma proposição é simultânea à codificação dos papéis pragmáticos de sujeito e objeto direto. Esses dois papéis co-existem com os papéis semânticos, o que permite a referência simultânea a sujeito-agente, sujeito-paciente, sujeito-dativo, etc. Da mesma forma pode-se referir a: objetos diretos paciente, dativo, benefactivo, instrumental, locativo ou associativo. Assim, os casos semânticos codificam os vários tipos de participantes em estados, eventos e ações, no nível da semântica proposicional; os casos pragmáticos sujeito e objeto direto são categorias gramaticais/sintáticas que codificam outro nível funcional da linguagem, o nível do discurso pragmático, mais especificamente, o sistema que codifica o tópico clausal (Givón (1984: 135)).

A semântica proposicional envolve o estudo de proposições (sentenças, cláusulas) e seu significado, num certo grau de isolamento ou abstração de sua função comunicativa e contextual. Tal método permite, até certo ponto, elucidar e analisar dois dos três domínios funcionais da linguagem: o significado lexical e a informação proposicional. Mas

no processo de comunicação, as proposições atômicas são apenas blocos de uma mensagem mais ampla, o **discurso multi-proposicional**.

O discurso multi-proposicional não é meramente uma concatenação ou "cadeia" de proposições atômicas. Ao contrário, tende a apresentar uma estrutura mais elaborada, comumente hierárquica. Tomando-se a narrativa como o discurso prototípico, tem-se a história dividida em capítulos, capítulos em episódios, episódios em macro-parágrafos e estes em **parágrafos temáticos**. Os parágrafos temáticos são compostos por sentenças complexas e finalmente por proposições (cláusulas). Essa formação hierárquica faz parte da **estrutura temática** do discurso.

Um outro sistema de coerência se entrelaça com a estrutura temática, mas é funcional e sintaticamente distinto. É o sistema de localização e identificação dos **participantes** da história, os participantes que têm mais probabilidade de se manifestar superficialmente como sujeitos e objetos das cláusulas. É o chamado sistema da **manutenção tópica** ou continuidade tópica. Embora o discurso humano possa apresentar temas mais abstratos, pode-se considerá-lo como sendo prototipicamente sobre o destino, os afazeres, os julgamentos e atribuições de **tópicos** individuais ou, mais comumente, nominais. Neste sentido, todos os argumentos nominais em proposições são potencialmente tópicos. Entretanto eles se posicionam numa escala, de acordo com sua importância. A principal manifestação de tópicos importantes no discurso é a **continuidade**, expressa pela **freqüência** de ocorrência. Um tópico importante é como um motivo condutor em parágrafos temáticos. Dos vários recursos gramaticais que colaboram na gramática da continuidade tópica, dois pertencem ao sistema de marcação de casos: o **sujeito** e o **objeto direto**, os chamados casos pragmáticos. Dos dois, o caso sujeito tende a codificar o tópico mais importante, mais recorrente, mais contínuo e pode ser chamado de **tópico clausal primário**. Segue-se a ele, em termos de importância, recorrência ou continuidade, o caso objeto direto, o **tópico clausal secundário**. Os diversos papéis semânticos podem-se hierarquizar em uma escala de acordo com sua probabilidade de acesso aos dois casos pragmáticos gramaticalizados (isto é, sintaticamente codificados): o sujeito e o objeto direto (Givón (1984:137-138)).

A utilização, não só de sentenças simples, como também de sentenças complexas como fonte de investigação se justifica pela inter-relação entre a codificação dos papéis semânticos e a codificação dos papéis pragmáticos sujeito e objeto direto. Da necessidade de codificar conjuntamente a função semântica e pragmática do 'caso', isto é, a marcação simultânea dos papéis dos vários participantes de uma proposição, surge o elo **funcional**, criado pela sintaxe, de maneira que soluções adotadas em uma parte da gramática são necessariamente restringidas pelas soluções tipológicas encontradas em

outras partes funcionalmente relacionadas. A tipologia de marcação de casos é, nesse caso, o parâmetro tipológico central, visto que quase todas as outras partes da gramática interagem com ele; a codificação da informação semântico-proposicional é uma necessidade constante na comunicação, independentemente de outras funções comunicativas que também devem ser satisfeitas.

Quando se tem por objetivo uma análise completa do sistema de marcação de casos de uma língua, deve-se levar em conta que o importante não é a marcação absoluta dos casos, sejam eles semânticos ou pragmáticos, mas, acima de tudo a diferenciação de marcação entre eles. Assim, a marcação do caso 'sujeito' se distingue da marcação do caso 'objeto direto'. Da mesma maneira, a marcação do caso 'agente' se distingue da marcação do caso 'paciente'. Mas a descrição tipológica de um só pode ser feita através da descrição simultânea da tipologia de outro. A sintaxe deve, portanto, fornecer meios para que se possa identificar, simultaneamente, o papel semântico de um argumento e o seu papel pragmático como 'sujeito' ou 'objeto direto'.

Quanto à codificação gramatical propriamente dita, os três principais recursos utilizados pela sintaxe para codificar os papéis pragmáticos e os papéis semânticos são: a ordem vocabular, a morfologia e a entonação. Tais recursos podem ser utilizados separadamente ou em várias combinações. Outro recurso comumente utilizado é a concordância gramatical no verbo.

Neste capítulo pretende-se tratar dos artifícios utilizados pela língua Marubo na marcação de caso. Deseja-se ainda verificar a existência ou não de concordância verbal como estratégia de marcação de caso. Deseja-se, ao mesmo tempo, observar o comportamento rítmico dos nomes marcados por caso e verificar até que ponto essa marcação interfere na conformação geral dos padrões rítmicos estabelecidos no segundo capítulo.

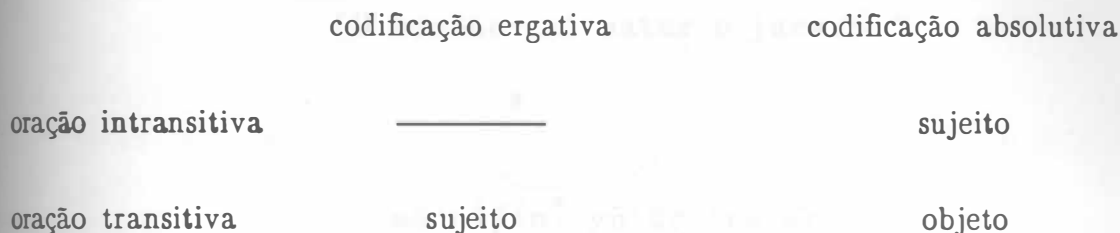
### **Sistema ergativo-absolutivo**

O sistema de marcação de caso da língua Marubo é do tipo ergativo-absolutivo. Esse tipo de marcação de caso se caracteriza pela sua obediência à transitividade de uma oração. É um sistema em que o sujeito de uma oração transitiva é diferenciado do sujeito de uma oração intransitiva.

O sujeito da oração transitiva é marcado pelo caso ergativo, enquanto o sujeito da oração intransitiva é marcado pelo caso absoluto. Geralmente, o caso ergativo é morfologicamente marcado e o caso absoluto é morfologicamente não marcado, ou  $\phi$ .

Além disso, o objeto direto da oração transitiva é também marcado pelo caso absolutivo.

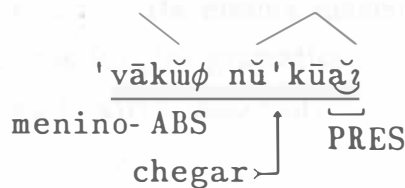
Esse sistema pode ser esquematizado da seguinte forma:



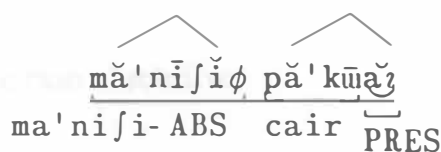
Em suma, em línguas ergativas, o sujeito da oração intransitiva e o objeto da oração transitiva são codificados da mesma forma – pelo caso absolutivo; e o sujeito da oração transitiva se diferencia pelo caso ergativo.

Seguem abaixo exemplos da manifestação da ergatividade na língua Marubo:

#### Oração intransitiva

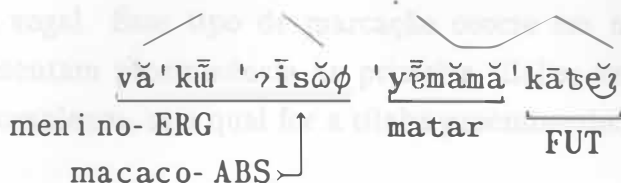


‘O menino chegou.’

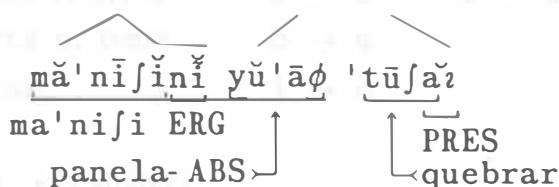


‘ma'nĩfi caiu.’

#### Oração transitiva



‘O menino vai matar o jacaré.’



‘ma'ni fi quebrou a panela.’

Há, então, na língua Marubo, marcadores de caso para sujeitos de oração transitivas (agentes/dativos) – caso ergativo; para sujeitos de orações intransitivas (agentes/dativos/pacientes) e para objetos diretos de orações transitivas (dativos/pacientes) – caso absolutivo. Da mesma maneira, há também marcadores de caso para argumentos com outras funções gramaticais, como a de objeto indireto, ou outros papéis semânticos (como locativo, associativo, dativo–benefactivo, instrumento, meio, etc.).

Tem-se, assim, o sistema de marcação de casos, cuja descrição será abordada nas seções que se seguem.

### 3.1 — Caso ergativo e caso absolutivo.

Em Marubo, o caso **absolutivo** não é morfologicamente marcado, é  $\phi$ . Há dois tipos de caso **ergativo**:

#### Tipo (a):

Caracteriza-se pela nasalização da última sílaba do nome, acarretando ou não outras alterações fonológicas na base. Para a nasalidade vocálica, postula-se a hipótese de que existe uma consoante nasal /n/ travando sílaba e de que esse /n/ propicia a nasalidade vocálica. Essa hipótese estaria de acordo com a existência do morfema de ergatividade, que seria manifestado como /n/ e foneticamente realizado como nasalidade

adicionada a uma vogal. Esse tipo de marcação ocorre em nomes monossilábicos; em dissílabos que apresentam proeminência na primeira sílaba; em trissílabos simples e em alguns trissílabos complexos, seja qual for a sílaba proeminente.

### Alterações fonológicas<sup>17</sup>:

- alterações vocálicas na vogal da segunda sílaba:

vogal baixa ou média se eleva : a → e; o → u

vogal não-tensa torna-se tensa : ɔ → u

vogal central se recua : i → ui

- alteração de proeminência silábica:

em raízes dissilábicas: a proeminência da primeira sílaba se transfere para a segunda.

### Tipo (b):

Caracteriza-se pelo acréscimo de formativo marcador de caso, monossilábico. Ocorre em dissílabos que apresentam proeminência na segunda sílaba, acarretando, também, transferência da proeminência, que vai para a primeira sílaba; ocorre em nomes complexos – trissilábicos e polissilábicos, sem alterações de proeminência silábica.

#### 3.1.1 — Tipo (a): nasalização; alterações fonológicas

##### Nomes monossilábicos:

Como os monossílabos sempre apresentam altura, duração e tonicidade máximas, com a marcação de caso ergativo ocorre apenas nasalização e a conseqüente elevação da vogal média, no único exemplo disponível com marcação de caso ergativo. O esquema

rítmico ' – permanece:

- (1) 'vō  
'nome próprio'
- 'vū     'kū̃ⁿ dāñĩ' kēĩ̃  
 'vo- ERG     ↑     ↑ PRES  
 'kuna- ABS     ↓     ↓  
 'vo ouviu 'kuna.'



## Nomes dissilábicos

Em dissílabos, cuja grande maioria apresenta altura, duração e tonicidade máximas na primeira sílaba, ocorre nasalização da vogal da última sílaba, que é também elevada, se for baixa ou média. Se for não-tensa, torna-se tensa; se for central, se recua. Simultaneamente, a proeminência da primeira sílaba se transfere para a segunda. Ocorre, então, inversão do padrão rítmico binário: ' \_ ~ → ~ ' \_ :

(2) 'kāmă  
'nome próprio'

kă'mě ~ 'kũpŏ' kũnũăvăŷ  
'kama- ERG taça- ABS ↑ PAS  
pintar ↑ AUX  
'kama pintou a taça.'

'ũwă  
'mãe'

'vākũ ~ 'ũwě ~ 'pĩmăvăŷ  
criança- ABS 3S POSS ↑ comer ↑ PAS  
mãe- ERG ↑ CAUS  
'A mãe alimentou a criança.'

'ākŏ  
'nome próprio'

ă'kũ'kěti'kũwĩěŷ  
'ako- ERG arco- ABS ↑ PRES  
esticar  
'ako esticou o arco.'

'tjěnŏ  
'nome próprio'

ĩ'wĩ ~ 'ĩsŏ'tăŏă ~ tjě'nũ'yěmăvăŷ  
árvore- LOC macaco- ABS ↑ sentar ↑ PRES  
'tjěno- ERG matar PAS  
'tjěno matou macaco que estava (sentado) na árvore.'

'yũfĩ  
'nome próprio'

yũ'fĩ'ũă'tākũăvă?  
'yuŋi- ERG  
eu- ABS  
ajudar  
PAS  
AUX

'yuŋi me ajudou.'

'vāki  
'menimo'

wăvă'kũĩ'sũ'ĩnă'tǎkă  
DEM  
menino- ERG  
macaco- GEN  
AUX  
puxar  
rabo- ABS

'O menino puxou o rabo do macaco.'

'māũ  
'nome próprio'

mă'ũ ~ ě'βākũ'rĩfkiŋă?  
'mau- ERG  
3S POSS  
bater PAS  
filho- ABS

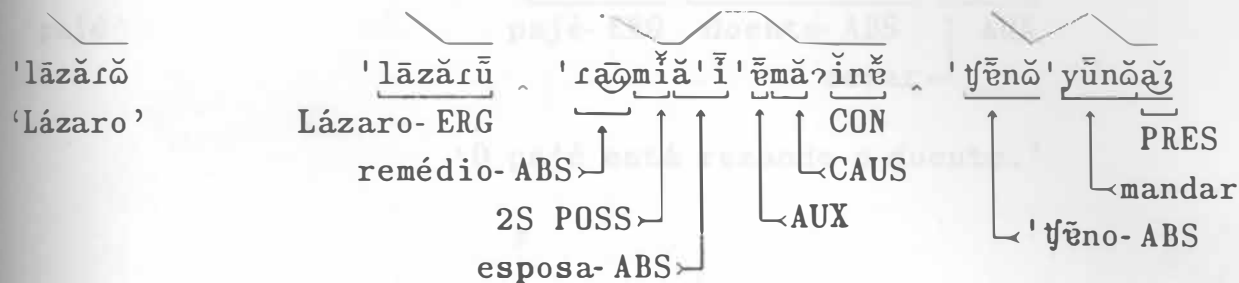
'mau bateu no filho.'

### Nomes Trissilábicos

Em trissílabos simples e em trissílabos derivados, em que se obtêm nomes próprios ou a designação de determinados indivíduos, sejam eles com a primeira ou a segunda sílaba proeminente, a marcação de caso ergativo se faz com a nasalização da última sílaba, acarretando as mesmas alterações vocálicas. A proeminência, entretanto não se

altera; permanecem então os padrões rítmicos ternários ' - ~ ~ e ~ ' - ~ :

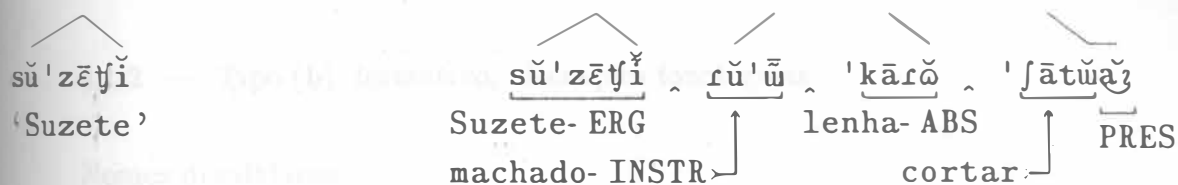
## (3) a. trissílabos simples



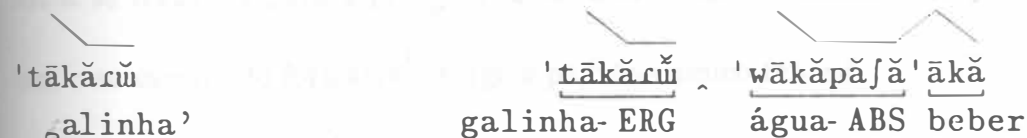
(‘Lázaro - ‘faz tua mulher tomar remédio’ - ‘tjēno mandou.’)

ou

‘Lázaro mandou ‘tjēno dar remédio à mulher dele’

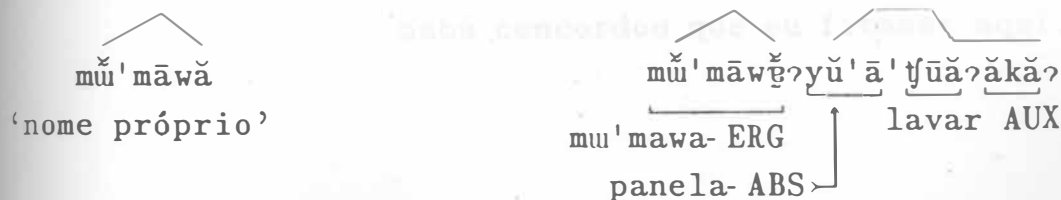


‘Suzete cortou lenha com o machado.’



‘As galinhas estão bebendo água.’

## (3) b. trissílabos complexos



‘mŭ'mawa lavou a panela.’

'rũmũyă  
'pajé'

'rũmbũyěĩ'sĩ'tũ'dũyă'fũăkă  
pajé- ERG doente- ABS AUX  
rezar

'O pajé está rezando o doente.'

kă'kăyă  
'chefe'

kă'kăyě ~ 'kăĩ'kĩsĩ'yũăă  
chefe- ERG todo mundo MODO PRES  
mandar

'O chefe manda em todo mundo.'

### 3.1.2 — Tipo (b): formativo; alterações fonológicas

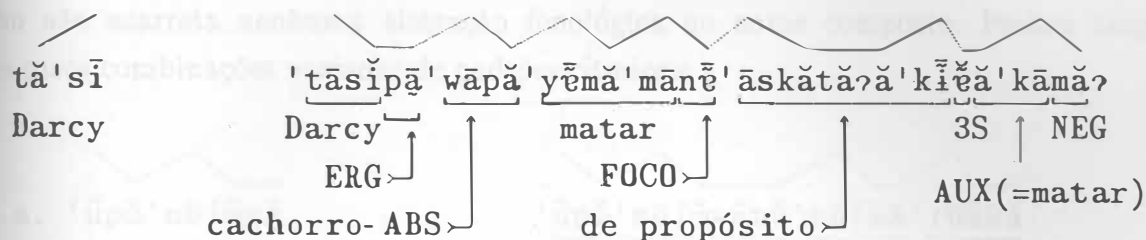
#### Nomes dissilábicos

Em dissílabos que apresentam proeminência na segunda sílaba, acrescenta-se o formativo marcador de caso ergativo - **pa**. Simultaneamente, a proeminência da segunda sílaba se transfere para a primeira. Com a inversão do padrão rítmico binário da base e com o acréscimo do formativo, surge o padrão rítmico tenário ' - ~ ~ :

(4) sã'bă  
Sabá

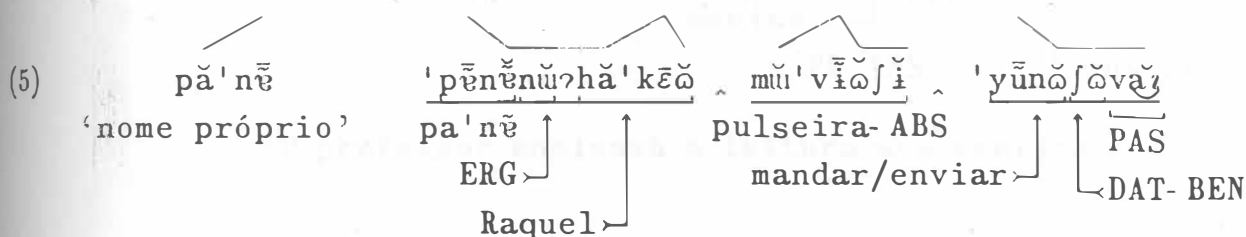
'săbăpă'nũăũ'nĩkě'wěũĩně ~ 'ũăă'nũăă?  
Sabá aqui MOV CON eu- ABS AUX  
ERG 1S ficar VOL/INT concordar

'Sabá concordou que eu ficasse aqui.'

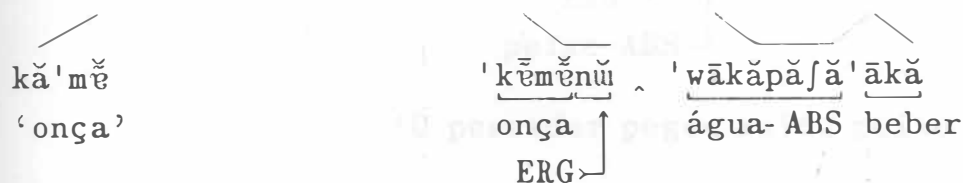


('Darcy matou cachorro; de propósito ele não fez/matou.') ou  
 'Darcy matou o cachorro sem querer.'

Em dissílabos do mesmo tipo, mas com vogal portadora de nasalidade na última sílaba, a marcação de caso ergativo acarreta o aparecimento de uma nova sílaba, constituída de consoante nasal<sup>18</sup> mais vogal alta harmonizada com a vogal precedente no que diz respeito à postura dos lábios. Ocorre, também, transferência de proeminência da última sílaba para a primeira sílaba. Também ocorre assimilação da nasalidade da vogal da última sílaba pela vogal da primeira, gerando o mesmo padrão ternário ' - ~ ~ :



'pa'nē mandou uma pulseira pra Raquel.'

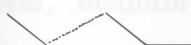



'A onça está bebendo água.'

### Nomes complexos e SNs complexos




Em nomes complexos polissilábicos, em que se tem a formação de um possível nome agentivo, através da estrutura sintática OV (v. 2.1.2.3), marca-se o caso ergativo com o acréscimo do formativo marcador de caso ergativo nasalizado - tũ. O acréscimo do

mesmo não acarreta nenhuma alteração fonológica no nome composto. Podem surgir nesses casos combinações variadas de padrões rítmicos:

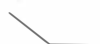

- (6) a.  'ūpō'nōfūyă  
'costureira'
-  'ūpō'nōfūyătū'nōfūă'rūăkă  
costureira ERG bem  
costurar PRES

'A costureira costura bem.'

 wī'fātă'nāmăyă  
'professor'

 wī'fātă'nāmăyătū  wī'fā'wīkī  'ʔvākūrsī yū'siă?  
professor ERG leitura- ABS menino - PRES  
PL- ABS ensinar

'O professor ensinava a leitura aos meninos.'

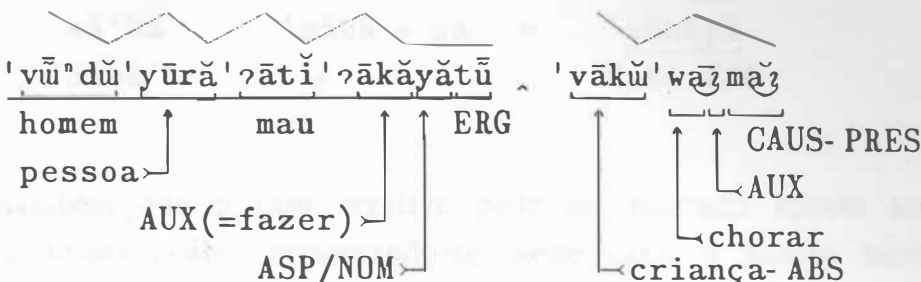
- b.  'wūtăyă  
'pescador'
-  'wūtăyătū'yăpă'ʔēṣăkă'āvă?  
pescador ERG muito PAS  
peixe- ABS AUX(=pegar)

'O pescador pegou muito peixe.'

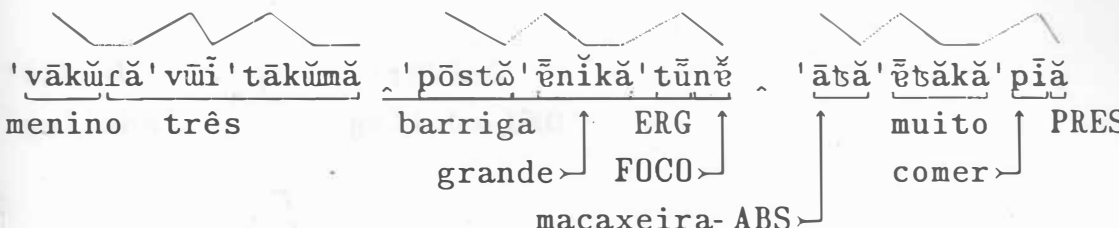
O mesmo tipo de marcação ocorre com o trissílabo complexo 'wūtăyă, 'pescador' em (6)b, ao invés da nasalização, conforme os exemplos exibidos em (3). Trata-se, nesse caso, do mesmo tipo de composição visto em (6)a; porém, o objeto da estrutura OV, por ser altamente previsível, não é explicitado. O resultado é o padrão

rítmico derivado - .

Em sintagmas nominais complexos, em que não é possível marcar exclusivamente o núcleo, o formativo - **tũ** marca o caso ergativo em todo o sintagma nominal, que não sofre, também, nenhum tipo de alteração. Preserva-se o padrão rítmico de cada constituinte:

- (7) a. 

‘O homem mau fez as crianças chorarem.’

- b. 

‘Os três meninos barrigudos comeram muita macaxeira.’

### 3.1.3 — Padrões rítmicos em formas nominais no caso ergativo

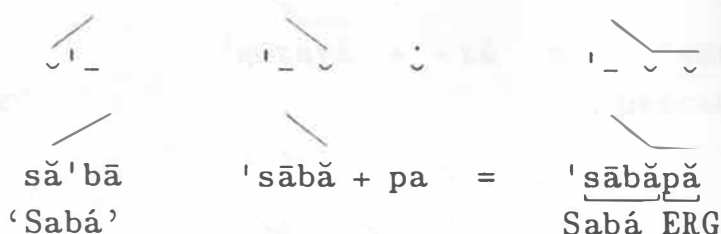
Viu-se que a marcação de caso ergativo nos nomes dissilábicos se faz, entre outras maneiras, pela transferência de proeminência silábica e pelo acréscimo de formativo marcador de caso.

No primeiro caso, tem-se a inversão do padrão binário:

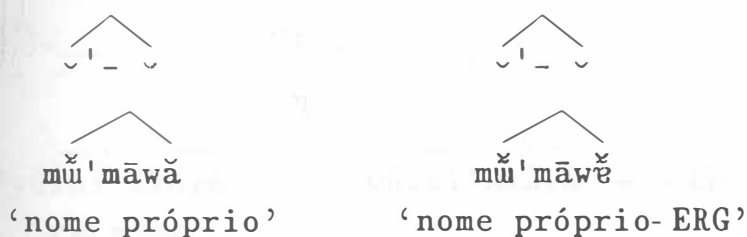
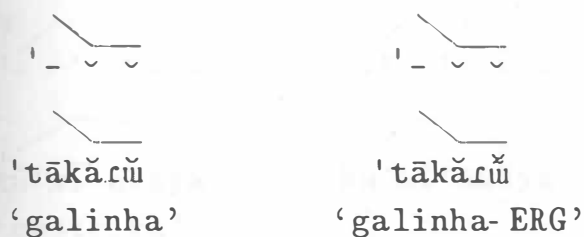


No segundo caso tem-se a inversão do padrão binário e acréscimo de formativo

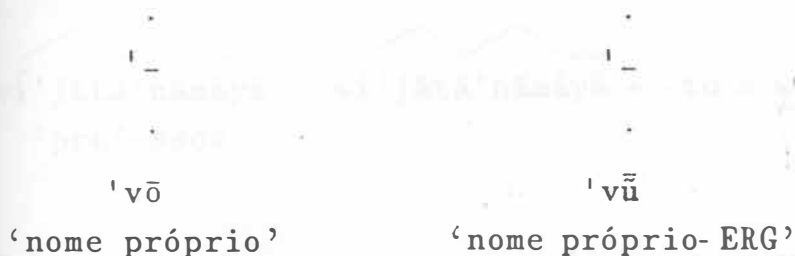
marcador de caso, resultando em um padrão ternário:



Viu-se também que o caso ergativo pode ser marcado apenas através da nasalização da última sílaba, preservando-se, nesse caso, o padrão ternário, em trissílabos:



ou o padrão atípico, em monossílabos:



Finalmente, viu-se que, em nomes complexos e em SNs complexos, o caso ergativo é marcado apenas pelo acréscimo de formativo marcador de caso, resultando daí combinações variadas de padrões binários, ternários e derivados:



$$\begin{array}{ccc}
 \begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{'wūtāyā} \\ \text{'pescador'} \end{array} & + \text{-tū} = & \begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{'wūtāyātŭ} \\ \text{pescador ERG} \end{array}
 \end{array}$$

$$\begin{array}{ccc}
 \begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \\ \text{'ūpō'nōfŭyā} \\ \text{'costureira'} \end{array} & + \text{-tū} = & \begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \\ \text{'ūpō'nōfŭyātŭ} \\ \text{costureira ERG} \end{array}
 \end{array}$$

$$\begin{array}{ccc}
 \begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{kŭ'kī'ākāyā} \\ \text{'cesteira'} \end{array} & + \text{-tū} = & \begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{kŭ'kī'ākāyātŭ} \\ \text{cesteira ERG} \end{array}
 \end{array}$$

$$\begin{array}{ccc}
 \begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{'yŭīnī'ākāyā} \\ \text{'caçador'} \end{array} & + \text{-tū} = & \begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{'yŭīnī'ākāyātŭ} \\ \text{caçador ERG} \end{array}
 \end{array}$$

$$\begin{array}{ccc}
 \begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \\ \text{wī'fātā'nāmāyā} \\ \text{'professor'} \end{array} & + \text{-tū} = & \begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \\ \text{wī'fātā'nāmāyātŭ} \\ \text{professor ERG} \end{array}
 \end{array}$$

Pelo exposto, vê-se que, com a marcação de caso ergativo, as raízes dissilábicas perdem sua estabilidade rítmica, sofrendo alterações de proeminência silábica. No entanto prevalece o padrão binário. Nos trissílabos prevalece o padrão ternário; ou surge um padrão derivado. E nos nomes polissilábicos, tem-se combinações de padrões rítmicos. Exatamente como acontece com os nomes no caso absolutivo.

Assim, a marcação de caso ergativo não interfere nos padrões rítmicos gerais. Além disso, obedece a regra de padrão rítmico estabelecida em 2.1.2.1(20), que permite o limite máximo de três sílabas não proeminentes em um nome. Essa obediência se comprova com a sentença exibida em (7)b, onde, devido ao acréscimo do formativo discursivo **ně** (v. 4.3.7), o formativo - **tũ** adquire proeminência, para que o limite máximo de sílabas não proeminentes não seja ultrapassado. Com isso, restabelecem-se os padrões rítmicos ternário e binário, respectivamente.

Quanto aos artifícios utilizados na marcação de caso ergativo, um dos objetivos deste capítulo, conclui-se, pela análise até aqui desenvolvida, que a língua Marubo se utiliza de combinações entre: nasalização e acento (inversão de proeminência silábica); morfologia (formativos) e acento; morfologia e nasalização. E, em certos casos, apenas da nasalização.

### 3.1.4 — Caso ergativo em formas pronominais

#### 3.1.4.1 — Sistema de pronomes pessoais

O sistema de pronomes pessoais em Marubo, como é a regra geral, tem como ponto de partida o eixo falante-ouvinte. Há formas livres para indicar o falante: 'uā e o ouvinte: 'mīā; o falante e mais alguém: 'nūkũ e mais de um ouvinte: 'mātō (também pronunciado 'mātō̃).

Para os elementos exteriores ao falante e ao ouvinte, isto é, as formas de terceira pessoa, são utilizadas formas livres dêiticas, correspondentes aos demonstrativos, que têm como ponto de referência o falante: 'nā, para o que está próximo ao falante; 'wā para o que está distante do falante. Há, ainda, a forma 'ā, utilizada para o que está fora do campo de visão do falante – de uso anafórico.

Tem-se, assim, para o singular, sem distinção de gênero, a forma ā, de uso representativo (ele/ela), para se referir a uma indicação anterior. Ao lado de 'ā, tem-se 'wā, ainda provido de sua significação dêitica (aquele/aquela), funcionando no campo

mostrativo. Em outras palavras, 'ā representa o elemento sobre o qual se está falando, substituindo, portanto, um nome a que se reporta, mencionado explícita ou implicitamente no contexto lingüístico. 'wā, por outro lado, incide diretamente, no momento da comunicação, sobre o elemento a que o falante está se referindo (aquele elemento que está lá).

Para o plural, utilizam-se, tanto para o masculino como para o feminino, as mesmas formas 'ā e 'wā, acrescidas do formativo - *rasī* (também pronunciado - *risī*), que indica plural. Tem-se, então, as formas 'ārāsī e 'wārāsī. Além dessas, há, ainda para o plural, as formas 'ātō e 'ātōvō (também pronunciadas 'ātō e 'ātōvō), de uso representativo; a última acrescida do formativo -vo, que indica plural indefinido ou generalização de uma classe ou grupo de elementos definidos em seu conjunto (como em 'yūīnīvō, 'todos os bichos')<sup>19</sup>.

### 3.1.4.2 — 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. pessoas do singular e do plural

A marcação de caso ergativo, nas formas de 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. pessoas, do singular e do plural, é do tipo (a). Como são dissílabos que apresentam proeminência na primeira sílaba, com a marcação de caso, ocorre nasalização da última sílaba, elevação da vogal média ou baixa e transferência de proeminência da segunda sílaba para a primeira. O padrão binário do caso absolutivo ' - ~ fica invertido no caso ergativo ~ ' - .

Tal é o sistema para a 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. pessoas, do singular e do plural, em suas formas livres, no caso absolutivo e no caso ergativo:

	SINGULAR		PLURAL	
	absolutivo	ergativo	absolutivo	ergativo
1. <sup>a</sup> pessoa	'ūă	ű'ē	'nūkű	nű'kű
2. <sup>a</sup> pessoa	'mīă	mǐ'ē	'mătǒ	mă'tű

Quadro 3.1

As sentenças transitivas abaixo apresentam as formas em questão, nos casos absolutivo e ergativo:

(8)

ű'ē

eu- ERG

ű'ē

vocês- ABS

mătǒ

1S

űfű'tűűű

PRES

empurrar

‘Eu empurrei você.’

mǐ'ē

você- ERG

mǐ'ē

nós- ABS

'nūkű

2S

mǐfű'tűűű

PRES

empurrar

nű'kű

nós- ERG

nű'kű

vocês- ABS

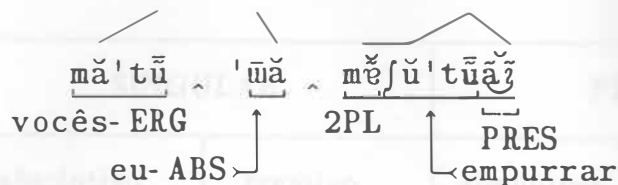
'mīă

1PL

nűfű'tűűű

PRES

empurrar



‘Vocês empurraram eu.’

### 3.1.4.3 — 3<sup>a</sup> pessoa do singular e do plural

A marcação de caso ergativo para a 3<sup>a</sup> pessoa do singular é do tipo (b); como as formas absolutivas são monossílabos com autonomia rítmica, sua proeminência se preserva quando a elas se acrescenta o formativo marcador de caso ergativo nasalizado -tũ. Essa nasalidade é assimilada pela vogal baixa da base, que é então elevada. O

resultado é um padrão binário ' - ˘. No plural, ocorre marcação de caso ergativo dos tipos (a) e (b). Para os trissílabos terminados em vogal nasal, ocorre o acréscimo do formativo marcador de caso ergativo -ni, sem alterações de proeminência silábica. Nesse

caso, surge o padrão rítmico derivado ' - ˘ ˘ ˘. Para o trissílabo terminado em vogal oral média, ocorre apenas a nasalização e elevação dessa vogal, permanecendo o padrão

ternário ' - ˘ ˘. A forma dissilábica 'ātõ só é utilizada no caso absoluto, como objeto.

Tem-se assim o sistema para a 3<sup>a</sup> pessoa do singular e do plural, em suas formas livres, no caso absoluto e no caso ergativo:

	SINGULAR		PLURAL	
	absolutivo	ergativo	absolutivo	ergativo
3 <sup>a</sup> . pessoa	'ā	'ētŭ	'ārāsĭ	'ārāsĭnĭ
(campo representativo)	-	-	'ātō	-
	-	-	'ātōvō	'ātōvŭ
3 <sup>a</sup> . pessoa	'wā	'wētŭ	'wārāsĭ	'wārāsĭnĭ
(campo mostrativo)				

Quadro 3.2

As sentenças transitivas abaixo são exemplos do emprego das formas livres de 3<sup>a</sup>. pessoa do singular e do plural, nos casos absolutivo e ergativo.

(9)

'ē

tŭ

ele(a)

ERG

ele(a) - ABS

~ 'ā ~

ŭ

tŭ

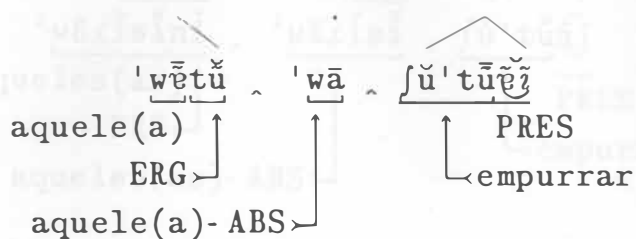
ē

ĭ

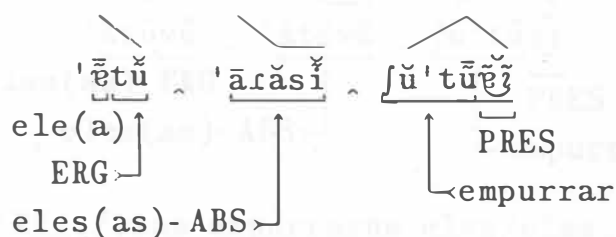
PRES

empurrar

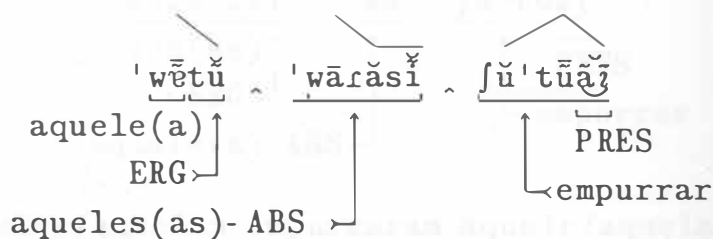
'Ela/ela empurrou ele/ela.'



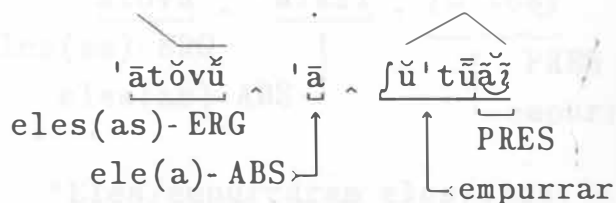
'Aquele/aquela empurrou aquele/aquela' ou  
'Ele/ela empurrou ele/ela.'



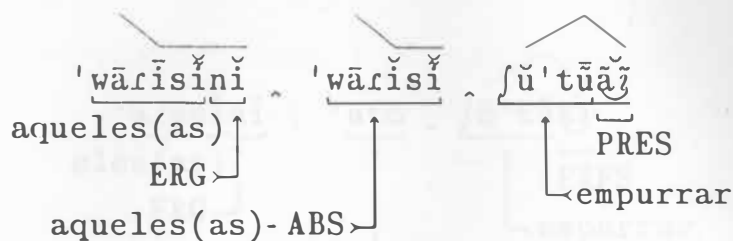
'Ele/ela empurrou eles/elas.'



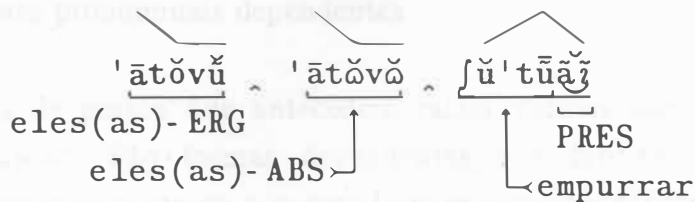
'Aquele/aquela empurrou aqueles/aquelas.' ou  
'Ele/ela empurrou eles/elas.'



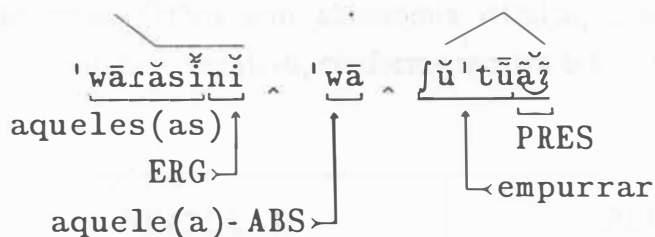
'Eles/elas empurraram ele/ela.'



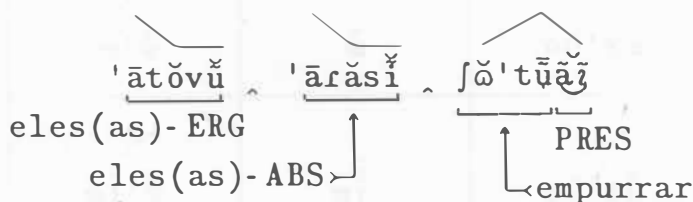
‘Aqueles/aqueles empurraram aqueles/aqueles.’ ou  
 ‘Eles/elas empurraram eles/elas.’



‘Eles/elas empurraram eles/elas.’

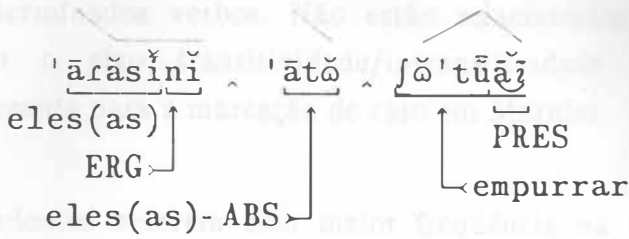


‘Aqueles/aqueles empurraram aquele/aquele.’ ou  
 ‘Eles/elas empurraram ele/ela.’



‘Eles/empurraram eles/elas.’





‘Eles/elas empurraram eles/elas.’

3.1.5 — Formas pronominais dependentes

Os marcadores de pessoa que antecedem raízes verbais são interpretados como co-referentes ao sujeito. São formas dependentes que funcionam como pronomes anafóricos, co-referentes ao nome ou pronome livre sujeito. Antecedendo nomes, exercem também a função de pronomes possessivos (quando não são co-referentes ao sujeito) (v. 3.7.2.1).

Essas formas são monossílabos sem autonomia rítmica, que são contrações das formas pronominais livres, no caso ergativo, conforme mostra o sistema:

	SINGULAR		PLURAL	
	forma livre	forma dependente	forma livre	forma dependente
1 <sup>a</sup> . pessoa	ǔ'ē	ụ̌	nũ'kũ	nụ̃
2 <sup>a</sup> . pessoa	mǐ'ē	mị̌	mǎ'tũ	mẹ̄
3 <sup>a</sup> . pessoa	'ētũ	ẹ̄	'ātǔvũ	ātụ̃

Quadro 3.3

Tais marcadores estão relacionados à concordância com o sujeito, seja ele absolutivo ou ergativo. Ocorrem tanto em orações transitivas como em orações

intransitivas, com determinados verbos. Não estão relacionados, portanto, como se poderia esperar, com o eixo transitividade/intransitividade. Dessa maneira, a concordância não é relevante para a marcação de caso em Marubo.

As formas dependentes ocorrem com maior frequência na 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. pessoas do singular e do plural. As sentenças abaixo mostram essas formas concordando com sujeito absoluto:

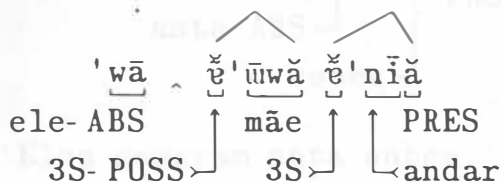
- (10) a.
- |   |   |
|---|---|
| <p>'uã mũ' nũãž</p> <p>eu- ABS      1S      PRES</p> <p>dançar</p> <p>'Eu danço.'</p> | <p>'nũkũ mũ' nũãž</p> <p>nós- ABS      1PL      PRES</p> <p>dançar</p> <p>'Nós dançamos.'</p> |
|---|---|
- b.
- |  |   |
|--|---|
| <p>'miã mũ' nũãž</p> <p>você- ABS      2S      PRES</p> <p>dançar</p> <p>'Você dança.'</p> | <p>'mātũ mũ' nũãž</p> <p>vocês- ABS      2PL      PRES</p> <p>dançar</p> <p>'Vocês dançam.'</p> |
|--|---|
- c.
- |   |  |
|---|--|
| <p>'wã mũ' nũãž</p> <p>ele- ABS      PRES</p> <p>dançar</p> <p>'Ele dança.'</p> | <p>'wãfãšĩ mũ' nũãž</p> <p>eles- ABS      PRES</p> <p>dançar</p> <p>'Eles dançam.'</p> |
|---|--|

A ocorrência de formas dependentes de 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. pessoas, do singular e do plural, com sujeito ergativo pode ser vista em (8).

Com relação às formas dependentes de 3<sup>a</sup>. pessoa, sua ocorrência é pouco frequente, como se pode ver em (10)c. Aparecem, geralmente, em sentenças com mais de um argumento (objeto direto ou indireto). As sentenças em (11)a e b mostram a

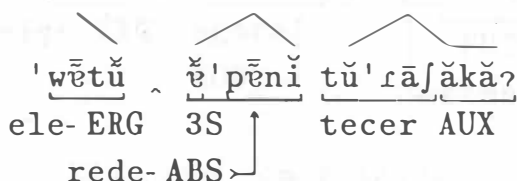
ocorrência das formas dependentes de 3<sup>a</sup> pessoa do singular concordando com sujeitos absolutivo e ergativo, respectivamente:

(11) a.



‘Ele anda com a mãe (dele).’

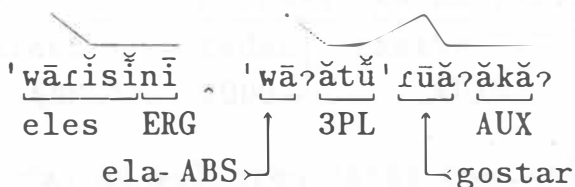
b.



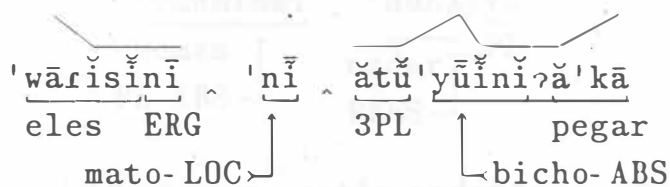
‘Ele está tecendo rede.’

No plural, a forma dependente de terceira pessoa aparece, em raríssimos casos, concordando apenas com sujeito ergativo. Como exemplo, tem-se:

(12)



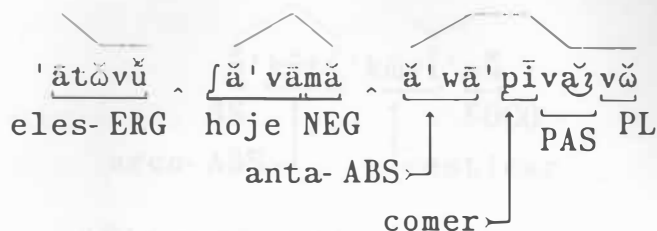
‘Eles gostam dela.’



‘Eles pegam bicho no mato.’

Nesse caso, a preferência é pela concordância através do formativo –vo, que indica plural e que, juntamente com outros formativos, é sufixado à raiz verbal:

(13)



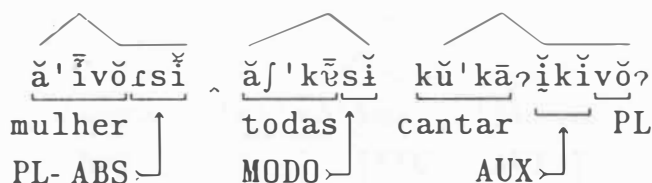
'Eles comeram anta ontem.'



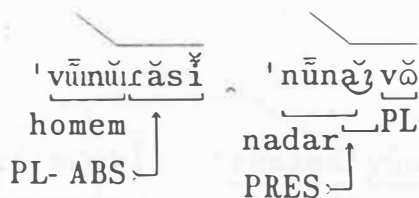
'Eles vão comer agora.'

A preferência pela concordância através do formativo **-vo** também se dá em sentenças com sujeito absolutivo:

(14)



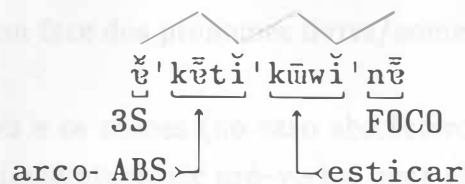
'Todas as mulheres estão cantando.'



'Os homens estão nadando.'

Com sujeito absolutivo ou ergativo não explicitado, a forma dependente de 3<sup>a</sup>. pessoa do singular pode ocorrer ou não:

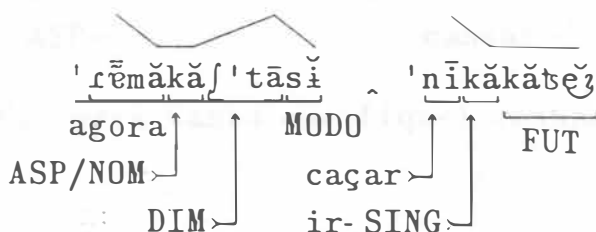
(15) a.



‘Ele está esticando o arco.’

(resposta à pergunta: ‘O que ‘tjēno está fazendo?’)

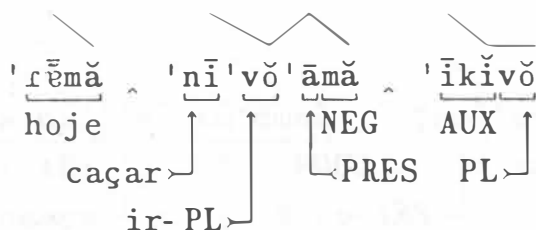
b.



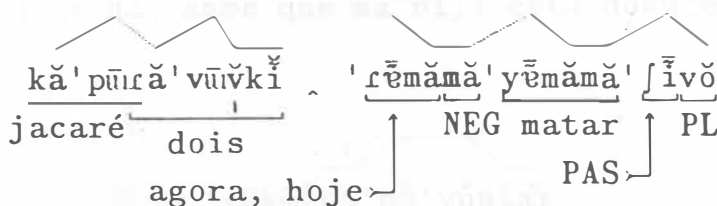
‘Daqui a pouco ele vai caçar.’

No plural, com sujeito absolutivo ou ergativo não explicitado, só ocorre a concordância através do formativo - vo:

(16)



‘Ninguém foi caçar hoje.’

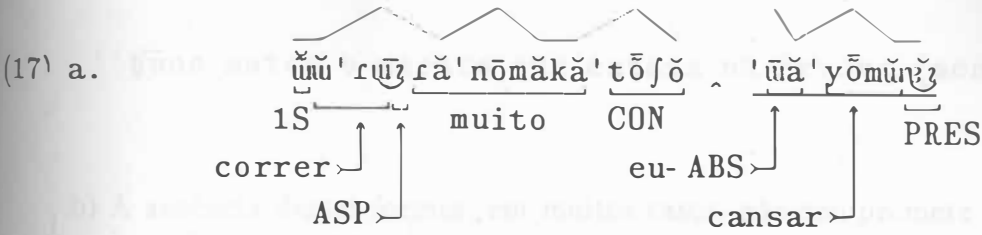


‘Há muito tempo eles mataram dois jacarés.’

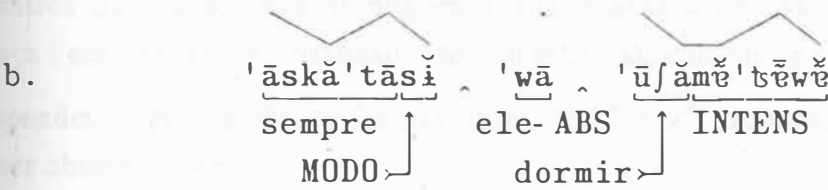
A classificação dessas formas como formas dependentes se baseia no conjunto dos fatos relacionados abaixo:

1) A sua ocorrência em face dos pronomes livres/nomes.

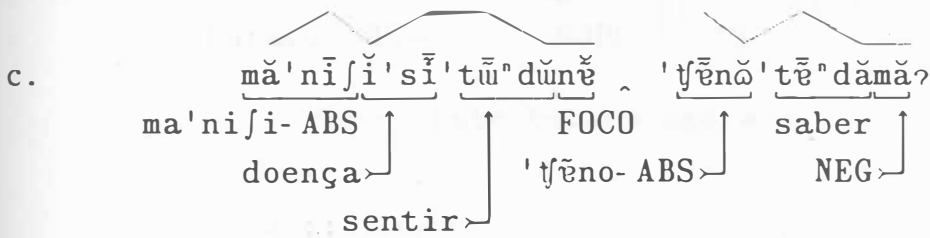
a) Os pronomes livres e os nomes (no caso absolutivo ou no caso ergativo) podem ocorrer na mesma posição imediatamente pré-verbal ocupada pelas formas dependentes:



‘Eu corri tanto que fiquei cansado.’

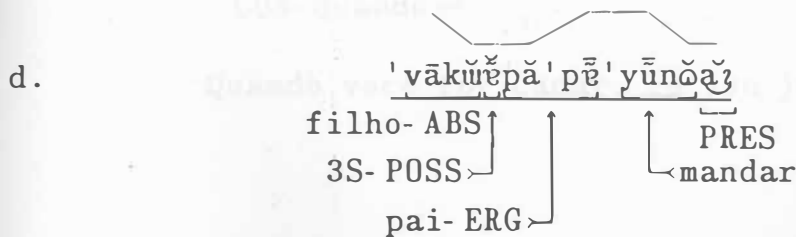


‘Ele dorme muito (sempre).’



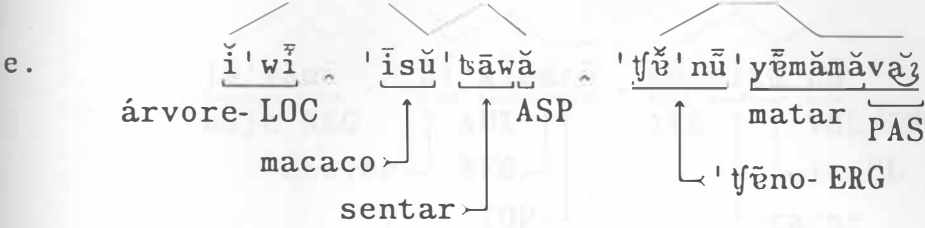
(‘ma'nifi está doente; 'tjẽno não sabe.’) ou

‘‘tjẽno não sabe que ma'nifi está doente.’



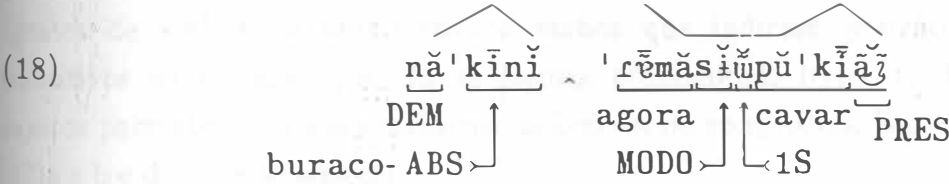
(‘O filho o pai dele manda.’) ou

‘O pai manda no filho.’

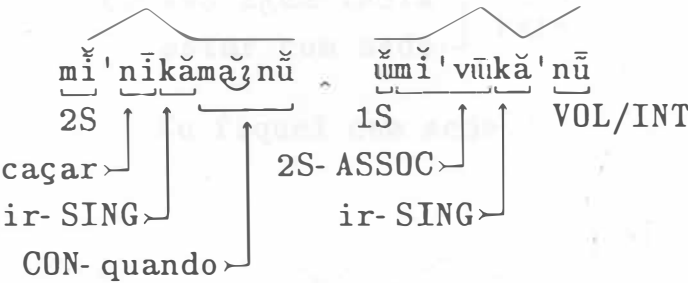


‘tjẽno matou o macaco que estava na árvore (sentado).’

b) A ausência dessas formas, em muitos casos, não compromete a gramaticalidade da oração; tanto que as formas de 3<sup>a</sup>. pessoa ocorrem com pouca freqüência (conforme (10)c). O pronome livre (na função de sujeito absolutivo ou de sujeito ergativo) também pode ser omitido, bastando a presença da forma dependente para a compreensão pragmática da oração. A sentença em (15)a mostra a omissão do sujeito ergativo e a sentença em (15)b a omissão do sujeito absolutivo e da forma dependente correspondente. A omissão de formas livres de 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. pessoas, do singular e do plural, pode ser observada em:



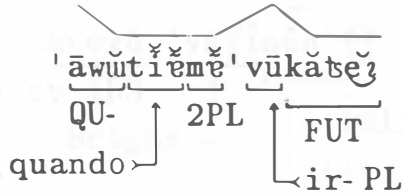
‘Cavei este buraco agora.’



‘Quando você for caçar, eu vou junto.’

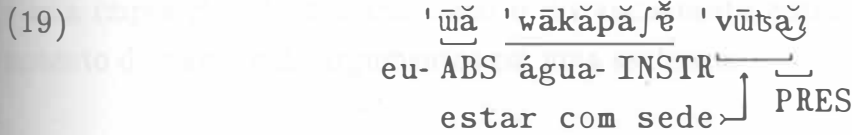


'Se amanhã não chover, nós vamos caçar.'

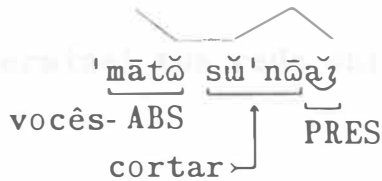


'Quando que vocês vão?'

c) Apesar de a omissão atingir tanto formas pronominais livres quanto as formas que são objeto de atenção, essas últimas tendem a ocorrer concordando com sujeitos agentes de verbos de movimento e verbos que indicam posição do corpo – sejam transitivos ou intransitivos. Já as formas pronominais livres tendem a ocorrer como sujeitos pacientes de verbos estativos, reflexivos ou reciprocais. É o caso dos exemplos em (17)a e b e dos que se seguem:

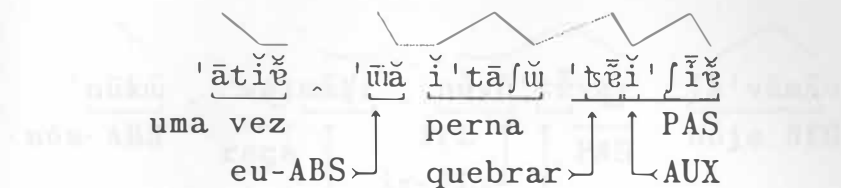


'Eu fiquei com sede.'

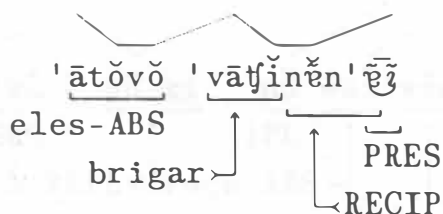


'Vocês se cortaram.'





(‘Uma vez eu perna-quebrei.’) ou  
 ‘Uma vez eu quebrei a perna.’

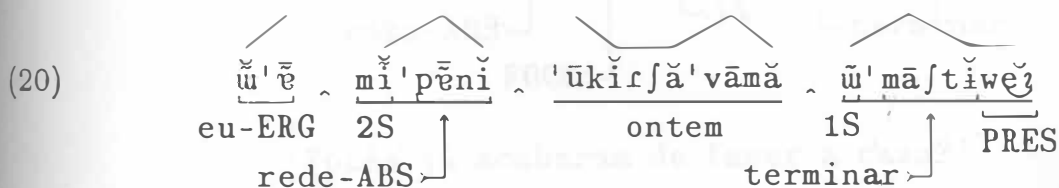


‘Eles brigaram.’

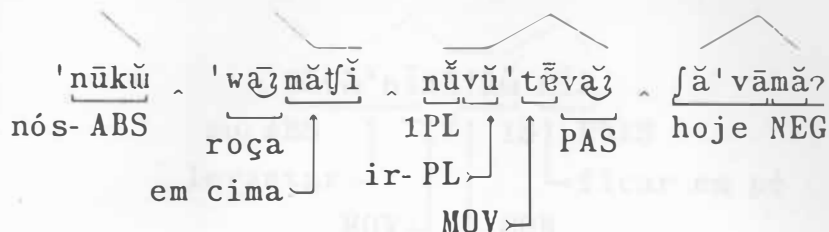
Pelo que os dados sugerem, a ocorrência das formas dependentes está condicionada ao tipo de verbo – parece haver uma relação entre o uso de formas dependentes e formas livres e o eixo ativo–não ativo, respectivamente.

Outro fator condicionador da ocorrência de formas dependentes é o número de argumentos e a complexidade de uma sentença.

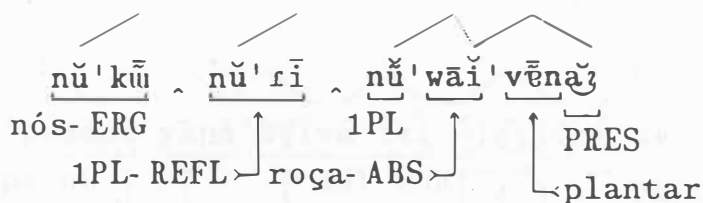
d) A tendência à incidência maior na ocorrência de formas dependentes está ligada a uma imposição identificada como o distanciamento entre o sujeito e o verbo, com o aumento do número de argumentos em uma sentença:



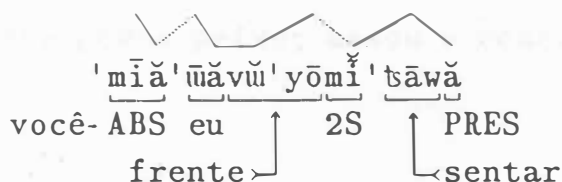
‘Eu terminei tua rede ontem.’



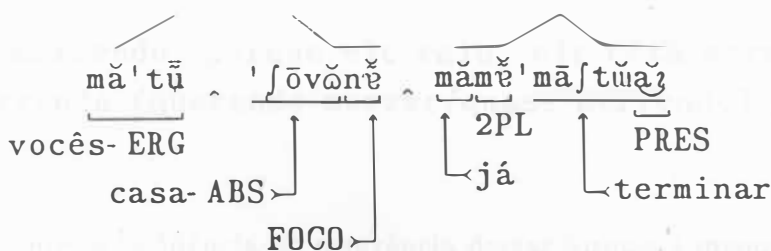
‘Nós fomos na roça ontem.’



‘Nós plantamos roça pra nós mesmos.’

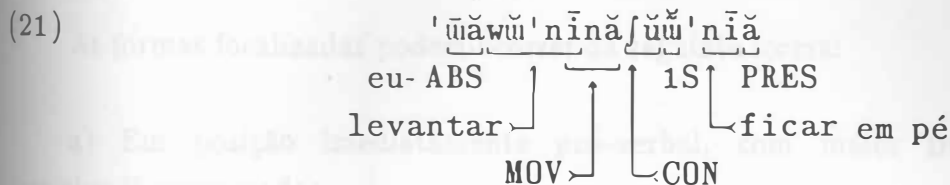


‘Você está sentado na minha frente.’

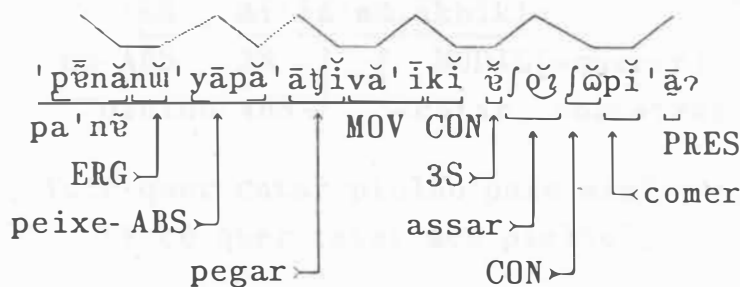


‘Vocês já acabaram de fazer a casa?’

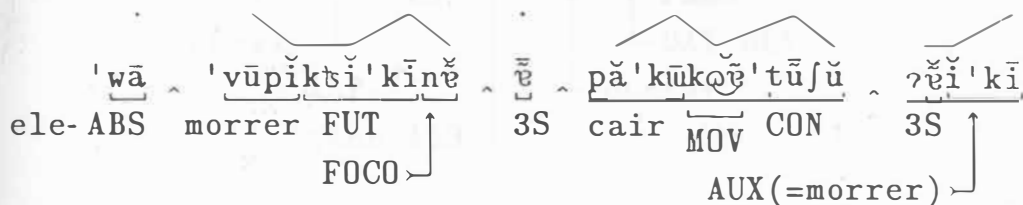
A incidência de formas dependentes é também maior em orações coordenadas e em orações subordinadas:



(‘Eu levantei e estou/fiquei em pé.’) ou  
‘Eu estou em pé.’



‘Pană pegou peixe, assou e comeu.’



(‘Ele está morrendo; porque ele caiu, ele está morrendo.’) ou  
‘Ele está morrendo (querendo morrer/quase morrendo) porque caiu.’

e) Inversamente, a incidência na ocorrência dessas formas é menor em orações com um só argumento ou orações simples, com menor distanciamento entre o sujeito e o verbo, conforme exemplos em (19).

## II) O seu posicionamento em relação às formas presas da língua.

As formas em questão, de maneira idêntica a formas pronominais livres, se posicionam à esquerda de raízes nominais ou verbais. Diferenciam-se, portanto, dos formativos, que geralmente são formas presas, os quais se posicionam à direita de raízes nominais ou verbais.

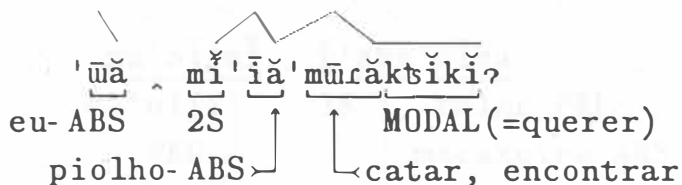
### III) As várias possibilidades de ocorrência dentro da sentença.

As formas focalizadas podem ocorrer da seguinte forma:

a) Em posição imediatamente pré-verbal, com maior freqüência, conforme exemplos já enumerados.

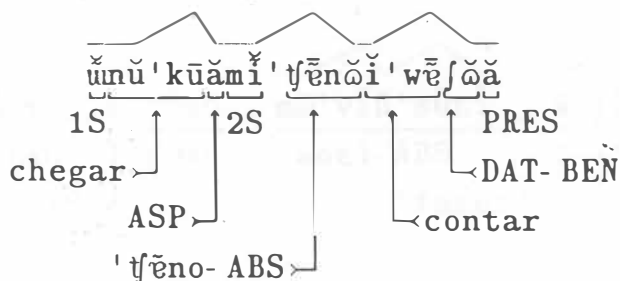
b) Antes de um objeto:

(22) a.



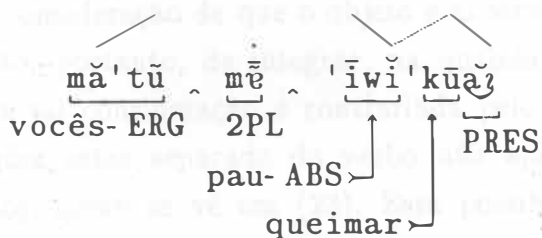
(‘Você quer catar piolho para mim?’) ou  
‘Você quer catar meu piolho?’

b.



‘Você contou pra ‘tĩẽnĩĩ que eu cheguei?’

c.



‘Vocês queimaram o pau.’

- d.
- $\begin{array}{c} \text{'wētŭ} \quad \text{'ē} \quad \text{'pēnĭ} \quad \text{tŭ' rāfākă} \\ \text{ele- ERG} \quad \text{3S} \quad \text{rede- ABS} \quad \text{AUX} \\ \text{rasgar} \end{array}$

'Ele rasgou a rede.'

- e.
- $\begin{array}{c} \text{mă'nĭfĭnĭ} \quad \text{'ē' ātă' nīsă} \\ \text{ma'ni fĭ} \quad \text{3S} \quad \text{ralar- PRES} \\ \text{ERG} \quad \text{macaxeira- ABS} \end{array}$

'ma'ni fĭ está ralando macaxeira.'

c) Antes de dois objetos:

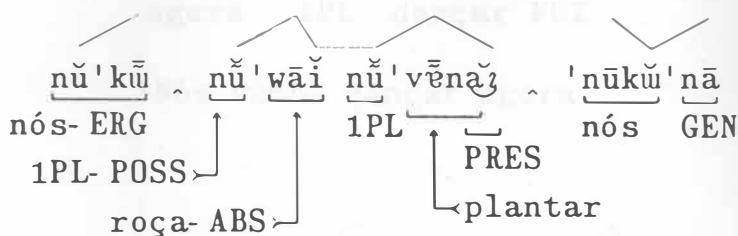
- (23)
- $\begin{array}{c} \text{'ŭ' ē} \quad \text{'ŭ' t'ēnō} \quad \text{mŭ'viŭ' sŭtĭ} \quad \text{'ă' fŭktă} \\ \text{eu- ERG} \quad \text{1S} \quad \text{'t'ēno} \quad \text{anel- ABS} \quad \text{'fazer'} \quad \text{FUT} \\ \text{DAT- BEN} \end{array}$

'Eu vou fazer anel para 't'ēno.'

A ocorrência de um objeto interposto entre o verbo e os marcadores de pessoa em questão poderia levar à consideração de que o objeto é aí forma incorporada e que esses marcadores têm condição, portanto, de integrar, na qualidade de prefixos, a palavra verbo. No entanto, uma tal consideração é contrariada pelo fato de o mesmo tipo de marcador de pessoa poder estar separado do verbo não apenas por um objeto, mas também por dois objetos, como se vê em (23). Essa possibilidade compromete, para situações como essa, a hipótese da incorporação do objeto em Marubo: conforme observação feita por Mithun (1984), a partir de um survey de construções com incorporação nominal em línguas do mundo, a incorporação de mais de uma raiz nominal em único tema verbal é geralmente impossível<sup>20</sup>. Comprometida a hipótese da incorporação do objeto em casos como (23), não pode ser considerado como prefixo em uma palavra verbo o marcador de pessoa que está separado do tema verbal por mais de um objeto.

d) Em posição imediatamente pré-verbal e depois de objeto:

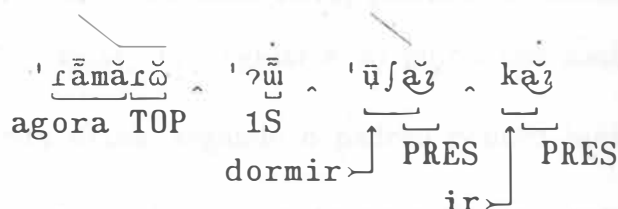
(24)



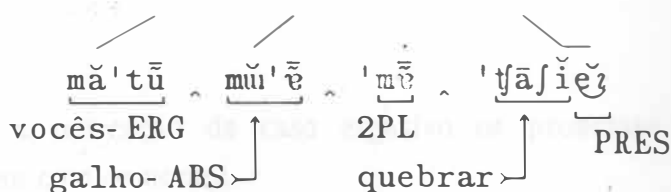
‘Nós plantamos (nossa) roça pra nós mesmos.’

Além dos fatores mencionados, mais um fator – a velocidade de fala – aponta para a consideração das formas pronominais focalizadas como dependentes. Em velocidade de fala lenta, e mesmo em velocidade de fala normal, essas formas são segmentadas separadamente das raízes verbais, como se pode ver em (22)c e d, realizadas em velocidade de fala normal e nas sentenças seguintes, em velocidade de fala lenta:

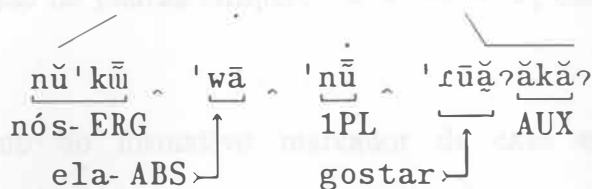
(25)



‘Agora eu vou dormir.’



‘Vocês quebraram o galho.’



‘Nós gostamos dela.’

'r̥mă   'nũ   mũ'nūkătsă
   
 agora   1PL   dançar FUT

‘Nós vamos dançar agora.’

'miă   'uăvũ'yō   'mĩ   tsă'ũă
   
 você- ABS   eu frente   2S   PRES
   
 sentar

‘Você está sentado na minha frente.’

### 3.1.6 — Padrões rítmicos em formas pronominais no caso ergativo

Os pronomes livres, no caso absoluto, possuem as mesmas características dos nomes: os de 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. pessoas, do singular e do plural são dissílabos que apresentam proeminência na primeira sílaba, segundo o padrão rítmico binário ' - √. Os de 3<sup>a</sup>. pessoa do singular são monossílabos com autonomia rítmica, com o padrão ' - . Para a 3<sup>a</sup>. pessoa do plural, há trissílabos com proeminência na primeira sílaba, apresentando o padrão ternário ' - √ √. Há também um dissílabo, que se comporta como as formas de 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. pessoas.

Ao receberem a marcação de caso ergativo os pronomes sofrem as mesmas alterações que ocorrem com os nomes.

Com a transferência de proeminência das formas de 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. pessoas, do singular e do plural, ocorre inversão do padrão rítmico: ' - √ → √' - , conforme se pode observar no Quadro 3.1.

Com o acréscimo do formativo marcador de caso ergativo aos trissílabos terminados em vogal nasal, surge o padrão derivado ' - √ √ √, como mostra o Quadro 3.2.

Finalmente, com nasalização do trissílabo terminado em vogal oral, prevalece o padrão ternário ' - √ √, como se vê, também no Quadro 3.2.

Tem-se a concluir que, novamente, os padrões rítmicos gerais são respeitados.

Com relação às formas dependentes, sendo essas desprovidas de autonomia rítmica, elas se cliticizam às raízes verbais, à esquerda, submetendo-se aos padrões rítmicos gerais (v. 4.1.4). Cliticizadas, essas formas levam ao rompimento do limite de uma sílaba não proeminente antes de sílaba proeminente no interior da palavra (cf. 2(20)). Elas, portanto, se cliticizam a verbos mas não são parte de uma palavra verbo, da mesma forma que se cliticizam a nomes mas não são parte de uma palavra nome.

Fora da palavra verbo, a existência dessas formas pronominais dependentes abre possibilidades para a investigação sintática da língua. Não sendo prefixos, tais formas poderiam desempenhar a função de sujeito e, assim, levar não só ao questionamento da função sintática do que está-se chamando de sujeito de uma oração transitiva (marcado pelo caso ergativo), mas também levar a uma explicação para o fato de esse último ser marcado – como se verá à frente – da mesma forma que os casos locativo, instrumental, meio e genitivo-possessivo. Devido aos objetivos do presente trabalho, essas possibilidades abertas para a análise sintática do Marubo não serão exploradas aqui.



### 3.2 — Caso locativo

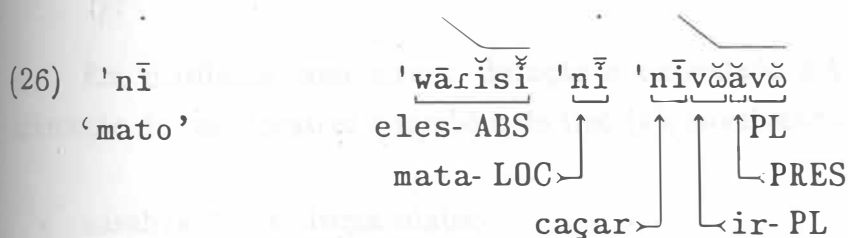
O **caso locativo** pode ser expresso, em Marubo, de várias maneiras, dependendo do tipo de verbo e da relação espacial que se estabelece entre o sujeito e o objeto da oração. Verbos com objeto locativo tipicamente codificam 'estar em', 'mover-se para', ou 'mover-se de' um local. O objeto locativo é então, o **ponto de referência locacional** em relação ao qual o sujeito se localiza ou se move (cf. Givón (1984: 109–112)). Pode ser também a **fonte** ou **alvo direcional** de mudança do objeto.

Morfologicamente, o **caso locativo** é marcado, basicamente, como o **caso ergativo**.

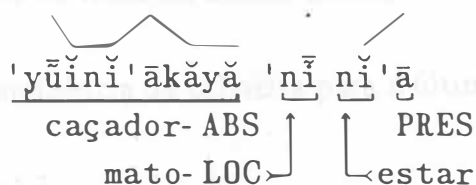
#### 3.2.1 — Tipo (a) – nasalização; alterações fonológicas

##### Nomes Monossilábicos

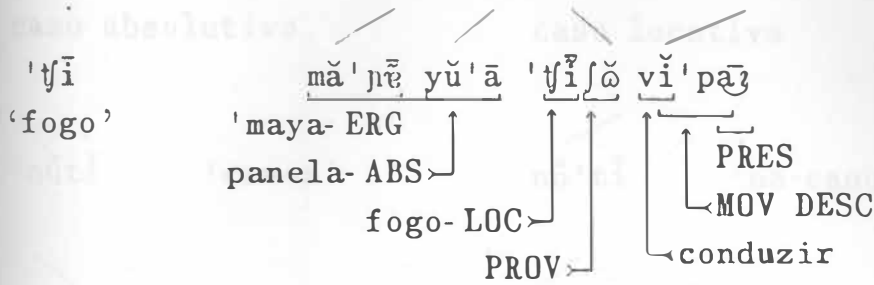
Em monossílabos, que sempre apresentam altura, duração e tonicidade máximas, a marcação de caso locativo é do tipo (a) – faz-se através da nasalização da vogal alta nos dois exemplos disponíveis com marcação de caso locativo; permanece, assim, o esquema rítmico ' –:



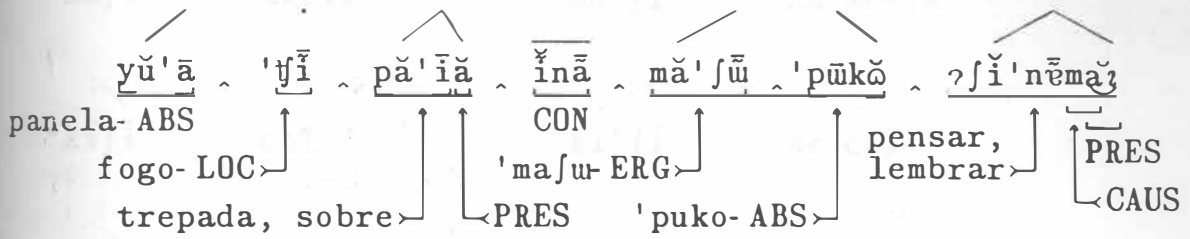
'Eles foram caçar na mata.'



'O caçador está no mato.'



'maya tirou a panela do fogo.'



'maʃu lembrou 'puko que a panela estava no fogo (trepada, sobre).'

### Nomes dissilábicos

Em dissílabos com altura, duração e tonicidade máximas na primeira sílaba, a marcação de caso locativo é também do tipo (a), envolvendo:

- nasalização da última sílaba;
- elevação da vogal média ou baixa da última sílaba;
- vogal não-tensa torna-se tensa na última sílaba;
- transferência de proeminência da primeira para a última sílaba.

Com a transferência de proeminência, inverte-se o padrão rítmico: ' \_ → ' \_ . Segue, abaixo, uma relação de nomes dissilábicos, que, como viu-se, são os de maior frequência, no caso absolutivo e no caso locativo, respectivamente:

## (27) caso absoluto

## caso locativo

'nūtĩ

'canoa'

nũ'tĩ

'na canoa'

'ĩwĩ

'árvore'

ĩ'wĩ

'na árvore'

'māfĩ

'areia'

mă'fĩ

'na areia'

'kĩfĩ

'colo'

kĩ'fĩ

'no colo'

'mūvĩ

'mão'

mũ'vĩ

'na mão'

'pēnĩ

'rede'

pă'nĩ

'na rede'

'kĩnĩ

'buraco'

kĩ'nĩ

'no buraco'

'nāĩ

'céu'

nă'ĩ

'no céu'

'māĩ

'terra, chão'

mă'ĩ

'na terra, no chão'

'wāĩ

'roça'

wă'ĩ

'na roça'

'vāĩ

'caminho'

vă'ĩ

'no caminho'

'ũĩ

'chuva'

ũ'ĩ

'na chuva'

'māpǒ	'cabeça'	mǎ'pũ	'na cabeça'
'fōvǒ	'casa, maloca, aldeia'	fǒ'vũ	'na casa, na maloca, na aldeia'
'pōstǒ	'barriga'	pǒs'tũ	'na barriga'
'wākǎ	'rio, água'	wǎ'kē	'no rio, na água'

Alguns exemplos da manifestação do caso locativo em contexto são:

- (28) a. 'yāpǎ wǎ'kē ou wǎ'yāpǎ wǎ'kē nzā  
           ↑                  ↑                  ↑                  ↑  
           água- LOC          peixe- ABS          DEM          água- LOC          PRES  
   ↑  
   estar

'O peixe está na água.'

'O peixe está/fica/anda/vive  
na água.'

b.

'wā vǎ'ĩ kǎ'kǎ  
       ↑                  ↑                  ↑  
       ele- ABS          caminho- LOC          ir          PRES  
   ↑  
   ir

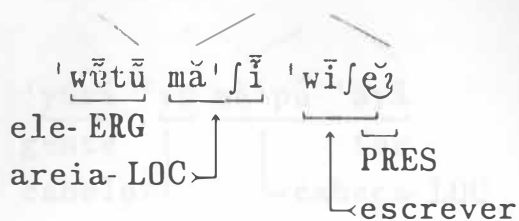
'Ele está andando/indo no caminho.'

c.

'yūpǎ wǎ'ĩ 'kǎ  
       ↑                  ↑                  ↑  
       'yupa- ABS          roça- LOC          ir          PRES

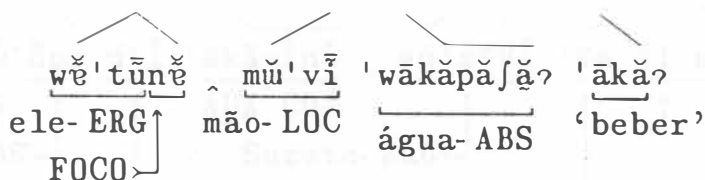
'yupa foi pra roça.'

d.



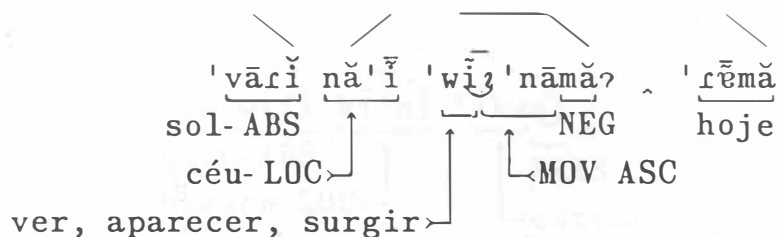
‘Ele está escrevendo na areia.’

e.



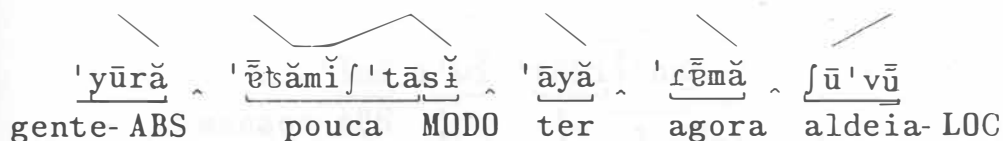
‘Ele está bebendo na mão.’

f.



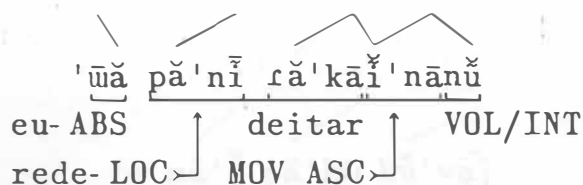
‘O sol não apareceu no céu hoje.’

g.



‘Tem pouca gente na aldeia agora.’

h.



‘Eu vou deitar na rede!’

- i. 'yūră 'vā mă'pū 'āyă  
 gente cabelo cabeça-LOC  
 ter

'Gente tem cabelo na cabeça.'

- j. ũ'ūpō ũ'ĩ 'ākā?ině sū'zēŋĩ 'ūă ĩ'nēmă?  
 1S AUX CON eu-ABS PRES CAUS  
 roupa-ABS chuva-LOC Suzete-ERG pensar, lembrar

'Suzete me lembrou que a roupa estava na chuva.'

- l. yă'wīfĩ kĩ'nĩ 'īkūă?  
 tatu-ABS buraco-LOC PRES  
 entrar

'O tatu entrou no buraco.'

- m. 'īsō ĩ'wĩ 'tūkĩĩ'nă?  
 macaco-ABS árvore-LOC mudar de posição PRES MOV ASC

'O macaco subiu na árvore.'

- n. 'ā mă'ĩ pă'kū kě'wă?  
 ele-ABS chão-LOC cair MOV PRES

'Ele caiu no chão.'

Em alguns nomes desse tipo, a marcação de caso locativo oscila entre o tipo (a) e a marcação através do acréscimo do formativo -ki, sem outras alterações fonológicas, do que resulta um padrão rítmico ternário ' - ~ ~:

(29)

'vūnĩ ~ 'mūvĩkĩ ~ mū'tīsĩ ~ 'āyā  
homem mão LOC unha ter

'Homem tem unha na mão.'

'vūnĩ ~ 'tāũkĩ ~ mū'tīsĩ ~ 'āyā  
homem pé LOC unha ter

'Homem tem unha no pé.'

mā'rĩĩ'vākũ ~ 'tāmōkĩ ~ ĩā'kūpiā ~ 'āyā  
Maria- GEN rosto ~ mancha ter  
filho LOC

'O filho de Maria tem uma mancha no rosto.'

### Nomes Trissilábicos

Também do tipo (a) é a marcação de caso de trissílabos, em que ocorre nasalização e elevação da vogal média da última sílaba, sem alteração de proeminência. Nesses casos, entretanto, essa nasalização pode provocar o aparecimento de uma nova sílaba, constituída de consoante nasal mais vogal alta harmonizada com a vogal precedente no que diz respeito à zona de articulação e postura dos lábios<sup>22</sup>. Além disso, a nasalidade da última sílaba da raiz se transfere para a nova sílaba.

(30) caso absoluto

caso locativo

'mātĩrõ 'barco, batelão' 'mātĩrũ ou 'mātĩrũnũ 'no batelão'

tsã'ūtĩ 'banco'      tsã'ūtĩ ou tsã'ūtĩĩ 'no banco'

Tal processo se manifesta também com a marcação de caso ergativo no nome próprio trissilábico:

(31) caso absolutivo      caso ergativo

mã'nĩfĩ 'nome próprio'      mã'nĩfĩ ou mã'nĩfĩĩ 'nome próprio  
ERG'

Com o aparecimento da nova sílaba, surgem padrões rítmicos derivados:

' \_ \_ \_ \_ ou \_ ' \_ \_ \_ (cf. (32)b e (33)b). As sentenças seguintes mostram essa variação:

(32) a.      'ũã 'mātĩrũ' fũ ũ'kāyāĩ'nāz  
eu- ABS      batelão- LOC      PROV      1S      ir      ASP      PRES      MOV ASC

'Eu saí do batelão.'

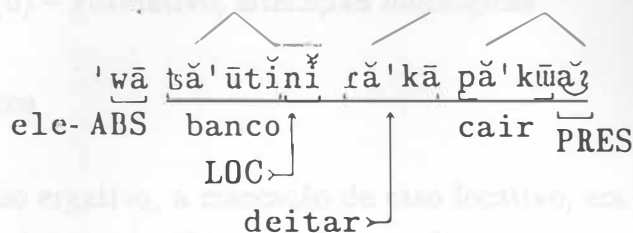
b.      'ũã 'mātĩrũnũ' fũ ũ'kāyāĩ'nāz  
eu- ABS      batelão- LOC      PROV      1S      ir      ASP      PRES      MOV ASC

'Eu saí do batelão.'

Mas a preferência é pela marcação com a nova sílaba:

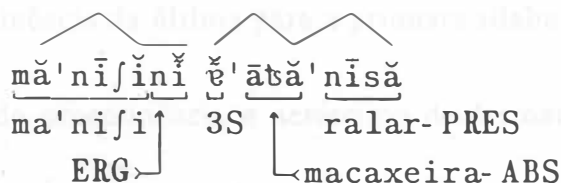


(33) a.



‘Ele deitou no banco.’

(33) b.



‘ma'niŋi está ralando macaxeira.’

### Nomes complexos

Em nomes morfologicamente complexos, com mais de três sílabas, o caso locativo é marcado também pela nasalização e elevação da vogal baixa da última sílaba, no único dado disponível; o esquema rítmico permanece inalterado, nesse caso:

(34) caso absolutivo

caso locativo

'wākǎpǎfǎ

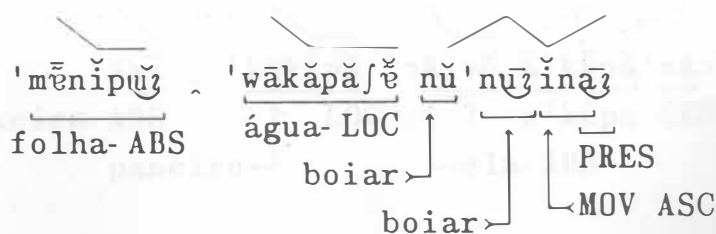
‘água’

'wākǎpǎfě

‘na água’

Um exemplo desse tipo de marcação de caso locativo é:

(35)



‘A folha está boiando na água.’

### 3.2.2 — 'Tipo (b) – Formativo; alterações fonológicas

#### Nomes dissilábicos







Como para o caso ergativo, a marcação de caso locativo, em dissílabos com altura, duração e tonicidade máximas na última sílaba, envolve:

- acréscimo de formativo marcador de caso locativo - pa
- transferência de proeminência da última para a primeira sílaba.





Com a transferência de proeminência e acréscimo do formativo, surge o padrão rítmico ternário ' - ∨ ∨. A mesma marcação se faz em nomes complexos formados a partir do caso genitivo, em que o elemento determinado também compartilha as características dos nomes em questão, conforme (36)c:

(36) Caso absolutivo

caso locativo

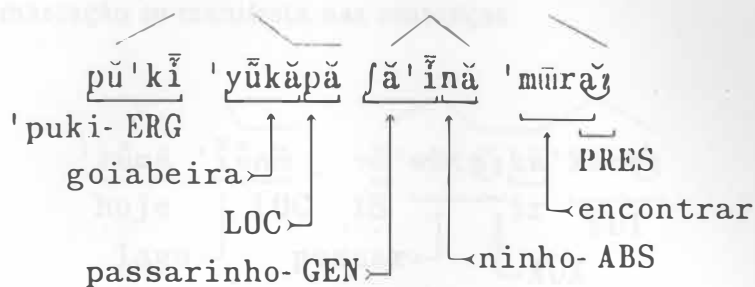
- a.  kũ'kĩ 'paneiro'       'kūkĩpǎ 'no paneiro'
- b.  yũ'kā 'goiabeira'       'yũkāpǎ 'na goiabeira'
- c.  vĩ'nũfǎ'vǎ 'buritizal'       vĩ'nũ'fǎvǎpǎ 'no buritizal'

Exemplos desse tipo de marcação de caso em contexto são:

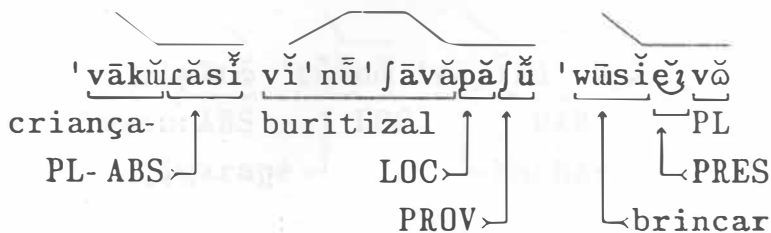
- (37)  'āṣǎ macaxeira- ABS       'kūkĩpǎ LOC       'ṛāivǎ ?       ā'kūpǎ' nǎ? a'kūpa GEN
- paneiro ↑      ela- ABS ↑

(‘A macaxeira no paneiro, ela é de a'kūpa.’) ou

‘A macaxeira que está no paneiro é de a'kūpa.’



'puki encontrou um ninho de passarinho na goiabeira.'



'As crianças estão brincando no buritizal.'

Da mesma forma que no caso ergativo, nos dissílabos desse tipo, mas com vogal portadora de nasalidade na última sílaba, a marcação do caso locativo acarreta<sup>23</sup>:

- aparecimento de uma nova sílaba constituída de consoante nasal mais vogal alta harmonizada com a vogal precedente;
- transferência de proeminência da última para a primeira sílaba;
- assimilação da nasalidade da vogal da última sílaba pela vogal da primeira.

Aqui também surge o padrão rítmico ternário ' \_ \_ \_ :

(38) caso absolutivo

caso locativo

ĩĩ

'lago'

ĩĩnũ

'no lago'

tũĩĩ

'igarapé'

tũĩĩnũ

'no igarapé'

Este tipo de marcação se manifesta nas sentenças:

- (39)
- |       |        |       |    |       |
|-------|--------|-------|----|-------|
| 'rēmă | 'iŕnũ  | 'wũtă | kă | 'kătě |
| hoje  | LOC    | 1S    | ir | FUT   |
| lago  | pescar | AUX   |    |       |

‘Hoje eu vou pescar no lago.’

- |            |        |         |       |
|------------|--------|---------|-------|
| 'mũtă      | 'tũŕnũ | 'năfıkă | 'wăyă |
| 'mũto- ABS | LOC    | HAB     |       |
| igarapé    | banhar |         |       |

‘‘mũto costuma tomar banho no igarapé.’

### 3.2.3 — Caso locativo marcado por posposição

Além da marcação de caso locativo, semelhante à marcação de caso ergativo (tipos (a) e (b)), há ainda a marcação através de um formativo locativo que, amplamente, significa ‘**lugar**’. É a posposição **namě**, assim considerada porque, seguindo-se Uspensky (1968), modifica uma raiz (ou palavra) e qualquer combinação equivalente. É um formativo neutro, ou sem autonomia rítmica, que só adquire proeminência na última sílaba quando, após o mesmo, mais um formativo é acrescentado à seqüência da qual faz parte **namě**.

Seu emprego se restringe a localidades ou nomes de localidades, como cidades, aldeias e rios, quando utilizados em português, e a sintagmas nominais compostos/orações dependentes, que conservam suas características rítmicas originais, com o acréscimo da posposição:

- |      |               |           |     |                 |           |
|------|---------------|-----------|-----|-----------------|-----------|
| (40) | 'wākātũ       | 'sīyănămă |     | 'mătŕikũ        | 'yākănămě |
|      | rio           | seco      | LOC | subida          | alto      |
|      |               |           |     |                 | LOC       |
|      | ‘no rio seco’ |           |     | ‘na terra alta’ |           |

nă'ivă'kĩfkanămě  
céu escuro LOC

‘no céu escuro’

'nĩtũ'kũskănămě  
mata cerrada LOC

‘na mata cerrada’

'pěni'fũninămě  
rede velha LOC

‘Na rede velha’

ũfã'vănămě  
1S POSS casa LOC

‘Na minha casa’

'kāsĩ'mĩrõnĩ'ănă'mě  
Casimiro morar LOC

‘Onde o casimiro mora’

sĩ'tātĩnămě  
cidade LOC

‘na cidade’

São fornecidas a seguir ocorrências desse tipo em contexto:

(41)

eu-ABS    'ũă    'ātă'lāyănămě    ũkă'těvăũ  
Atalaia LOC    1S    PAS  
ir/ MOV- DIR

‘Eu fui a Atalaia.’

mă'năõsnămě    măũ'kăyă  
Manaus LOC    já    ir ASP  
1S

‘Eu já fui a Manaus.’

hă'kēō 'pōſtōnāmě ă'rīſtă 'ūvăž  
 Raquel- ABS posto LOC sozinha vir PAS

‘Raquel veio para o posto sozinha.’

'vīnă sī'tāſſinōmě nŭ'tī'kăž  
 'vina- ABS cidade LOC canoa- MEIO ir PRES

‘'vina foi para a cidade de canoa.’

'žōzi'něi 'žāvărīnāmě nī'ă  
 Josenei- ABS Javari LOC estar ASP

‘Josenei está no Javari.’

'ū'ă 'nūnōſō tă'ūkă'ī 'mārō'naōnāmě ū'kăž  
 eu- ABS aqui PROV pé- MEIO PRES Maronal LOC 1S ir PRES

‘Eu fui a pé daqui até o Maronal (nome de aldeia).’

'măimě'kūkănŭmě 'žŭi'žiki  
 terra seca LOC chover AUX

‘Choveu na terra seca.’



### 3.2.4 — Caso locativo e informações semânticas específicas

#### 3.2.4.1 — Indicação de posição

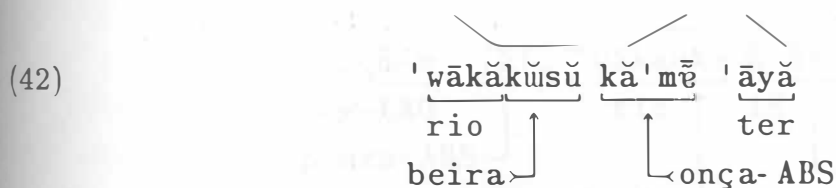
##### Caso locativo de origem genitivo-nominal

Pelo exposto, tem-se que, em Marubo, a marcação de caso locativo dos tipos (a) e (b); e a marcação através da posposição **namũ**, genericamente, significam 'lugar'.

O objeto locativo, entretanto, pode ser mais especificado, semântica e morfológicamente, de acordo com características específicas da relação espacial entre o sujeito e o objeto.

Assim, há ainda, outro tipo de marcação de caso locativo, originário de construções complexas do caso genitivo-nominal, em que o núcleo é reanalisado como um marcador de caso locativo e o modificador é reanalisado como o novo núcleo da construção.

Como se pode ver em 3.7.1, a ordem da construção genitivo-nominal é determinante-determinado; ou modificador-núcleo. Dado que o núcleo é reanalisado como um marcador de caso locativo, originam-se, então, os marcadores de caso locativo posposicionais (cf. Givón (1984: 180-181, 229-230)). Um exemplo em que isso se observa claramente é:



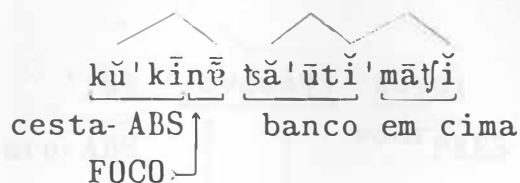
'Tem onça perto/na beira do rio.'

Essas posposições são empregadas em construções locativas não direcionais, mas estáticas, como indicadores de 'posição'. Como posposições, podem conservar suas características rítmicas originais; entretanto, podem, também, submeter-se à sílaba proeminente do novo núcleo, da mesma forma que nos genitivos-nominais, surgindo daí um padrão rítmico derivado.

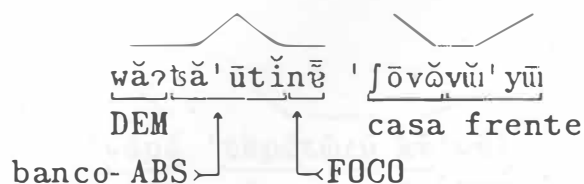
Exemplos de construções locativas desse tipo podem ser observados abaixo:



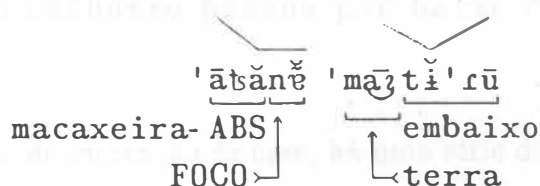
(43)



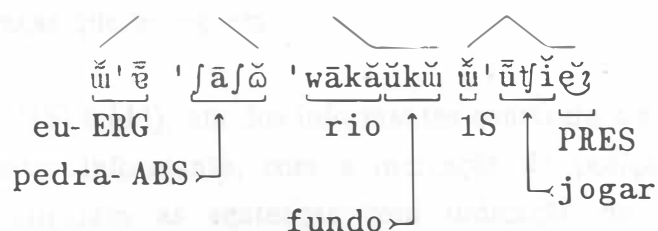
'A cesta está em cima do banco.'



'O banco está na frente da casa.'



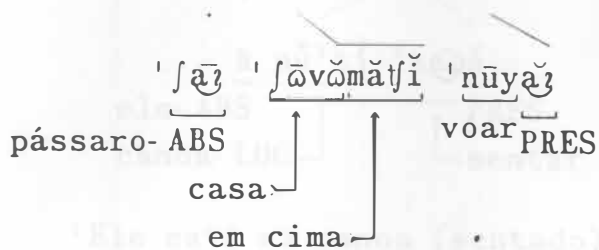
'A macaxeira está embaixo da terra.'



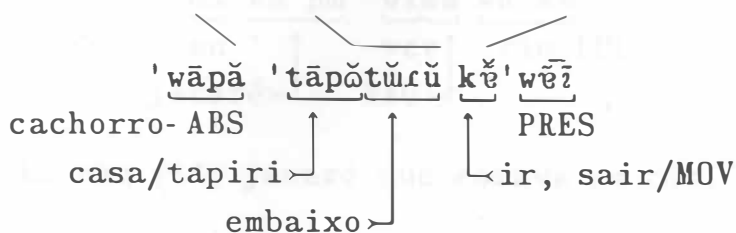
'Joguei pedra no fundo do rio.'



'O peixe caiu no centro da canoa.'



‘O pássaro voou por cima da casa.’



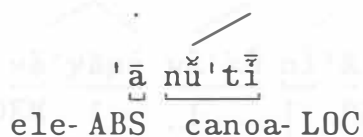
‘O cachorro passou por baixo da casa.’

Além desse tipo de marcação de caso, há uma série de formas verbais, em sentenças estativas que também indicam ‘posição’.

Vale notar que, em sentenças desse tipo, na maioria das vezes, não foi solicitada ao informante, nenhuma indicação de posição. Daí a tradução dessas formas entre parênteses, nas sentenças que se seguem.

Nos pares (44), (45) e (46), um dos informantes construiu a sentença sem indicação de posição (a); o outro informante, com a indicação de posição (b). Nos exemplos restantes, ambos realizaram as sentenças com indicação de posição, mesmo que diferentes.

(44) a.



‘Ele está na canoa.’

b.

$\bar{a}$   $n\check{u}'t\bar{i}$   $'\bar{a}\bar{a}\bar{a}$   
 ele- ABS                      PRES  
 canoa- LOC                      sentar

‘Ele está na canoa (sentado).’

(45) a.

$'\bar{u}\bar{a}$   $k\check{a}'p\bar{u}$   $'w\bar{i}\bar{m}\bar{a}$   $w\check{a}'k\bar{e}$   
 eu                      ver                      rio- LOC  
 jacaré                      NEG

‘Eu não vi o jacaré que estava no rio.’<sup>25</sup>

b.

$k\check{a}'p\bar{u}$   $w\check{a}'k\bar{e}$   $r\check{a}'k\bar{a}$   $\bar{u}\bar{a}'w\bar{i}\bar{m}\bar{a}$   
 jacaré                      deitar eu                      NEG  
 rio- LOC                      ver

‘Eu não vi o jacaré que estava no rio (deitado).’

(46) a.

$'y\bar{a}p\check{a}$   $w\check{a}'k\bar{e}$   
 peixe- ABS                      água- LOC

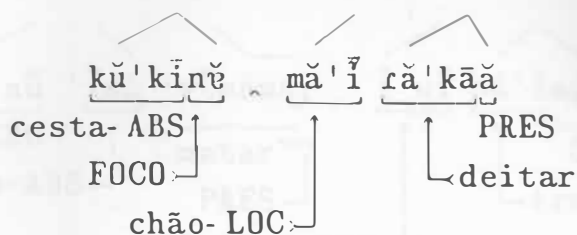
‘O peixe está na água.’

b.

$w\check{a}'y\bar{a}p\check{a}$   $w\check{a}'k\bar{e}$   $n\check{i}'\bar{a}$   
 DEM                      PRES  
 peixe- ABS                      estar em pé  
 água- LOC

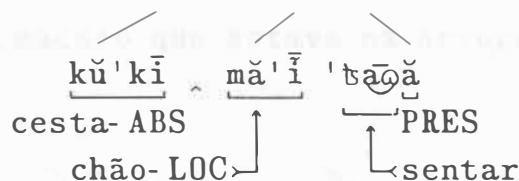
‘O peixe está na água (em pé).’

(47) a.



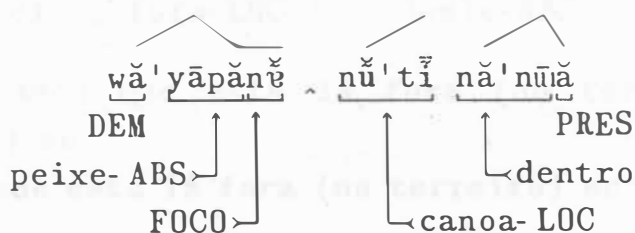
‘A cesta está no chão (deitada).’

b.



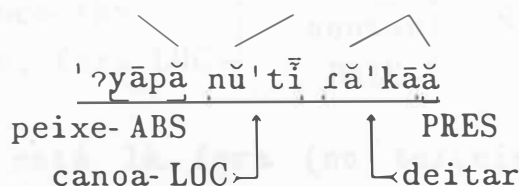
‘A cesta está no chão (sentada).’

(48) a.



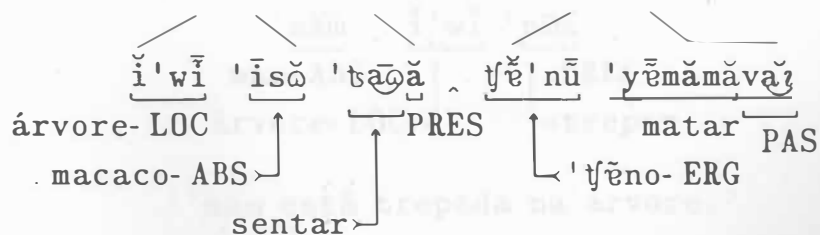
‘O peixe está na canoa (dentro, no centro).’

b.



‘O peixe está na canoa (deitado).’

(49) a.



‘‘tĩno matou o macaco que estava na árvore (sentado).’

- b.
- |              |             |                 |             |                  |
|--------------|-------------|-----------------|-------------|------------------|
| <u>ʧě'nũ</u> | <u>'isõ</u> | <u>'yēmāmāž</u> | <u>ĩ'wĩ</u> | <u>pā'ĩmāžnũ</u> |
| ʧěno- ERG    |             | matar           |             | CON(quando)      |
| macaco- ABS  |             | PRES            |             | trepar           |
|              |             | árvore- LOC     |             |                  |

(‘ʧěno matou o macaco quando ele estava trepado na árvore.’) ou

‘ʧěno matou o macaco que estava na árvore (trepado).’

- (50) a.
- |                     |               |               |                |
|---------------------|---------------|---------------|----------------|
| <u>wă'tă'ūtĩ</u>    | <u>'ikõti</u> | <u>'ăvõnẽ</u> | <u>ʧă'fīyă</u> |
| DEM                 |               | ?             | quebrado       |
| banco- ABS          |               |               | FOCO           |
| terreiro, fora- LOC |               | ele- ABS      |                |

(‘Aquele banco que está lá fora (no terreiro), ele está quebrado.’) ou

‘O banco que está lá fora (no terreiro) está quebrado.’

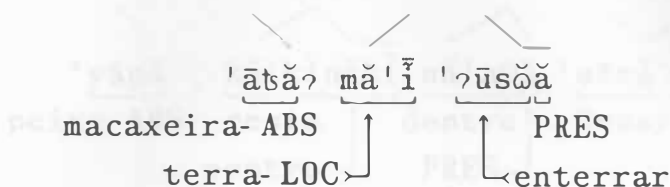
- b.
- |                     |               |              |                |
|---------------------|---------------|--------------|----------------|
| <u>tă'ūtĩ</u>       | <u>'ikõti</u> | <u>'tăõă</u> | <u>ʧă'fīyă</u> |
| banco- ABS          |               | sentar       | quebrado       |
| terreiro, fora- LOC |               | PRES         |                |

‘O banco que está lá fora (no terreiro) (sentado) está quebrado.’

- (51)
- |             |             |             |
|-------------|-------------|-------------|
| <u>'măũ</u> | <u>ĩ'wĩ</u> | <u>'nũă</u> |
| mau- ABS    |             | PRES        |
| árvore- LOC |             | trepar      |

‘‘mau está trepada na árvore.’

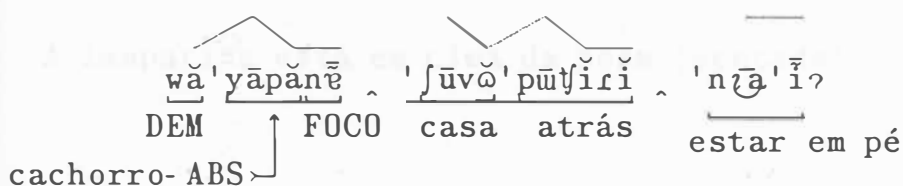
(52)



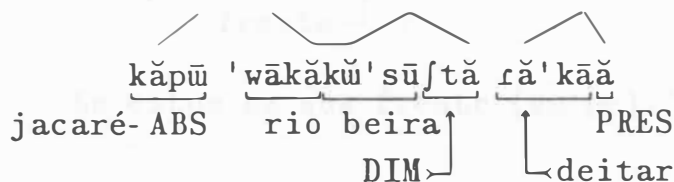
'A macaxeira está enterrada na terra.'

Esses marcadores de posição podem-se combinar também com o caso locativo de origem genitivo-nominal, especificando ainda mais a relação semântica do objeto locativo, conforme:

(53)



'O cachorro está atrás da casa (em pé).'



'O jacaré está na beira (bem na beira, na beirinha) do rio (deitado).'



'A aranha está embaixo da cesta (grudada, apegada).'

'yāpă   kũ'kīnăkĩ   nă'nūă   'sēză'nā  
 peixe- ABS   cesta   dentro   Cesar GEN  
                                 centro                  PRES

'O peixe que está na cesta (dentro, no centro) é do César.'

'rēpărĩ   'mēzămățĩ   'tāōă  
 lamparina- ABS   mesa   PRES  
                                 em cima                  sentar

'A lamparina está em cima da mesa (sentada).'

'ūă   'mīăvūvō   nĩ'ā  
 eu- ABS   você   PRES  
                                 frente                  estar em pé

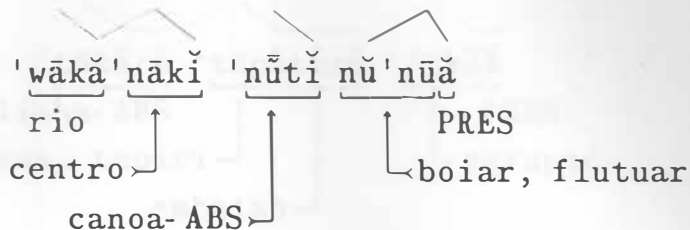
'Eu estou na sua frente (em pé).'

'mīă   'ūățĩpō   nĩ'ā  
 você- ABS   eu   PRES  
                                 atrás                  estar em pé

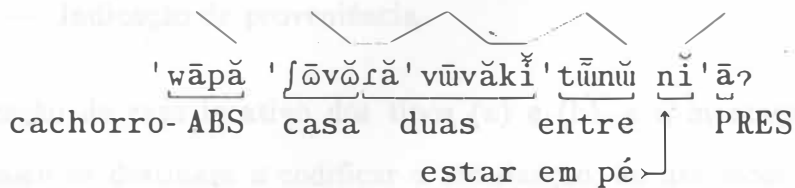
'Você está atrás de mim (em pé).'

'ūă   'wākũ'sũ   ũnĩ'ā  
 eu- ABS   lado   PRES  
                                 ele                  1S                  estar em pé

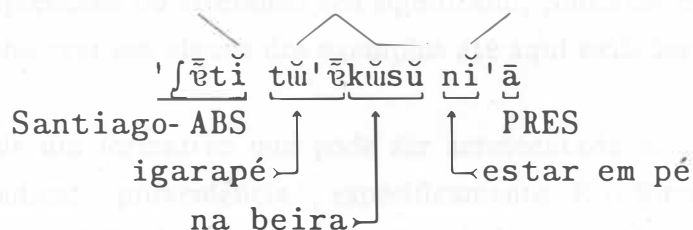
'Eu estou ao lado dele (em pé).'



'A canoa está no meio do rio (de bubuia, ao sabor da corrente).'



'O cachorro está entre as duas casas (em pé).'



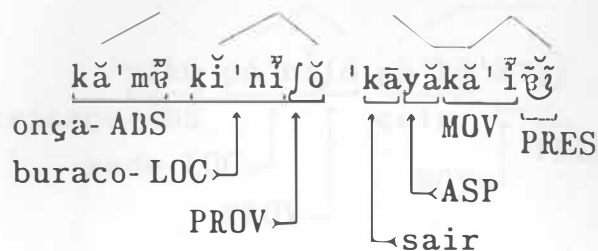
'Santiago está na beira do igarapé (em pé).'



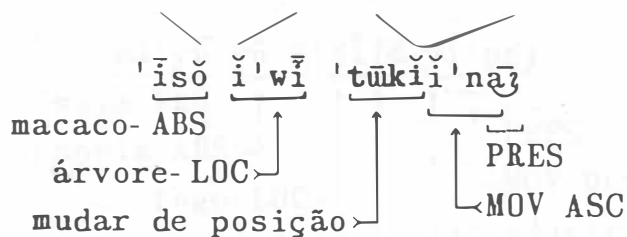
'A cobra está embaixo do banco (enrolada).'



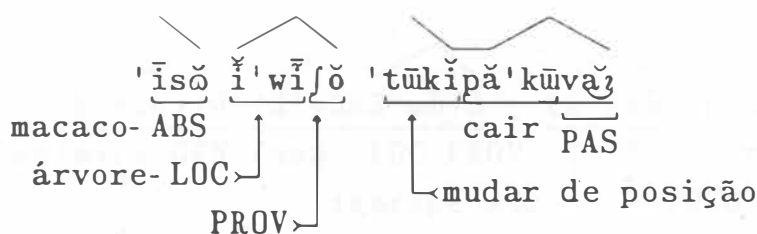




‘A onça saiu do buraco.’



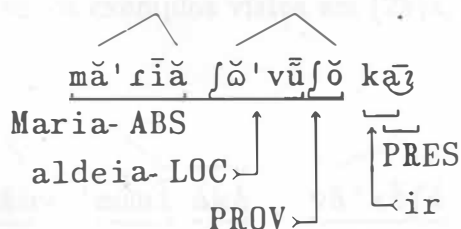
‘O macaco subiu na árvore.’



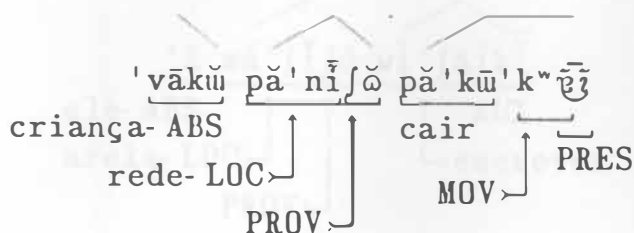
‘O macaco desceu da árvore.’

Outros empregos da posposição *fõ* são apresentados nas sentenças:

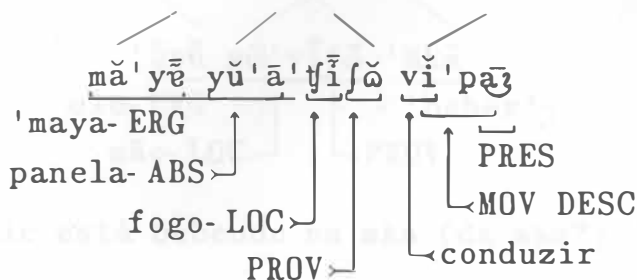
(55)



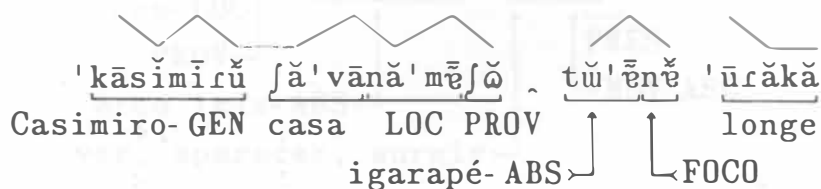
‘Maria foi embora da aldeia.’



'A criança caiu da rede.'



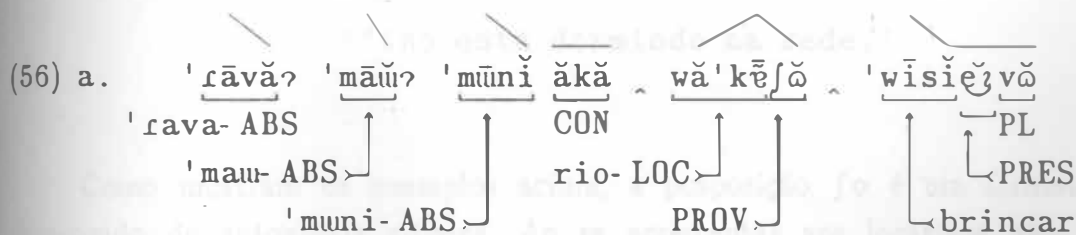
'maya tirou a panela do fogo.'



('Da casa do Casimiro o igarapé é longe.') ou

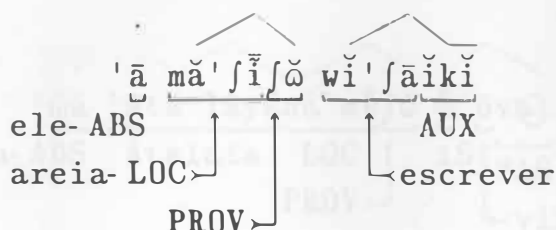
'A casa do Casimiro é longe do igarapé.'

Atipicamente, *fo* aparece em sentenças em que, aparentemente, seu uso seria desnecessário. Comparem-se, os exemplos vistos em (28)a, d, e, f e h com os de (56)a, b, c, d e e, respectivamente:



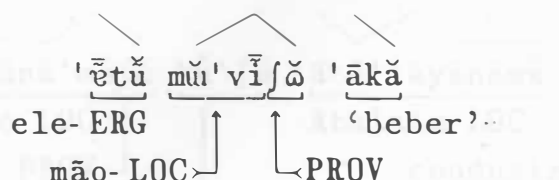
'rava, 'mau e 'muni estão brincando no rio.'

b.



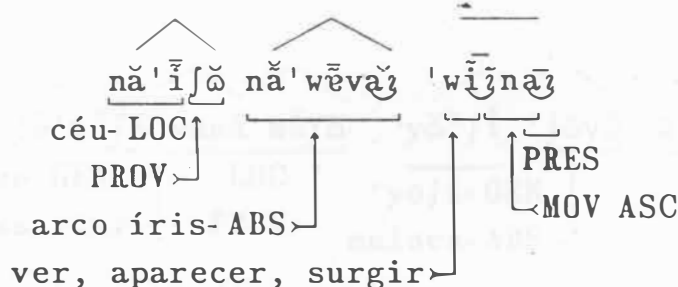
‘Ele está escrevendo na areia.’

c.



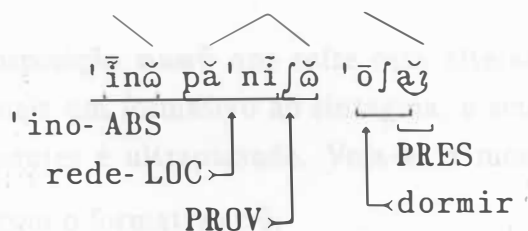
‘Ele está bebendo na mão (da mão?).’

d.



‘Apareceu um arco-íris no céu (do céu?).’

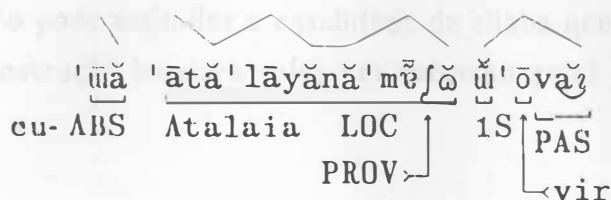
e.



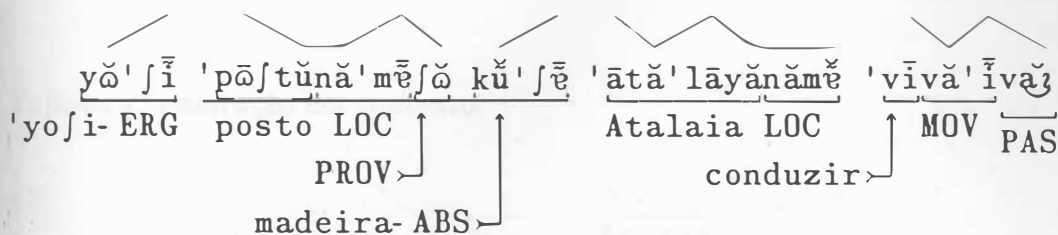
‘ino está dormindo na rede.’

Como mostram os exemplos acima, a posposição *fo* é um formativo neutro, desprovido de autonomia rítmica. Ao se acrescentar aos locativos não causa neles nenhuma alteração rítmica; a não ser na posposição **namẽ**, que recebe proeminência na sua última sílaba:

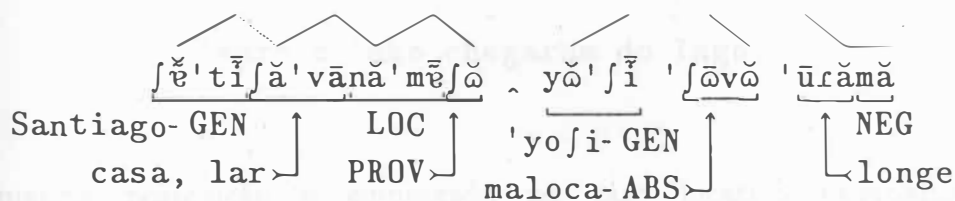
(57)



‘Eu vim de Atalaia.’



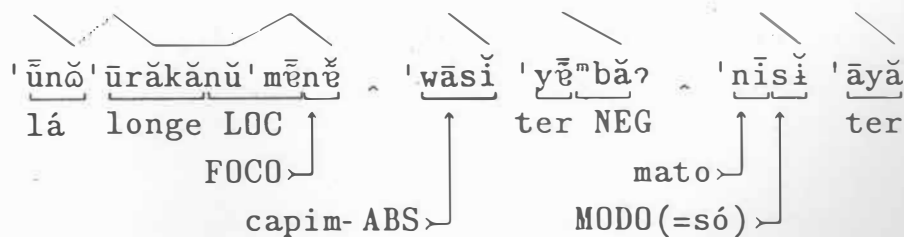
‘yoji transportou madeira do posto para Atalaia.’



(‘Da casa do Santiago, a maloca do 'yoji é perto.’) ou  
 ‘A maloca de Santiago é perto da maloca do 'yoji.’

Na realidade é a posposição **namě** que sofre essa alteração rítmica, sempre que, além dela, se acrescenta mais um formativo ao sintagma, e sempre que o limite de três sílabas finais não proeminentes é ultrapassado. Veja-se a mesma alteração rítmica em **namě** quando combinada com o formativo **ně**:

(58)



‘Lá longe não tem capim. Tem só mato.’

A posposição *fo* pode assimilar a nasalidade da sílaba que a antecede. No exemplo a seguir, aliás, a construção locativa sofre um processo geral de assimilação devido à nasalidade da raiz<sup>26</sup>:

- (59) a.  $\begin{array}{c} \diagup \\ \text{'ĩ'ěñũfũ} \\ \text{lago} \uparrow \text{PROV} \\ \text{LOC} \end{array} \rightarrow \begin{array}{c} \diagup \\ \text{'ĩ'ěñũfũ} \end{array} \text{ ou } \begin{array}{c} \diagup \\ \text{'ĩ'ěñfũ} \end{array}$

Veja-se a construção em contexto:

- (59) b.  $\begin{array}{c} \diagup \quad \diagup \quad \diagup \quad \diagup \\ \text{'kārō?} \quad \text{'ākō?} \quad \text{ākā} \quad \text{'ĩ'ěñũfũ} \quad \text{nũ'kūā?} \\ \text{'karo- ABS} \quad \text{'ako- ABS} \quad \text{CON} \quad \text{lago} \uparrow \text{PRES} \\ \quad \quad \quad \quad \quad \quad \text{LOC} \uparrow \quad \quad \quad \quad \quad \quad \text{chegar} \\ \quad \quad \quad \quad \quad \quad \text{PROV} \end{array}$

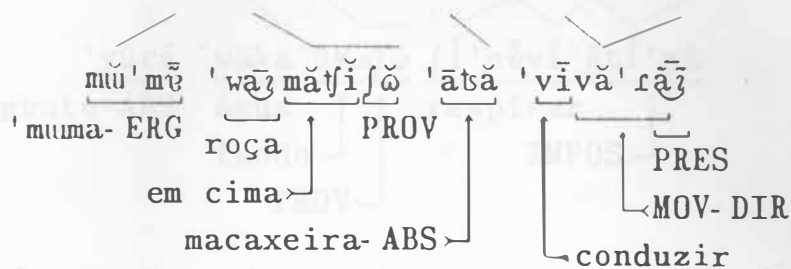
‘‘karo e ‘ako chegaram do lago.’

A mesma posposição é empregada no caso locativo originário do caso genitivo-nominal, também sem causar alterações rítmicas na construção locativa a que se liga:

- (60) a.  $\begin{array}{c} \diagup \quad \diagup \quad \diagup \\ \text{'ťěño} \quad \text{'wā?māťĩfũ} \quad \text{nũ'kūā?} \\ \text{'ťěno- ABS} \quad \text{roça} \uparrow \text{PRES} \\ \quad \quad \quad \text{em cima} \uparrow \quad \quad \quad \quad \quad \quad \text{chegar} \\ \quad \quad \quad \text{PROV} \end{array}$

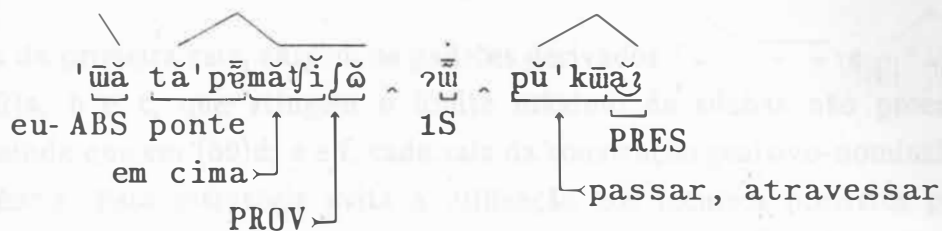
‘‘ťěno chegou da roça.’

b.



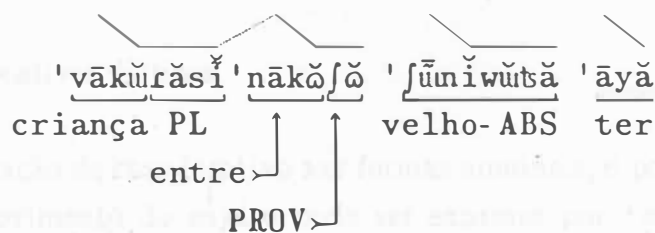
'muma trouxe macaxeira da roça.'

c.



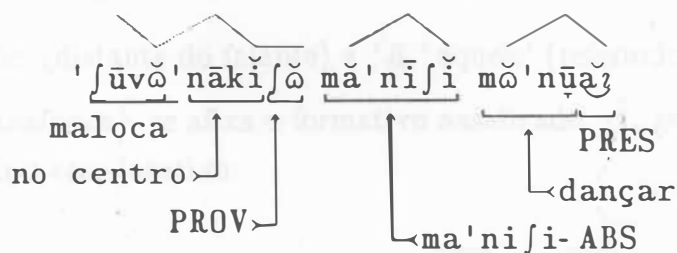
'Eu passei por cima da ponte.'

d.

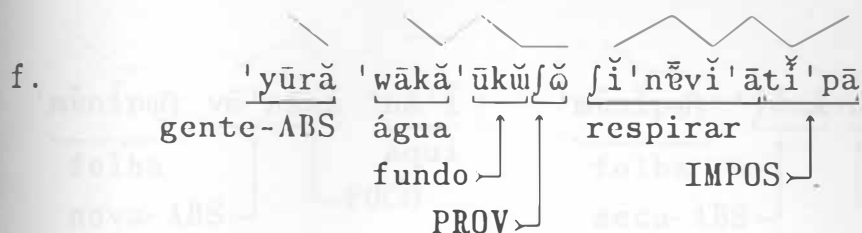


'Tem um velho entre (dentre?) as crianças.'

e.



'ma'nifi está dançando no meio da maloca.'



‘Gente não pode respirar debaixo d'água.’

Observe-se que se a segunda raiz, à qual se segue imediatamente *f*o, se submete à proeminência da primeira raiz, surgem os padrões derivados ' \_ \_ \_ e \_ ' \_ \_ , conforme (60)a, b e c, que atingem o limite máximo de sílabas não proeminentes. Observe-se, ainda que em (60)d, e e f, cada raiz da construção genitivo-nominal mantém sua proeminência. Essa estratégia evita a utilização dos recursos previstos pela regra 2(20) – se essa estratégia não fosse utilizada, a sílaba que precede o formativo *f*o, em (60)e e f, ao ultrapassar o limite máximo de sílabas não proeminentes, receberia proeminência, o que acarretaria alteração nas características rítmicas originais da segunda raiz da construção.

### 3.2.4.3 — Locativos dêíticos

Além da marcação de caso locativo nas formas nominais, o ponto de referência para a localização ou movimento do sujeito pode ser expresso por ‘advérbios’ locativos ou dêíticos.

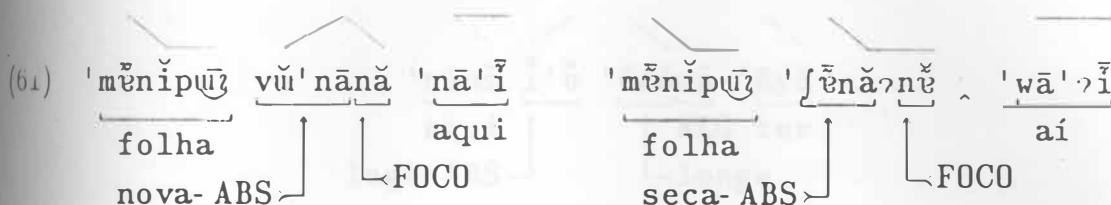
As formas correspondentes aos demonstrativos (v. 3.1.4.1) 'nā ‘este’ (próximo ao falante); 'wā ‘aquele’ (distante do falante) e 'ā ‘aquele’ (referindo-se a uma indicação anterior; de função anafórica), se afixa o formativo nasalizado -ĩ, geralmente alto, longo e tônico, para marcar o caso locativo:

'nā'ĩ  
‘neste lugar; aqui’

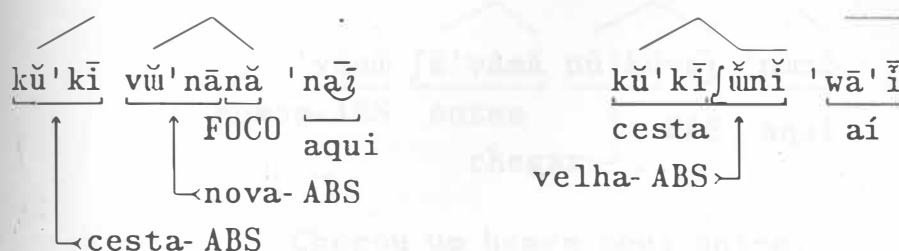
'wā'ĩ / 'ā'ĩ  
‘naquele lugar; lá/aí/ali’

Exemplos dessas formas em contexto são:

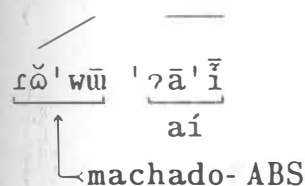




‘A folha nova está aqui.’    ‘A folha seca está aí.’

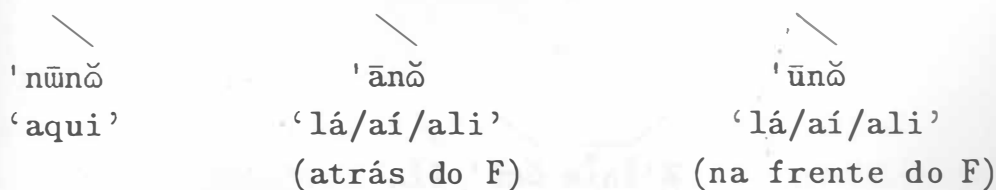


‘A cesta nova está aqui.’    ‘A cesta velha está aí.’



‘O machado está aí.’

Paralelamente a essas formas, há também formas para indicar o ‘ponto’ em que o falante se situa e ‘pontos’, distantes do falante, que incluem a direção em relação à posição do falante (F):



São exemplos da utilização dessas formas:

(62)

'nūnǎ 'i'ǔ 'ūrāmǎ 'āyǎ  
 aqui ↑ NEG ter  
 lago- ABS ↑ longe

‘Tem mar aqui perto.’

'vūnū 'ǎ'vāmǎ nū'kūvǎ 'nūnǎ  
 homem- ABS ontem ↑ PAS aqui  
 chegar ↑

‘Chegou um homem aqui ontem.’

'ētǎ 'ǎtǎkǎ 'nūnǎ  
 ele- ERG AUX aqui  
 cavar ↑

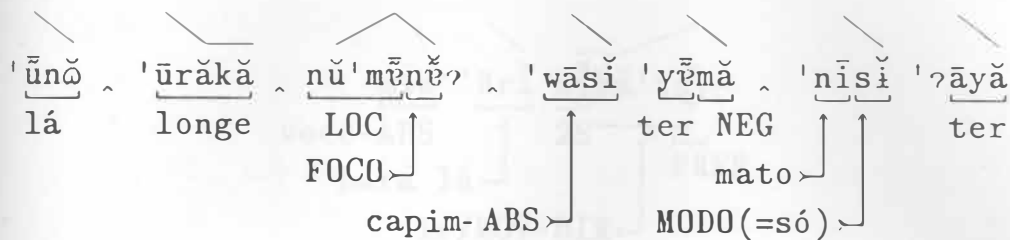
‘Ele está cavando (um buraco) aqui.’

'ēnǎ 'mǎpǒtǎ 'yēwě  
 lá ↑ ter  
 terra ↑ poeira- ABS

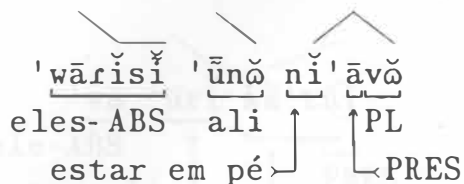
‘Lá tem muita poeira.’

'mǎ 'ēnǎ mǎnǎ 'ā  
 você- ABS aí 2S ↑ PRES  
 estar em pé ↑

‘Você está aí (em pé).’

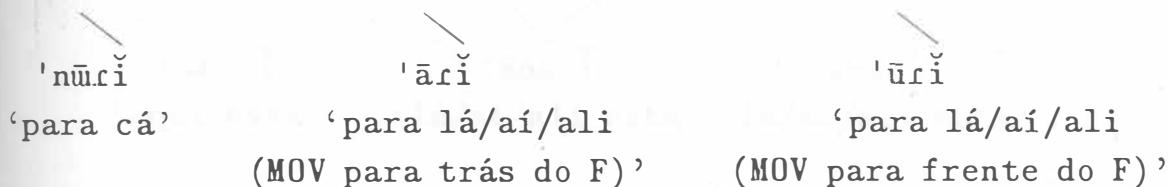


'Lá longe não tem capim tem só mato.'



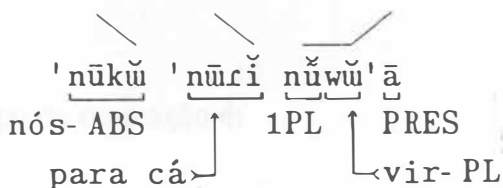
'Eles estão ali (em pé).'

Finalmente, há formas para indicar o 'movimento em direção ao ponto em que o falante se situa' e o 'movimento em direção a pontos distantes do falante, em relação à sua posição'.

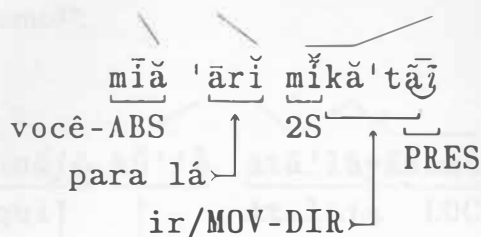


Exemplos dessas formas em contexto são:

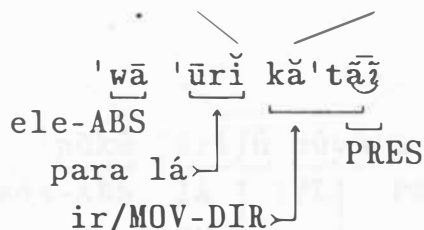
(63)



'Nós viemos para cá.'

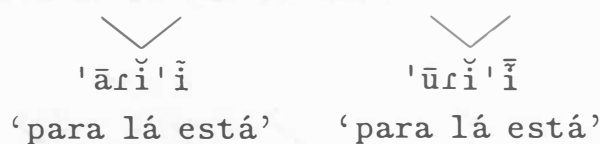
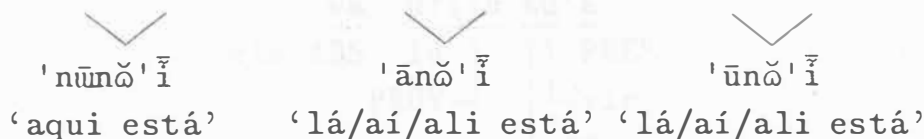


‘Você foi para lá (para trás).’



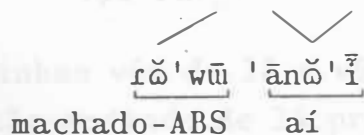
‘Ele foi para lá (para frente).’

Essas formas podem também ser marcadas pelo formativo -ĩ:



Um exemplo desse tipo de marcação é:

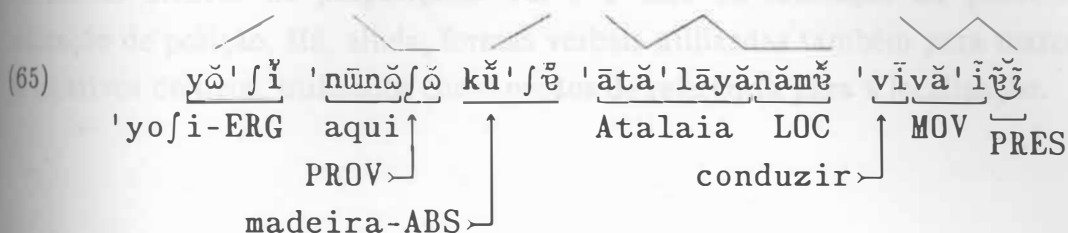
(64)



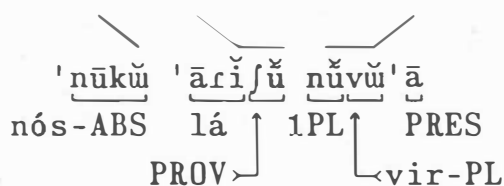
‘O machado está aí (por aí).’

A elas também pode-se acrescentar o formativo ʃo, indicador de proveniência, em

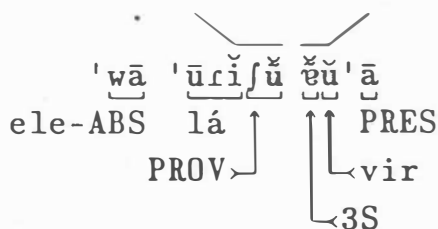
alguns casos, nasalizado, como<sup>27</sup>:



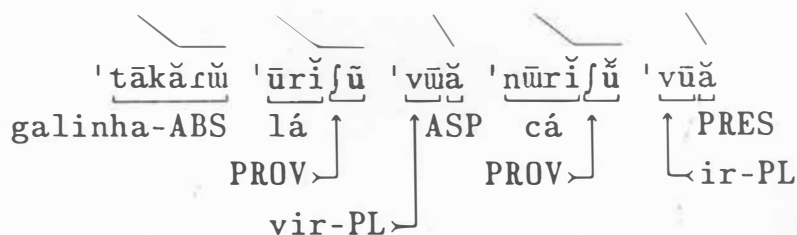
‘‘yoʃi transportou madeira daqui para Atalaia.’’



‘Nós viemos de lá (de trás).’



‘Ele veio de lá (de frente).’



(‘As galinhas vêm de lá e vão daqui.’) ou  
 ‘As galinhas estão andando de lá pra cá e daqui pra lá.’

Pelo que foi exposto, vê-se que a língua Marubo utiliza-se dos mesmos recursos utilizados na marcação de caso ergativo, para marcar o caso locativo. Além disso, faz uso

da posposição para indicar a localização. Informações semânticas específicas também são veiculadas através de posposições. Tal é o caso da indicação de proveniência e da indicação de posição. Há, ainda, formas verbais utilizadas também para marcar posição e os locativos dêiticos, utilizados como pontos de referência para a localização.

## 3.3 — Caso instrumental

Instrumentos, quando são previsíveis ou estereotipados, geralmente são incorporados semântica ou morfológicamente ao verbo e não são expressos abertamente, como acontece com verbos como ‘matar’, ‘atirar’, ‘chutar’, ‘bater’ ou ‘cortar’. Os exemplos abaixo mostram esse tipo de incorporação (semântica/morfológica) com o verbo ‘pescar’, que pode ser construído como transitivo, sem objeto explicitado, ou como intransitivo, conforme (66)a e b, respectivamente:

- (66) a.
- |         |              |            |
|---------|--------------|------------|
| 'wētũ   | 'ūkĩrǝǝ'vāmǝ | 'wūtǝvǝǝ   |
| ele-ERG | ontem        | pescar PAS |

‘Ele foi pescar ontem..’

- b.
- |         |           |          |
|---------|-----------|----------|
| 'ā      | wũ'tāivǝǝ | ǝǝ'vāmǝ  |
| ele-ABS | pescar    | hoje NEG |
|         | AUX       |          |

‘Ele foi pescar ontem.’

Com esta raiz, que é a mais utilizada para o verbo pescar, o instrumento inferido é ‘anzol’, conforme:

'wūtǝti
pescar NOM

Nesse caso, o instrumento está incorporado ao verbo semântica e morfológicamente. Deve-se observar, ainda, que, com esse verbo, o objeto ‘peixe’ também é previsível. Por isso não é explicitado.

Entretanto outros instrumentos podem ser utilizados na pesca, como:

'tāwǎ

'flecha'

'yāpǎ' rūtītī  
peixe NOM  
cravar

'arpão'

A sentença abaixo mostra a incorporação, semântica apenas, do instrumento 'flecha'.

(67)

mǎ'yěpě 'yāpǎ tī'kūě  
ma'yěpa- ERG peixe PRES  
flechar

('ma'yěpa flecha peixe.') ou

'ma'yěpa pesca com flecha.'

Já a sentença em (68) é construída com o caso instrumental e o verbo 'pescar' é inferido:

(68) mǐ'ě 'ātōivō mǐ' rūākācǎ? 'wūtǎkǐ 'yāpǎ' rūtīkǐ?  
você- ERG QU- ? 2S AUX anzol arpão INSTR  
gostar INT INSTR

('O que você gosta? com anzol? com arpão?') ou

'Você gosta mais de pescar com anzol ou com arpão?'

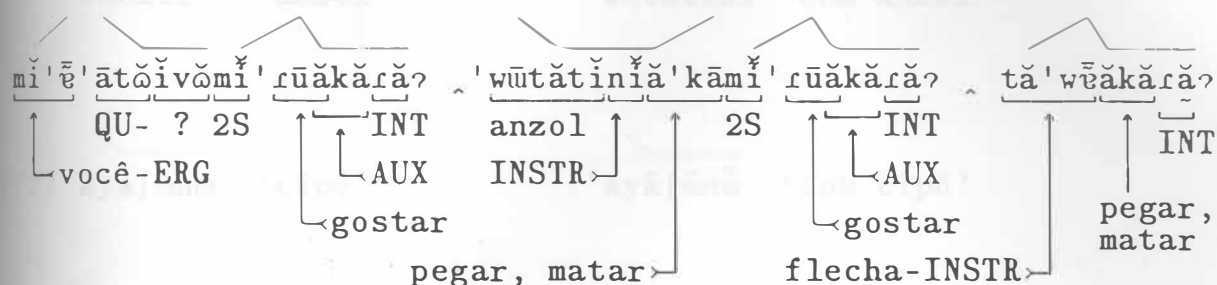
É importante observar que com a raiz 'wūtǎ, não só o instrumento (anzol) mas também o objeto (peixe) é inferido, por ser altamente estereotipado/previsível/habitual. Além disso, obviamente, com anzol só se pode 'pescar peixe', ao passo que com flecha e com arpão pode-se 'pegar' ou 'matar' outros animais. Por isso, a explicitação do objeto em (67) não é redundante, mas o seria em (66)a e b.

Muito interessante é a sentença (69), em que, para explicitar os instrumentos 'anzol' e 'flecha', também marcados pelo caso instrumental (não incorporados,



portanto), o informante utiliza o auxiliar/transitivizador **aka**, com o sentido de ‘pegar’ ou ‘matar’, substituindo ‘pescar’:

(69)



(‘O que você gosta? você gosta de pegar/matar com anzol? pegar/matar com flecha?’) ou

‘Você gosta mais de pescar com anzol ou com flecha?’

Como se pode ver em (68) e (69) o caso instrumental também pode ser marcado morfologicamente. Objetos instrumentais aparecem em sentenças transitivas ou intransitivas; com verbos ativos com sujeito agente, geralmente como casos opcionais, isto é, não obrigatórios, não essenciais para a definição semântica do verbo.

O **caso instrumental** é marcado com os mesmos artifícios utilizados para marcar os casos **ergativo** e **locativo**, originando, portanto as mesmas alterações rítmicas.

Recebem marcação do tipo (a), conforme 3.2.1(27), (30) e (34), respectivamente, os nomes em (70), (71) e (72).

#### Caso absolutivo

#### Caso instrumental

(70) 'tāwã	‘flecha’	tã'wẽ	‘com flecha’
'ũpō	‘pano’	ũ'pū	‘com pano’
'tĩtĩ	‘vara’	tĩ'tĩ	‘com vara’

- (71) 'sūnǎtǐ 'faca' 'sūnǎtǐnǐ 'com faca'
- 'wūtǎtǐ 'anzol' 'wūtǎtǐnǐ 'com anzol'
- (72) 'āyǎǰūnǔ 'cipó' 'āyǎǰūnǔ 'com cipó'

Recebem marcação do tipo (b), conforme 3.2.2(36):

- (73) yǔ'ā 'panela' 'yūǎpǎ 'com panela'
- rǔ'ū 'machado' 'rūǔpǎ 'com machado'
- mǎ'yā 'corda' 'māyǎpǎ 'com corda'

Conforme os casos vistos em 3.2.1(29), o caso instrumental pode ser marcado também com o formativo **-ki**, ocorrendo, entretanto, a queda do formativo nominalizador **-ti**:

- (74) caso absolutivo caso instrumental
- 'wūtǎtǐ 'anzol' 'wūtǎkǐ 'com anzol'
- 'yāpǎ'rūtǐtǐ 'arpão' 'yāpǎ'rūtǐkǐ 'com arpão'

A sentença em (68) é um exemplo desse tipo de marcação.

A marcação do caso instrumental pode ser observada em contexto, nas sentenças a



kũ'kĩ 'āyǎfũnũ 'nũfũyǎ  
 pão- ABS cipó- INSTR amarrado

'O pão está amarrado com cipó.'

yũ'fĩ ỹ'vākũ 'yũǎpǎ 'wũsĩmǎ  
 'yoji- ERG 3S }  
 criança- ABS }  
 panela }  
 INSTR }  
 brincar }  
 PRES  
 CAUS

'Yoji deixou as crianças brincarem com as panelas.'

vǎ'kũ 'rũũpǎ 'kārō 'fātũǎ  
 menino- ERG }  
 machado }  
 INSTR }  
 lenha- ABS  
 PRES  
 cortar

('O menino cortou lenha com o machado.') ou  
 'O menino usou o machado para cortar lenha.'

### 3.4 — Caso 'meio'

A mesma marcação para os casos ergativo, locativo e instrumental é usada para marcar o 'meio', através do qual o sujeito se desloca ou se transporta de um local a outro, ou o 'meio', através do qual o sujeito pratica uma atividade.

Recebem marcação do tipo (a), conforme 3.2.1(27) e (34), respectivamente, os nomes em (76) e (77)

(76) caso absolutivo

caso 'meio'

'nũtĩ

'canoa'

nũ'tĩ

'de canoa'

'tāũ      'pé'      tā'ũ      'a pé'  
 'rěťǎ      'barco'      rě'ťǎ      'de barco'

(77) 'βĩsĩ'krētǎ      'bicicleta'      'βĩsĩ'krētǎ      'de bicicleta'

kũ'yārěťǎ      'avião'      kũ'yārěťǎ      'de avião'

Recebe marcação do tipo (b), conforme 3.2.2(38), o nome em (78)

(78) rũ'kĩ      'nariz'      'rũkĩnũ      'pelo nariz'

Nesse caso, não ocorre assimilação da nasalidade pela vogal da primeira sílaba da raiz porque a sílaba seguinte é iniciada por consoante não-nasal.

Exemplos de ocorrências do caso 'meio' são:

(79) 'βĩnǎ      sĩ'tātĩnǎmẽ      nũ'tĩ'kǎ  
 'vina- ABS      cidade LOC      canoa- MEIO      ir      PRES

'vina foi pra cidade de canoa.'

'ātǎ'rāyǎnǎmẽ      tā'ũ      'kātĩ'pǎ  
 Atalaia LOC      pé- MEIO      ir IMPOS

'É impossível ir a pé para Atalaia.'

'uă ~ 'nūnōfō ~ rē'tjēkă'ī ~ 'mārō'nāōnōmē ũ'kă  
 eu- ABS      aqui      PRES Maronal      LOC 1S      ir      PRES  
                  PROV      ir  
                  barco- MEIO

‘Eu fui de barco do posto até o Maronal.’

'βīnă ~ 'βīsi'krētē ~ 'βērănōmē'kă  
 'vina- ABS      bicicleta- MEIO      feira      LOC      ir      PRES

‘‘vina foi para a feira de bicicleta.’

'uă ~ 'tābă'tjīgănū'mēfō ~ kũ'yārētjē ~ mă'nāōsnūmē ~ ũkă'tēvă  
                  Tabatinga      avião- MEIO      Manaus      LOC      1S      ASP  
 eu- ABS      PROV      ir/MOV- DIR

‘Eu fui de avião de Tabatinga até Manaus.’

'yūră ~ 'rūkīnūfō ~ ſī'nēvī'āyă  
 gente- ABS      nariz      respirar      ASP  
                  LOC      PROV

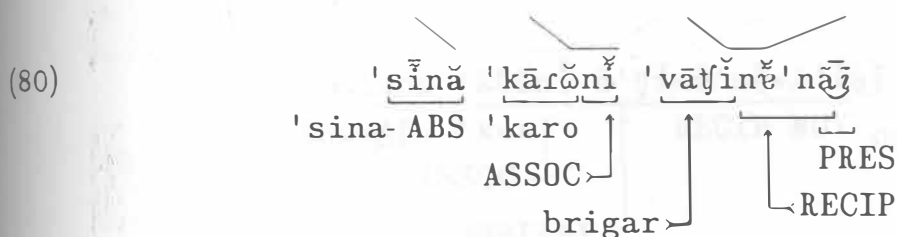
‘Gente respira pelo nariz.’

## 3.5 — Caso associativo ou recíprocal

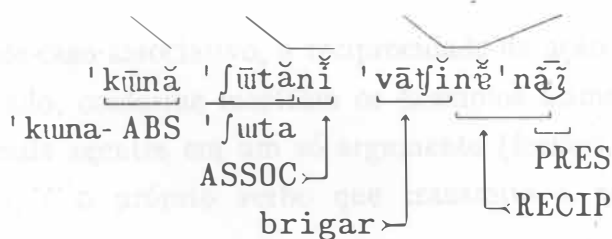
Diferentemente dos casos até aqui analisados, a marcação do caso associativo é feita, basicamente, apenas com o acréscimo do marcador de caso associativo - *nĩ* a qualquer tipo de nome, sem quaisquer alterações rítmicas na base nominal, resultando em padrões rítmicos gerais ou derivados.

Tipicamente, o caso associativo envolve dois agentes em verbos inerentemente recíprocos do tipo: ‘brigar’, ‘discutir’, ‘encontrar’, ‘conversar’, ‘abraçar’, ‘beijar’, ‘casar’, etc.

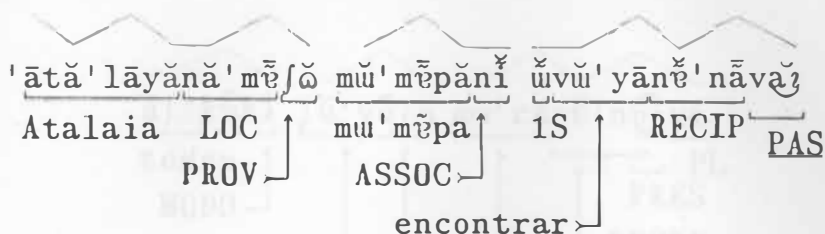
Em Marubo, verbos desse tipo são construídos como verbos intransitivos — um dos co-agentes é construído como sujeito, marcado pelo caso absolutivo; o outro co-agente é construído como sintagma oblíquo, marcado pelo caso associativo. Considerem-se os exemplos em (80):



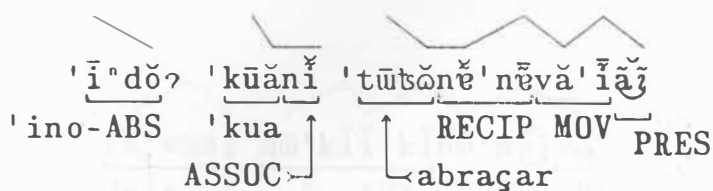
‘'sina brigou com 'karo.’



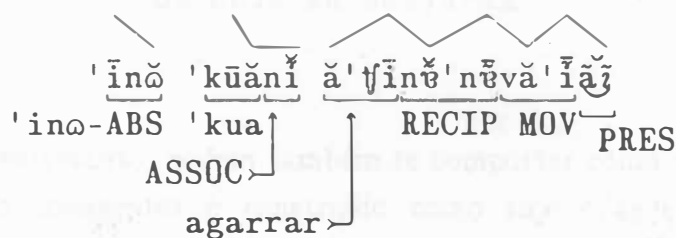
‘'kuuna discutiu com 'ṣuta.’



'Eu encontrei com mu'mēpa em Atalaia.'



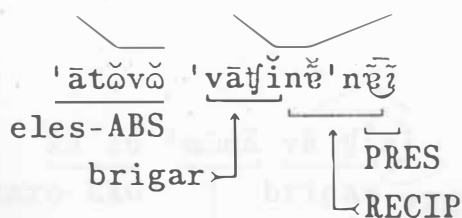
'ino e 'kua se abraçaram (namorando).'



'ino e 'kua se agarraram (de felicidade, cumprimentando).'

Além da marca de caso associativo, a reciprocidade da ação é codificada através do formativo *nē* reduplicado, conforme mostram os exemplos acima. Assim, em sentenças que incluem dois ou mais agentes em um só argumento (formas pronominais no plural, indefinidos, numerais), é o próprio verbo que transmite a noção de associação ou reciprocidade<sup>28</sup>:

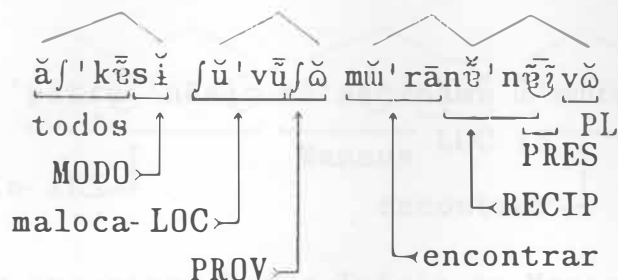
(81) a.



'Eles brigaram (um com o outro/entre si).'

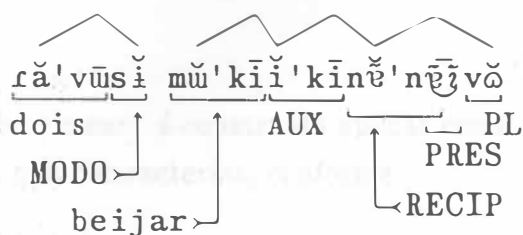


b.



‘Todos se encontraram na maloca.’

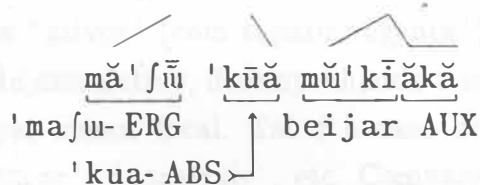
c.



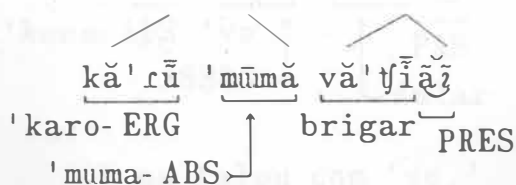
‘Os dois se beijaram.’

Esses verbos, entretanto, podem também se comportar como verbos transitivos, de forma que um dos co-agentes é construído como sujeito/agente e o outro como objeto/paciente. Sob essa perspectiva, um dos co-agentes é visto como mais ‘importante’ e é construído como sujeito (ergativo); o outro é visto como mais ‘controlado’, sendo, então, construído como objeto ‘afetado’ (absolutivo):

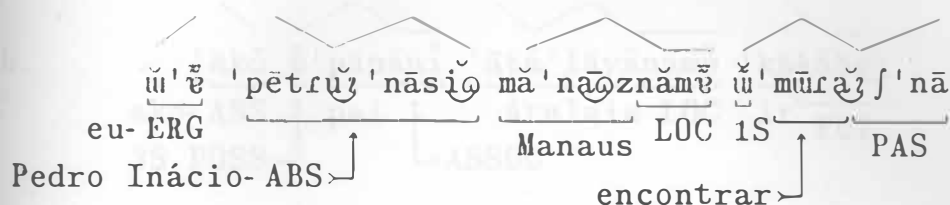
(82)



‘maʃu beijou kua.’



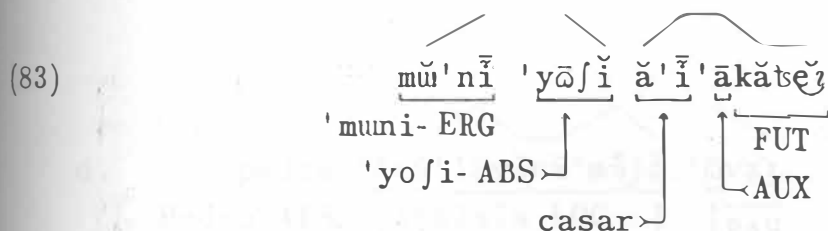
‘karo brigou com muma (só ele).’



'Eu encontrei Pedro Inácio em Manaus.'

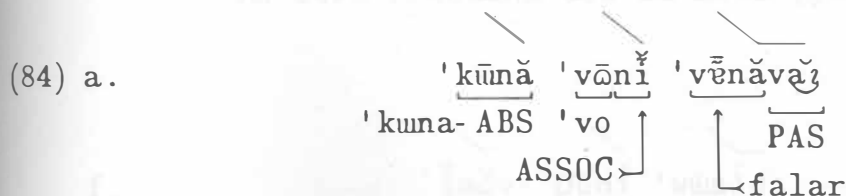
Note-se que em nenhum dos exemplos acima ocorre a marca de reciprocidade nos verbos.

Em Marubo, o verbo 'casar' é construído apenas como transitivo, desviando-se da reciprocidade prototípica que o caracteriza, conforme:



'muni vai casar com 'yo fi.'

O verbo 'falar' também não é construído como verbo associativo ou recíprocal. Comporta-se como verbos 'ativos' (com sujeito 'agente'), que podem, opcionalmente, apresentar um participante associativo, desempenhando a ação juntamente com o sujeito agente, embora num papel menos focal. Tal é o caso de verbos como: 'ir', 'sair', 'vir', 'trabalhar', 'brincar', 'construir', etc. Compare-se o exemplo em (84)a com os exemplos subseqüentes:



'kuuna falou com 'vo.'

- b. 'ākō ě'pāpānī 'ātā'lāyānāmě 'kākātě?  
 ako- ABS pai Atalaia LOC ir FUT  
 3S POSS ASSOC

‘O pai de 'ako vai a Atalaia com ele (junto com).’

- c. 'pūnī? ě'kūtsāānī 'nī? 'kā?  
 'puni- ABS ASSOC caçar ir PRES  
 3S POSS cunhado

‘'puni foi caçar com o cunhado (junto com).’

- d. 'pēdrū 'ātā'lāyānā'měfō 'ōvā? sū'zētīnī  
 Pedro- ABS Atalaia LOC PROV PAS vir  
 Suzete ASSOC

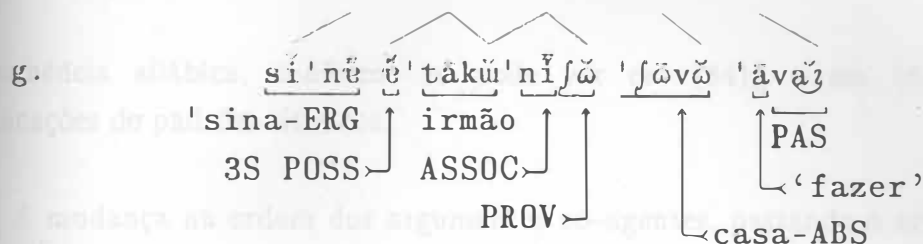
‘Pedro veio de Atalaia com Suzete (junto com).’

- e. βū'tēwā? mū'māwānī 'mūi'kī?  
 vu'tēwa- ABS mu'mawa ASSOC AUX  
 trabalhar

‘vu'tēwa trabalha com mu'mawa (junto com).’

- f. 'īnō? 'βōnī 'wūsīě?  
 'ino- ABS 'vo ASSOC PRES  
 brincar

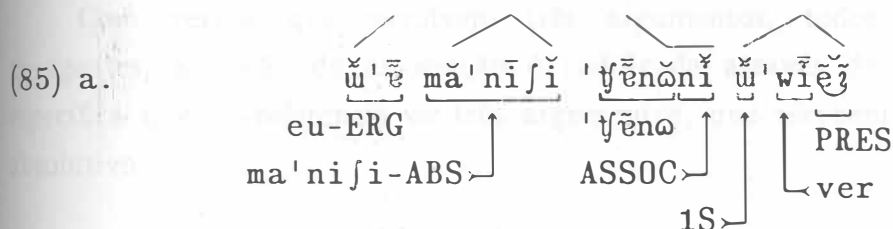
‘'ino está brincando com 'vo (junto com).’



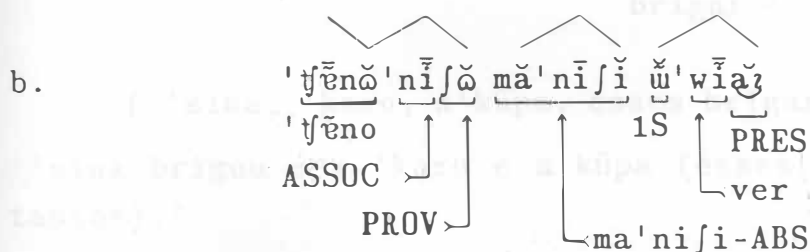
'sina construiu (fez) uma casa com o irmão (junto com).'

É importante notar que essas sentenças transmitem a noção de **ação conjunta**, mas não a de **ação recíproca**. Daí a marcação de caso associativo em um dos participantes e a ausência da codificação da reciprocidade no verbo.

Com verbos transitivos é possível uma interpretação do argumento marcado pelo caso associativo como co-paciente, ao invés de co-agente. Comparem-se (85)a e b, abaixo, em que algumas estratégias morfo-sintáticas, como a ordem vocabular e o uso do formativo *fo* (como conectivo ligando co-agentes de verbos transitivos) são necessárias para evitar ambigüidades.



'Eu vi ma'nifi com 'fĩvĩ.'



('Junto com 'fĩvĩ, ma'nifi eu vi.') ou

'Eu e o 'fĩvĩ vimos ma'nifi.'

Com o acréscimo do formativo *fo*, o marcador de caso associativo *-nĩ* adquire

proeminência silábica, conforme se pode ver em (84)g e em (85)b. Surgem daí combinações de padrões rítmicos.

A mudança na ordem dos argumentos co-agentes, passando o argumento marcado pelo caso associativo para a posição de sujeito, sugere a interpretação de ambos como co-sujeitos, ligados pelo formativo associativo - *nĩ*, cujo papel se assemelha, nesse caso, ao de um conectivo coordenativo. Tal é o caso de (85)b acima, em que o sujeito 'eu' só é expresso pela forma dependente no verbo; e (86) abaixo:

- (86)
- |           |      |         |           |       |    |       |       |
|-----------|------|---------|-----------|-------|----|-------|-------|
| 'kāmāñĩ   | 'ākō | 'ātā    | 'lāyāñā   | 'mēfō | mũ | 'rāñě | 'nēĩ  |
| 'kama     |      | Atalaia | LOC       |       |    |       |       |
| ASSOC     |      |         | PROV      |       |    |       | PRES  |
| 'ako- ABS |      |         | encontrar |       |    |       | RECIP |

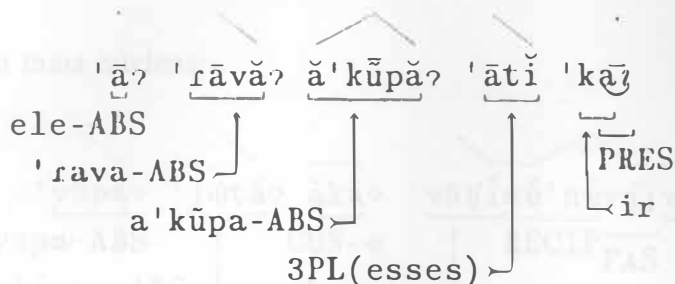
‘'kama e 'ako se encontraram em Atalaia.’

Com verbos que envolvem três argumentos, todos eles construídos como co-agentes, a noção de associação é codificada através de uma forma pronominal específica que co-referencia os três argumentos, que recebem indistintamente, o caso absolutivo.

- (87)
- |            |        |            |            |      |          |       |
|------------|--------|------------|------------|------|----------|-------|
| 'sīñā?     | 'kāřō? | ǎ          | 'kūpā?     | 'ātĩ | 'vātfině | 'nēĩ  |
| 'sina- ABS |        | a          | 'kūpa- ABS |      |          |       |
| 'karo- ABS |        | 3PL(esses) |            |      |          | PRES  |
|            |        |            | brigar     |      |          | RECIP |

(‘'sina, 'karo, a'kūpa, esses brigaram.’) ou

‘'sina brigou com 'karo e a'kūpa (esses, eles juntos, eles tantos).’

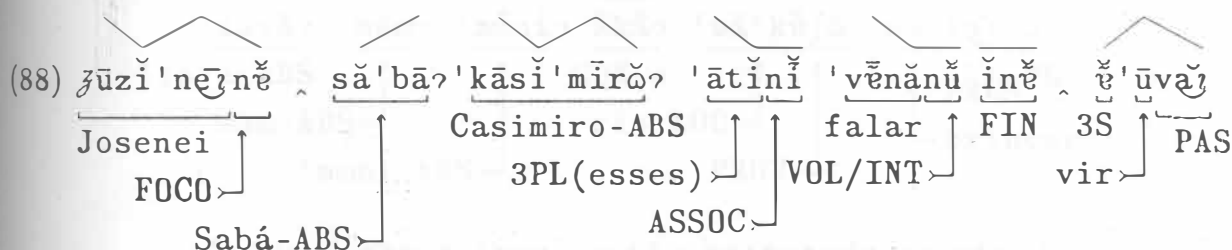


(‘Ela, ‘rava, a'kūpa, esses saíram.’) ou

‘Ela saiu com ‘rava e a'kūpa (esses, eles juntos, eles tantos).’

Os três argumentos, nos exemplos acima, recebem caso absolutivo e são construídos como equivalentes em termos de importância, controle ou saliência. E a forma pronominal codifica a co-participação dos três.

Isto pode ser comprovado em (88), onde o sujeito é focalizado como o agente mais importante e os outros dois participantes são co-referenciados como co-participantes da ação através da forma pronominal e o marcador associativo:



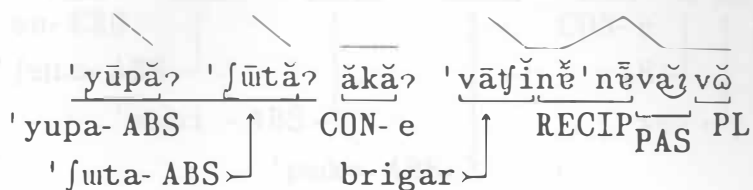
(‘O Josenei, Sabá, Casimiro, com esses ele veio para falar.’) ou

‘Josenei veio para falar com Sabá e Casimiro (esses, eles juntos, eles tantos).’

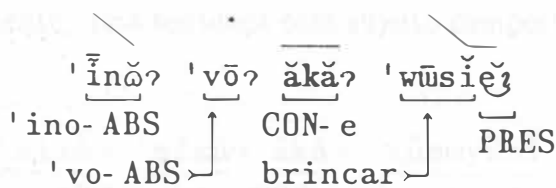
É importante notar que as sentenças em (87), onde os argumentos são construídos como equivalentes em termos de importância, são diferentes de construções que envolvem um sujeito composto. Na construção com sujeito composto todos os argumentos exercem a função de sujeito, tendo sempre, portanto, o mesmo grau de importância, controle ou saliência (isto é, não pode haver dentro de um sujeito composto, focalização de um argumento em detrimento do outro). Além disso, a relação entre os argumentos não implica associação ou reciprocidade. Note-se a diferença entre as sentenças em (87) e as sentenças seguintes, onde o conectivo **aka** é utilizado para sujeitos/objetos compostos,

envolvendo dois ou mais núcleos:

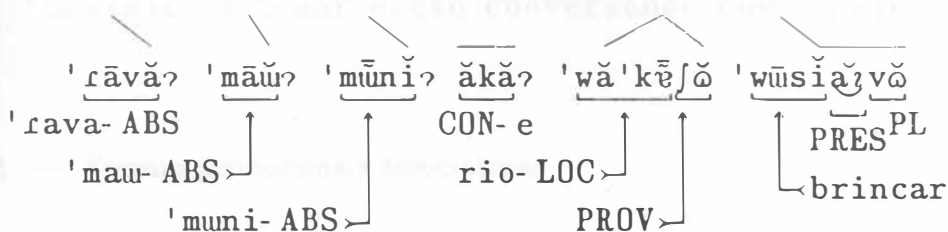
(89)



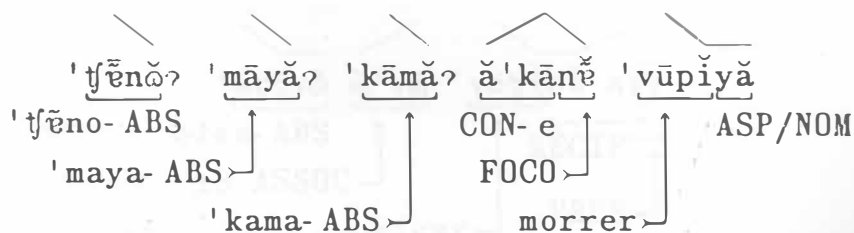
'yupa e 'futa brigaram.'



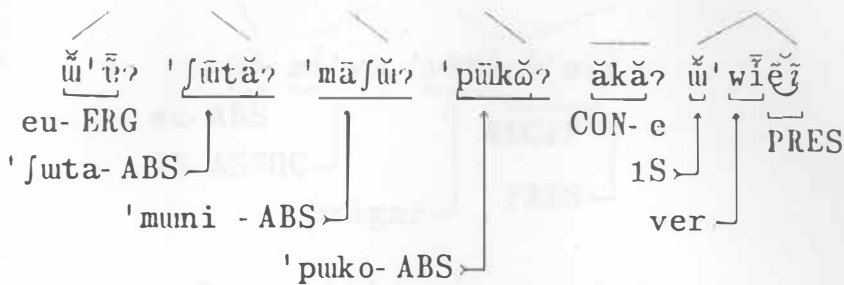
'ino e 'vo estão brincando.'



'rava, 'mau e 'muni estão brincando no rio.'

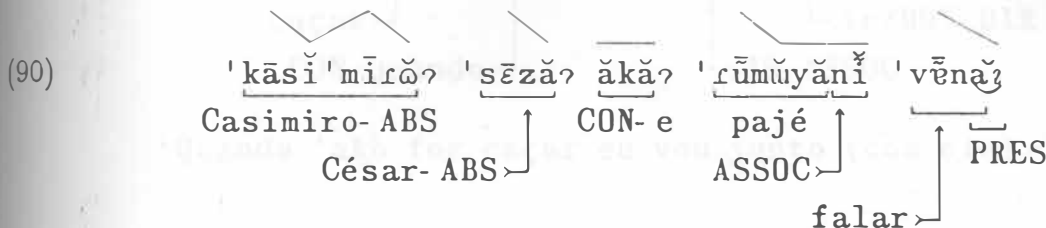


'ṭṭēno 'maya e 'kama morreram/estão mortos.'



'Eu vi 'futa, 'mafui e 'puko.'

Observe-se, finalmente, uma sentença com sujeito composto e objeto associativo:

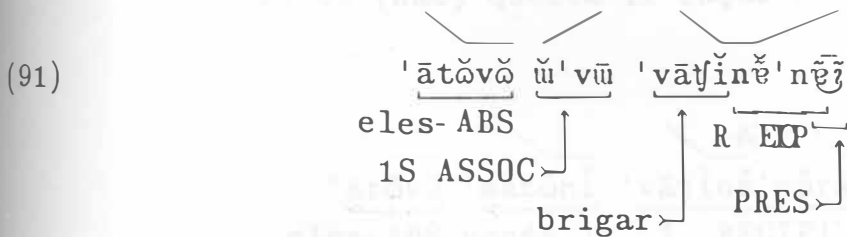


'Casimiro e César estão conversando com o pajé.'

### 3.5.1 — Formas pronominais associativas

Existem, em Marubo, formas pronominais específicas para o caso associativo, para a 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas do singular; são formas dissilábicas com o padrão rítmico binário

✓' \_:

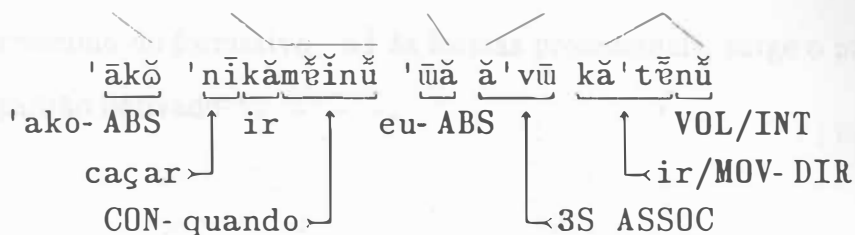


'Eles brigaram comigo.'



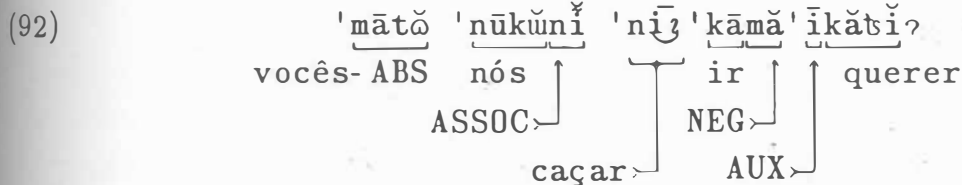


‘Eu vou brigar com você.’

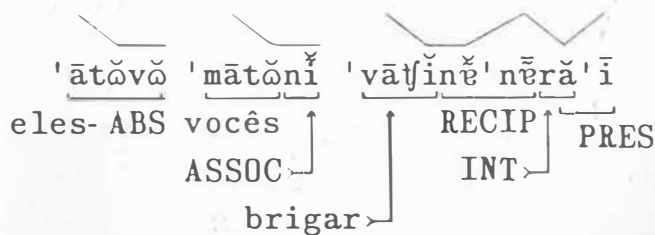


‘Quando 'ako for caçar eu vou junto (com ele).’

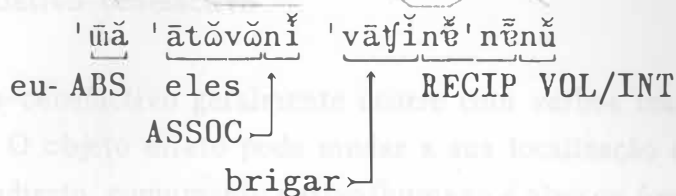
Para a 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> pessoas do plural, o mesmo formativo - nī é utilizado para marcar o objeto associativo, nas formas pronominais livres:



‘Vocês (não) querem ir caçar conosco?’<sup>29</sup>



‘Eles brigaram com vocês?’



‘Eu vou brigar com eles.’

Com o acréscimo do formativo - **nĩ** às formas pronominais, surge o padrão ternário

ou o padrão derivado

## 3.6 — Caso dativo-benefactivo

O caso dativo-benefactivo geralmente ocorre com verbos transitivos. O sujeito é comumente **agente**. O objeto direto pode mudar a sua localização em relação ao objeto indireto. O objeto indireto, comumente dativo/humano é **alvo** ou **fonte** da transação.

Morfologicamente, o caso dativo-benefactivo é codificado através do formativo *ʃo*, o mesmo utilizado para marcar proveniência (fonte), conforme 3.2.4.2. Entretanto, ao contrário de todos os tipos de marcação de caso até agora analisados, em que o caso é marcado no nome, o caso dativo-benefactivo é marcado no verbo.

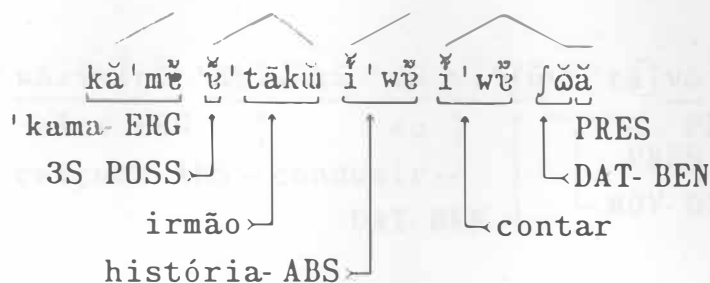
Assim, o formativo marcador de caso dativo-benefactivo se incorpora à raiz verbal, imediatamente à direita desta, e à esquerda de outros formativos que a ela se ligam (marcadores de tempo/aspecto/modalidade, movimento, negação, etc.). Raízes verbais monossilábicas perdem sua autonomia rítmica em prol do formativo *ʃo*, que, nesse caso, recebe proeminência e se nasaliza (conforme exemplos (94)a, b e (95)a, b, e).

Tipicamente, são beneficiários de uma ação iniciada pelo sujeito/agente objetos de verbos como: ‘trazer’, ‘levar’, ‘enviar/mandar’, ‘contar’, ‘dar’, ‘pedir’, ‘mostrar’, ‘receber’. Verbos desse tipo podem envolver transações concretas ou extensões metafóricas mais abstratas do sentido locacional prototípico. As sentenças abaixo mostram que, em Marubo, verbos dessa natureza são construídos como transitivos: o sujeito é marcado pelo caso ergativo; o objeto direto é marcado pelo caso absolutivo ( $\phi$ ) e se posiciona imediatamente antes do verbo, conforme a ordem SOV. O objeto dativo-benefactivo se posiciona antes do objeto direto e não é marcado morfologicamente. A marca morfológica do caso dativo-benefactivo se incorpora à raiz verbal.

- (93) a.
- |  |           |            |                |       |            |
|--|-----------|------------|----------------|-------|------------|
|  | 'dāhsipā  | 'hēfī      | 'klīsā         | wī'fā | 'yūñǎʃǎvǎʒ |
|  | Darcy ERG | Reticlícia |                |       | PAS        |
|  |           |            | carta- ABS     |       | DAT- BEN   |
|  |           |            | mandar, enviar |       |            |

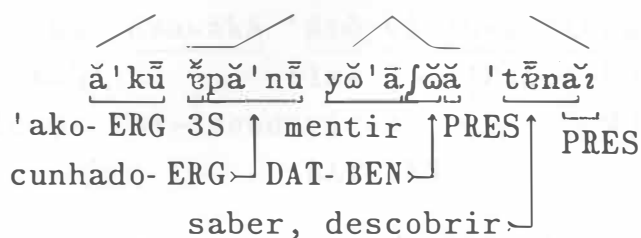
‘Darcy mandou carta para Reticlícia.’

b.



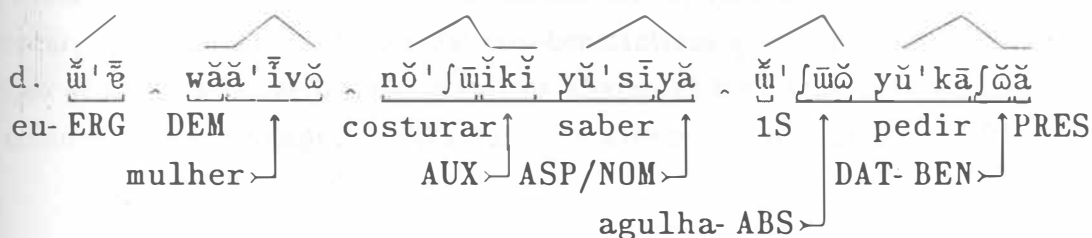
'kama contou uma história para seus irmãos.'

c.



'ako descobriu que sua cunhada mentiu para ele.'

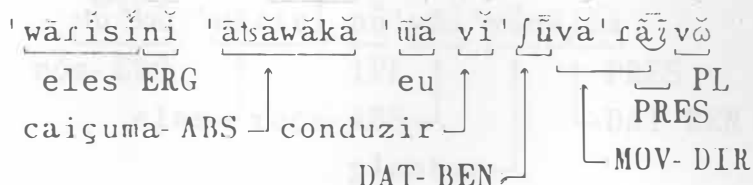
d.



'Eu pedi agulha para aquela mulher que sabe costurar.'

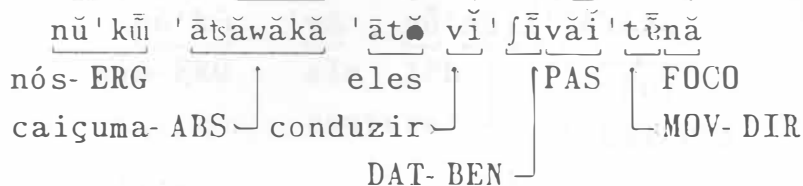
Pode ocorrer, entretanto, uma mudança de posição do objeto dativo-benefactivo, que passa a ocupar a posição do objeto direto. Esse processo é denominado 'dative shifting' e ocorre nas sentenças em (94), com os verbos 'trazer' e 'levar'; com a ressalva de que aí o sintagma nominal relacionado ao morfema dativo-benefactivo apenas troca de posição com o sintagma nominal objeto, sem qualquer outra modificação adicional.

(94) a.



·Eles trouxeram caçuma pra mim.·

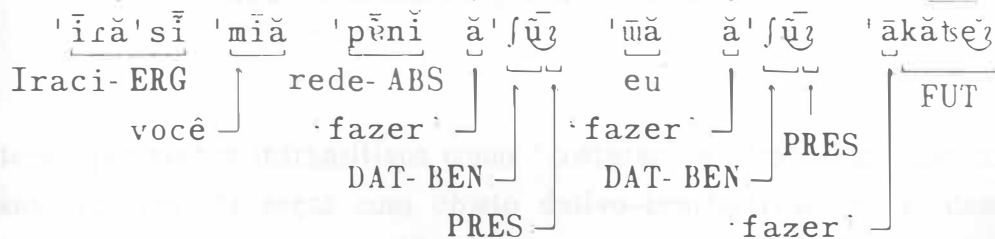
b.



·Nós levamos caçuma pra eles.·

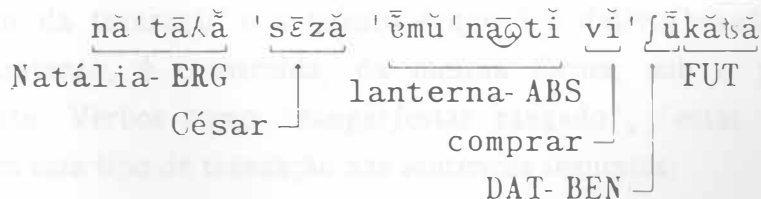
Além desses verbos, outros verbos ativos, isto é, verbos com sujeito agente, podem apresentar, opcionalmente, objetos dativos-benefactivos que não sejam essenciais para a definição semântica do verbo. Os exemplos abaixo exibem sentenças com verbos desse tipo, como: 'fazer', 'comprar', 'plantar', 'costurar' e 'trabalhar'.

(95) a.



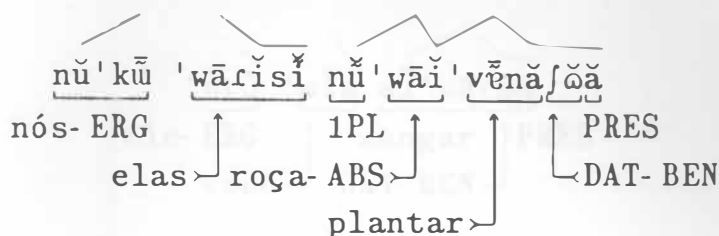
·Iraci vai fazer uma rede para você e para mim.·

b.



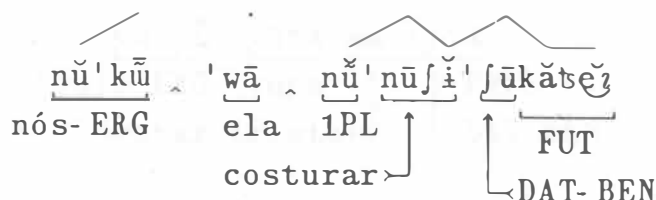
·Natália vai comprar uma lanterna para o César.·

c.



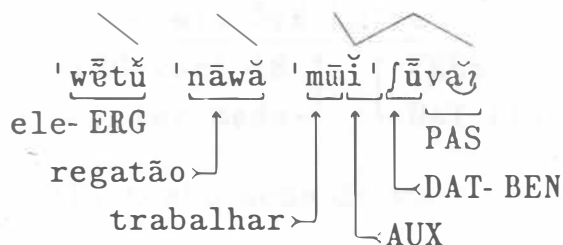
'Nós plantamos roça para elas.'

d.



'Nós vamos costurar para ela.'

e.

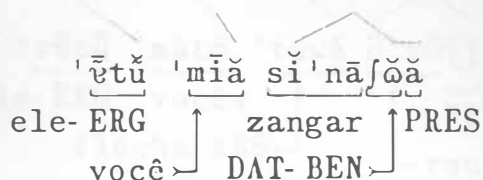


'Ele trabalhou para o regatão.'

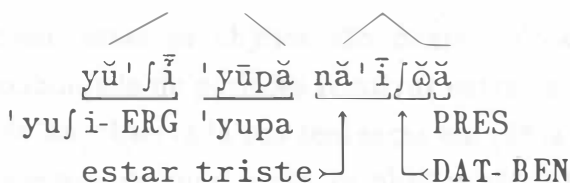
Note-se que verbos intransitivos como 'costurar' e 'trabalhar' são construídos como transitivos em sentenças com objeto dativo-benefactivo, que é, dessa forma, sintaticamente um objeto. Nesse sentido, pode-se considerar que as sentenças com verbos transitivos possuem dois objetos<sup>30</sup>.

As sentenças em (93), (94) e (95) apresentam os objetos benefactivos como alvo, caso em que se beneficiam da transação. Como fonte, porém, o objeto é o agente-iniciador da transação e o sujeito é que é o dativo/benefactivo/recipient. A transação, entretanto, é construída, da mesma forma, sob o ponto de vista do sujeito/recipient. Verbos como 'zangar/estar zangado', 'estar triste', 'temer/ter medo' mostram esse tipo de transação nas sentenças seguintes:

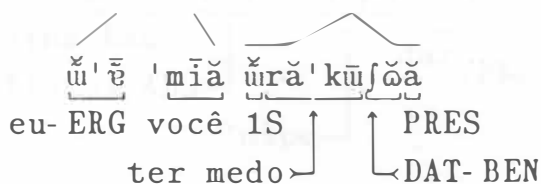
(96)



‘Ele está zangado com você.’



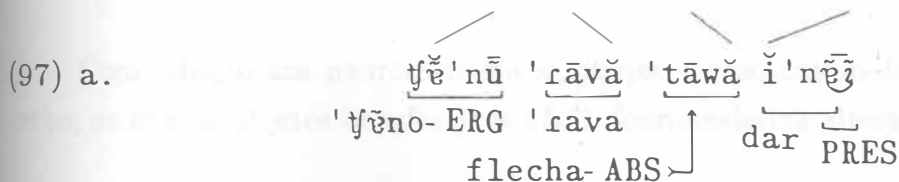
‘‘yufi está triste com ‘yupa.’



‘Eu tenho medo de você.’

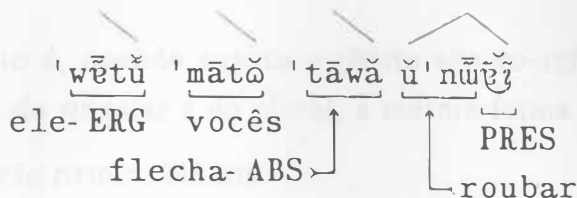
Em verbos como esses, na realidade, o sujeito é um **dativo** cujo estado mental é causado pelo objeto.

Alguns verbos que tipicamente apresentam um objeto dativo-benefactivo, alvo/fonte, são construídos, em Marubo, como verbos transitivos com dois objetos e não há marcador de caso dativo-benefactivo no verbo. É o caso dos verbos ‘dar’ e ‘roubar’:



‘‘fẽno deu flecha pra ‘rava.’

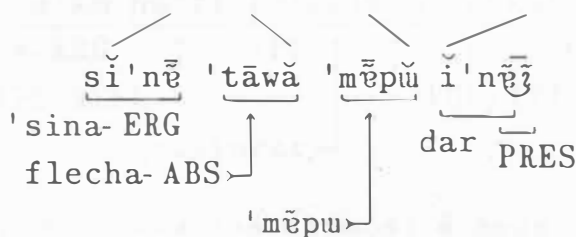
b.



'Ele roubou flecha de vocês.'

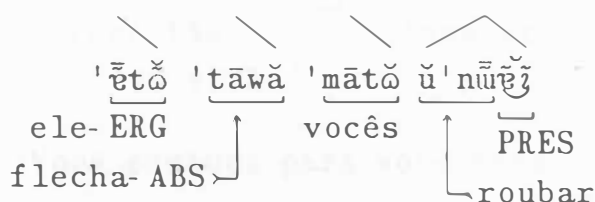
Em construções como essas os objetos são diferenciados pela ordem vocabular. Entretanto, a mesma flexibilidade de posições relativas entre os dois objetos, no processo de 'dative shifting', pode ser observada nas sentenças em (98)a e b, equivalentes a (97)a e b, respectivamente; nesse tipo de construção, os objetos são diferenciados pelo seu grau de animação/afetação:

(98) a.



'sina deu flecha para 'mēpu.'

b.



'Ele roubou flecha de vocês.'

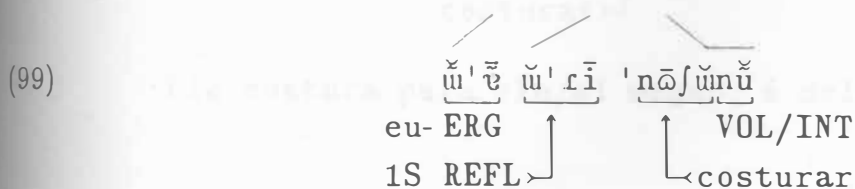
Com relação aos padrões rítmicos, já que o caso dativo-benefactivo é marcado no verbo, os nomes/objetos benefactivos não sofrem nenhuma alteração.

### 3.6.1 — Caso dativo-benefactivo e formas pronominais

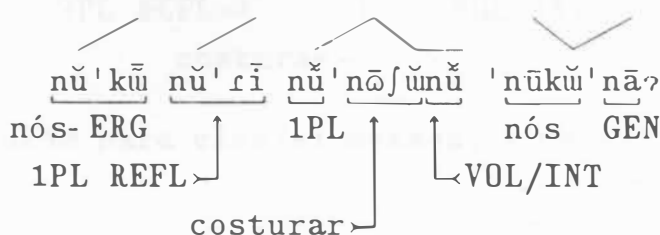
Assim como existem formas pronominais específicas para o caso associativo, há também formas pronominais específicas para o caso dativo-benefactivo. São formas pronominais reflexivas utilizadas quando o sujeito e o objeto-benefactivo são



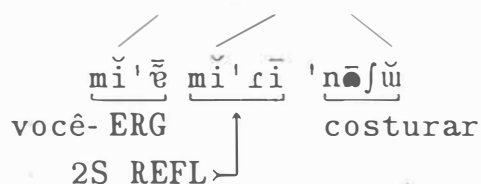
beneficiários da ação, isto é, quando sujeito e objeto são co-referentes, conforme (99) abaixo. Para a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular e do plural, a mesma forma é utilizada. Todas elas se conformam com o padrão rítmico binário ˘' -



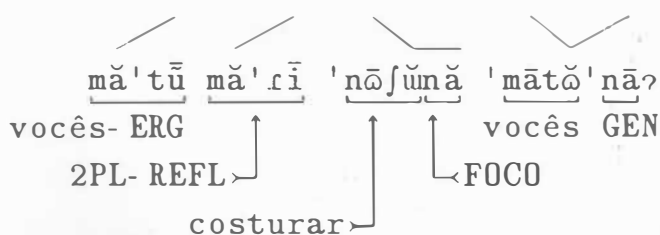
‘Eu costuro para mim mesmo.’



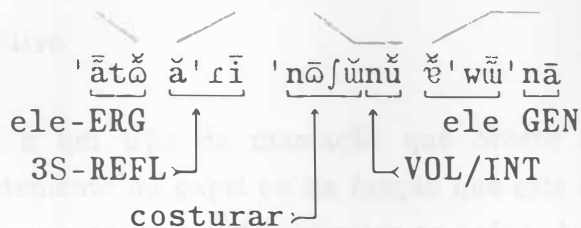
‘Nós costuramos para nós mesmos; é nosso/para nós.’



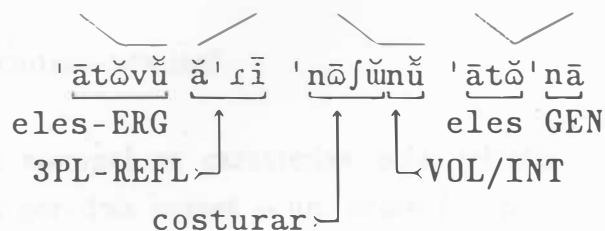
‘Você costura para você mesmo.’



‘Vocês costuram para vocês mesmos; é seu/para vocês.’



'Ele costura para ele/si mesmo; é dele/para ele.'



'Eles costumam para eles/si mesmos; é deles/para eles.'

### 3.7 — Caso genitivo

O caso genitivo é um tipo de marcação que ocorre em sintagmas nominais complexos, independentemente do papel ou da função que este sintagma nominal exerça na sentença, como participante em estados, eventos ou ações. Assim, sintagmas nominais contendo construções marcadas pelo caso genitivo podem, simultaneamente, ser marcados pelos casos ergativo, locativo, etc., além da marcação  $\phi$ , de caso absolutivo, de acordo com seu papel semântico/pragmático na sentença.

#### 3.7.1 — Caso genitivo-nominal

O caso **genitivo-nominal** se caracteriza pela relação que se estabelece numa construção constituída por dois nomes – um nome é o núcleo da construção, o outro nome é o modificador desse núcleo. Tem-se assim a relação modificado-modificador ou determinado-determinante.

Em geral, essa relação é estabelecida pela ordem vocabular em sintagmas nominais (que, por sua vez, é previsível pela ordem vocabular em orações simples). Segundo Greenberg (1966), ‘se uma língua tiver a ordem objeto-verbo (OV) em orações simples, deverá ter a ordem modificador-nome (M-N) em sintagmas nominais. Se tiver a ordem verbo-objeto (VO) em orações simples, deverá ter a ordem nome-modificador (N-M) em sintagmas nominais’. Da mesma forma, ‘se uma língua tiver a ordem objeto-verbo (OV) em orações simples, deverá ter uma morfologia predominantemente sufixal. Se tiver a ordem verbo-objeto (VO) em orações simples, deverá ter uma morfologia predominantemente prefixal’ (cf. Givón (1984: 188–189)).

A língua Marubo, caracterizada pela ordem vocabular OV, confirma essas previsões. A segunda previsão é confirmada pelo fato de que tanto os formativos que acompanham nomes como os que acompanham verbos se ligam à direita das raízes nominais ou verbais.

A primeira previsão se confirma pela caracterização das construções genitivas em questão. Tem-se, assim, a ordem modificador-nome (M-N), conforme a ordem OV, como estratégia de marcação do caso genitivo-nominal.

São exemplos de realizações isoladas de genitivos-nominais em Marubo:

(100) 'āṭṣā 'vūrǎ  
macaxeira olho

‘olho de macaxeira’

'ūnǎ 'ĩmĩ  
porco sangue

‘sangue de porco’

'tākǎrũ 'vāṭṣĩ  
galinha ovo

‘ovo de galinha’

'nōvǎ 'tīwũǎ  
aroa colar

‘colar de aroá’

'nũǎ 'wākǎpǎṣǎ  
mar água

‘água do mar’

'pāsǎ nũ'ũ  
sopa cheiro

‘cheiro de sopa’

'ṣũnĩ 'rātǎ  
óleo lata  
(empréstimo)

‘lata de óleo’

βǎ'ṣĩṣǎ 'ṣǎmǎ  
farinha pote  
(empréstimo)

‘pote de farinha’

kǎ'pũ ũ'ĩtĩ  
jacaré coração

‘coração de jacaré’

'ūnǎ ṣǎ'kǎ  
porco pele

‘pele de porco’

'yũĩnĩ mũ'tīsĩ  
bicho unha

‘unha de bicho’

'nīstĩ? tāpǎ?  
paxiúba casa

‘casa de paxiúba’

'tʃũfũ 'mũĩnũftĩ  
côco pulseira

'pulseira de côco'

Como se pode observar pelos exemplos citados, construções desse tipo são constituídas por dois nomes (simples ou complexos) independentes, cada qual com sua autonomia rítmica, cada um com uma sílaba proeminente. O caso genitivo-nominal é marcado pela ordem modificador-nome/determinante-determinado, isto é, se expressa pela posição de cada elemento constituinte do sintagma nominal.

Ocorre, entretanto, que, em contexto, essas construções podem sofrer alterações rítmicas. Podem ser realizadas, conforme os exemplos em (100), de forma que cada elemento mantenha sua autonomia rítmica:

(101) a.

'nũĩnũ 'mãĩ 'põtũ 'yẽwũ  
aqui terra ter, existir  
poeira- ABS

'Aqui tem muita poeira (da terra).'

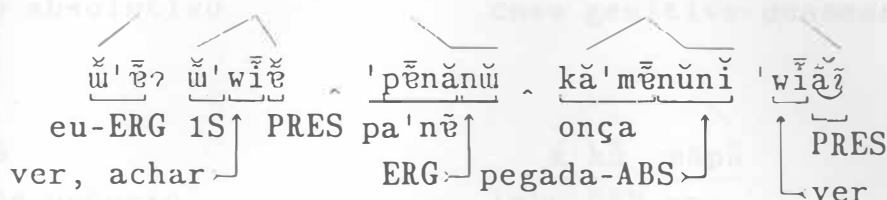
b.

'wẽtũ 'ũnũ fã'kã 'fãtĩĩĩ  
ele- ERG porco  
pele- ABS PRES  
cortar

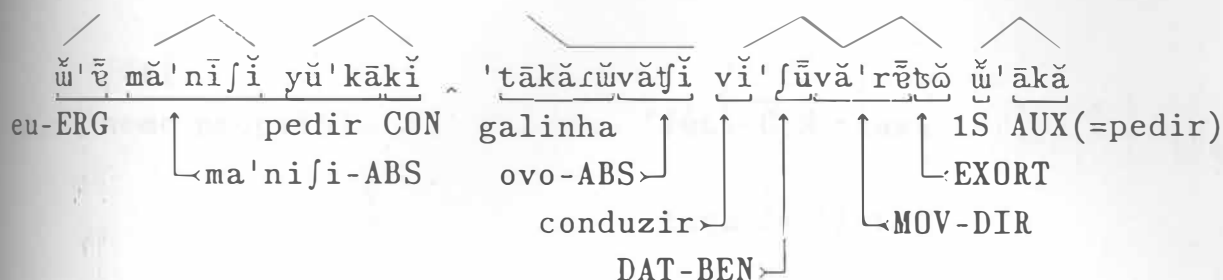
'Ele cortou a pele do porco.'

Podem, por outro lado, ser realizadas de forma que a sílaba proeminente do elemento determinado se subordine à sílaba proeminente do determinante, à mesma maneira que os nomes compostos, derivados de genitivos-nominais vistos em 2.1.2.2(27). Comparem-se as realizações em (101)a e b com as de (102)a e b, respectivamente:





‘Eu acho que pa'nẽ viu pegada de onça.’



(‘Eu pedi para ma'nifi - ‘traz ovo de galinha!’ - eu pedi.’) ou  
 ‘Eu pedi para ma'nifi trazer ovo de galinha.’

Note-se que na última sentença, a construção genitiva como um todo, exibe um padrão rítmico derivado incompatível com a regra 2(20), segundo a qual o limite máximo de sílabas finais não proeminentes em um nome é de apenas três. Como já foi observado em 2.1.2.2, trata-se de um caso marginal que necessita de uma investigação além dos domínios da palavra, da locução e da sentença.

### 3.7.2 — Caso genitivo possessivo

À mesma maneira que o caso genitivo-nominal, o caso genitivo-possessivo é construído na ordem modificador-nome, para expressar a relação ‘possuidor-possuído’.

Entretanto, não é apenas a ordem vocabular que expressa essa relação. O modificador/possuidor é também marcado morfológicamente, conforme as mesmas regras de marcação de caso definidas para os casos ergativo, locativo, instrumental e meio.

Recebem marcação de tipo (a), conforme 3.2.1(27), (31), (34), e 3.1.1(3), respectivamente, os modificadores em (104), (105), (106) e (107) abaixo:

## (104) caso absolutivo

'ākǎ

'nome próprio'

'fētĩ

'nome próprio'

'kūnǎ

'nome próprio'

'māfũ

'nome próprio'

'īsǒ

'macaco'

## caso genitivo-possessivo

ǎ'kũ 'pāpǎ

'ako- GEN pai

'pai de 'ako'

fētĩ' tĩ 'fōvǒ

'fētĩ- GEN casa

'casa de 'fētĩ'

kũ'ně 'vākũ

'kuna- GEN filho

'filho de 'kuna'

mǎ'fũ 'pānĩ

'mafũ- GEN rede

'rede de 'mafũ'

ĩ'sũ 'ĩnǎ

macaco- GEN rabo

'rabo do macaco'



'vākũ  
'criança, filho'

vă'kũ ĭ'tāfũ  
criança-GEN perna

'perna da criança/do filho'

'vūnũ  
'homem, marido'

vũ'nũ 'ũpõ  
homem-GEN roupa

'roupa do homem/do marido'

(105) mă'nĩfĩ  
'nome próprio'

mă'nĩfĩnĩ 'kĩfĩ  
ma'nifi GEN coxa

'coxa de ma'nifi'

(106) 'kāsĩ'mĩrõ  
'Casimiro'

'kāsĩ'mĩrũ fã'vã  
Casimiro-GEN casa

'casa de Casimiro'

'fũnĩwũtã  
'velho (pessoa)'

'fũnĩwũtẽ 'fõvõ  
velho-GEN casa

'casa do velho'

(107) 'lāzãrõ  
'Lázaro'

'lāzãrũ 'nũtĩ  
Lázaro-GEN canoa

'canoa do Lázaro'

Recebem marcação de caso do tipo (b), conforme 3.2.2(36) e (38), respectivamente, os modificadores em (108) e (109):

- (108)  $\begin{array}{l} \text{să' bā} \\ \text{'nome próprio'} \end{array}$   $\begin{array}{l} \text{'sābăpă 'vākũ} \\ \text{sabá GEN filho} \\ \text{'filho de Sabá'} \end{array}$

- $\begin{array}{l} \text{tă'sī} \\ \text{Darcy} \end{array}$   $\begin{array}{l} \text{'tāsipă 'ūwă} \\ \text{Darcy GEN mãe} \\ \text{'mãe do Darcy'} \end{array}$

- (109)  $\begin{array}{l} \text{pă'nē} \\ \text{'nome próprio'} \end{array}$   $\begin{array}{l} \text{'pānănũ 'tīwũă} \\ \text{pa'nē GEN colar} \\ \text{'colar do pa'nē'} \end{array}$

As sentenças abaixo fornecem ocorrências do caso genitivo-possessivo em contexto:

- (110)  $\begin{array}{l} \text{mă'nīfĩnĩ} \text{ } \text{ă'kũ} \text{ } \text{'pāpă vă'tĩĩăĩ} \\ \text{ma'nifi ERG} \quad \uparrow \quad \uparrow \text{brigar PRES} \\ \text{'ako-GEN} \quad \downarrow \quad \downarrow \text{pai-ABS} \end{array}$   
 'ma'nifi brigou com o pai de 'ako.'

- $\begin{array}{l} \text{'ā} \text{ } \text{kũ'nē} \text{ } \text{'vākũ} \\ \text{ele-ABS} \quad \uparrow \quad \text{filho} \\ \text{'kuna-GEN} \end{array}$   
 'Ele é filho de 'kuna.'

$\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \\ \text{mă} \text{'fũ} \text{'pēnĩ} \text{vũ} \text{'nākă} \\ \text{'ma} \text{fũ} \text{-GEN} \quad \text{nova} \\ \text{rede-ABS} \end{array}$

‘A rede de ‘mafũ está nova.’

$\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \\ \text{fẽ} \text{'tĩ} \text{'fōv} \text{'ūrākă} \\ \text{'fẽti-GEN} \quad \text{longe} \\ \text{casa, maloca-ABS} \end{array}$

‘A casa de ‘fẽti fica longe.’

$\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \\ \text{wāvă} \text{'kũ} \text{ĩ} \text{'sũ} \text{ĩnă} \text{'tšākă} \\ \text{DEM} \quad \text{rabo-ABS} \quad \text{AUX} \\ \text{menino-ERG} \quad \text{puxar} \\ \text{macaco-GEN} \end{array}$

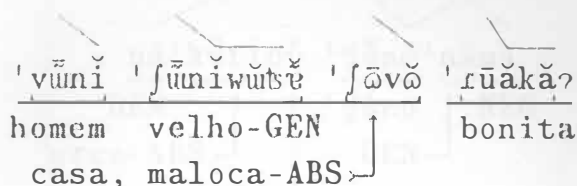
‘O menino puxou o rabo do macaco.’

$\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \\ \text{'ē} \text{tō} \text{vă} \text{'kũ} \text{ĩ} \text{'tāfũ} \text{tũ} \text{'rũfākă} \\ \text{ele-ERG} \quad \text{coçar AUX} \\ \text{criança-GEN} \quad \text{perna-ABS} \end{array}$

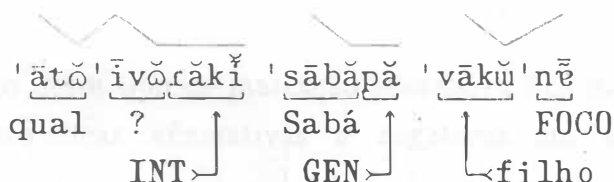
‘Ele está coçando a perna da criança.’

$\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \\ \text{'wētũ} \text{mă} \text{'nĩfĩnĩ} \text{'kĩfĩ} \text{tũ} \text{'rĩfākă} \\ \text{ele-ERG} \quad \text{ma'ni} \text{fĩ GEN} \quad \text{coçar AUX} \\ \text{coxa-ABS} \end{array}$

‘Ele está coçando a perna de ma'ni fi.’



'A casa do homem velho é bonita.'

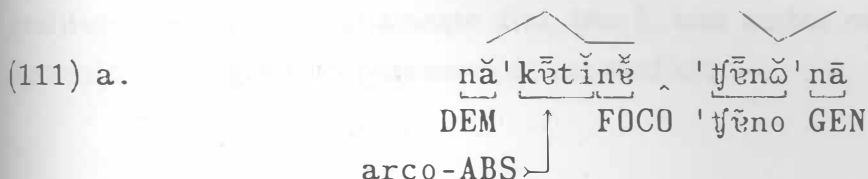


‘Qual de vocês é o filho do Sabá?’

Ao contrário do que acontece com os genitivos-nominais, ambos os elementos do caso genitivo-possessivo mantêm sua autonomia rítmica, em quaisquer circunstâncias, isto é, em realizações isoladas e em contexto.

Em contextos em que o elemento possuído já foi mencionado anteriormente, a noção de posse é codificada através do formativo **na**, que se afixa ao possuidor. Referindo-se a uma indicação anterior, esse tipo de marcação é, portanto de uso anafórico. Devido a fatores discursivo-pragmáticos, o formativo **na** pode receber ou não proeminência (v. 4.3.7).

Em (111)a e b, o elemento ‘possuído’ tem função de sujeito e é focalizado com o marcador discursivo *nẽ*; o elemento ‘possuidor’ tem função predicativa, estabelecendo ou negando a relação de posse com o sujeito:

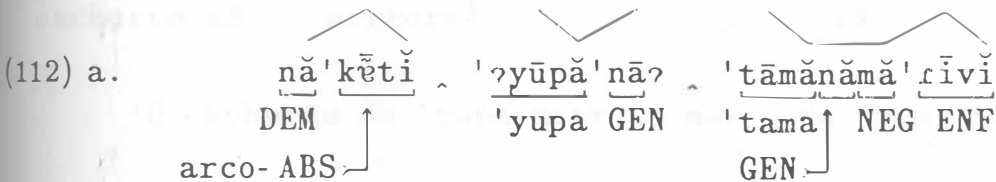


‘Este arco é de ‘tẽno.’

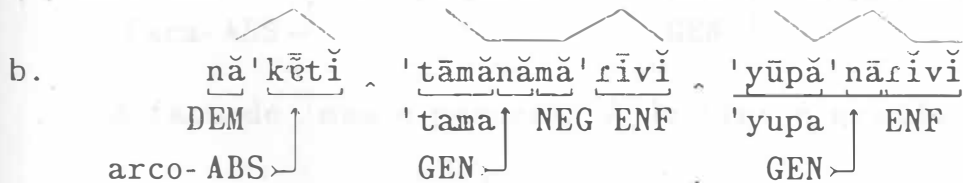


‘Este arco não é de 'ʃũnũ.’

O uso anafórico desse tipo de marcação possessiva fica mais evidente em (112)a e b, onde se tem sentenças afirmativas e negativas em seqüência, com sujeitos co-referenciados:



‘Este arco é de 'yupa; ele não é de 'tama!’



‘Este arco não é de 'tama, é de 'yupa!’

Essa co-referencialidade torna-se incontestável em contextos que combinam o genitivo-possessivo, propriamente dito, isto é, com ambos os elementos, ‘possuidor’ e ‘possuido’, e o genitivo-possessivo de uso anafórico:

- (113) kā'rũ vī'mĩ 'wāpā 'tũkǎʒ 'yũpǎnǎ 'tũkǎʒ 'āvǎʒ  
 karo-ERG 'vimi-GEN cachorro-ABS atirar 'yupa-GEN atirar AUX(=atirar)  
 PRES PRES PAS

'karo atirou no cachorro de 'vimi e no (cachorro) de 'yupa.'

- yũ'pē 'wāpǎrǔ 'vũpĩvǎʒ ǎs'kāmũkĩ 'vĩmĩ'nārǔ 'kāvǎʒ  
 'yupa-GEN TOP PAS CON-mas 'vimi-GEN TOP PAS  
 cachorro-ABS morrer ir, fugir

'O cachorro de 'yupa morreu, mas o de 'vimi fugiu.'

- mā'ũ 'sũnǔtĩ ĩf'tũftǎʒ 'ĩ'dǔ'nārǔ 'ēnikǎ  
 'mau-GEN pequena 'ino-GEN TOP grande  
 faca-ABS

'A faca de 'mau é pequena. A de 'ino é grande.'

### 3.7.2.1 — Formas pronominais possessivas

A relação de posse pode ser expressa também através de formas pronominais específicas, que codificam o elemento 'possuidor', que se posiciona na mesma ordem vocabular característica das construções genitivas, ou seja, a ordem determinante-determinado e, mais especificamente, marcador possessivo-nome.

Para a 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoas do singular utilizam-se como marcadores possessivos as formas dependentes ũ e mĩ, respectivamente. Essas formas são contrações das formas pronominais livres marcadas pelo caso ergativo (v. Quadro 3.3 em 3.1.5). Como são monossílabos sem autonomia rítmica, tendem a se cliticizar às raízes que acompanham.

São realizações isoladas de construções possessivas de 1<sup>a</sup> e 2<sup>a</sup> pessoas do singular:

- (114)  $\begin{array}{c} \text{'ũĩ} \\ \text{1S POSS} \end{array}$   $\begin{array}{c} \text{'pāpā} \\ \text{pai} \end{array}$  ou  $\begin{array}{c} \text{ũĩ} \\ \text{1S POSS} \end{array}$   $\begin{array}{c} \text{'pāpā} \\ \text{pai} \end{array}$
- 'meu pai' 'meu pai'

- $\begin{array}{c} \text{'mĩ} \\ \text{2S POSS} \end{array}$   $\begin{array}{c} \text{'pāpā} \\ \text{pai} \end{array}$  ou  $\begin{array}{c} \text{mĩ} \\ \text{2S POSS} \end{array}$   $\begin{array}{c} \text{'pāpā} \\ \text{pai} \end{array}$
- 'teu pai' 'teu pai'

Para a 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> pessoas do plural, utilizam-se as formas pronominais livres marcadas pelo caso ergativo (v. Quadro 3.3, em 3.1.5), que conservam sua autonomia rítmica, conforme os exemplos:

- (115)  $\begin{array}{c} \text{nũ} \\ \text{1PL POSS} \end{array}$   $\begin{array}{c} \text{'kũ} \\ \text{'pāpā} \\ \text{pai} \end{array}$   $\begin{array}{c} \text{mã} \\ \text{2PL POSS} \end{array}$   $\begin{array}{c} \text{'tũ} \\ \text{'pāpā} \\ \text{pai} \end{array}$
- 'nosso pai' 'pai de vocês'

Para a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular e do plural, várias formas podem ser utilizadas para marcar posse: as diversas formas pronominais livres marcadas pelo caso ergativo, assim como as formas dependentes (v. Quadros 3.2 em 3.1.4.3 e 3.3). Tem-se, assim, para o singular e o plural, respectivamente:

- (116) singular plural
- $\begin{array}{c} \text{'wētũ} \\ \text{e} \end{array}$   $\begin{array}{c} \text{'wārĩšĩĩ} \\ \text{, de uso dêitico} \end{array}$
- $\begin{array}{c} \text{'ētũ} \\ \text{e} \end{array}$   $\begin{array}{c} \text{'ātōvũ} \\ \text{, de uso representativo} \end{array}$

ě e ătű , de uso anafórico

Esporadicamente, ocorre a forma ătű'wũ, para a 3.<sup>a</sup> pessoa do singular, de uso representativo, equivalente a 'ětű. Essa forma é mais utilizada pelos falantes mais velhos, 'os antigos'.

Os exemplos abaixo são realizações isoladas de construções possessivas de 3.<sup>a</sup> pessoa do singular e do plural:

- (117)
- |                    |       |                      |       |
|--------------------|-------|----------------------|-------|
| 'wětű              | 'pāpă | 'wārīśīnī            | 'pāpă |
| 3S POSS            | pai   | 3PL POSS             | pai   |
| 'pai dele/daquele' |       | 'pai deles/daqueles' |       |
| (mostrando)        |       | (mostrando)          |       |

- |            |       |             |       |
|------------|-------|-------------|-------|
| 'ětű       | 'pāpă | 'ătövű      | 'pāpă |
| 3S POSS    | pai   | 3PL POSS    | pai   |
| 'pai dele' |       | 'pai deles' |       |

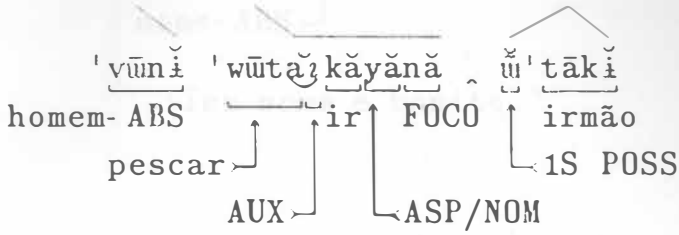
- |            |       |
|------------|-------|
| ătű'wũ     | 'pāpă |
| 3S POSS    | pai   |
| 'pai dele' |       |

- |             |          |
|-------------|----------|
| ătű'pāpă    | ătű'pāpă |
| 3S POSS     | 3PL POSS |
| pai         | pai      |
| 'pai dele'  |          |
| 'pai deles' |          |

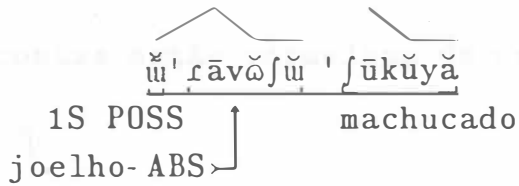


Os usos diferenciados dessas formas, principalmente de 3.<sup>a</sup> pessoa, podem ser melhor observados em contexto, nas sentenças que se seguem:

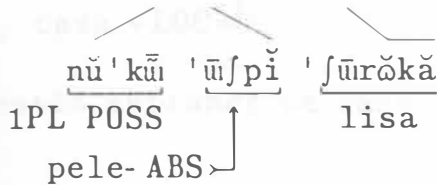
(118)



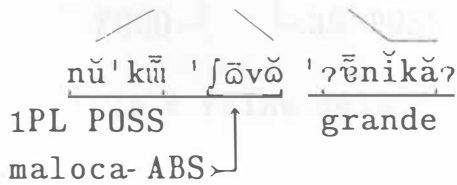
‘O homem que foi pescar é meu irmão.’



‘Meu joelho está machucado.’



‘Nossa pele é lisa.’



‘Nossa maloca é grande.’

$\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{mĩ} \text{'ēnũ} \text{'rũākā} \\ \text{2S POSS} \quad \uparrow \\ \text{nome- ABS} \end{array}$ 
 bonito

‘Teu nome é bonito.’

$\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \\ \text{mĩ} \text{'pũtĩrĩ} \text{'māfũ} \text{ũ'fĩkā} \\ \text{2S POSS} \quad \uparrow \quad \text{urucum vermelha} \\ \text{costas- ABS} \end{array}$

‘Tuas costas estão vermelhas de urucum.’

$\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \\ \text{'mātō} \text{mā'tũ} \text{fũ'vũ} \text{mē'ikōvā'ĩēĩ} \\ \text{vocês- ABS} \quad \uparrow \quad \text{2PL} \quad \uparrow \quad \text{MOV PRES} \\ \text{2PL POSS} \quad \uparrow \quad \text{entrar} \\ \text{casa - LOC} \end{array}$

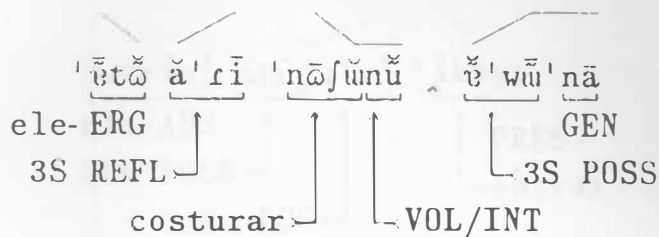
‘Vocês estão entrando na casa de vocês.’

$\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \\ \text{'wānē} \text{'wētũ} \text{'vākũ} \\ \text{ele- ABS} \quad \uparrow \quad \text{filho} \\ \text{FOCO} \quad \uparrow \quad \text{3S POSS} \end{array}$

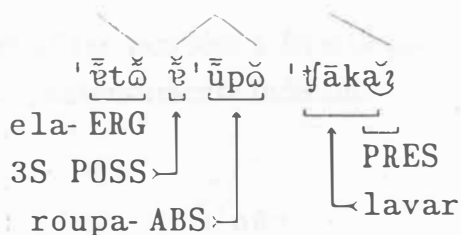
‘Ele é filho dela.’

$\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \\ \text{'pūkĩ} \text{'ētũ} \text{'vākũmā'fĩvĩ} \\ \text{'puki- ABS} \quad \uparrow \quad \text{filho} \quad \uparrow \quad \text{ENF} \\ \text{3S POSS} \quad \uparrow \quad \text{NEG} \end{array}$

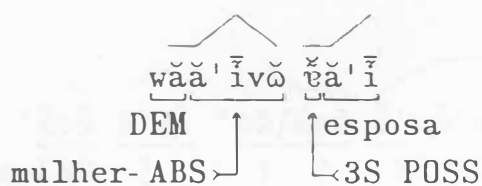
‘puki não é filho dela.’



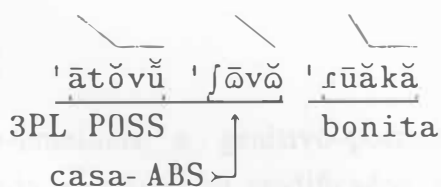
‘Ele costura para ele mesmo, é dele/para ele.’



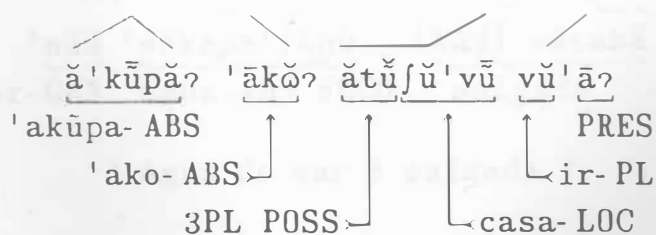
‘Ela está lavando a roupa dela.’



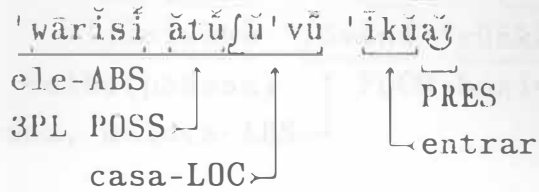
‘Aquela mulher é esposa dele.’



‘A casa deles é bonita.’



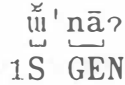
‘a'kūpa e 'ako vão pra casa deles.’



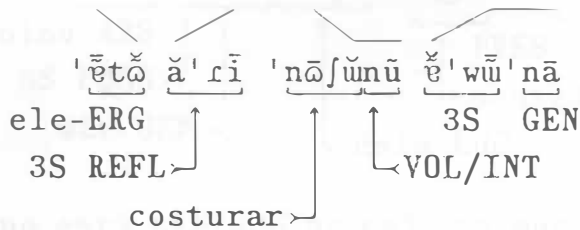
‘Eles entraram na casa deles.’

O formativo **na** pode se afixar também a formas pronominais possessivas, para se referir ao elemento ‘possuído’, anteriormente indicado:

(119)



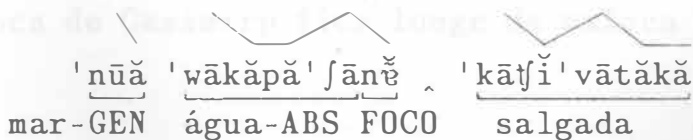
‘É meu.’



‘Ele costura para ele mesmo, é dele/para ele.’

Construções genitivo-nominais e genitivo-possessivas constituem sintagmas nominais que podem ser ainda marcados ou modificados, conforme seu papel semântico ou pragmático. As sentenças abaixo mostram algumas possibilidades de marcação simultânea:

(120)



‘A água do mar é salgada.’

'fūnīwūṭṣě 'fōvōnă 'rūākă  
 velho(pessoa) FOCO bonita  
 casa, maloca- ABS

‘A casa do homem velho é bonita.’

'wētū ḙvă'kū'tāū 'ṽūăṽākă  
 ela- ERG 3S POSS pé- ABS AUX  
 filho- GEN lavar

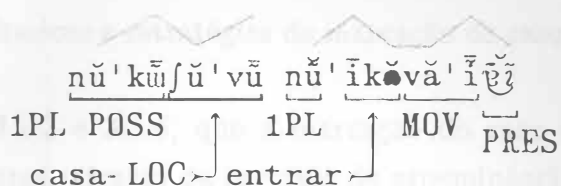
‘Ela está lavando os pés do filho dela.’

'vākū ḙū'wēkī'fī 'ṭāṭă  
 menino- ABS 3S POSS PRES  
 mãe- GEN sentado  
 colo- LOC

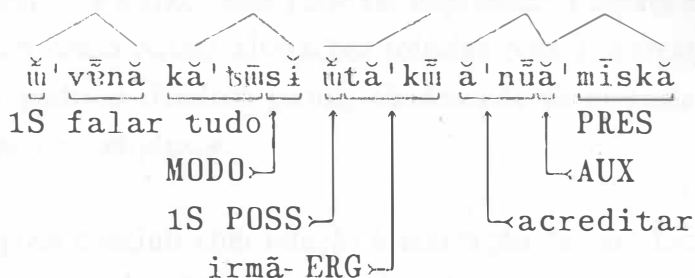
‘O menino está sentado no colo da mãe dele.’

'kāsi'mīrū'fōvōnă'mēfō 'fēti'nānṽ 'rūrākă  
 Casimiro- GEN LOC GEN FOCO  
 casa, maloca PROV longe

(‘Da maloca do Casimiro até a do 'fēti é longe.’) ou  
 ‘A maloca de Casimiro fica longe da maloca de 'fēti.’



‘Nós estamos entrando na nossa casa.’



‘Minha irmã acredita em tudo o que eu falo.’

As diversas combinações de padrões rítmicos que surgem a partir dessas seqüências, se conformam com as regras já estabelecidas no Capítulo 2, isto é, são combinações de padrões binários, ternários e derivados, não ultrapassando, portanto, o limite de sílabas não proeminentes permitido.

### 3.8 — Padrões rítmicos e estratégias de marcação de caso

Observou-se em 3.1.3 e 3.1.6, que a marcação do caso ergativo em dissílabos é feita, entre outras maneiras, através da inversão de proeminência silábica, o que acarreta a perda de estabilidade rítmica característica das raízes nominais. Observou-se também que, embora haja inversão de proeminência, prevalece o padrão binário. Como as alterações dessa natureza são sistemáticas, a mesma estabilidade rítmica nas características melódicas e duracionais pode ser depreendida nesses casos. Dessa maneira, tais alterações, assim como outras alterações sofridas com a marcação de caso ergativo, não interferem nos padrões rítmicos gerais, obedecendo às mesmas regras estabelecidas para os nomes simples e complexos.

O mesmo se pode concluir com relação à marcação de caso locativo, instrumental e meio, já que eles são marcados, basicamente, da mesma forma que o caso ergativo.

Com a marcação de caso associativo, as formas nominais não se alteram, dado que a marcação é feita apenas pelo acréscimo de formativo, tendo como resultado padrões rítmicos gerais, derivados, ou combinações de padrões rítmicos.

Como o caso dativo-benefactivo é marcado no verbo, as formas nominais conservam suas características rítmicas originais. O mesmo comportamento foi observado com a marcação do caso genitivo-nominal, dado que a marcação se processa através da ordem vocabular. Viu-se entretanto, que pode ocorrer submissão da sílaba proeminente do elemento determinado à sílaba proeminente do determinante. Com essa submissão, surgem padrões rítmicos derivados.

Finalmente, observou-se que, com a marcação do caso genitivo-possessivo, que se processa também através da ordem vocabular, o determinante/possuidor é marcado morfológicamente da mesma forma que o caso ergativo, obedecendo portanto às regras gerais de comportamento rítmico; quanto ao elemento determinado/possuído, este conserva suas características rítmicas originais.

Dessa maneira, o sistema de marcação de caso, em nomes simples ou complexos, apresenta padrões rítmicos equivalentes aos padrões indentificados em nomes simples e complexos sem marca morfológica explícita de caso.

Quanto aos artifícios utilizados pela língua Marubo para codificar os diversos papéis semânticos ou pragmáticos, observou-se que para o caso ergativo, a língua se utiliza de combinações entre a nasalização, a inversão de proeminência silábica e a

morfologia (utilização de formativos).

Os mesmos artifícios são utilizados para marcar o caso locativo, instrumental e meio.

Para o caso locativo, além dessas combinações, observou-se também o uso relevante da morfologia (formativo *namũ*, que é uma posposição) para marcar certas classes lexicais, assim como sintagmas nominais compostos ou orações dependentes. A morfologia é usada também para marcar informações semânticas específicas da relação espacial. A indicação de proveniência é feita através da posposição *fo*. Posposições são utilizadas para indicar posição e o mesmo acontece com formas verbais e locativos dêiticos. Os formativos identificados como posposição possuem, enquanto tal, relevância para a sintaxe.

O caso associativo também é marcado através da morfologia; apenas com o formativo *-nĩ*. A noção de reciprocidade é codificada no verbo através da reduplicação do formativo *nẽ*.

A morfologia é o artifício utilizado também para marcar o caso dativo-benefactivo. Como foi observado, este é o único tipo de marcação que ocorre no verbo e não no nome. A marcação é feita através do formativo *fo* que se incorpora à raiz verbal -- fato relevante para sintaxe. Alguns verbos que tipicamente apresentam um objeto dativo-benefactivo, são construídos como verbos transitivos com dois objetos e não há marcação no verbo. Nesse caso, os objetos são diferenciados ou pela ordem vocabular ou pelo seu grau de animação/afetação.

A ordem vocabular é utilizada na marcação do caso genitivo-nominal, para estabelecer a relação modificado-modificador ou determinado-determinante entre dois nomes. E interage com a morfologia na codificação da relação de posse entre dois nomes.

A principal função da ordem vocabular propriamente dita é a função discursivo-pragmática. A ordem vocabular básica das sentenças simples em Marubo, isto é, das sentenças 'neutras' em termos de sua função discursivo-pragmática, é a ordem SOV. Estando todos os argumentos marcados morfologicamente (inclusive por  $\phi$ ), pode ocorrer a ordem OSV, SVO ou OVS. Tais deslocamentos geralmente acarretam variações discursivo-pragmáticas. Com essa estratégia obtêm-se, por exemplo, orações com tópico<sup>31</sup>. A ordem vocabular também evita a ambigüidade em sentenças com vários argumentos sem marca explícita de caso. Por exemplo, em sentenças causativas, que envolvem subordinação. Ou, por exemplo, em orações transitivas negativas, em que o



sujeito não é marcado morfologicamente (ergatividade cindida)<sup>32</sup>. A diferenciação entre as funções pragmáticas, em casos como esses, é codificada apenas através da ordem vocabular.

Tem-se a concluir que os principais artifícios utilizados pela língua Marubo na diferenciação entre os papéis semânticos e pragmáticos são uma combinação entre a morfologia, o acento e a nasalização (que se processa a partir de um condicionamento morfológico). Dada a pouca utilização da ordem vocabular na marcação de caso, esta pode ser considerada como um recurso marginal.

### 3.9 — A morfologia Marubo

Da análise e descrição do sistema de marcação de caso da língua Marubo, concluiu-se que a morfologia, combinada a alterações rítmicas e fonológicas, desempenha papel fundamental na diferenciação de participantes/argumentos em estados, eventos ou ações.

Observou-se que diversos formativos concorrem para marcar diferentes funções semânticas ou pragmáticas. Que a manifestação da ergatividade se faz, entre outras maneiras, através da morfologia. Além disso, marcadores discursivos participam na codificação de funções discursivas, marcando tópicos ou focalizando argumentos. Há ainda marcadores de negação, interrogação e comando.

Observou-se que, nos processos de formação de palavras, há uma grande variedade de formativos, que se alternam ou se acrescentam às raízes, para formar nomes, indicando-lhes a 'noção', a 'categoria' e a 'função'.

Finalmente, observou-se quão complexa é a caracterização do sintagma verbal. Pôde-se verificar que, a raízes verbais podem-se afixar ou incorporar uma grande variedade de formativos (cuja função, em alguns casos, ainda não se conseguiu identificar precisamente). Sem contar as formas auxiliares utilizadas no processo de transitivização e intransitivização.

Dessa maneira torna-se evidente a 'riqueza' da morfologia na língua Marubo.

Parece por demais estranho que, em análise recente, de uma língua da mesma família Pano — o Katukina — falado por grupos vizinhos, no estado do Acre, tenha-se concluído que 'ela é uma língua 'morfologicamente pobre' dentro do que seria relevante para a análise sintática'. As semelhanças fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas, compartilhadas entre a língua Katukina e a língua Marubo, conduzem à suspeita de que uma análise mais apurada dos fatos lingüísticos do Katukina poderia revelar justamente o contrário, haja vista a riqueza morfológica de sua língua irmã.

#### 4 FATORES QUE INTERFEREM NOS PADRÕES RÍTMICOS GERAIS

Em geral, as características melódicas e duracionais dos nomes e verbos em Marubo se mantêm em contexto. Alterações ou variações rítmicas são causadas por certas propriedades fonéticas ou traços não distintivos (glotalização e laringalização) que acompanham certos segmentos, em determinados contextos. Ocorrem também por conta de características suprasegmentais (pausa, velocidade de fala e padrões silábicos). Tanto as propriedades fonéticas como as características suprasegmentais estão diretamente relacionadas a fatores morfo-sintáticos, como a demarcação de fronteiras morfológicas ou sintagmáticas. Os processos de formação de palavras causam diversos tipos de alterações rítmicas.

A variação rítmica em raízes verbais é determinada por fatores semânticos.

Entretanto, fatores discursivo-pragmáticos determinam variações rítmicas mais significativas, tendo como consequência o aparecimento de padrões rítmicos atípicos ou conformações rítmicas aparentemente imprevisíveis.

É sobre essas alterações e os fatores de que decorrem que as atenções se concentram a seguir.

##### 4.1 — Fatores morfo-sintáticos

Observou-se em 2(18), a desvinculação entre altura, duração e tonicidade em sílabas finais, em nomes complexos isolados. Observou-se também que a sílaba final pode ser realizada como átona ou tônica; como breve ou longa. Mas sempre baixa.

Mostra-se agora que essa desvinculação pode ocorrer não só em nomes complexos, como em qualquer tipo de palavra, dado que ela é causada pela oclusão glotal e pelo alongamento da sílaba final, em função demarcativa (fronteira de morfemas, palavras, sintagmas e sentenças).

##### 4.1.1 — Demarcação de fronteira por oclusão glotal e laringalização

Já foi observado que a oclusão glotal acompanha freqüentemente nomes isolados, simples ou complexos (da mesma forma que acompanha formas verbais):

## (1) a. nomes simples

'vō?	'tākĩ?	kũ'kā?	'yǎ'wīfĩ?
'nome próprio, 'cabelo'	'irmão'	'abacaxi'	'tatu'

## b. nomes complexos

'rūākǎ?	ĩf'nākǎ?	'rūākǎftǎ?	'rūmũyǎ?
'bom, 'bonito'	'ruim, 'não presta'	'bonitinho'	'pajé'

Os nomes simples ou complexos, podem também ser iniciados por oclusão glotal, principalmente se iniciados por vogal:

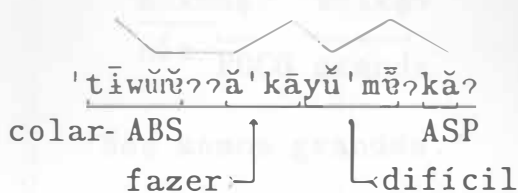
(2)	'ʔētsākǎ?	ʔĩf'tūftǎ?	'ʔyūrǎ?	'ʔvākũ
	'muito'	'pequeno'	'gente'	'criança'

Com ou sem oclusão glotal pode ocorrer também laringalização em sílaba final de palavra, quando a altura é baixa:

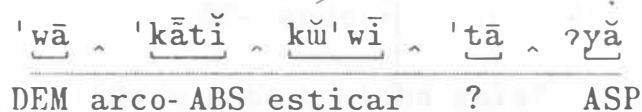
(3)	'wūtātĩ?	'pītĩ'ākǎyǎ	'yūrǎ
	'anzol'	'cozinheira'	'gente'

Quando observada em contexto, conclui-se que a oclusão glotal, com ou sem laringalização simultânea, não exerce função distintiva, mas sim uma função nitidamente **demarcativa**, conforme exemplificação a seguir.

## (4) Fronteira de morfemas

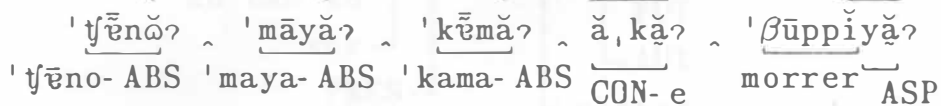


‘É difícil fazer colar.’

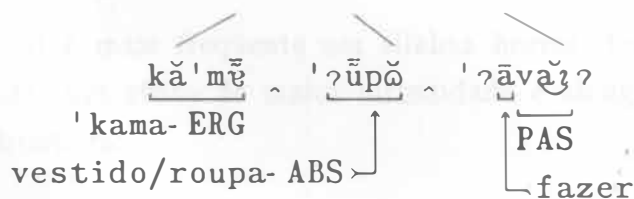


‘O arco está esticado.’

## (5) Fronteira de palavras



‘‘tjēno ‘maya e ‘kama morreram/estão mortos.’



‘‘kama fez um vestido.’

## (6) Fronteira de sintagmas

'nūikūnă? 'ēnikă?  
 nós FOCO grande

‘Nós somos grandes.’

ũ'vātfině ~ 'ʔātōnă'mě'fā?  
 1S- POSS saia FOCO LOC INT  
 QU- onde

‘Onde está a minha saia?’

#### (7) Fronteira de orações

ũ'ē ʔũ'wĩě ~ 'ʔūʔ'ikātež?  
 eu- ERG 1S  
 ver PRES  
 FUT  
 AUX  
 chover

‘Eu acho que vai chover.’

A oclusão glotal é mais freqüente em sílabas breves, baixas e átonas, mas sua ocorrência pode causar um efeito de maior intensidade e alongamento em sílaba final, isto é, também em fronteira:

(8) 'βō? 'kūnă? 'fūtă? ʔă,kā? 'vātfině'nēž, vō?  
 'vo- ABS 'kuuna- ABS 'futa- ABS CON- e brigar PL  
 RECIP PRES

‘‘vo, ‘kuuna e ‘futa brigaram.’

Com menos freqüência, a oclusão glotal ocorre também com sílabas altas, longas e tônicas, em final de sentença:

- (9)
- |           |                 |
|-----------|-----------------|
| nă'kētĩně | 'tʃānǎ'nāʔ      |
| DEM arco  | 'tʃēno GEN-POSS |
| FOCO      |                 |

'Este arco é de 'tʃēno.'

- |               |       |
|---------------|-------|
| kă'kāyăʔʔǎ'vũ | nĩ'āʔ |
| chefe-ABS     | PRES  |
| maloca-LOC    | estar |

'O chefe está na maloca.'

Da mesma forma que pode ser associada a maior alongamento e intensidade em sílaba final, a oclusão glotal pode diminuir a duração de vogal silábica inicial, como ocorre com o conectivo **aka** em:

- (10)
- |            |           |           |        |          |
|------------|-----------|-----------|--------|----------|
| 'tʃēnǎʔ    | 'māyăʔ    | 'kēmăʔ    | ʔăkăʔ  | 'vūpĩvăʔ |
| 'tʃēno-ABS | 'maya-ABS | 'kama-ABS | CON-e  | PAS      |
|            |           |           | morrer |          |

'tʃēno, 'maya e 'kama morreram/estão mortos.'

Pode ocorrer também o ensurdecimento da vogal silábica:

- (11)
- |            |           |           |        |          |
|------------|-----------|-----------|--------|----------|
| 'tʃēnǎʔ    | 'māyăʔ    | 'kēmăʔ    | ʔăkăʔ  | 'vūpĩvăʔ |
| 'tʃēno-ABS | 'maya-ABS | 'kama-ABS | CON-e  | PAS      |
|            |           |           | morrer |          |

'tʃēno, 'maya e 'kama morreram/estão mortos.'

Ou até a substituição da vogal silábica pela glotal, marcando sua duração, com o

silêncio produzido pela ausência da sonoridade da vogal.

- (12)
- |            |           |           |           |             |
|------------|-----------|-----------|-----------|-------------|
| 'tʃẽno-ABS | 'māyă-ABS | 'kēmă-ABS | ʔkă-CON-e | 'vũpĩvă-PAS |
| 'maya-ABS  |           |           |           |             |
|            |           |           | morrer    |             |

‘tʃẽno, 'maya e 'kama morreram.’

Esse processo pode levar finalmente à queda da vogal silábica, tendo como resultado uma simplificação do padrão rítmico. É o que acontece com o auxiliar **aka** (com o significado de falar), na sentença abaixo, em que um padrão derivado passa a ternário:

- (13)
- |                   |        |          |         |          |       |
|-------------------|--------|----------|---------|----------|-------|
| mă'nĩfni          | ẽ'vākũ | ās'kā-ka | wă'kẽ   | 'wākăpă  | vĩ'tẽ |
| ma'nifi ERG       |        | assim    | rio-LOC | água-ABS |       |
| 3S POSS           |        | falar    |         | conduzir |       |
| menina, filha-ABS |        |          |         | MOV.DIR  |       |

(‘ma'nifi pra sua filha assim falou: - vá buscar água no rio.’)

ou

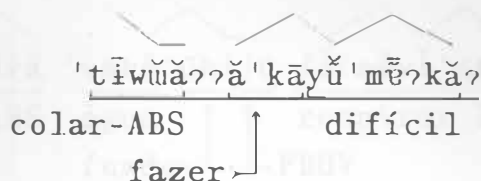
‘ma'nifi falou pra menina/sua filha: vá buscar água no rio.’

Como pode aparecer tanto em início como em final de sílaba, é freqüente a ocorrência da glotal geminada:

- (14)
- |           |           |           |           |               |       |
|-----------|-----------|-----------|-----------|---------------|-------|
| 'βo-ABS   | 'kūnă-ABS | 'fūtă-ABS | ākă-CON-e | 'vāfĩnẽ'nẽ-PL | võ-PL |
| 'kuma-ABS |           |           |           |               |       |
|           |           |           |           | brigar        |       |
|           |           |           |           | RECIP         | PRES  |

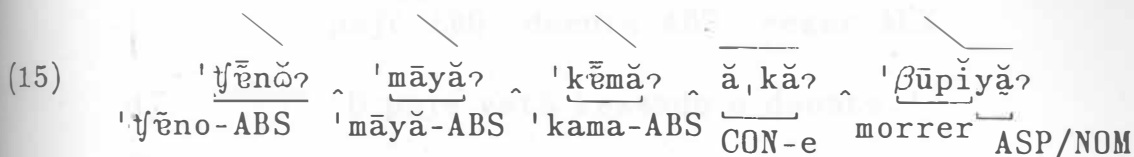
‘vo, 'kuma e 'futa brigaram.’



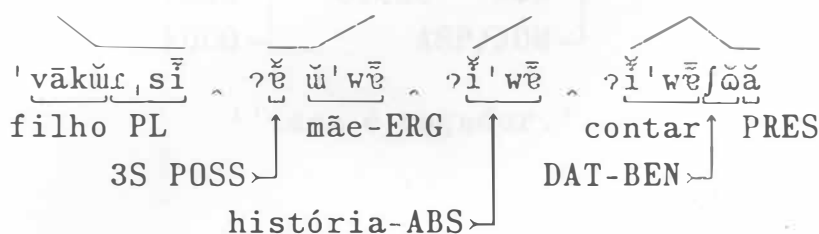


‘É difícil fazer colar.’

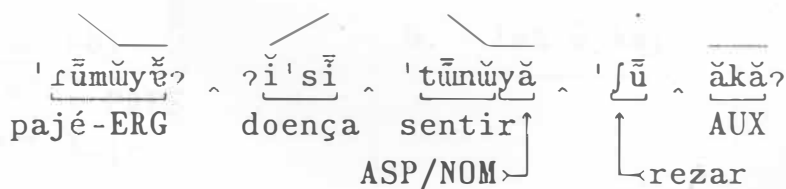
É freqüente também a ocorrência da oclusão glotal antes e/ou depois de pausa:



‘'tʃẽno, 'māya e 'kama morreram/estão mortos.’



‘A mãe (deles) contou história aos filhos.’



‘O pajé está rezando o doente.’

#### 4.1.2 — Demarcação de fronteira por alongamento silábico

O alongamento de sílabas, normalmente baixas, breves e átonas é usado, da mesma form. . que a oclusão glotal e a pausa, para demarcar fronteira sintagmática, conforme:

- (16) 'yūrā 'wākā 'ūkũfũ ʃĩ'něvĩ'ātĩ'pā?  
 gente-ABS água fundo respirar IMPOS  
 fundo PROV

‘Gente não pode respirar debaixo d'água.’

- 'rũbũyě ʔĩ'sĩ'tũ'dũyā 'ʃũākā?  
 pajé-ERG doente-ABS rezar AUX

‘O pajé está rezando o doente.’

- 'tāmbăně 'yũĩnĩ 'ʔākāyă?  
 'tama bicho AUX  
 FOCO ASP/NOM

‘‘tama é caçador.’

Pode demarcar também sílabas e/ou morfemas, na maioria das vezes, quando da sua segmentação pelo informante, em fala lenta ou ultra-lenta.

- (17) a. măũ 'kă?  
 já PRES  
 1S ir  
 b. 'mā'ũ'kă?

‘Já vou!’

- (18) a. 'kāmăsi  
 ir MODO  
 NEG  
 b. 'kā'māsĩ

‘Não vou não.’

‘Não vou mesmo!’

## 4.1.3 — Velocidade de fala

A velocidade de fala também é fator causador da desvinculação entre altura, duração e tonicidade.

Em velocidade de fala lenta, pode ocorrer a elevação de sílabas baixas, juntamente com alongamento, conforme (17)b e (18)b, ou mesmo sem alongamento; comparem-se as variações de altura em (19)a e b:

(19) a.

'yūră 'ēṭāmĩf 'tāsĩ 'āyă 'rēmăfũ 'vũ  
 gente- ABS    muito    NEG    DIM    ter    MODO    aldeia- LOC    agora

‘Tem pouca gente na aldeia agora.’

b.

'yūră 'ēṭāmĩf 'tāsĩ 'āyă 'rēmăfũ 'vũ

‘Tem pouca gente na aldeia agora.’

Embora a transcrição da altura equipare sílabas baixas, elevadas em velocidade lenta, a sílabas originalmente altas, é importante frisar que as sílabas originalmente baixas, quando elevadas, não atingem o mesmo nível de altura que as sílabas originalmente altas. Isso se deve à tendência de manutenção dos padrões rítmicos. Tal tendência pode ser atestada nos exemplos abaixo, onde se tem a mesma sentença realizada em velocidades de fala diferentes.

(20) a.

nă 'kětĩně    'tjěno nāmă  
 DEM arco    FOCO    'tjěno GEN NEG

‘Este arco não é de 'tjěno.’



- (23)
- 
- mǎ'tũ 'ʃōvǎnẽ mǎmẽ mǎʃtũǎʒ  
 vocês-ERG casa-ABS já PRES  
 FOCO 2PL terminar

‘Vocês já acabaram de fazer (terminaram) a casa?’

#### 4.1.5 — Padrões silábicos

Padrões silábicos, simples ou complexos, não interferem nos padrões rítmicos. Ao contrário, os padrões silábicos submetem-se aos padrões rítmicos.

O padrão silábico mais comum em Marubo é o padrão CV. Há também os padrões V, VC e CVC. Além desses, pode surgir o padrão CCV, em função da atuação do ritmo.

Para que haja uniformização ou restabelecimento de padrões rítmicos mais gerais, ampliam-se os casos de padrão silábico CVC e surge o padrão CCV, oriundos da junção de duas sílabas CV, através da queda da vogal da primeira ou da segunda sílaba. Pode ocorrer também o desaparecimento de sílabas de padrão silábico V. A ocorrência de CVC e o desaparecimento de V podem ser vistos em:

- (24)
- 
- mǎ'niʃni ẽ'vākũ ǎs'kā(ʔ)kǎ wǎ'kẽ 'wākǎpǎ vi'tẽ  
 manifi assim rio-LOC água-ABS DIR  
 ERG 'falar' conduzir  
 3S POSS menina, filha-ABS

(‘ma'niʃi pra sua filha assim falou: - vá buscar água no rio.’)

ou

‘ma'niʃi falou pra menina/sua filha: - vá buscar água no rio!’

onde se restabelecem padrões rítmicos ternários;

mǎ.'ni.ʃi.nĩ → mǎ.'niʃ.nĩ  
 CV CV CV CV CV CVC CV

$\begin{array}{c} \text{ãs. 'kã.ã.kã} \\ \text{VC CV V CV} \end{array} \rightarrow \begin{array}{c} \text{ãs. 'kã(?) .kã} \\ \text{VC CV(C) CV} \end{array}$

$\begin{array}{c} \text{'wã.kã.pã.řã} \\ \text{CV CV CV CV} \end{array} \rightarrow \begin{array}{c} \text{'wã.kãp.řã} \\ \text{CV CVC CV} \end{array}$

A ocorrência de CCV pode ser vista em:

(25)

$\begin{array}{c} \text{řã'vãmã} \\ \text{amanhã} \end{array}$	$\begin{array}{c} \text{ã'řvõ} \\ \text{mulher- ABS} \end{array}$	$\begin{array}{c} \text{'tākũmẽmũ} \\ \text{quatro- ABS} \end{array}$	$\begin{array}{c} \text{nũ'kũ'krẽkřã} \\ \text{chegar} \\ \text{MOV.DIR.} \end{array}$	$\begin{array}{c} \text{FUT} \end{array}$
--	---	---	--	---

‘Amanhã vão chegar quatro mulheres aqui.’

onde padrões rítmicos binários são restabelecidos.

$\begin{array}{c} \text{nũ. 'kũ.kã. 'krẽ.kã.řã} \\ \text{CV CV CV CV CV CV} \end{array} \rightarrow \begin{array}{c} \text{nũ. 'kũ. 'krẽ.křã} \\ \text{CV CV CCV CCV} \end{array}$

Por proeminência silábica entende-se **acento** que, como se viu, constitui-se em Marubo, pela vinculação entre três elementos: altura, duração e tonicidade máximas. Inversamente, sílabas não-proeminentes são baixas, breves e átonas.

Como se viu acima, fatores morfo-sintáticos podem desencadear a desvinculação entre altura, duração e tonicidade mínimas. Assim, sílabas finais não prominentes podem ser elevadas (em velocidade de fala lenta), alongadas (em fronteiras sintagmáticas) ou intensificadas (pela oclusão glotal). Essas alterações podem ocorrer com apenas um elemento (duração ou tonicidade) ou com dois elementos simultaneamente (duração e tonicidade).

Mas somente em determinadas circunstâncias ocorre, ao mesmo tempo, elevação, alongamento e intensificação da sílaba não-proeminente, pois, nesse caso, a sílaba passa a ser proeminente, dada a vinculação entre os três elementos que caracterizam o acento em Marubo. Das circunstâncias até aqui mencionadas, a aquisição de proeminência ocorre somente em situações de fala lenta ou ultra-lenta, com o processo de silabação.

Entretanto, a coleta desse tipo de fala, nas circunstâncias em que se deu, constitui uma situação anômala. Portanto, a velocidade de fala, nesse caso, pode ser descartada como fator interferente nos padrões rítmicos.

A aquisição ou perda de proeminência original entre raízes e formativos decorre de outros fatores, que serão tratados a seguir.

#### 4.1.6 — Processos de formação de palavras


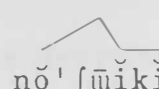
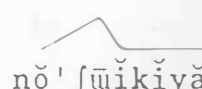
Viu-se em 2.1.2 que, com os processos de formação de palavras, surgem padrões rítmicos derivados, com a perda da estabilidade rítmica da segunda raiz, em formações compostas. Viu-se também que, com o aumento da complexidade dos nomes, surgem combinações de padrões rítmicos.

Com relação às raízes verbais, viu-se em 2.2.2 que, em formações compostas ou derivadas, podem surgir padrões atípicos que tendem a se recompor. Que pode também ocorrer perda da estabilidade de uma das raízes, resultando padrões derivados, ou uniformização de padrões rítmicos. E que a necessidade de preservar os padrões rítmicos pode causar perda ou aquisição de proeminência em formativos, e outros processos de nível segmental.

Portanto, as alterações rítmicas decorrentes dos processos de formação de palavras não comprometem a configuração geral dos padrões rítmicos.

#### 4.2 — Fatores semânticos

Dentre os fatores semânticos, tem-se a inversão do padrão rítmico binário em certas raízes. Com a inversão de proeminência silábica cria-se uma estratégia para alterar o significado dessas raízes. Pode ocorrer, então, mudança de diátese verbal (transitivização × intransitivização) ou mudança de classe, decorrendo desses processos alterações de significação. Exemplos desse tipo de alternância são:

- (26)
- | verbo transitivo  | verbo intransitivo  | nome   |
|---|---|--|
| <br>'nōfĩ' | <br>nō'fũikĩ | <br>nō'fũikiyã |
| 'costurar'  | costurar AUX<br>'costurar'  | costurar ASP/NOM<br>AUX<br>'costureira'  |

'nīsă  
'ralar'

nĩ'sāyă  
ralar ASP/NOM  
'ralado'

'fūkă  
'descascar'

fũ'kāyă  
descascar ASP/NOM  
'descascado'

'wīfă  
'escrever'

wĩ'făiki  
escrever AUX  
'escrever'

wĩ'fă  
'carta'

'pākũ  
'derrubar'

pă'kũ  
'cair'

'măftĩ  
'terminar'

măf'tũ  
'terminar'

Ocorrências dessas alternâncias em contexto são:

(27)

tjě'nũ mě'sũ 'pākũă  
'tjěno- ERG      cuia- ABS      PRES  
   derrubar

'tjěno derrubou a cuia.'



$\overbrace{\text{mǔ}'\text{sũ}} \quad \overbrace{\text{pǎ}'\text{kũǎ}}$   
 cuia- ABS cair PRES

‘A cuia caiu.’

$\overbrace{\text{mǎũ}'\text{mǎf'tũǎ}}$   $\overbrace{\text{'pēnĩ}}$   
 já ↑ PRES rede- ABS  
 1S ↓ terminar

‘Já terminei a rede.’

$\overbrace{\text{'pēnĩ}}$   $\overbrace{\text{mǎmǎf'tĩǎ}}$   
 rede- ABS já ↑ PRES  
 terminar ↓

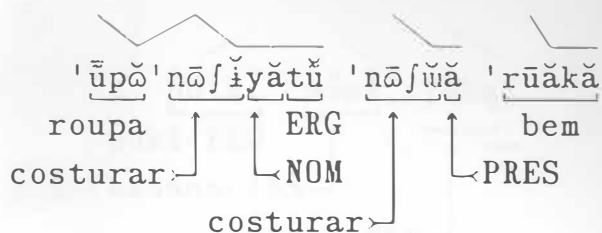
‘A rede já terminou/está pronta.’

$\overbrace{\text{ǎ}'\text{kũ}}$   $\overbrace{\text{mǎwĩ}'\text{fā}}$   $\overbrace{\text{'wĩfɛ}}$   
 'ako- ERG já ↑ PRES  
 carta- ABS ↓ escrever

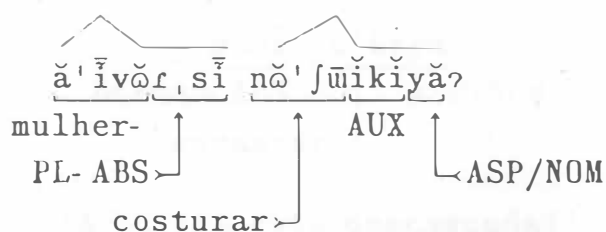
‘'ako já escreveu a carta.’

$\overbrace{\text{'ātōvõ}}$   $\overbrace{\text{wĩ}'\text{fāĩkĩ}}$   
 eles- ABS ↑ AUX  
 escrever ↓

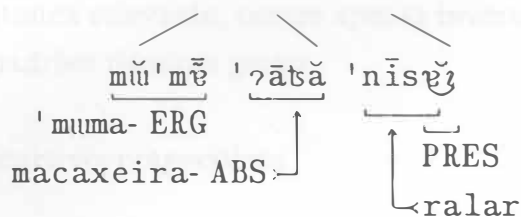
‘Eles estão escrevendo.’



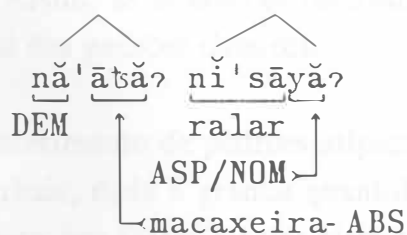
(‘A costureira de roupa costura bem.’) ou  
‘A costureira costura bem.’



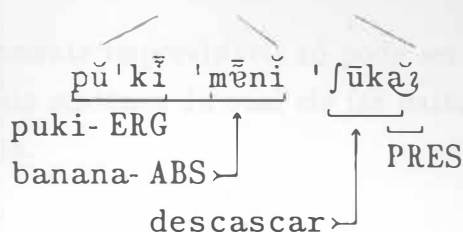
‘Elas (mulheres) são costureiras.’



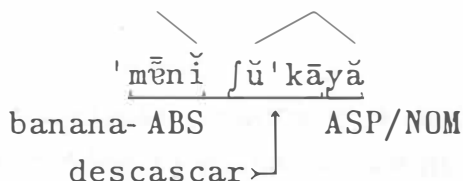
‘‘muma está ralando macaxeira.’



‘Esta macaxeira está ralada.’



‘puki está descascando a banana.’



‘A banana está descascada!’

Apesar da alteração rítmica nas raízes, a inversão de proeminência não tem nenhuma consequência rítmica relevante; ocorre apenas inversão de padrão, inversão essa que se conforma com os padrões rítmicos gerais.

#### 4.3 — Fatores discursivo-pragmáticos

Em 3.8 concluiu-se que os artifícios utilizados na marcação de caso, em nomes simples ou complexos, apresentam padrões rítmicos equivalentes aos identificados em nomes simples e complexos sem marca morfológica explícita de caso, isto é, no caso absolutivo (com marcador  $\phi$ ). Assim, as alterações resultantes da marcação de caso não interferem na configuração geral dos padrões rítmicos.

Em 2.3 observou-se o aparecimento de padrões atípicos e comportamentos rítmicos imprevisíveis em sintagmas verbais, dada à grande quantidade de formativos que a eles podem-se acrescentar. Sugeriu-se que interferências rítmicas relevantes poderiam estar relacionadas a fatores de ordem morfo-sintática, semântica ou discursivo-pragmática.

Verificou-se em 4.1 e 4.2 que os fatores de natureza morfo-sintática ou de natureza semântica causam perturbações rítmicas irrelevantes.

Certos formativos que se ligam ao sintagma verbal são de escopo mais amplo, semântico/pragmático. É o caso dos formativos que indicam negação, interrogação, ordem, volição/intenção, etc. Assim, o aparecimento de padrões rítmicos atípicos ou

alterações rítmicas aparentemente imprevisíveis só pode ser explicado ao se examinar o sintagma verbal no âmbito da sentença da qual ele faz parte e o contexto discursivo em que essa sentença se enquadra.

Dessa maneira, é de se presumir que os fatores discursivo-pragmáticos são os principais causadores de perturbações rítmicas, não somente no sintagma verbal, mas também no sintagma nominal. Naquele, com maior frequência, devido, não só à quantidade de formativos que o acompanham, mas também ao seu posicionamento em final de sentença.

Na introdução desta dissertação, mostrou-se a associação entre a codificação semântico-proposicional e a codificação da função discursivo-pragmática, e a divisão entre sentenças simples e complexas. Destacou-se a oração do tipo principal, declarativa, ativa como 'básica' ou 'ponto de referência' para a descrição de todos os outros tipos de sentenças. Considerou-se a sentença simples como condutora da informação semântica, e 'neutra', em termos de sua função discursiva (conduzir informação nova e principal).

Assim, a partir de uma sentença simples, pode-se identificar uma sentença complexa, através das diferenças estruturais entre elas, seja em termos da ordem vocabular, da morfologia ou da entonação. Com essa estratégia, pode-se identificar, então, sentenças com o mesmo conteúdo proposicional, e com funções pragmáticas diferentes; pode-se identificar uma sentença negativa, uma sentença interrogativa, uma sentença enfática, e assim por diante.

É a essa estratégia que estão associados os padrões rítmicos atípicos. Em outras palavras, as alterações rítmicas mais radicais constituem recursos, utilizados pela língua Marubo, na estruturação de sentenças complexas, no sentido de desempenhar uma função discursiva além do caso 'neutro'.

#### 4.3.1 — A sentença simples em Marubo

A análise de padrões rítmicos mostra que os padrões mais gerais apresentam a última sílaba não prominente, isto é, baixa (como a altura é o elemento principal na determinação do acento, a última sílaba pode ser alongada ou intensificada em determinados contextos, conforme se mostrou em 4.1.1 e 4.1.2). Dessa maneira, a maioria das palavras apresenta sua última sílaba baixa, a não ser que se conforme com o padrão binário  $\sim$ '- (como é o caso de alguns nomes simples e os marcados por caso com a inversão de proeminência e nasalização). Como nomes complexos envolvem formativos,

geralmente neutros em termos de proeminência, também tendem a apresentar a última sílaba baixa. Essa característica é prevista também pela regra de regulação rítmica.

A sentença simples em Marubo se caracteriza pela ordem básica SOV. Os formativos se incorporam à direita de raízes verbais. Esses fatos contribuem para a manutenção rítmica dos padrões gerais.

Conseqüentemente, é de se esperar que as sentenças simples terminem em sílaba não-proeminente. E que sentenças que terminam em sílaba proeminente sejam sentenças 'complexas', no sentido de que veiculam alguma função discursiva além da sentença 'neutra'.

Dessa maneira, padrões atípicos, desvios de padrões gerais ou conformações rítmicas imprevisíveis surgem em determinados contextos, alguns dos quais serão abordados a seguir.

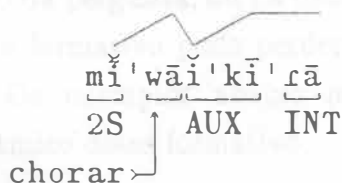
#### 4.3.2 — Sentenças negativas

As sentenças negativas se equiparam às sentenças simples. Assim, para formar uma sentença negativa basta acrescentar a ela o formativo -**ma**. O formativo -**ma** é utilizado para negar sentenças, sintagmas ou nomes (antônimos). Com a negação não se processa nenhuma alteração rítmica relevante, dado que o formativo -**ma** em nenhuma circunstância adquire proeminência (v. 2.1.2.1 e 2.2.2.2).

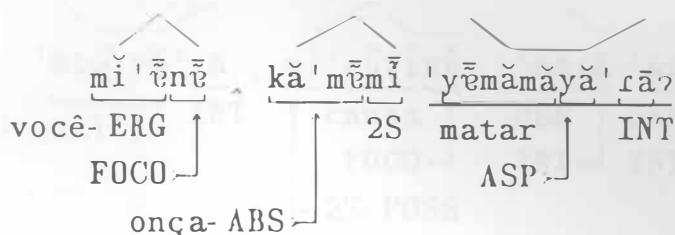
#### 4.3.3 — Sentenças interrogativas

A interrogação é marcada pelo formativo -**ra**, alto, longo e tônico, que geralmente aparece em final de sentença, resultando em padrão rítmico atípico. Como exemplo tem-se:

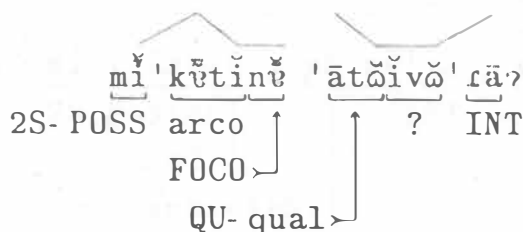
(28)



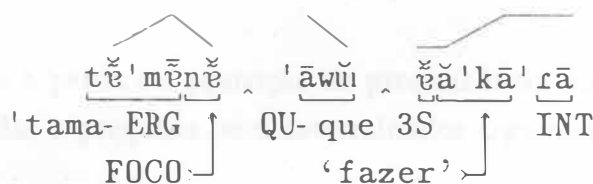
‘Você está chorando?’



‘Você já matou onça alguma vez?’



‘Qual é o teu arco?’ (entre vários)

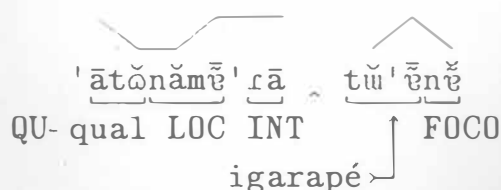


‘O que 'tama está fazendo?’

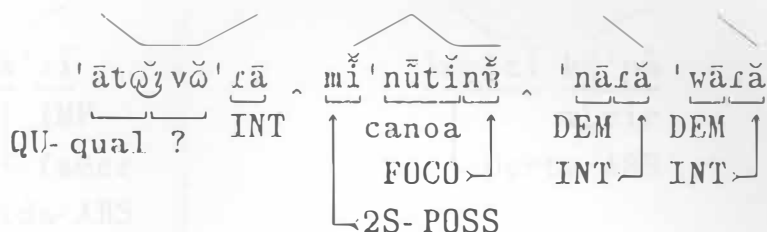
Note-se que o marcador discursivo *nẽ* também participa na estruturação da interrogação, focalizando o argumento sobre o qual se quer informação.

O formativo *-ra* pode, entretanto, marcar um argumento em posição não-final na sentença, dependendo do escopo da pergunta, ou da ordem vocabular em que a sentença é construída. Da mesma forma, o formativo pode perder a proeminência, conformando-se aos padrões rítmicos gerais. Os exemplos abaixo mostram várias possibilidades de ocorrência e comportamento rítmico desse formativo.

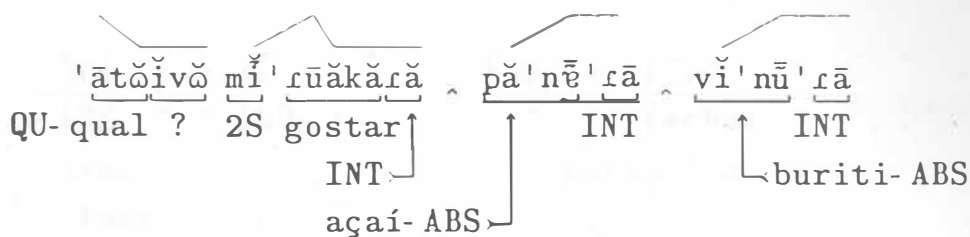
(29)



‘Onde é o igarapé?’



‘Qual é a sua canoa, esta ou aquela?’



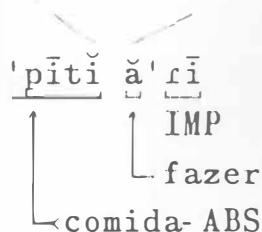
(‘O que você gosta? de açai? de buriti?’) ou  
‘Você gosta mais de açai ou de buriti?’

Parece, assim, que a perda ou aquisição de proeminência do formativo *ra* depende do enfoque que se quer dar a pergunta ou a determinados argumentos.

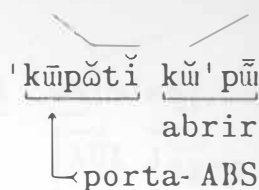
#### 4.3.4 — Sentenças imperativas

Sentenças imperativas, marcadas pelo formativo -*ri*, após o auxiliar *aka* ‘fazer’, ou sem marca morfológica tendem a terminar em sílaba proeminente:

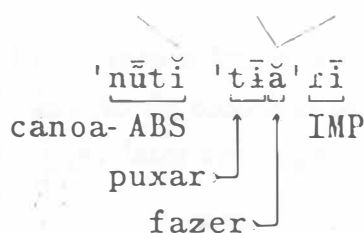




'Faça comida.'



'Abra a porta.'



'Puxe a canoa.'

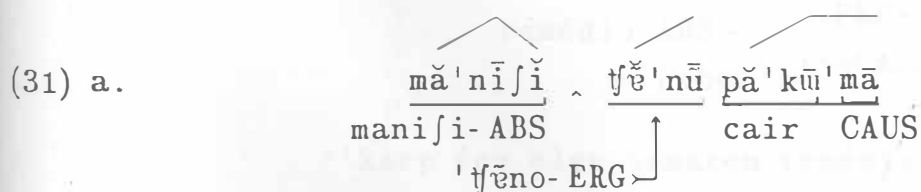


'Feche a porta.'

Vê-se que, sem o formativo - rī, o imperativo é formado apenas pela raiz verbal, conforme o seu padrão rítmico específico, cuja configuração, em certos casos, depende do seu conteúdo semântico. A sentença imperativa, nesse caso, pode ser identificada pela ausência do sintagma nominal sujeito.

#### 4.3.5 — Sentenças causativas

O formativo causativo - ma também possui certa autonomia rítmica, conforme já se observou em 2.2.2.2. O exemplo abaixo mostra a autonomia do causativo:

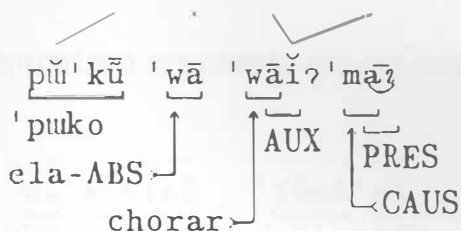


('t̃ĕno fez ma'nifi cair.') ou

't̃ĕno derrubou ma'nifi.'



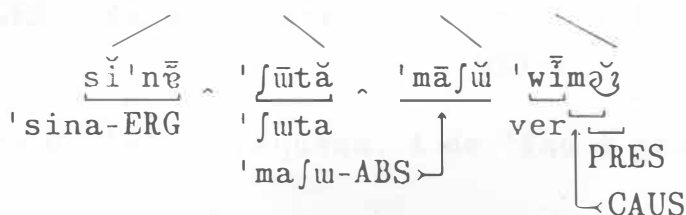
b.



'puuko fez ela chorar.'

Entretanto o formativo tende a incorporar-se à certas raízes verbais, denotando uma alteração de conteúdo semântico. Um exemplo é o uso do formativo com o verbo ver, em que 'fazer ver' significa mostrar<sup>33</sup>:

(32)

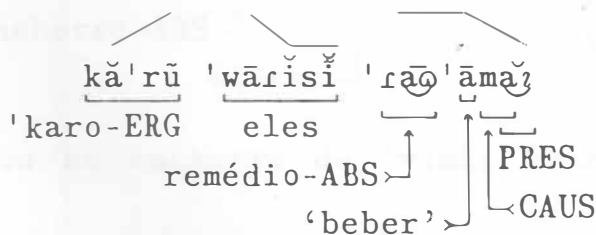


('sina fez 'futa ver 'mafu.') ou

'sina mostrou 'mafu à 'futa.'

Mas o formativo pode perder proeminência com outras raízes, da mesma forma:

(33)



'karo fez eles tomarem remédio.'

Novamente, parece que a ênfase também pode determinar a proeminência do formativo.

#### 4.3.6 — Genitivo-possessivo

Em orações em que a relação de posse é formada através do acréscimo do formativo na ao elemento possuidor (v. 3.7.2), esse formativo geralmente recebe proeminência, seja

qual for a posição em que se encontre o argumento que ele modifica:

- (34)
- |           |           |
|-----------|-----------|
| nă'kētīně | 'tjēnǎ'nā |
| DEM arco  | tjūno GEN |
| FOCO      |           |

‘Este arco é de tjūno.’

- |          |         |           |            |            |
|----------|---------|-----------|------------|------------|
| mă'ũ     | 'sūnǎtī | if'tūftă? | 'i'dǎ'nārǎ | 'ēnikă     |
| 'mau-GEN | faca    | pequena   | 'ino       | TOP grande |
|          |         |           | GEN        |            |

‘A faca de 'mau é pequena. A de 'ino é grande.’

Pode perdê-la, também:

- (35)
- |           |           |              |        |           |              |       |
|-----------|-----------|--------------|--------|-----------|--------------|-------|
| kă'rũ     | vī'mī     | 'wāpă        | 'tūkă? | 'yūpănă   | 'tūkă?       | 'āvă? |
| 'karo-ERG | 'vimi-GEN | cachorro-ABS | PRES   | 'yupa GEN | PRES         | PAS   |
|           |           | atirar       |        | atirar    | AUX(=atirar) |       |

(‘'karo atirou no cachorro de 'vimi, atirou no de 'yupa, atirou.’) ou

‘'karo atirou no cachorro de 'vimi e no cachorro de 'yupa’

Uma observação mais atenta aponta para o fato de que a aquisição ou perda de proeminência do formativo *na*, depende, principalmente, do contexto discursivo em que a sentença é construída, em termos do que o falante julga como informação mais importante e informação auxiliar:

- (36)
- |                         |   |                          |   |                                |
|-------------------------|---|--------------------------|---|--------------------------------|
| <u>nă</u> ' <u>kěti</u> | ~ | <u>'yūpă</u> ' <u>nă</u> | ~ | <u>'tāmānāmă</u> ' <u>rīvī</u> |
| DEM                     |   | 'yupa GEN                |   | 'tama ↑↑ ENF                   |
| arco- ABS               |   |                          |   | GEN ↓↓ NEG                     |

‘Este arco é de 'yupa; ele não é de 'tama!’

- |                         |   |                                |   |                              |
|-------------------------|---|--------------------------------|---|------------------------------|
| <u>nă</u> ' <u>kěti</u> | ~ | <u>'tāmānāmă</u> ' <u>rīvī</u> | ~ | <u>'yūpă</u> ' <u>nārīvī</u> |
| DEM                     |   | 'tama ↑↑ ENF                   |   | 'yupa ↑ ENF                  |
| arco- ABS               |   | GEN ↓↓ NEG                     |   | GEN ↓                        |

‘Este arco não é de 'tama, é de 'yupa!’

#### 4.3.7 — Foco

O marcador discursivo *ně* é utilizado para focalizar o argumento sobre o qual se dá a informação (sentença afirmativa) ou sobre o qual se quer informação (sentença interrogativa). É neutro em termos de autonomia rítmica, mas pode adquirir proeminência se estiver em posição final de sentença:

- (37)
- |                        |   |                          |
|------------------------|---|--------------------------|
| <u>ě</u> ' <u>kěti</u> | ~ | <u>'kūwī</u> ' <u>ně</u> |
| 3S                     |   | FOCO                     |
| arco-ABS               |   | esticar                  |

‘Ele está esticando o arco.’

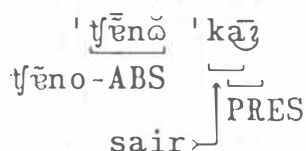
(resposta à pergunta: o que 'tjěno está fazendo?)

- |                               |           |                                    |
|-------------------------------|-----------|------------------------------------|
| <u>māmī</u> ' <u>māftūvāž</u> | ~         | <u>ū</u> ' <u>pěni</u> ' <u>ně</u> |
| já 2S                         |           | 1S                                 |
| terminar                      |           | FOCO                               |
|                               | PAS       |                                    |
|                               | rede- ABS |                                    |

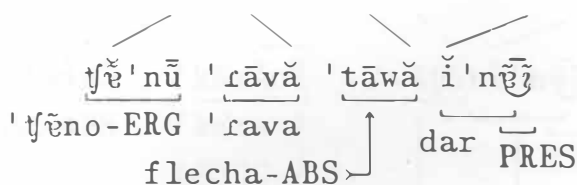
‘Você já terminou a minha rede?’

Muitas sentenças terminam em sílaba proeminente devido, não a fatores discursivos, mas à própria configuração rítmica das raízes verbais ou dos formativos que a modificam. Raízes verbais monossilábicas mantêm o padrão ' - em final de sentença, da mesma forma que raízes dissilábicas com o padrão binário ' - :

(38)



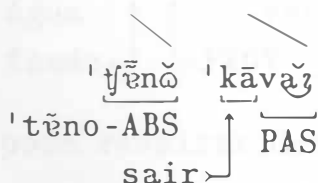
‘tẽno saiu.’



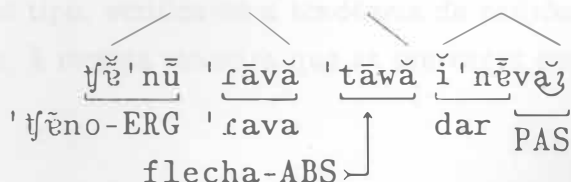
‘tẽno deu flecha pra rava.’

À medida que a esses tipos de raízes se acrescentam formativos, restabelecem-se os padrões rítmicos gerais:

(39)

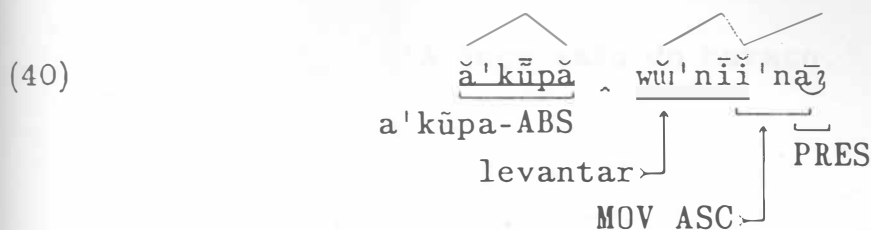


‘tẽno saiu.’

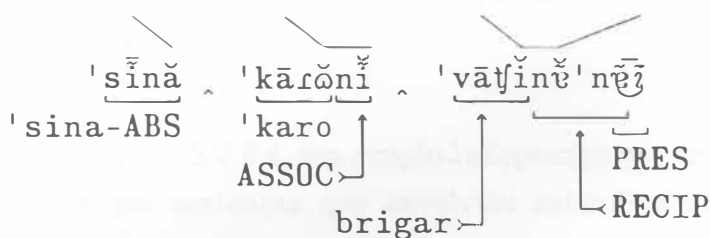


‘tẽno deu flecha pra rava.’

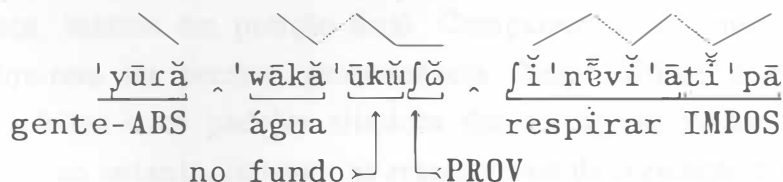
O mesmo ocorre com formativos dissilábicos, como os indicadores de movimento e direção (v. 2.2.2.4) de reciprocidade (v. 3.5), de impossibilidade, e outros que se ligam à direita de raízes verbais. Tais formativos adquirem certa autonomia rítmica e tendem a apresentar o padrão  $\sim ' -$ , resultando daí sentenças terminadas em sílaba proeminente:



‘a'kūpa levantou.’

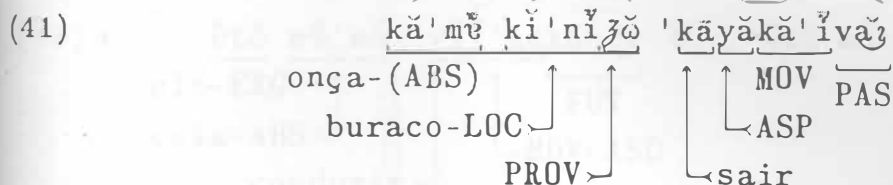


‘'sina brigou com 'karo.’

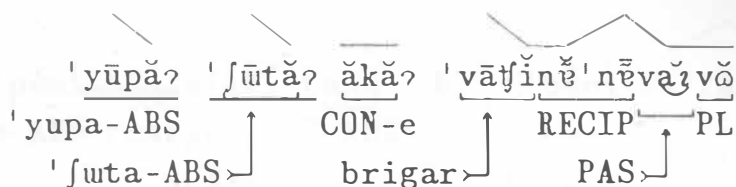


‘Gente não pode respirar debaixo d'água.’

Observe-se, entretanto, que os padrões rítmicos exibidos nos sintagmas verbais são previsíveis pela regulação rítmica. À medida que se acrescentam outros formativos a sintagmas verbais desse tipo, verifica-se a tendência de padrões rítmicos terminados em sílaba não proeminente, à mesma maneira que as sentenças em (39) e conforme se pode ver em:



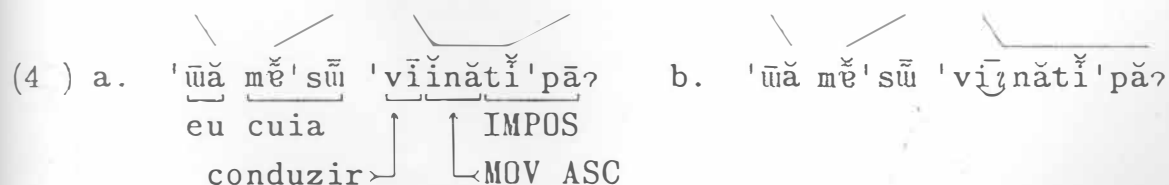
‘A onça saiu do buraco.’



‘yupa e futa brigaram.’

Conforme se observou em 2.2.2.4, em oração independentes, mas relacionadas entre si (cf. 2(69)c e (70)b) e em sentenças que envolvem subordinação (cf. 2(74)e), esses formativos tendem a perder proeminência silábica.

Uma outra observação é que, em formativos de qualquer natureza, há uma certa tendência à perda de proeminência, revelando a sua neutralidade rítmica, em qualquer tipo de sentença, mesmo em posição final. Comparem-se as sentenças abaixo em que formativos adquirem ou perdem proeminência. Nesse último caso, alguns reajustes fonológicos são feitos e os padrões rítmicos dos sintágmata verbais se reduzem ou se simplificam, sem, no entanto, infringir as regras gerais de regulação rítmica:



‘Eu não vou levantar a cuia<sup>34</sup>.’

- (43) a. 'ē<sup>h</sup>t<sup>h</sup> mē'sū 'vīī'nākātsē<sup>h</sup> b. 'ē<sup>h</sup>t<sup>h</sup> mē'sū 'vī<sup>h</sup>z'nākātsē<sup>h</sup>  
 ele- ERG      cuia- ABS      FUT      MOV- ASC  
 conduzir

‘Ele vai levantar a cuia.’

- (44) a. 'pēnī tū'rāfīkī'tāmā b. 'pēnī tū'rāfkitāmā  
 rede- ABS      rasgar      ? NEG  
 AUX

‘A rede não está rasgada.’

Concluindo, as variações rítmicas identificadas em raízes verbais, assim como nos formativos que as acompanham, decorrem também de fatores de ordem morfológica, das configurações rítmicas de raízes monossilábicas e dissilábicas e dos processos de reajustamentos de padrões rítmicos. As variações decorrentes de fatores discursivo-pragmáticos a elas se misturam, formando um conjunto complexo de fatores e variações dos quais só uma análise mais apurada pode dar conta.

## 5 CONCLUSÕES

Tomando-se como domínio de inferência raízes e formativos, buscou-se, no Capítulo 2, uma análise apurada das características melódicas e duracionais de nomes e verbos em Marubo e das possíveis variações rítmicas decorrentes de processos de formação de palavras. Foram consideradas formas simples e complexas, registradas isoladamente ou em contexto. A partir dessa análise chegou-se a algumas generalizações iniciais, e estabeleceu-se uma regra geral para os padrões rítmicos da língua Marubo.

Com base em uma abordagem tipológico-funcional, buscou-se, no Capítulo 3, uma descrição exaustiva do sistema de marcação de caso da língua Marubo, tanto do ponto de vista semântico-proposicional como do ponto de vista discursivo-pragmático, dada a reciprocidade entre a codificação de papéis semânticos e a codificação dos papéis pragmáticos 'sujeito' e 'objeto', e a conseqüente codificação conjunta e simultânea dos mesmos. Paralelamente, observou-se as características melódicas e duracionais dos nomes com marcação de caso. Para esse estudo tomou-se como base de análise sentenças simples e complexas. Observou-se, através dessa análise que os mesmos padrões rítmicos detectados no Capítulo 2, se repetem nos nomes, quando estes recebem marcação de caso explícita. Observou-se, da mesma forma, que as mesmas generalizações e a mesma regra de padrão rítmico estabelecida em 2, para as formas simples e complexas, se aplicam aos nomes com marcação de caso.

Além das variações decorrentes dos processos de formação de palavras e da marcação de caso, procurou-se, no Capítulo 4, detectar outros fatores que poderiam causar oscilações de ordem rítmica, quais sejam os fatores semânticos, fatores morfo-sintáticos ou fatores discursivo-pragmáticos.

Considerando-se os fatos observados nos Capítulos 2, 3 e 4, serão relacionadas a seguir as conclusões a que se chegou, em relação aos padrões rítmicos de nomes e verbos, e algumas generalizações, em termos de padrões rítmicos, para a língua Marubo como um todo.

### 5.1 — Padrões rítmicos em nomes morfológicamente simples

- Nomes simples são constituídos por raízes monossilábicas, dissilábicas ou trissilábicas, que sempre apresentam estabilidade rítmica, tanto em realizações isoladas como em contexto.





- Há cinco padrões rítmicos para nomes simples em Marubo:  $' -$ ;  $' - \sim$ ;  $\sim ' -$ ;  $' - \sim \sim$ ;  $\sim ' - \sim$ .
- A sílaba proeminente de cada padrão se caracteriza por apresentar altura, duração e tonicidade máximas, sendo a altura a característica mais importante – a duração e a tonicidade máximas são previsíveis a partir da altura máxima, isto é, a sílaba com altura máxima é sempre longa e tônica.
- As sílabas não proeminentes apresentam altura, duração e tonicidade mínimas. Porém, em determinados ambientes (sílabas finais em fronteira sintagmática, ou antes de pausa), a sílaba com altura mínima pode ser átona ou tônica, breve ou longa.
- Os padrões rítmicos mais gerais, isto é, os que se realizam com maior frequência em nomes simples são: o binário  $' - \sim$  e o ternário  $' - \sim \sim$ . A eles se seguem, respectivamente, o binário  $\sim ' -$  e o ternário  $\sim ' - \sim$ . O padrão  $' -$  é raro.

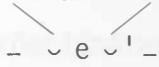
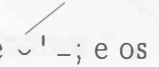


## 5.2 — Padrões rítmicos em nomes morfologicamente complexos

- Nomes complexos apresentam padrões ternários, padrões derivados e combinações de padrões rítmicos.
- Os padrões rítmicos mais gerais, isto é, os que constituem a maioria dos nomes complexos – formados a partir de uma raiz dissilábica e um formativo, são: o ternário  $' - \sim \sim$ , seguido pelo  $\sim ' - \sim$ .
- A partir de nomes polissilábicos – formados pela afixação de mais de um formativo a uma raiz dissilábica, surgem os padrões derivados  $' - \sim \sim \sim$  e  $\sim ' - \sim \sim$ .
- Combinações de padrões rítmicos binários e ternários surgem em nomes complexos polissilábicos, quando a penúltima sílaba/formativo adquire proeminência, com o acréscimo de mais um formativo.
- Em formações compostas por duas raízes, ocorre submissão das sílabas da segunda raiz à sílaba proeminente da primeira raiz, que, de um modo geral, apresenta estabilidade rítmica. O resultado são padrões rítmicos derivados:  $' - \sim \sim \sim$  e  $\sim ' - \sim \sim$ . Esses padrões se recompõem aos padrões ternários quando, em

justaposição, ocorre redução silábica por queda de vogal; ou se o processo envolve aglutinação.

- Com o processo de afixação a uma base composta surgem os padrões derivados  ou , com a submissão da segunda raiz (auxiliar intransitivizador) e do formativo à proeminência da primeira raiz. A primeira raiz, se for dissilábica sofre inversão de proeminência com o processo de intransitivização. Pode ocorrer também a combinação de padrões rítmicos binários e ternários, caso em que ambas as raízes preservam sua autonomia rítmica. Finalmente, à medida em que aumenta a complexidade desses nomes, podem surgir combinações variadas de padrões rítmicos.

### 5.3 — Padrões rítmicos em nomes com marcação de caso

- O sistema de marcação de caso, em nomes simples ou complexos apresenta padrões rítmicos equivalentes aos padrões rítmicos identificados em nomes simples e complexos, sem marca morfológica explícita de caso (isto é, no caso absolutivo, com marcador  $\phi$ ).
- Com a marcação de caso ergativo, identificam-se: o padrão raro ' -; os padrões binários ' -  e ; e os padrões ternários ' -  e , em nomes simples. Raízes dissilábicas perdem sua estabilidade rítmica, ao sofrer inversão de proeminência silábica. Como as alterações dessa natureza são sistemáticas, a mesma estabilidade nas características melódicas e duracionais pode ser depreendida nesses casos. Nomes complexos preservam o padrão ternário, ou apresentam combinações variadas de padrões binários, ternários e derivados.
- Os casos locativo, instrumental e meio, são marcados da mesma forma que o caso ergativo, apresentando, portanto, as mesmas características rítmicas neste identificadas.
- Com a marcação de caso associativo, nomes simples e complexos preservam suas características rítmicas originais, dado que esta marcação é feita apenas com o acréscimo de formativo marcador de caso associativo. Com o acréscimo do mesmo, surgem padrões rítmicos gerais ou derivados. A combinação de padrões rítmicos é previsível nesse tipo de marcação.
- Como o caso dativo-benefactivo é marcado no verbo, os nomes/objetos

benefactivos não sofrem nenhuma alteração rítmica, comportando-se como os nomes sem marcação morfológica explícita de caso.

- Como o caso genitivo-nominal é marcado apenas pela ordem dos constituintes (determinante-determinado), cada constituinte nominal, simples ou complexo, conserva suas características rítmicas originais. Entretanto, o segundo constituinte pode perder proeminência, submetendo-se à proeminência do primeiro. Surgem daí padrões rítmicos derivados.
- O caso genitivo-possessivo, como o caso genitivo-nominal, é marcado pela ordem dos constituintes (possuidor-possuído). Além disso, o primeiro constituinte, o possuidor, é morfológicamente marcado. Tal marcação se faz, da mesma forma que os casos ergativo, locativo, instrumental e meio, apresentando, portanto, as mesmas características rítmicas dos nomes marcados por esses casos. O segundo constituinte preserva suas características rítmicas originais, comportando-se como os nomes no caso absolutivo.

#### 5.4 — Padrões rítmicos em verbos morfológicamente simples

- Raízes verbais são monossilábicas ou dissilábicas, apresentando, pois, o padrão ' \_ ou os padrões binários ' \_ ~ e ~ ' \_ . O padrão binário ' \_ ~ é o mais freqüente.
- A inversão do padrão rítmico em raízes verbais dissilábicas é uma estratégia rítmica utilizada para codificar alteração do conteúdo semântico ou da díatese verbal.

#### 5.5 — Padrões rítmicos em verbos morfológicamente complexos

- De formações compostas por duas raízes monossilábicas, surgem padrões rítmicos atípicos, que se recompõem em contexto, com a submissão de uma delas à proeminência da outra, restabelecendo-se, assim, os padrões binários: ' \_ ~ ou ~ ' \_ .
- Em formações compostas por uma raiz dissilábica e uma raiz monossilábica, pode ocorrer submissão da segunda raiz à sílaba proeminente da primeira, resultando em uma uniformização de padrão rítmico, ou em padrão rítmico derivado, envolvendo também o que pode ser considerado como índice temático.

- Em formações compostas por duas raízes dissilábicas, pode ocorrer submissão da segunda raiz à sílaba proeminente da primeira, resultando em um padrão derivado.
- Em formações derivadas, alguns formativos podem adquirir proeminência, gerando padrões atípicos que tendem a se recompor em contexto, em função do restabelecimento de padrões rítmicos.
- Formas derivadas com padrão rítmico ternário, podem sofrer uma redução silábica, tendo como resultado o padrão rítmico binário geral ' - √, o que comprova a supremacia deste sobre aquele.
- Da combinação entre raízes verbais e formativos dissilábicos, indicadores de direção e movimento, podem surgir padrões derivados ou combinações de padrões rítmicos. A necessidade de manutenção ou restabelecimento de padrões rítmicos gerais pode determinar: processos de nível segmental, como a redução silábica de formativos pela ditongação ou queda de vogal; perda de proeminência de raiz monossilábica que se incorpora ou se submete à proeminência do formativo; perda ou aquisição de proeminência em formativos.
- Raízes verbais são menos estáveis que raízes nominais. Tal instabilidade se deve ao fato de que às raízes verbais podem-se afixar formativos das mais variadas categorias. Da complexidade de tais combinações surgem diversos tipos de alterações rítmicas. Além disso, o verbo se posiciona em final de sentença, conforme a ordem SOV; os formativos se ligam à direita da raiz verbal. Dessa maneira, apesar da necessidade de manutenção dos padrões rítmicos gerais, outros fatores podem interferir nas características melódicas dos sintagmas verbais, tais como: fatores semânticos, fatores morfo-sintáticos e fatores discursivo-pragmáticos. Com os dois primeiros fatores há uma tendência à recomposição ou restabelecimento de padrões rítmicos gerais. Os principais causadores de perturbações rítmicas são os fatores discursivo-pragmáticos.

## 5.6 — Generalizações em termos de padrões rítmicos

- A língua Marubo apresenta cinco padrões rítmicos, dos quais os mais gerais são o binário ' - √ e o ternário ' - √ √.
- Padrões derivados surgem com a formação de palavras complexas ou estruturas sintáticas.

- A principal característica melódica do acento em Marubo é a altura máxima.
- A língua Marubo obedece à seguinte regra de padrão rítmico (regulação rítmica):

**‘O limite de sílabas iniciais não proeminentes em uma palavra é de apenas uma. O limite máximo de sílabas finais não proeminentes em uma palavra é de três, com o aparecimento de um padrão derivado. A última sílaba não proeminente tornar-se-á proeminente se um ou mais formativos forem acrescentados, de modo que se restabeleçam os padrões rítmicos gerais, binários e ternários’.**

- A regulação rítmica opera da esquerda para a direita e seu alcance atinge a palavra e o sintagma.
- Raízes nominais e verbais, em geral, possuem autonomia e estabilidade rítmicas, mas as raízes verbais são menos estáveis que as nominais.
- Formativos são neutros em termos de autonomia rítmica e se ligam à direita das raízes. Podem adquirir proeminência em determinados ambientes ou contextos de enunciação.
- Alguns formativos apresentam certa autonomia rítmica, como é o caso do formativo causativo e dos formativos que indicam movimento e direção. Isto favorece a interpretação dos mesmos como raízes tendentes à estabilidade.
- Padrões rítmicos atípicos, resultantes de formações complexas, tendem a se recompor em contexto, em função do restabelecimento dos padrões rítmicos gerais.
- Processos de nível segmental ocorrem em função do restabelecimento de padrões rítmicos mais gerais.
- O padrão binário exerce supremacia sobre o ternário e este sobre padrões derivados.
- Formas livres monossilábicas tendem a se adaptar aos padrões rítmicos gerais, submetendo-se ao padrão rítmico da estrutura em que tomam parte.
- Padrões silábicos, simples ou complexos, não interferem nos padrões rítmicos; ao

contrário, a eles se submetem.

- Cada palavra em Marubo apresenta apenas uma sílaba proeminente, ou pelo menos, um acento primário. A vinculação entre altura, duração e tonicidade máximas constitui, pois, um forte elemento para a demarcação de palavras na língua. Entretanto, deve-se levar em conta o acento decorrente da regulação rítmica, que não deve ser confundido com o acento lexical; é esse último que confere às raízes tendência à estabilidade.
- A menos que fatores discursivo-pragmáticos interfiram nos padrões rítmicos gerais, na grande maioria dos casos, a última sílaba de cada palavra, sintagma ou sentença tende a ser baixa, breve e átona. A partir dessa afirmação, podem ser estabelecidos dois padrões rítmicos gerais para a língua Marubo; um binário e um ternário – ambos com a primeira sílaba proeminente e a última não proeminente.

### 5.7 — Considerações finais

Na língua Marubo, as raízes são o domínio básico onde se manifestam os padrões rítmicos binário e ternário. Entretanto, essa manifestação não está subordinada à estrutura morfológica. Ao contrário, os processos de formação de palavras e o sistema de marcação de caso mostram que as formas lingüísticas se submetem aos padrões rítmicos. Assim, os padrões rítmicos são estáveis e devem ser preservados, mesmo quando a estrutura sintática produz algumas alterações.

Para que haja preservação e conformação com os padrões rítmicos gerais, as formas da língua se submetem a ajustamentos de ordem rítmica, tais como: redução silábica ou queda de segmentos; perda, aquisição ou deslocamento de proeminência silábica; manifestação de autonomia rítmica em elementos neutros, sem autonomia rítmica inerente. Dessa maneira, pode-se afirmar que, em Marubo, os padrões rítmicos se sobrepõem à estrutura lingüística.

A língua Marubo é uma língua que conta sílabas, não considera variações de duração silábica e descarta uma possível associação entre duração longa e/ou força extra com sílabas ‘fortes’, em oposição a sílabas ‘fracas’. Tais características são suficientes para classificá-la, de um ponto de vista negativo, como língua de ritmo silábico. Entretanto, a inter-relação entre pontos de proeminência – altura, duração e intensidade, em certos domínios, assinalam uma alternância rítmica que não é construída à base de um elemento individual, nem é limitada pela estrutura lingüística. A expansão desses domínios, com a incorporação de outras formas lingüísticas e fatores discursivos, pode

contribuir para uma classificação rítmica das línguas da família Pano.

ABRAHAMSON, David - *Illustrated etymology of general phonetic symbols*. Phonetics Laboratory, University of Chicago, 1967.

ALLEN, W. S. - *Handbook of phonetic symbols*. Phonetics Laboratory, University of Chicago, 1967.

ALLEN, W. S. - *Handbook of phonetic symbols*. Phonetics Laboratory, University of Chicago, 1967.

ALLEN, W. S. - *Handbook of phonetic symbols*. Phonetics Laboratory, University of Chicago, 1967.

ALLEN, W. S. - *Handbook of phonetic symbols*. Phonetics Laboratory, University of Chicago, 1967.

ALLEN, W. S. - *Handbook of phonetic symbols*. Phonetics Laboratory, University of Chicago, 1967.

ALLEN, W. S. - *Handbook of phonetic symbols*. Phonetics Laboratory, University of Chicago, 1967.

ALLEN, W. S. - *Handbook of phonetic symbols*. Phonetics Laboratory, University of Chicago, 1967.

ALLEN, W. S. - *Handbook of phonetic symbols*. Phonetics Laboratory, University of Chicago, 1967.

ALLEN, W. S. - *Handbook of phonetic symbols*. Phonetics Laboratory, University of Chicago, 1967.

ALLEN, W. S. - *Handbook of phonetic symbols*. Phonetics Laboratory, University of Chicago, 1967.

ALLEN, W. S. - *Handbook of phonetic symbols*. Phonetics Laboratory, University of Chicago, 1967.

ALLEN, W. S. - *Handbook of phonetic symbols*. Phonetics Laboratory, University of Chicago, 1967.

## 6 BIBLIOGRAFIA

- ABERCROMBIE, David – Elements of general phonetics. Edinburg University Press, Edinburgh, 1967.
- AGUIAR, Maria Sueli de – Elementos de descrição sintática para uma gramática do **Katukina**. Dissertação de Mestrado em Lingüística, UNICAMP, Campinas, 1988.
- ALLEN, G. – Speech rhythm: its relation to performance universals and articulatory timing. *Journal of Phonetics* 3:75–86.
- BAKER, M. C. – Incorporation. A theory of grammatical function changing. Chicago and London, The University of Chicago Press, 1988.
- BARROS, Luizete Guimarães – A nasalização vocálica e fonologia introdutória à Língua **Katukina** (Pano). Dissertação de Mestrado em Lingüística. UNICAMP, Campinas, 1987.
- BASÍLIO, Margarida – Estruturas Lexicais do Português – Uma abordagem gerativa. Editora Vozes, Petrópolis, 1980.
- \_\_\_\_\_ – Teoria Lexical. Editora Ática, São Paulo, 1987.
- BOUTLE, Philip Ernest – Formulário Padrão (163 itens). Cruzeiro do Sul, Acre, 4/6 de julho de 1964.
- CAGLIARI, Luis C. – Guia de transcrição fonética. UNICAMP, Campinas, 1983.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso – Dicionário de lingüística e gramática – referente à língua portuguesa. 12ª. ed. Editora Vozes, Petrópolis, 1985.
- CAVUSCENS, Silvio e NEVES, Lino João O. (elaboração) – Povos Indígenas do Vale do Javari, Campanha Javari. CEDI, Manaus, 1986.
- CLEMENTS, G. N. – On the representation of vowel height. (Preliminary version, September 26, 1989). Cornell University.
- COMRIE, Bernard – Aspect – an introduction to the study of verbal aspect and related problems. Cambridge University Press, Cambridge, 1976.



\_\_\_\_\_ – 'Ergativity'. W. P. Lehman (ed.) – **Syntactic Typology** (329–394). University of Texas Press, Austin, 1978.

\_\_\_\_\_ – **Tense**. Cambridge University Press, Cambridge, 1985.

FIRTH, J. R. – 'Sounds and Prosodies' (1948). In: Palmer; F. R. (ed.) **Prosodic analysis**. Oxford University Press, London, 1970.

GIVÓN, Talmy – **Syntax – a functional–typological introduction**, Vol. I, John Benjamin Publishing Company, Amsterdam/Philadelphia, 1984.

LADEFOGED, Peter – **A course in phonetics**. Harcourt Brace Jovanovich Inc., New York, 1975.

\_\_\_\_\_ – 'Out of chaos comes order'; phisical biological and structural patterns in phonetics. **Proceedings of the Tenth International Congress of Phonetic Sciences**, IIB:83–95, 1984.

LEHISTE, I. – Isochrony reconsidered. **Journal of Phonetics** 5:253–263, 1977.

MELATTI, Julio César (coord. e red.) – **Povos indígenas do Brasil, Javari**, Vol. 5, CEDI, São Paulo, 1981.

MITHUN, M. – The evolution of noun incorporation. **Language** 60:847–95, 1984.

MONSERRAT, Ruth; SOARES, Marília Facó e SOUZA, Tânia C. Clemente de. – **Classes Lexicais em Línguas Tupi**, 1982. Inédito.

MONTAGNER MELATTI, Delvair e MELATTI, Júlio César – **Relatório sobre os índios Marubo** – UnB. Série Antropologia Social: 13, Brasília, 1975.

NASCIMENTO, Milton do – Teoria gramatical e "mecanismos funcionais do uso da língua". **Revista DELTA** volume 6, n°. 1:83–98, 1990.

PLICE, Kenneth. – **Phonemics: a technique for reducing languages to writing**. University of Michigan Press, Ann. Arbor, 1947.

RODRIGUES, Aryon D. – 'Famílias menores ao sul do Amazonas'. **Porantim**, jan.–fev., 1984.

SMALLEY, William Allen – *Manual of articulatory phonetics*. William Carey, South Pasadena, California, 1977.

SOARES, Marília Facó – *Projeto Suprasegmentos e estrutura de línguas indígenas brasileiras*, 1986. CNPq Proc. 40.2732/86.3/LA/FV.

---

– Marcação de caso e atribuição de Caso em Tikuna. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* 18:79–114. Campinas, 1990.

---

– COSTA, Raquel Guimarães R. e CARVALHO, Carmem Teresa D. de. *Towards a rhythmic classification of panoan languages*. Comunicação apresentada no 47<sup>th</sup> International Congress of Americanists. Symposium Classic Panoan Topics in Light of Recent Research. July, 7–11, 1991. New Orleans, USA.

SOUSA, Tânia C. Clemente de. – *A sintaxe de uma língua ergativa: o Bakairi (Carib)*. Comunicação apresentada no 47<sup>th</sup> International Congress of Americanists. Symposium Tupi-Guarani/Kariban Linguistics. July, 7–11, 1991. New Orleans, USA.

USPENSKY, B. – *Principles of structural typology*. Paris, Mouton, 1968.

## 7 FORMULÁRIOS UTILIZADOS

CARVALHO, Carmen Teresa D. de e COSTA, Raquel Guimarães R. – Formulário tipológico para orações relativas, passivas, causativas; frases do discurso; expansão do SN. Setor de Lingüística do Museu Nacional/UFRJ. 1988.

COSTA, Raquel Guimarães R. – Formulário tipológico para classes verbais e sistema de marcação de caso. Setor de Lingüística do Museu Nacional/UFRJ, 1990.

MONSERRAT, Ruth; SOARES, Marília Facó e SOUZA, Tania C. Clemente de. – Formulário tipológico para estudo em línguas indígenas brasileiras. Setor de Lingüística do Museu Nacional/UFRJ, 1980.

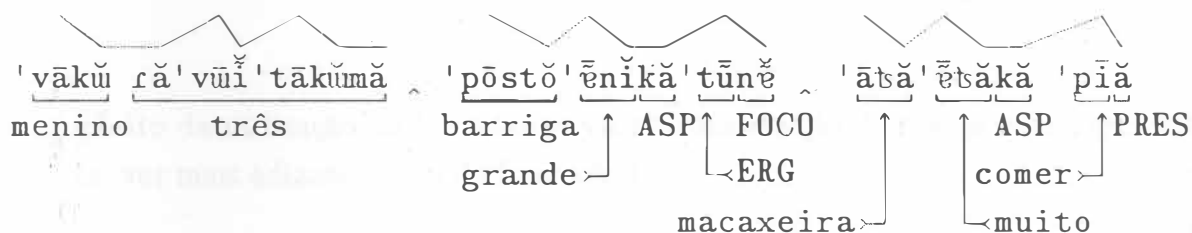
SOARES, Marília Facó – Formulário tipológico para alguns pontos de sintaxe: ergatividade, causatividade, tópico, relativização e descontinuidades no interior de SNs. Setor de Lingüística do Museu Nacional/UFRJ, 1990.

## 8 NOTAS

- <sup>1</sup> Por razões explicitadas mais à frente (v. 1.7.2), trabalhamos com a representação fonética dos dados. Adiantamos aqui que, no caso de realizações alternantes de uma mesma forma lingüística, uma delas foi escolhida, de maneira arbitrária, para referências no texto.
- <sup>2</sup> As alternativas teóricas atualmente oferecidas pela lingüística podem, grosso modo, ser agrupadas segundo duas perspectivas: a perspectiva funcionalista, que vê a estrutura (ou a forma da língua) como se originando do uso da língua; a perspectiva formal, que se apóia na estrutura quer para descrever fatos lingüísticos compreendidos independentemente das propriedades da mente/do cérebro, quer para explicar fatos lingüísticos delimitando-os em função da mente/do cérebro. Sem serem comparáveis, ambas as perspectivas são, no entanto, passíveis de articulação. Estando-se atento às especificidades desses dois modos de considerar fatos lingüísticos, é possível dizer, seguindo-se Nascimento (1990:80), que esses dois modos "podem contribuir um para o progresso do outro e, na melhor das hipóteses, podem até chegar a articular-se num programa de pesquisa que vise a explicar como as representações mentais e os mecanismos que produzem o comportamento verbal manifesto interagem".
- <sup>3</sup> Um exemplo de estudo em que se verifica a possibilidade de conciliação entre marcação de caso e atribuição de Caso pode ser visto em Soares (1990).
- <sup>4</sup> De acordo com o que se disse na nota 2, é possível se pensar em uma articulação entre o estudo do ritmo lingüístico enquanto regularidade formalmente capturável e o estudo do ritmo enquanto elemento envolvido no comportamento verbal de falantes.
- <sup>5</sup> O termo pé é aqui empregado no âmbito da fonética, sendo entendido como uma unidade de análise delimitada a partir da ocorrência de sílabas acentuadas: cada pé começa com um acento de intensidade (stress) e contém tudo o que se segue a esse acento, mas não inclui o próximo acento de intensidade (stress). (Fica a observação de que o acento de intensidade que demarca o início de um pé pode ser veiculado por uma sílaba silenciosa.)
- <sup>6</sup> A visão do acento (stress) como energia extra para reforçar certas sílabas é encontrada, por exemplo em Abercrombie (1967).

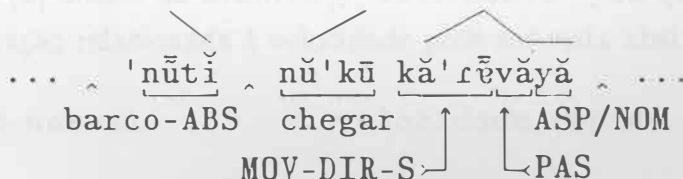
<sup>7</sup> Formativos são aqui entendidos como elementos listáveis. Diferenciam-se, assim, de raízes que, sendo elementos não-listáveis, constituem classes abertas (ver Uspensky (1968)).

<sup>8</sup> Adjetivos foram identificados na língua a partir da combinação de critérios de ordem morfológica e sintática. Adjetivos podem receber os formativos **-ka** e **-ya** e, ao mesmo tempo, podem ter a função de modificadores de um nome, como se vê em



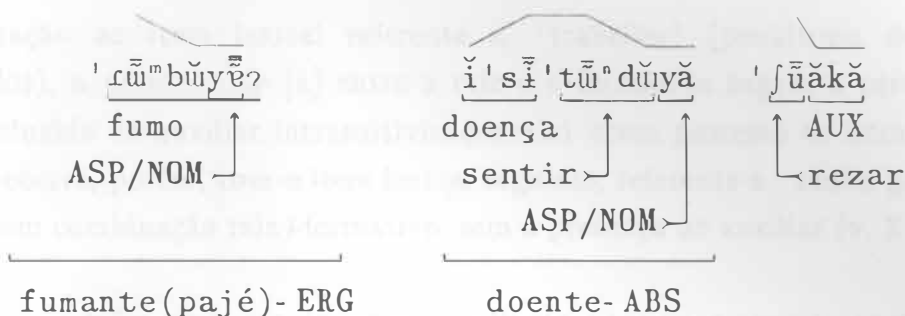
‘Os três meninos barrigudos comeram muita macaxeira.’

ou como se vê em



‘... o barco que chegou ...’

dado em que a construção modificadora do nome corresponde ao que em português é uma oração relativa. Com base ainda em critério de ordem sintática, o adjetivo em Marubo pode ser considerado uma subclasse do nome, na medida em que formas com constituição semelhante à dos adjetivos podem desempenhar, na condição de nomes, a função de sujeito ou objeto. Isso se vê em



‘O pajé está rezando o doente.’

A propósito da utilização do formativo -ya na constituição de nomes com uma base simples, ver mais adiante o tipo de formação (b).

- 9 A desvinculação entre altura, duração e tonicidade é abordada em 4.1.
- 10 Com referência ainda a processos relacionados à velocidade de fala, mais alguns fatos podem ser observados. Retomando o dado (22), vê-se que em velocidade de fala rápida (e mesmo em velocidade normal) a vogal [a] do formativo -ma que indica negação passa a [i] diante da fricativa [ʃ] do formativo -ʃta que indica diminuição. Uma outra alteração relacionada à velocidade pode ser vista abaixo:

velocidade normal

$\begin{array}{c} \text{[rã'nõm}^{\text{ã}}\text{k}^{\text{ã}}] \\ \text{NEG ASP} \end{array}$

velocidade rápida

$\begin{array}{c} \text{[rã'nõm}^{\text{õ}}\text{k}^{\text{ã}}] \end{array}$  ‘muito’

$\begin{array}{c} \text{[mã'na}^{\text{õ}}\text{šn}^{\text{ã}}\text{m}^{\text{ẽ}}] \\ \text{LOC} \end{array}$

$\begin{array}{c} \text{[mã'na}^{\text{õ}}\text{šn}^{\text{õ}}\text{m}^{\text{ẽ}}] \end{array}$  ‘em Manaus’

Esses dados mostram que a vogal baixa do formativo de negação e a primeira vogal baixa da posposição locativa (v.3.2.3) alteram seus traços quanto à altura e postura dos lábios, harmonizando-se com um segmento ou ponto vocálico contíguo, que nos exemplos acima se encontra à esquerda da vogal alterada.

- <sup>11</sup> Com relação ao item lexical referente a ‘trabalho’ (penúltimo dos exemplos localizados), a presença de [i] entre a raiz e o formativo sugere a permanência da forma reduzida do auxiliar intransitivizador **iki** nesse processo de nominalização, o que não ocorre, porém, com o item lexical seguinte, referente a ‘rádio, gravador’, no qual se tem combinação raiz+formativo, sem a presença do auxiliar (v. 2.2.2.3).
- <sup>12</sup> Registre-se, porém, que, um pouco mais adiante, observa-se que a regulação rítmica opera não somente em formativos, mas igualmente em raízes, de modo que nelas também pode haver perda ou aquisição de proeminência silábica.
- <sup>13</sup> Sufixos modificadores de toda uma construção não são raros em nossas línguas indígenas. Exemplo de um caso desses pode ser visto em Soares (1990:104–105), ao estarem sob análise dados referentes à ‘oração relativa’ em Tikuna.
- <sup>14</sup> O formativo causativo **-ma**, que possui certa autonomia rítmica (v. 2.2.2.2), se neutraliza aqui porque é incorporado à raiz verbal para formar um verbo derivado.
- <sup>15</sup> A afirmação de que esse **a** final pertence à raiz pode ser comprovada através da distribuição dos marcadores de tempo que se afixam às raízes verbais. Como exemplos, citam-se:

$\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \\ \text{'tjẽnõ} \quad \text{kā} \\ \text{'tjẽno-ABS} \quad \text{ir} \end{array}$   
 PRES

‘‘tjẽno saiu’

$\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \quad \diagdown \\ \text{'tjẽnõ} \quad \text{'kāvā} \\ \text{'tjẽno-ABS} \quad \text{ir} \end{array}$   
 PAS

‘‘tjẽno saiu’

$\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \quad \diagdown \\ \text{'tjẽnõ} \quad \text{'kākātẽ} \\ \text{'tjẽno-ABS} \quad \text{ir} \end{array}$   
 FUT

‘‘tjẽno vai sair’

À raiz referente a ‘ter’ não se acrescentam diretamente os marcadores de tempo. Esses se afixam ao auxiliar intransitivizador **iki**:

$\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \quad \diagdown \\ \text{'sēzā} \quad \text{'jōvõ} \quad \text{'āyā} \\ \text{César} \quad \text{casa} \quad \text{ter} \end{array}$

‘César tem casa.’

$\begin{array}{c} \diagup \quad \diagdown \quad \diagdown \quad \diagup \quad \diagdown \\ \text{'sēzā} \quad \text{'jōvõ} \quad \text{'āyā} \quad \text{i} \quad \text{'jĩĩ} \\ \text{César} \quad \text{casa} \quad \text{ter} \quad \text{AUX} \quad \text{PAS} \end{array}$

‘César tinha casa.’

- <sup>16</sup> Em (57) o formativo causativo - **ma** apresenta proeminência sem que o limite máximo de três sílabas não proeminentes seja atingido. Já em (59), a manutenção de proeminência do mesmo formativo dá origem a um padrão rítmico atípico. Tais fatos favorecem a interpretação de **ma** 'causativo' como raiz tendente à estabilidade.
- <sup>17</sup> Entende-se aqui como alterações fonológicas: os processos que, relacionados ao plano dos segmentos, são formuláveis em termos de traços eles próprios passíveis de uma estruturação; os processos que se relacionam ao plano dos suprasegmentos e que, em função disso, são formuláveis a partir de noções sintagmáticas como, por exemplo, é a noção de acento.

Focalizando o plano segmental, diremos que processos podem ser formulados de modo a atingir simultaneamente segmentos que são fonologicamente relevantes e segmentos que, realizados foneticamente, não possuem relevância fonológica. No caso das alterações vocálicas que, em Marubo, se ligam à marcação do caso ergativo, estão envolvidos segmentos fonologicamente relevantes - /a/ e /i/ - e segmentos sem essa relevância - [ɔ], [u], [o]. Um dos processos que, na língua, atingem segmentos vocálicos ( quando em jogo a marcação do caso ergativo) é aquele que diz respeito à altura vocálica - o parâmetro articulatório e acústico que está em jogo quer quando se fala em elevação da vogal, quer quando se fala em tensão da vogal. A altura vocálica pode ser vista como organizada em uma série de registros e sub-registros a partir da utilização de um único traço, tal como o faz, por exemplo, Clements (1989), que postula para essa finalidade o traço abertura. A essa organização podem-se sujeitar não só as unidades vocálicas fonológicas mas também as realizações vocálicas que se vinculam a essas unidades. Se essas duas possibilidades - organização da altura vocálica a partir de um único traço e caracterização de todos os segmentos vocálicos com base nesse traço - são levadas em consideração, poderão ser atingidos simultaneamente, por um mesmo processo relativo à altura vocálica, segmentos vocálicos que recaiam no domínio desse processo, quer esses segmentos tenham relevância fonológica ou não. É, portanto, no sentido de poderem se sujeitar a um processo que também atinge o que é fonologicamente relevante que estão sendo considerados por exemplo, os segmentos fonéticos [ɔ] e [o] do Marubo, ao se falar das alterações fonológicas associadas à marcação do caso ergativo nessa língua.

Por fim, como não faz parte dos objetivos deste trabalho a captura formal de processos fonológicos, são aqui mencionados, mas não formalmente tratados, os processos fonológicos associados à marcação de caso.



- <sup>18</sup> Pode-se supor que dissílabos ainda não marcados pelo caso ergativo e que exibem sua última vogal nasalizada, possuem, na realidade, uma consoante nasal fonológica que, travando sílaba, se segue a essa vogal. Além disso, pode-se ver, como já foi dito anteriormente, o morfema de ergatividade como sendo manifestado por uma consoante nasal /n/. Como já haveria uma consoante nasal fonológica final em dissílabos cuja realização mostra a existência de uma última vogal com nasalidade, esses dissílabos não teriam a possibilidade de exibir foneticamente a marca de ergatividade de maneira idêntica aos dissílabos fonologicamente terminados em vogal. Enquanto nesses últimos o acréscimo do morfema de ergatividade – manifestado como /n/ – levaria a uma realização em que se tem a última vogal com nasalidade a ela adicionada, naqueles dissílabos o contato da consoante nasal fonológica final com o morfema de ergatividade – manifestado como /n/ – faria com que uma sequência de consoantes nasais fosse reduzida a uma única consoante nasal. Nesse caso, para sustentar a realização fonética dessa consoante nasal, haveria a adição de uma vogal alta após a consoante nasal, harmonizando-se essa vogal com a vogal precedente quanto à postura dos lábios.
- <sup>19</sup> O uso das formas 'ārāsī e 'ātōvō 'eles' varia de um falante para o outro, mas não se conseguiu precisar a diferença de uso entre ambas.
- <sup>20</sup> Uma explicação formal para esse fato pode ser encontrada em Baker (1988:122): vendo na incorporação um processo gramatical que em si é suficiente para tornar visível um determinado nome no que diz respeito à atribuição de papel temático, Baker considera que nos processos de incorporação opera uma restrição relativa justamente a papel temático: se dois nomes forem incorporados, a informação quanto a qual deles está associado a que papel temático começará a ser perdida. Isso explica o porquê da existência de lexicalização, pelo menos parcial, nos dois únicos casos encontrados por Mithun (1984) de duas raízes nominais dentro de um único verbo. Desnecessário é dizer que a explicação formal de Baker se afasta da ótica funcionalista adotada neste trabalho.
- <sup>21</sup> Viu-se que o sistema de marcação de caso em Marubo é do tipo ergativo-absolutivo: o sujeito da oração transitiva é diferenciado do sujeito da oração intransitiva. O primeiro é marcado pelo caso ergativo, ao passo que o segundo é marcado pelo caso absolutivo. O caso absolutivo marca também o objeto direto da oração transitiva. O caso ergativo é morfologicamente marcado. O caso absolutivo é morfologicamente não marcado ou  $\phi$ .

A oração em (28)i, em que se tem uma oração transitiva com o verbo referente a

'ter', foge ao padrão ergativo-absolutivo, pois o sujeito não é marcado morfologicamente. A oração em questão apresenta o padrão nominativo-acusativo: o sujeito da oração transitiva é codificado da mesma forma que o sujeito da oração intransitiva, isto é, ambos são marcados pelo caso nominativo; o objeto direto da oração transitiva é marcado pelo caso acusativo. Esse desvio do padrão ergativo-absolutivo é denominado 'ergatividade cindida' (split ergativity).

Nos casos de ergatividade cindida em Marubo a diferenciação dos papéis pragmáticos sujeito e objeto direto é feita apenas através da ordem vocabular básica S●V, dado que nem o sujeito nem o objeto direto são morfologicamente marcados. Daí a inadequação da marca ABS quando o eixo não é mais ergativo-absolutivo.

- <sup>22</sup> Aqui, para a realização fonética de consoante nasal seguida de vogal alta harmonizada com a vogal precedente quanto à zona de articulação e postura dos lábios, a motivação é de natureza diferente daquela apresentada na nota 18. Aqui está-se diante de itens lexicais terminados fonologicamente por vogal sendo esses itens trissílabos. A marcação de caso, que é coincidente com a do ergativo, não deveria gerar diferenças: manifestada como /n/, ela pode e chega a ser realizada como nasalidade adicionada à vogal precedente. São possíveis aqui duas hipóteses para a criação de uma nova sílaba de que participa a consoante nasal ligada à marcação de caso: 1) a língua tenderia a manter espaços de diferenciação entre a marcação do sujeito de oração transitiva e a marcação de caso locativo; 2) a língua estaria tendendo a privilegiar a constituição de seqüências de base binária (polissílabos com quatro sílabas) em face de seqüências de base ternária (trissílabos), podendo esse fato se manifestar tanto na marcação do caso locativo, como na marcação do caso ergativo.


Observando-se os dados apresentados, vê-se que a hipótese 1 cai diante do dado (31), em que se tem a marcação de caso ergativo em nome próprio, favorecendo, dessa maneira, a hipótese 2. O dado (34) fortalece a hipótese 2 – trata-se de um polissílabo com quatro sílabas. Nele a nasalidade é suficiente porque ele já contém quatro sílabas, ou seja, é uma seqüência de base binária.

- <sup>23</sup> Ver nota 18.


- <sup>24</sup> ● item referente a 'mato' recebe o formativo -si que, no início deste trabalho, consideramos como caracterizando o conjunto dos advérbios. Como os advérbios foram considerados como subclasse do nome (cf. 2.1.2.1) em Marubo, não vemos como problemático o fato de que ele possa desempenhar as funções sintáticas

características do nome (sujeito, objeto, ...). É o caso da sentença em questão, em que **aya** tem sentido de existir e tanto o item referente a 'capim' quanto o item referente a 'mato', esse último acompanhado por **-si**, desempenham a função de sujeito de oração intransitiva.

- 25 Conforme explicação na nota 21, a língua Marubo apresenta desvios do padrão ergativo-absolutivo, isto é, apresenta casos de ergatividade cindida. Esta ocorre também em orações transitivas negativas no sentido de que o sujeito-agente não costuma praticar uma ação (presente durativo/habitual), não praticou uma ação (passado) ou não praticará uma ação (futuro). Também nesses casos, o sujeito e o objeto direto são diferenciados pela ordem vocabular básica SOV, conforme mostram os exemplos:


  
 'ā 'yūră 'yēmă 'mă  
 ele gente matar PRES NEG

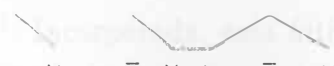
‘Ele não mata gente.’


  
 'mă 'mă 'pākū 'ě  
 eu você NEG FUT  
 derrubar AUX

‘Eu não vou derrubar você.’

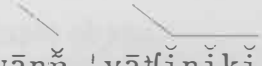
O exemplo em (45)a mostra um caso de ergatividade cindida em tempo passado. (45)b exhibe a mesma sentença com alterações na ordem vocabular OSV. Nesse caso, sujeito e objeto direto são diferenciados pelo grau de animação (humano × não humano).

Vale observar ainda que a ergatividade cindida ocorre também em orações transitivas afirmativas, marcadas pelo tempo presente (habitual) – significando situações que ocorrem habitualmente, mas que não se mantêm no momento presente. Como exemplo tem-se:


  
 'ā 'yūră 'yēmămă 'mīskă  
 ele gente matar PRES

‘Ele mata gente.’

- 26 Sobre a nasalidade da vogal da raiz, ver nota 18. No exemplo focalizado, ocorre harmonização vocálica da direita para a esquerda: a vogal do marcador locativo se harmoniza com a vogal da posposição referente a proveniência. Vale observar que o espalhamento da nasalidade e a harmonia vocálica são, na língua Marubo, processos bidirecionados. Vão da direita para a esquerda e da esquerda para a direita. Sobre esses processos ver Apêndice.
- 27 A nasalidade do formativo *fo* é obtida por contato da vogal com consoante nasal imediatamente seguinte ou por espalhamento da nasalidade da direita para a esquerda. Sobre a nasalidade de *fo* no último exemplo, ver Apêndice.
- 28 A marca de reciprocidade não exerce nenhum papel na intransitivização verbal. Esta é codificada através do auxiliar *iki* (em oposição a *aka* que transitiviza a raiz verbal (v. 2.2.2.3)). Como exemplo de intransitivização da raiz referente a ‘brigar’ tem-se:

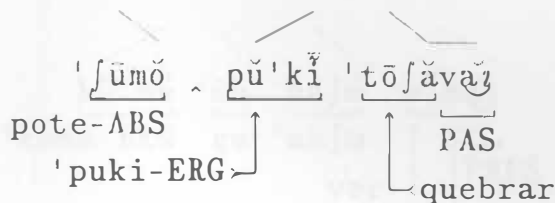

  
 'wăně 'vāŋiniki  
 ele-ABS brigar AUX  
 FOCO

‘Ele está brigando.’

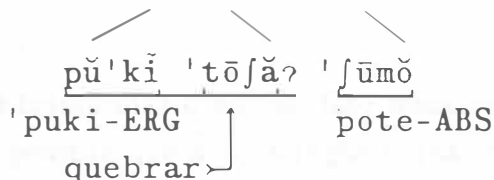
Em (79)c tem-se uma sentença em que ocorre, com a raiz referente a ‘beijar’, tanto a codificação da intransitivização, quanto a codificação da reciprocidade.

- 29 Conforme exposição em 4.3.4, *-ra* marca interrogação. Entretanto, nem sempre esse formativo aparece em sentenças interrogativas. É o caso da primeira sentença em (92), na qual a interrogação é codificada, pragmaticamente, através da negação.
- 30 Levando-se em conta apenas a estrutura lingüística, tem-se que a existência de um duplo objeto (duplo acusativo) está aqui ligada à própria incorporação da posposição



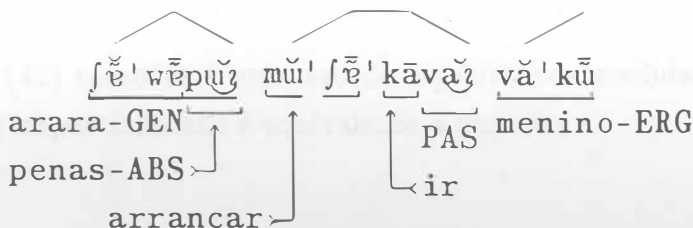


'O pote, foi o 'puki que quebrou.'



'Foi o 'puki quem quebrou o pote.'

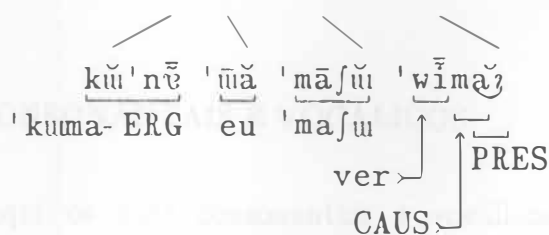
O deslocamento de sujeito (OVS) pode ser visto na sentença abaixo:



'A pena da arara foi arrancada pelo menino.'

<sup>32</sup> Sobre ergatividade cindida em orações transitivas negativas e sobre causatividade ver notas 25 e 33, respectivamente.

<sup>33</sup> Na sentença causativa abaixo, o sujeito-agente da oração transitiva dependente é também objeto-paciente da oração transitiva principal. Por ser objeto direto da oração principal, não possui marca morfológica de caso explícita (essa marca é  $\phi$ ); o objeto direto da oração dependente também não possui marca morfológica explícita. Uma maneira de interpretar esse fato é dizer que a oração dependente é aí um caso de ergatividade cindida, apresentando o padrão nominativo-acusativo. A codificação do caso nominativo para o sujeito e acusativo para o objeto direto é feita apenas pela ordem vocabular não-marcada SOV na oração dependente:



'kuma fez eu ver 'mãfũũ.'

Uma outra maneira de interpretar o mesmo fato mencionado é possível: incorporado ao verbo, o causativo permite que a construção verbal resultante tome o sujeito da oração dependente como seu objeto, igualando-o sintaticamente ao objeto básico dessa mesma oração. Com dois objetos, a construção verbal que contém o causativo deveria, para ser completamente entendida, ser investigada no sentido de se verificar se os dois sintagmas nominais em questão exibem a mesma extensão de propriedades diagnosticadoras da existência de um objeto direto.

- <sup>34</sup> A sentença em (42) também é um caso de ergatividade cindida (v. nota 25). Nesse caso a marca de impossibilidade é equivalente à negação.

9 APÊNDICE

SEGMENTOS CONSONANTAIS E VOCÁLICOS

Apresentam-se aqui os sons consonantais e vocálicos da língua Marubo. Na apresentação de dados que os exemplificam, são empregados os mesmos sinais que, marcando a altura, a intensidade e a duração, estamos utilizando na transcrição de formas da língua. Quanto ao mais, a representação fonética dos dados tem como sua referência o sistema de transcrição da Associação Fonética Internacional.

São também fornecidas aqui algumas informações sobre a fonologia da língua Marubo.

I – Sons consonantais

	bilabial	labio-dental	alveolar	alvéolo-palatal	palatal	velar	glotal
oclusivas	p <sup>m</sup> b		t <sup>n</sup> d			k k <sup>w</sup> <sup>ɣ</sup> g	ʔ
nasais	m		n		ɲ		
fricativas	β	v	s z	ʃ ʒ			
africadas			ts	tʃ			
tap			ɾ				
aproximantes	w				y		

Em início de sílaba – inicial ou não de palavra – encontram-se as seguintes consoantes:



/p/ [p]

['pīti]	‘comida’	['māpǒ]	‘cabeça’
---------	----------	---------	----------

[kǎ'pū]	‘jacaré’	['pāvǒ]	‘pato’
---------	----------	---------	--------

/t/ [t]

['pīti]	‘comida’	['pōstǒ]	‘barriga’
---------	----------	----------	-----------

['tūfǒ]	‘pescoço’	['tāpǒ]	‘tapiri’
---------	-----------	---------	----------

/k/ [k]

[kǔkī]	‘cesta, panela’	['ākǒ]	‘nome próprio’
--------	-----------------	--------	----------------

['tākǔ]	‘irmão’	[kǎ'pū]	‘jacaré’
---------	---------	---------	----------

/m/ [m]

['vīmǐ]	‘fruta’	['jūmǒ]	‘pote’
---------	---------	---------	--------

['mūvǐ]	‘mão’	['mārǐ]	‘cotia’
---------	-------	---------	---------

/n/ [n]

[ <sup>ˈ</sup> pɛ̃nĩ]	‘rede’	[ <sup>ˈ</sup> nũnõ]	‘aqui’
-----------------------	--------	----------------------	--------

[ <sup>ˈ</sup> vũnĩ]	‘homem, esposo’	[ <sup>ˈ</sup> nãɲĩ]	‘tia’
----------------------	-----------------	----------------------	-------

/v/ [v] , [β] (variantes livres)

[ <sup>ˈ</sup> vĩmĩ]	‘fruta’	[ <sup>ˈ</sup> pāvõ]	‘pato’
----------------------	---------	----------------------	--------

[ <sup>ˈ</sup> βĩmĩ]	‘fruta’	[ <sup>ˈ</sup> pāβõ]	‘pato’
----------------------	---------	----------------------	--------

[ <sup>ˈ</sup> āvũ]	‘jaburu’	[ <sup>ˈ</sup> vārĩ]	‘sol’
---------------------	----------	----------------------	-------

[ <sup>ˈ</sup> āβũ]	‘jaburu’	[ <sup>ˈ</sup> βārĩ]	‘sol’
---------------------	----------	----------------------	-------

/s/ [s]

[ <sup>ˈ</sup> sĩnã]	‘nome próprio’	[ <sup>ˈ</sup> ĩsõ]	‘macaco preto’
----------------------	----------------	---------------------	----------------

[ <sup>ˈ</sup> sũnõti]	‘faca’	[ <sup>ˈ</sup> pāsã]	‘sopa’
------------------------	--------	----------------------	--------

[ <sup>ũ</sup> ˈsẽẽ]	‘rir’		
----------------------	-------	--	--

/ʃ/ [ʃ]

[ʃĩnǎ] 'macaco prego' [ʃõʧĩ] 'peito'

[ʼmāʃũ] 'urucum' [ʃǎ'vā] 'dia'

[ʼĩʃĩ] 'estrela' [ũ'ʃā] 'dia'

[ʼnāʃǎ] 'tomar banho'

/ʦ/ [ʦ]

[mũʦĩsĩ] 'unha' [ʼmāʦĩ] 'frio'

[kǎ'ʦĩsĩ] 'todos' [ʦũ'kũskǎ] 'cerrado fechado'

[ʦǎ'ūtĩ] 'banco' [ʼʦẽnǎ] 'colher'

/ʧ/ [ʧ]

[ʼkāʧĩ] 'sal' [ʼʧũnǎ] 'macaco barrigudo'

[ʼʧũʃǎ] 'quadris' [mũ'ʧākǎ] 'molhado'

[ʼʧẽnǎ] 'nome próprio'

/r/ [r]

[ˈrĩ/kiĩ] ‘terçado’

[ˈrũnǒ] ‘cobra’

[ˈyāpǎˈrũtiĩ] ‘arpão’

[ˈyũrǎ] ‘gente’

/y/ [y] , [ɲ] (variantes livres)

[ˈmāyǎ] ‘maya, nome próprio’

[mǎˈyẽ] , [mǎˈɲẽ] ‘nome próprio, caso ergativo’

[ˈyũrǎ] ‘gente’

[ˈyǝwũ] ‘vento’

/w/ [w]

[yǎˈwĩfĩ] ‘tatu’

[ˈyǝwũ] ‘vento’

[ˈwāpǎ] ‘cachorro’

Observação: Confirmam-se os pares:

[ˈāwũ] ‘o que?’

[ˈāvũ] ‘jaburu’

[ˈwũtsǎ] ‘alguém, algum’ [ˈvũtsǎǎ] ‘ter sede’

Algumas das consoantes acima são afetadas por determinados processos, quais sejam:

### Pré-nasalização com vozeamento:

- /k/ em início de sílaba não-inicial de palavra e precedido de vogal com nasalidade pode-se realizar como [ᵑg]:

[mũs 'tũkǎ] , [mũs 'tũᵑgǎ] 'forte'

### Desnasalização parcial:

- em início de sílaba não-inicial de palavra, /m/ e /n/ seguidos de vogal oral podem-se realizar, respectivamente, como [ᵐb] e [ᵐd]:

['vĩmĩ] , ['vĩᵐbĩ] 'fruta; nome próprio'

['tjẽnõ] , ['tjẽᵐdõ] 'nome próprio'

### Labialização:

- de acordo com os dados coletados, esse processo envolve dois inícios de sílaba específicos - /k/ e /w/ - e se dá em circunstâncias também específicas: em velocidade de fala rápida, quando, após a queda de segmento vocálico em centro de sílaba, ficam em contato /k/ e /w/, desse contato resultando a realização [kʷ]:

[pǎ 'kũkẽ 'wẽĩ] , [pǎ 'kũ 'kʷẽĩ] 'caiu'

### Vozeamento:

- precedido de vogal com nasalidade da qual se encontra separado por fronteira de morfema, /ʃ/ pode-se realizar como [ʒ]:

['ĩnǎ , pǎ'nĩǎ 'ōǎ] , ['ĩnǎ , pǎ'nĩǎ 'ōǎ]  
 'ino-ABS PROV PRES  
 rede-LOC dormir

'ino está dormindo na rede.'

- em posição intervocálica e participando de sílaba proeminente ( o que pode-se dar após queda de segmento silábico), /s/ tende a se realizar como [z]:

['ěťāmĩǎ 'tāsĩ 'āyǎ] , ['ěťāmĩǎ 'tǎzāyǎ] 'tem pouco'  
 pouco MODO ter

Em final de sílaba não-final de palavra encontram-se:

/s/ [s]

['iskǎ] 'japó'

['pǎstǎ] 'barriga'

[mũs 'tũkǎ] 'forte'

['āskǎ 'tāsĩ] 'sempre'

['nĩstĩ] 'paxiúba'

// [ʃ]

['rĩʃkĩtĩ] 'terçado'

['ʃũʃtǎkǎ] 'sujo'

['ũʃpĩ] 'pele'

['kāʃtǎkǎĩ 'pā] 'amarelo'



Finalmente, quanto à oclusão glotal, ela pode ocorrer em qualquer posição na palavra, mas não é fonologicamente distintiva.

II – Sons vocálicos orais

	anteriores	centrais	posteriores	
	não arred.	não arred.	não arred.	arred.
alta	i	ɨ	ɯ	u
	ɪ			ʊ
média alta	e	ə	ɤ	o
média baixa	ɛ			
		ɐ		
baixa		a		

As vogais orais abaixo são realizadas da seguinte maneira:

/i/ [i] em qualquer ambiente:

[ˈi̯wi] ‘árvore’                      [ˈvĩmĩ] ‘folha’  
[ˈmāĩ] ‘poeira’

[ɨ] em sílabas átonas, livremente alternando com [i]:

[ˈnũtĩ] , [ˈnũtɨ] ‘canoa’

/u/ [u], [ʊ], [o] em sílabas tônicas e átonas; no entanto, a realização como vogal alta e tensa é mais freqüente em sílabas tônicas, enquanto as realizações como vogal alta e não-tensa e como vogal não-alta são



mais freqüentes em sílabas átonas; há também uma tendência à harmonização vocálica:

[<sup>ˈ</sup>fōvǒ] , [<sup>ˈ</sup>fōvǒ̃]      ‘maloca’

[fǒ̃<sup>ˈ</sup>vũ] , [fũ<sup>ˈ</sup>vũ]      ‘na maloca’

[<sup>ˈ</sup>rūnǒ] , [<sup>ˈ</sup>rūnǒ̃] , [<sup>ˈ</sup>rūnũ]      ‘cobra’

[<sup>ˈ</sup>māpǒ] , [<sup>ˈ</sup>māpǒ̃]      ‘cabeça’

/ĩ/ [u] em sílaba tônica e átona:

[<sup>ˈ</sup>ũwǎ]      ‘mãe’

[<sup>ˈ</sup>yũwũ]      ‘vento’

[<sup>ˈ</sup>tāũ]      ‘pé’

[ɤ] em sílaba tônica, onde alterna livremente com [u]:

[<sup>ˈ</sup>yũwũ] , [yɤwũ]      ‘vento’

[ĩ] em sílaba átona, onde alterna livremente com [u]:

[<sup>ˈ</sup>vākũ] , [<sup>ˈ</sup>vākĩ]      ‘criança, filho, menino’

/a/ [a] em qualquer ambiente:

[ 'ākō ]      'nome próprio'      [ 'wākă ]      'rio'

[ 'iă ]      'piolho'

[e], [ɛ], [ə], [ɐ] diante de [ɪ], constituindo com este último um ditongo fonético<sup>1</sup> e resultando de assimilação parcial à vogal da sílaba precedente da qual se encontra separada por fronteira de morfema:

[ 'pūfiēɪ ]  
esquecer PRES

[ 'wūsiēɪ ]  
brincar PRES

[ mūi'kiēɪ ]  
ficar contente PRES

[ nă'iēɪ ]  
ficar triste PRES

[ 'vūsdōɪ ]  
cuidar PRES

[ 'kūpōɪ ]  
fechar PRES

[ 'yūndōɪ ]  
mandar PRES

[ 'nū'kūɪ ]  
chegar PRES

[ 'māftiɪ ]  
terminar PRES

[ 'fātūɪ ]  
cortar PRES

[ ră'kūɪ ]  
temer PRES

[ pă'kūɪ ]  
cair PRES

Na língua não há vogais nasais do ponto de vista fonológico, sendo a nasalidade vocálica obtida:

<sup>1</sup> Entende-se aqui por ditongo fonético uma seqüência de dois sons vocálicos no interior de uma mesma sílaba, não sendo essa seqüência quebrada por uma manifestação de energia de poder iniciador (ver a propósito Catford (Fundamental problems in phonetics. Edinburgh, Edinburgh University Press, 1977, p. 215)).

- por contato da vogal com consoante nasal imediatamente seguinte:

[ <sup>̃</sup> i <sup>̃</sup> nă]	‘rabo’	[ <sup>̃</sup> i <sup>̃</sup> mĭ]	‘sangue’
[ <sup>̃</sup> r <sup>̃</sup> ũnă]	‘cobra’	[ <sup>̃</sup> ʃ <sup>̃</sup> ũmă]	‘pote’
[ <sup>̃</sup> v <sup>̃</sup> ũnĭ]	‘homem’	[ <sup>̃</sup> r <sup>̃</sup> ũmă]	‘fumo, rapé’
[y <sup>̃</sup> ẽmĭũ]	‘noite’	[ <sup>̃</sup> r <sup>̃</sup> ẽnũ]	‘enfeite, adorno’

- por espalhamento da nasalidade da esquerda para a direita:

/wĩn/	‘ver’	[ <sup>̃</sup> wĩ <sup>̃</sup> ẽĩ]	ver <sub>PRES</sub>
/tĩ'kun/	‘flechar’	[tĩ'kũ <sup>̃</sup> ãĩ]	flechar <sub>PRES</sub>

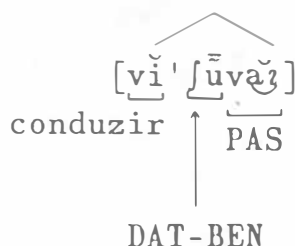
- por espalhamento da nasalidade da direita para a esquerda:

/i'an/	[ĩ'ẽ]	‘lago’
/tu'an/	[tũ'ẽ]	‘igarapé’
/a'in/	[ẽ'i]	‘mulher, esposa, fêmea’

/'yuini/

['yũĩĩĩ] 'bicho'

Com relação à nasalidade vocálica, há que se observar que foi registrada nasalidade aparentemente não-condicionada em vogais altas, como no exemplo abaixo, em que se vê portando nasalidade a vogal alta do morfema referente a 'dativo-benefactivo':



Para casos como esse, levantamos a hipótese de que vogais altas tendem a ser produzidas com nasalidade adicional. Os efeitos dessa tendência, no sentido de uma aquisição da nasalidade pelo sistema de vogais, ainda não foram observados.

### Ditongos

As vogais /i/ e /u/ podem constituir ditongo decrescente com vogais precedentes. /i/ pode constituir ditongo com /a/ e /u/; /u/ pode constituir ditongo com /a/ e /i/:

/ai/      ['māĩ] , ['mãĩ] 'terra'

/ui/      ['ũĩ] , ['ũĩ] 'chuva'

/au/      ['rãũ] , ['rãũ] 'remédio'

/iu/      ['jũĩ] , ['jũĩ] 'agulha'

### III – Diacríticos (exemplificação em parênteses)

°	( <sup>o</sup> ā)	– desvozeamento
˘	( <sup>˘</sup> ẽ)	– nasalização
ʼ	(k <sup>ʼ</sup> )	– oclusiva presa
ˌ	( <sup>ˌ</sup> v)	– silábico
ː	( <sup>ː</sup> o)	– mais elevado
ˑ	( <sup>ˑ</sup> u)	– mais baixo
ː	( <sup>ː</sup> a)	– recuado
ː	( <sup>ː</sup> a)	– avançado
ː	( <sup>ː</sup> ā)	– ultra longo
ː	( <sup>ː</sup> ā)	– longo
ː	( <sup>ː</sup> ā)	– breve
ː	( <sup>ː</sup> ā)	– ultra-breve
ː	( <sup>ː</sup> a)	– acento principal
ː	( <sup>ː</sup> a)	– acento secundário
ː	( <sup>ː</sup> a)	– altura alta
ː	( <sup>ː</sup> ā)	– altura baixa
ː	( <sup>ː</sup> a)	– laringalização
ː	(k <sup>w</sup> )	– labialização
ː	( <sup>ː</sup> m)b)	– desnasalização parcial/pré-nasalização
ː	( <sup>ː</sup> n)d)	– desnasalização parcial/pré-nasalização
ː	( <sup>ː</sup> g)	– desnasalização parcial/pré-nasalização
ː	( <sup>ː</sup> a)	– pausa

– velocidade de fala lenta (<sup>ː</sup>wā ~ k<sup>ː</sup>ā)

→ – ‘passa a’

COSTA, Raquel Guimarães Romankevicius.

Padrões Rítmicos e Marcação de Caso em Marubo (Pano). Rio de Janeiro. UFRJ. Faculdade de Letras, 1992. 287 fl. mimeo. Dissertação de Mestrado em Lingüística.

### RESUMO

Este trabalho lida com aspectos da fonologia, morfologia e sintaxe da língua Marubo (Pano), visando a uma compreensão dos processos envolvidos na estruturação de cada nível lingüístico. Partindo de uma abordagem tipológico-funcional, busca-se o estabelecimento de padrões rítmicos gerais para as formas nominais e verbais, com especial atenção ao tratamento da altura, da duração e da intensidade, visando à conjugação entre a fonologia e os demais níveis lingüísticos. Busca-se também a descrição dos principais processos de formação de palavras e do sistema de marcação de caso, verificando-se os artifícios utilizados pela língua na codificação dos diferentes papéis semânticos e/ou pragmáticos. Paralelamente, procura-se detectar as alterações rítmicas decorrentes desses processos, assim como outros fatores causadores de perturbações rítmicas.

COSTA, Raquel Guimarães Romankevicius.

Padrões Rítmicos e Marcação de Caso em Marubo (Pano). Rio de Janeiro. UFRJ. Faculdade de Letras, 1992. 287 fl. mimeo. Dissertação de Mestrado em Lingüística.

#### ABSTRACT

This work deals with phonological, morphological and syntactic aspects of Marubo language (Panoan), in search of a comprehension of the processes involved in the organization of each linguistic level. From a functional-typological approach general rhythmic patterns for nominal and verbal forms are established; special attention is given to pitch, duration and intensity (loudness), searching into the conjugation between phonology and the other linguistic levels. The main word formation processes and case-marking system are described. Semantic/pragmatic case-role coding devices are identified. At the same time there is an attempt to detect the rhythmic oscillations resulting from these processes as well as other factors that may disturb rhythmic patterns.